

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

SUSANA SILVA DE SOUZA

**O ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS FINAIS: UMA INTERFACE
ENTRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Porto Alegre

2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

SUSANA SILVA DE SOUZA

**O ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS FINAIS: UMA INTERFACE
ENTRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras, Área de concentração Linguística aplicada, Curso de Pós-Graduação - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Cláudia Regina Brescancini

Co-orientação: Dra. Giovana Ferreira Gonçalves

Porto Alegre

2015

Catálogo na Publicação

S729a Souza, Susana Silva de
O alçamento das vogais médias átonas finais: uma interface entre aquisição da linguagem e variação linguística / Susana Silva de Souza. – Porto Alegre, 2015.
265 f.
Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Dra. Cláudia Regina Brescancini
Co-orientação: Dra. Giovana Ferreira Gonçalves
1. Aquisição da Linguagem. 2. Variação (Linguística).
3. Português – Vogais. 5. Linguística. I. Brescancini, Cláudia Regina. II. Gonçalves, Giovana Ferreira. III. Título.

CDD 469.15

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a DEUS, razão de tudo.

À minha orientadora, Cláudia Brescancini, por ter acreditado no meu trabalho, por todos os ensinamentos preciosos sobre variação, pelas valiosas sugestões dadas durante a realização deste trabalho. Agradeço também a minha co-orientadora, Giovana Gonçalves, pelo entusiasmo com a aquisição da linguagem e pelas orientações preciosas para o aprimoramento deste trabalho. Muito obrigada!

À professora Leda Bisol, que é um exemplo inigualável de vida, de ser humano, de dedicação ao trabalho, de profissionalismo e que em vários momentos no decorrer deste trabalho se fez presente ao meu lado com sua vasta experiência e contribuições para o desenvolvimento deste estudo. Muito Obrigada!

À professora Carmem Matzenauer UCPEL, pela sementinha plantada ainda no Mestrado e pelas palavras de incentivo para continuar. Muito obrigada!

Aos meus pais, João e Maria, por me transmitir valores verdadeiros e pela lição de humildade, vida e coragem.

Aos meus queridos filhos, David e Lucas, pela paciência, pelas distâncias momentâneas, pela ajuda, pelo carinho, pelo amor e apoio incondicional a esta pesquisa.

Ao meu marido, Moacir, que acompanhou de muito perto toda esta trajetória desde o início, com muito apoio, carinho, paciência e amor, principalmente naqueles momentos difíceis em que eu achava que não chegaria ao final.

Às amigas Ângela, Denise, Genezi e Vanessa, pela amizade verdadeira, pelas palavras de otimismo e pela torcida. Sou grata por compartilhar com vocês todos os momentos de minha vida.

Aos meus colegas de curso e amigos, Ana Paula, Ivanete, Susieli, Márcio, Dinar, Marion, Carla e Lúcia, que de uma forma ou de outra me ajudaram, apoiaram, incentivaram e sempre estiveram ao meu lado quando foi preciso.

Aos colegas de trabalho da Univates, Cláudia, Clarice, Grasiela, Graziela, Garine, Juliana, Kari, Marlene e Maristela, pelo incentivo e pela torcida.

Aos meus informantes, pelos dados verdadeiros e por abrirem as portas de suas casas e disporem de seu tempo para me receber.

Ao CNPQ, pela bolsa de estudo concedida durante o curso.

Dedicatória

Às crianças e informantes de Pelotas, de Vista Alegre, do Prata e de Porto Alegre que me proporcionaram a realização deste estudo. Minha gratidão!

RESUMO

O presente estudo investiga, à luz da Teoria da Variação (LABOV,1972, 2001), o alçamento das vogais médias, em posição átona final, na fala de crianças entre as idades de 1:3 e 12 anos e de adultos, cuidadores dessas crianças, residentes nas localidades de Pelotas, Porto Alegre e Vista Alegre do Prata no Rio Grande do Sul. A observação da aquisição do sistema vocálico tônico e postônico final de 8 crianças (5 meninos e 3 meninas), com idades entre 1:3 e 2:0, em acompanhamento longitudinal (seis meses), indicou que as sete vogais tônicas já estão adquiridas a partir da idade de 1:7. Com relação ao sistema postônico final, os resultados revelaram a presença das vogais [i, e, o, u] nos dados de Vista Alegre do Prata e das vogais [i, u] em Porto Alegre/Pelotas. A investigação do processo de alçamento das vogais médias átonas finais /e/ e /o/ na fala de 44 crianças, com idade entre 1:7 e 12 anos, de Vista Alegre do Prata revelou o papel condicionador das variáveis Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Faixa Etária e Sexo tanto para a vogal coronal quanto para a vogal labial. Em se tratando da amostra Adultos de Vista Alegre do Prata, os resultados estatísticos para ambos as vogais apontaram o condicionamento das variáveis Contexto Precedente e Tipo de Sílabas. Os resultados obtidos para a amostra de crianças de Pelotas/ Porto Alegre apontaram que a produção das vogais altas é praticamente categórica. A comparação entre os resultados obtidos para as crianças e para seus cuidadores indicou correlação no que se refere à variante preferida em posição átona final, confirmando desse modo o papel fundamental do *input* na emergência da variação no processo de aquisição de língua materna.

Palavras-chave: aquisição da linguagem; variação; vogais médias postônicas finais.

ABSTRACT

The present study investigates, in the light of Labov's Variation Theory (1972, 2001), the raising of the mid vowels in unstressed final position in the speech of children between the ages of 1:3 and 12 and of their adult caregivers, all residents in the cities of Pelotas, Porto Alegre and Vista Alegre do Prata in the State of Rio Grande do Sul. The initial six-month longitudinal study of the acquisition of the tonic and final post-tonic vowel system of 8 children (5 boys and 3 girls), aged between 1:3 and 2:0, indicated that the seven stressed vowels are already acquired from the age of 1:7. As for the final post-tonic system, the results revealed the presence of the vowels [i, e, o, u] in the data of Vista Alegre do Prata and the vowels [i, u] in Porto Alegre/Pelotas from the age of 1:7. The investigation of the raising process of final unstressed mid-vowels in the speech of 44 children, aged between 1:7 and 12 from Vista Alegre do Prata, revealed the conditioning role of the variables Preceding Context, Following Context, Age Group and Sex for both the coronal and the labial vowel. In the sample of adults from Vista Alegre do Prata, the statistical results for both vowels indicated the conditioning role of the variables Preceding Context and Syllable Type. The results obtained for the sample of children from Pelotas/Porto Alegre pointed out that the production of high vowels is almost categorical. A comparison between the results obtained for the children and their caregivers indicated a correlation with respect to the preferred variant in unstressed final position, thereby confirming the essential role of the input in the emergence of sociolinguistic variation in child language acquisition.

Key words: language acquisition; variation; final post-tonic mid vowels.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Diagrama do espaço vocálico utilizado pelo IPA.....	22
Figura 2 - Relação entre o primeiro e o segundo formante para as vogais cardeais	23
Figura 3 - Comparação dos sistemas tônicos (por região)	25
Figura 4 - Comparação dos sistemas pretônicos (por região)	27
Figura 5 - Comparação dos sistemas postônicos (por região)	29
Figura 6 – Espaço vocálico das vogais átonas não finais e finais de Brasília.....	30
Figura 7 - Gráfico de dispersão das vogais átonas finais das mulheres	31
Figura 8 – Gráfico de dispersão das vogais átonas finais dos homens	31
Figura 9 – Comparação das médias de F1 e F2 das seis cidades brasileiras.....	32
Figura 10 – Vogais átonas do português gaúcho	33
Figura 11 - Vogais átonas e origem dos informantes.....	33
Figura 12 - Sistema Arbóreo baseado na constrição.....	37
Figura 13 – O comprimento do Trato Vocal (VTL)	55
Figura 14 - Espaço F1/F2 para os informantes do sexo feminino dos 4 anos até a idade adulta.....	56
Figura 15 - Espaço F1/F2 para os informantes do sexo masculino dos 4 anos até a idade adulta.....	57
Figura 16 – Gráficos de dispersão dos valores de F1 e F2 das vogais produzidas pelas crianças e pelo adulto	64
Figura 17 - Localização de Porto Alegre (A), Pelotas (B) e Vista Alegre do Prata (C) – RS	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Elevação da postônica final /e/: resultados de Roveda (1998) e Vieira (2002).....	81
Gráfico 2 - Alçamento da postônica final /e/ e /o/: resultados de Roveda (1998), Vieira (1992) e Vieira (2010).....	82
Gráfico 3 - Elevação da postônica e Contexto Precedente para vogal /e/: resultados de Roveda (1998),Vieira(2002) e Vieira (2010).....	84
Gráfico 4 - Alçamento da postônica e Contexto Precedente para vogal /e/: resultados de Roveda (1998), Vieira (2002), Vieira (2010), Carniato (2000), Machry da Silva (2009), Mileski (2013).....	87
Gráfico 5 - Alçamento da postônica e Contexto Precedente para vogal /e/: resultados Roveda (1998), Vieira (2002) e Carniato (2000).....	88
Gráfico 6 - Vogais tônicas: percentuais de ocorrências apresentados pelos sujeitos da FE1	114
Gráfico 7 - Vogais tônicas: percentuais de ocorrências apresentado por S1	117
Gráfico 8 - Vogais tônicas: percentuais de ocorrências apresentado por S2	119
Gráfico 9 - Vogais tônicas: percentuais de ocorrências apresentados por S3.....	121
Gráfico 10 - Vogais tônicas: percentuais de ocorrências apresentados por S4.....	122
Gráfico 11 - Valores Percentuais para [i, u], em posição postônica final, nas etapas de recolha da Faixa Etária 1 (FE1) – Pelotas/Porto Alegre.....	129
Gráfico 12 - Comparação entre as produções de vogais médias altas e altas - Amostra Crianças VAP	131
Gráfico 13 - Percentual de ocorrências das vogais postônicas finais na FE1 Amostra VAP	132
Gráfico 14 - Valores percentuais para [i, u], em posição postônica final, nas etapas de recolha da Faixa Etária 2 (FE2) – Pelotas, sujeito Mm	134
Gráfico 15 - Percentuais de ocorrências das vogais médias altas e altas na FE2 - Amostra VAP ..	135
Gráfico 16 - Percentual de ocorrências das vogais postônicas finais na FE2 Amostra VAP	137
Gráfico 17 - Percentual de ocorrências das vogais postônicas finais na FE1 Amostra Cuidadores VAP.....	140
Gráfico 18 - Percentual de ocorrências das vogais postônicas finais – Cuidadores FE1-VAP	141
Gráfico 19 - Percentuais de ocorrências das vogais médias altas e altas na FE1-VAP, cuidadores e crianças.....	141
Gráfico 20 - Percentual de ocorrências das vogais postônicas finais na FE2 Amostra Cuidadores VAP.....	142
Gráfico 21 - Percentual de ocorrências das vogais postônicas finais – Cuidadores FE2-VAP	143
Gráfico 22 - Percentuais de ocorrências das vogais médias altas e altas na FE2-VAP, cuidadores e crianças.....	144
Gráfico 23 - Frequência global e Alçamento da Vogal Postônica Final /o/: Amostra Crianças-VAP	148
Gráfico 24 - Alçamento da Vogal Postônica Final /o/ e a Variável Idade - Amostra Crianças VAP	154
Gráfico 25 - Alçamento da vogal átona final /o/: Etapas e Informantes – Amostra Meninos – VAP	157
Gráfico 26 - Alçamento da vogal Postônica Final /o/ e Cruzamento Informantes Meninas e Etapas – VAP.....	159

Gráfico 27 - Alçamento da vogal postônica final /o/- Amostra Crianças VAP	161
Gráfico 28 - Frequência global e Alçamento da Vogal Postônica Final /o/ Amostra Cuidadores-VAP	164
Gráfico 29 - Alçamento da átona final /o/ - Comparação dos resultados amostras crianças (meninos) e Adultos-Vista Alegre do Prata.....	169
Gráfico 30 - Alçamento da átona final /o/ - Comparação dos resultados Amostras Criança (meninas) e Adultos-Vista Alegre do Prata.....	171
Gráfico 31 - Frequência Global 18 - Alçamento da postônica final /e/ - Amostra crianças VAP..	173
Gráfico 32 - Alçamento da Vogal Postônica Final /e/ e Variável Idade - Amostra Criança	178
Gráfico 33 - Alçamento da vogal átona final /e/ - Cruzamento Informantes e Etapas	180
Gráfico 34 - Alçamento da vogal átona final /e/ - Cruzamento entre Informantes (meninas) e Etapas	182
Gráfico 35 - Frequência Global -Alçamento da vogal átona final /e/ - Adultos VAP.....	184
Gráfico 36 - Variável Idade e Alçamento da Vogal Postônica Final /e/ - Amostra Adultos	188
Gráfico 37 - Alçamento da átona final /e/ - Comparação entre os resultados das Amostras Crianças (meninos) e Adultos-Vista Alegre do Prata	192
Gráfico 38 - Alçamento da átona final /e/ - Comparação dos resultados Amostras Criança (meninas) e Adultos (cuidadores) -Vista Alegre do Prata.....	194
Gráfico 39 - Frequência global e o Alçamento da Vogal Postônica Final /o/ Amostra crianças- PEL/POA.....	196
Gráfico 40 - Alçamento da Vogal Postônica Final /o/ e Localização Geográfica	197
Gráfico 41 - Alçamento da vogal átona final /o/ - Cruzamento Informantes (meninos) e Etapas – PEL/POA.....	199
Gráfico 42 - Não Alçamento da átona final /o/ e Comparação entre Informante (menino) e cuidador – PEL/POA.....	201
Gráfico 43 – Alçamento da vogal átona final /o/ - Cruzamento Informantes (meninas) e Etapas – PEL/POA.....	203
Gráfico 44 - Não Alçamento da átona final /o/ e Comparação entre Informante (menina) e cuidador – PEL/POA.....	205
Gráfico 45 - Alçamento da vogal /o/ em VAP e PEL/POA: amostra Crianças (meninos).....	206
Gráfico 46 - Alçamento da postônica final /e/ - Pelotas/Porto Alegre.....	208
Gráfico 47 - Alçamento da Vogal Postônica Final /e/ e Localização Geográfica	210
Gráfico 48 - Alçamento da vogal átona final /e/ - Cruzamento Informantes (meninos) e Etapas – PEL/POA.....	211
Gráfico 49 - Não Alçamento da átona final /e/ e Comparação entre Informante (menino) e cuidador –PEL/POA.....	213
Gráfico 50 - Alçamento da vogal átona final /e/ - Cruzamento Informantes (meninas) e Etapas – PEL/POA.....	215
Gráfico 51 - Não Alçamento da átona final /e/ e Comparação dos resultados entre Informante (menina) e cuidador – PEL/POA	217
Gráfico 52 - Alçamento da vogal /e/ em VAP e PEL/POA: amostra Crianças (meninas)	218

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sistema Tônico: Médias dos valores obtidos de F1 e F2 para cada vogal (por informante e região)	25
Quadro 2 - Sistema Pretônico. Médias dos valores obtidos de F1 e F2 para cada vogal (por informante, região e geral)	27
Quadro 3 - Sistema postônico. Médias dos valores obtidos de F1 e F2 para cada vogal (por informante, região e geral)	28
Quadro 4 - Vogais em posição tônica	35
Quadro 5 - Vogais em posição diante de nasal	35
Quadro 6 - Vogais em posição pretônica	36
Quadro 7 - Traços de abertura	38
Quadro 8 - Vogais em posição postônica não final	39
Quadro 9 - Vogais em posição postônica final	41
Quadro 10 - Ordenamento na aquisição do sistema vocálico do PB	58
Quadro 11 - Estudos realizados no sul do Brasil sobre o alçamento das vogais postônicas finais /e/ e /o/	80
Quadro 12 - Características das amostras de Roveda (1998), Vieira (2002) e Vieira (2010)	80
Quadro 13 - Alçamento da postônica final /e/ e variáveis linguísticas consideradas em Vieira (2002) e Vieira (2010)	83
Quadro 14 - Características das amostras	85
Quadro 15 - Alçamento das vogais médias átonas /e/ e /o/: variáveis linguísticas fatores considerados	86
Quadro 16 - Número de informantes por cidade	96
Quadro 17 - Sujeitos da Pesquisa: por Faixa Etária	97
Quadro 18 - Variáveis independentes linguísticas e seus fatores	101
Quadro 19 - Variáveis Sociais	104
Quadro 20 - Segmentos vocálicos contabilizados por faixa etária	112
Quadro 21 - Número de ocorrências contabilizadas por vogal tônica e por etapas de recolha da Faixa Etária 1 (FE1)	112
Quadro 22 - Número de ocorrências contabilizadas por vogal tônica e por etapas de recolha da Faixa Etária 2 (FE2)	113
Quadro 23 - Informantes da FE 1 (1:3 e 1:8): emergência das vogais tônicas	115
Quadro 24 - Informantes da FE2 (1:7 e 2:0): emergência das vogais tônicas	116
Quadro 25 - Número de ocorrências contabilizadas por vogais tônicas no sistema de S1	117
Quadro 26 - Número de ocorrências contabilizadas por vogais tônicas no sistema S2	119
Quadro 27 - Número de ocorrências contabilizadas por vogais tônicas no sistema S3	120
Quadro 28 - Número de ocorrências contabilizadas por vogais tônicas no sistema S4	122
Quadro 29 - Número de ocorrências contabilizadas por vogais tônicas no sistema S5	123
Quadro 30 - Número de ocorrências contabilizadas por vogais tônicas no sistema de S6	124
Quadro 31 - Número de ocorrências contabilizadas por vogais tônicas no sistema de S7	126
Quadro 32 - Número de ocorrências contabilizadas por vogais tônicas no sistema S8	127
Quadro 33 - Segmentos vocálicos -[e], [o], [i], [u] - em posição postônica final contabilizados por FE	128
Quadro 34 - Número de ocorrências contabilizadas por vogal postônica e por etapas de recolha da Faixa Etária 1 (FE1) – Pelotas/Porto Alegre	129
Quadro 35 - Relação de produção entre médias altas e altas - Amostra crianças VAP	130
Quadro 36 - Número de ocorrências contabilizadas por vogal postônica e por etapas de recolha da Faixa Etária 1 (FE1) – Vista Alegre do Prata	131
Quadro 37 - Número de ocorrências contabilizadas por vogal postônica e por etapas de recolha da Faixa Etária 2 (FE2) – Pelotas	133
Quadro 38 - Relação entre índices das vogais postônicas finais da FE2 - Vista Alegre do Prata	135

Quadro 39 - Número de ocorrências contabilizadas por vogal postônica e por etapas de recolha da Faixa Etária 2 (FE2) – VAP.....	
Quadro 40 - Número de ocorrências contabilizadas por vogal postônica- Amostra Adultos FE1 - VAP.....	139
Quadro 41 - Ocorrências das vogais postônicas finais – Cuidadores (FE1) - VAP	140
Quadro 42 - Número de ocorrências contabilizadas por vogal postônica - Amostra Adultos FE2 - VAP....	142
Quadro 43 - Ocorrências das vogais postônicas finais – Cuidadores (F2) - VAP	143
Quadro 44 - Alçamento da Átona Final /o/ -Cruzamento Informantes e Etapas – Amostra Meninos/VAP .	156
Quadro 45 - Alçamento da Átona Final /o/ e o Cruzamento Informantes e Etapas - Amostra Meninas/VAP	158
Quadro 46 - Variáveis independentes linguísticas e sociais controladas - Dados de crianças e de adultos de VAP.....	167
Quadro 47 - Alçamento da postônica final /o/ - comparação entre os resultados de aplicação Amostra crianças e adultos	167
Quadro 48 - Alçamento da átona final /o/ e Comparação entre Informante (meninos) e cuidador –VAP	168
Quadro 49 - Alçamento da átona final /o/ e Comparação entre Informante (meninas) e cuidador –VAP	170
Quadro 50 - Alçamento da vogal /e/ - Cruzamento Informante e Idades - Amostra Meninos -VAP.....	179
Quadro 51 - Alçamento da vogal /e/ -Cruzamento Informante e Idades - Amostra Meninas -VAP.....	181
Quadro 52 - Variáveis independentes linguísticas e sociais controladas - Dados de crianças e de adultos ..	189
Quadro 53 - Alçamento da postônica final /e/ e taxas de aplicação - Dados de crianças e de adultos.....	190
Quadro 54 - Alçamento da átona final /e/ e Comparação entre Informante (menino) e cuidador (adulto) – VAP.....	191
Quadro 55 - Alçamento da átona final /e/: Comparação entre Informantes (meninas) e cuidador (adultos) - VAP.....	193
Quadro 56 - Ocorrência do Alçamento - Amostra adultos POA	195
Quadro 57 - Ocorrência de Alçamento da vogal /o/ - Amostra crianças PEL/POA.....	196
Quadro 58 - Alçamento a Átona Final /o/ - Cruzamento Informantes e Etapas – Amostra Meninos/PEL/POA	198
Quadro 59 - Frequência de ocorrência dos itens lexicais produzidos sem alçamento da vogal /o/ por informante (menino) e cuidador – PEL/POA.....	202
Quadro 60 - Alçamento da Postônica Final /o/- Amostra Meninas PEL/POA.....	203
Quadro 61 - Ocorrência do Alçamento da vogal átona final /e/ - Amostra adultos POA.....	207
Quadro 62 - Ocorrência de Alçamento da vogal /e/ - Amostra crianças PEL/POA	208
Quadro 63 - Alçamento da Postônica Final /e/- Cruzamento entre as variáveis Informante e Faixa Etária - Amostra Meninos PEL/POA.....	210
Quadro 64 - Frequência de ocorrência dos itens lexicais produzidos sem alçamento da vogal /e/por informante (menino) e cuidador – PEL/POA.....	214
Quadro 65 - Alçamento da Postônica Final /e/- Amostra Meninas PEL/POA.....	215
Quadro 66 - Vogal Postônica Final – Variação por Faixa Etária e Localidade.....	221

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Alçamento da Postônica Final /o/ e a Variável Contexto Precedente Amostra Crianças VAP	149
Tabela 2 - Alçamento da Postônica Final /o/ e a Variável Contexto Seguinte - Amostra Crianças VAP	150
Tabela 3 - Alçamento da Postônica Final /o/ e a Variável Contexto Vocálico - Amostra Crianças VAP.....	151
Tabela 4 - Alçamento da Postônica Final /o/ e a Variável Idade – Amostra Crianças VAP	153
Tabela 5 - Alçamento da Postônica Final /o/ e a Variável Sexo - Amostra Crianças VAP.....	155
Tabela 6 - Contexto Precedente e o Alçamento da Postônica Final /o/ - Amostra Adultos VAP	165
Tabela 7 - Tipo de Sílabas e o Alçamento da Postônica Final /o/ - Amostra Adultos VAP	166
Tabela 8 - Alçamento da Postônica Final /e/ e Variável Contexto Precedente - Amostra Crianças	174
Tabela 9 - Alçamento da Postônica Final /e/ e Variável Contexto Seguinte- Amostra Crianças	175
Tabela 10 - Alçamento da Postônica Final /e/ e a Variável Tipo de Vocábulo - Amostra Crianças	176
Tabela 11 - Variável Idade e o Alçamento da Postônica Final /e/ - Amostra Crianças.....	177
Tabela 12 - Variável Sexo e o Alçamento da Postônica Final /e/ - Amostra Crianças.....	179
Tabela 13 - Variável Tipo de Sílabas e o Alçamento da Postônica Final /e/ - Amostra Adultos.....	185
Tabela 14 - Variável Contexto Precedente e o Alçamento da Postônica Final /e/ - Amostra Adultos.....	186
Tabela 15 - Variável Contexto Seguinte e o Alçamento da Postônica Final /e/ - Amostra Adultos	187
Tabela 16 - Variável Idade e o Alçamento da Postônica Final /e/ - Amostra Adultos	188
Tabela 17 - Alçamento da Vogal Postônica Final /o/ e Localização Geográfica	197
Tabela 18 - Não Alçamento da átona final /o/ e Comparação entre Informante (menino) e cuidador – PEL/POA	200
Tabela 19 - Não Alçamento da átona final /o/ e Comparação entre Informante (menina) e cuidador – PEL/POA	204
Tabela 20 - Alçamento da Vogal Postônica Final /e/ e Localização Geográfica	209
Tabela 21 - Não Alçamento da átona final /e/ e Comparação entre Informante (menino) e cuidador – PEL/POA	212
Tabela 22 - Não Alçamento da átona final /e/ e Comparação entre Informante (menina) e cuidador – PEL/POA	216

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 AS VOGAIS: ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS.....	21
2.1 As vogais: aspectos fonéticos	21
2.2 As vogais: aspectos fonológicos	34
2.3 Síntese do Capítulo	42
3 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM.....	44
3.1 Abordagem formalista versus abordagem emergentista	44
3.2 Aquisição do sistema fonológico	51
3.2.1 A Emergência do Sistema Vocálico.....	53
3.2.1.1 O comportamento das vogais médias átonas na aquisição do PB.....	60
3.3 Síntese do Capítulo	65
4 A TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ALÇAMENTO VARIÁVEL DA VOGAL ÁTONA FINAL	67
4.1 Pressupostos Teórico-Methodológicos	67
4.2 Aquisição da Variação Sociolinguística	70
4.2.1 O Papel do Input na Emergência da Variação Socialmente Estruturada	75
4.3 O alçamento das vogais médias postônicas finais na fala adulta do Sul do Brasil: estudos sociolinguísticos	79
4.4 Síntese do Capítulo	89
5 METODOLOGIA	90
5.1 LOCALIDADES.....	90
5.1.1 Mapa do Rio Grande do Sul: localidades de Pelotas, de Porto Alegre e de Vista Alegre do Prata	91
5.1.2 Porto Alegre	91
5.1.3 Pelotas	93
5.1.4 Vista Alegre do Prata	94
5.2 Constituição da Amostra	95
5.2.1 Banco de dados	97
5.2.2 Critérios para constituição da amostra	98
5.2.3 Coleta de dados	99
5.3 Variáveis da Pesquisa.....	100
5.3.1 Variável dependente.....	100
5.3.2 Variáveis independentes	100
5.3.2.1 Variáveis independentes linguísticas	101
5.3.2.1.1 Contexto Fonológico Precedente	102
5.3.2.1.2 Tipo de Sílabas	102

5.3.2.1.3 Contexto Seguinte.....	102
5.3.2.1.4 Contexto Vocálico da Tônica.....	102
5.3.2.1.5 Qualidade da Vogal.....	103
5.3.2.1.6 Classe gramatical.....	103
5.3.2.1.7 Tipo de vocábulo.....	103
5.3.2.1.8 Item Lexical.....	104
5.3.2.2 Variáveis independentes sociais.....	104
5.3.2.2.1 Variável Localização Geográfica.....	104
5.3.2.2.2 Variável Faixa Etária.....	105
5.3.2.2.3 Variável Sexo.....	105
5.3.2.2.4 Variável Informante.....	106
5.4 Codificação dos dados.....	106
5.5 Tratamento Estatístico dos Dados.....	107
5.5.1 Descrição das vogais tônicas e postônicas na aquisição.....	107
5.5.2 Instrumento de Análise Estatística.....	109
6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	111
6.1 Descrição e Análise do Sistema Vocálico: Amostra Crianças.....	111
6.1.1 Descrição das Vogais tônicas do Português Brasileiro: Amostra Crianças.....	111
6.1.1.1 Resultados globais referentes às vogais tônicas.....	111
6.1.1.2 Descrição das vogais tônicas na fala de cada informante.....	116
6.1.1.2.1 Sujeito 1 – VAP – FE1.....	116
6.1.1.2.2 Sujeito 2 - PEL – FE1.....	118
6.1.1.2.3 Sujeito 3 - PEL - FE1.....	120
6.1.1.2.4 Sujeito 4 - VAP – FE1.....	122
6.1.1.2.5 Sujeito 5 - VAP – FE2.....	123
6.1.1.2.6 Sujeito 6 - VAP – FE2.....	124
6.1.1.2.7 Sujeito 7 - VAP - FE2.....	125
6.1.1.2.8 Sujeito 8 - VAP – FE2.....	126
6.1.2 Descrição das Vogais Postônicas do Português Brasileiro: Amostra Crianças.....	128
6.2 A Relevância do <i>input</i> na aquisição do sistema postônico final.....	138
6.3 Análise e Discussão dos Resultados do Alçamento das Vogais Postônicas Finais /e/ e /o/.....	145
6.3.1 Seleção das variáveis - Postônica Final /o/ - Amostra Crianças de Vista Alegre do Prata - RS.....	147
6.3.1.1 Alçamentos da vogal postônica final /o/ e Frequência Global - Amostra crianças VAP ...	147
6.3.1.2 Variáveis Linguísticas - Amostra Crianças VAP: vogal /o/.....	148
6.3.1.2.1 Variável Contexto Precedente.....	148
6.3.1.2.2 Variável Contexto Seguinte.....	150
6.3.1.2.3 Contexto Vocálico.....	151
6.3.1.3 Variáveis Sociais.....	152
6.3.1.3.1 Variável idade.....	152
6.3.2 Descrição e análise do comportamento da vogal /o/ átona final: Amostra Adultos de VAP.....	163
6.3.2.1 Variáveis selecionadas.....	163
6.3.2.2 Alçamentos da postônica final /o/ e Frequência Global - Amostra Adultos VAP.....	163
6.3.2.3 Variáveis Linguísticas - Amostra Adultos VAP: vogal /o/.....	164
6.3.2.3.1 Contexto Precedente.....	164
6.3.2.3.2 Tipo de sílaba.....	165
6.3.3 Alçamento da Postônica Final /e/ e Frequência Global: Amostra Crianças de VAP.....	172
6.3.3.1 Variáveis Linguísticas - Amostra Crianças VAP: vogal /e/.....	173
6.3.3.1.1 Variável Contexto Precedente.....	174

6.3.3.1.2 Variável Contexto Seguinte	174
6.3.3.1.3 Tipo de Vocábulo.....	175
6.3.3.2 Variáveis Sociais – amostra de crianças VAP: vogal /e/	176
6.3.3.2.1 Variável Idade	176
6.3.3.2.2 Variável Sexo.....	178
6.3.4 Alçamento da Vogal Postônica Final /e/ e Frequência Global: Amostra Adultos VAP.....	183
6.3.4.1 Variáveis Linguísticas - Amostra Adultos VAP: vogal /e/	184
6.3.4.1.1 Variável Tipo de Sílabas.....	184
6.3.4.1.2 Variável Contexto Precedente.....	185
6.3.4.1.3 Variável Contexto Seguinte	186
6.3.4.1.4 Variáveis Sociais.....	187
6.3.4.1.4.1 Variável Idade	187
6.4 O Alçamento da Vogal Postônica Final /e/, /o/: amostra Pelotas/Porto Alegre.....	195
6.4.1 Alçamento da Postônica Final /o/ e Frequência Global: Amostra Crianças PEL/POA.....	195
6.4.2 Alçamento da Postônica Final /e/ e frequência global: Amostra Crianças Pelotas/Porto Alegre	207
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	223
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	227
APÊNDICES E ANEXOS	249
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	249
APÊNDICE A1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	251
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	253
APÊNDICE C - Ficha social.....	255
APÊNDICE D - Roteiro de questões para pesquisa de campo	257
ANEXO A - Instrumento A	258

1 INTRODUÇÃO

Este estudo¹ tem como tema o alçamento das vogais médias átonas postônicas finais na fala de crianças entre as idades de 1:3 e 12 anos e de adultos cuidadores residentes em Pelotas, Porto Alegre e Vista Alegre do Prata, cidades do Rio Grande do Sul.

Tradicionalmente, a variação atestada na fala da criança era vista apenas – e é necessário dizer que muitos estudiosos ainda assim a consideram – como uma estratégia de aprendizado da língua, ou seja, processo que deve ser suprimido no decorrer das etapas de aquisição da linguagem. No entanto, estudos recentes (ROBERTS, 2002; FOULKES; DOCHERTY, 2006, entre outros) têm surgido para mostrar que a variação no período aquisitivo é passível de descrição sistemática e análise quantitativa, com base no controle de fatores condicionadores sociais. Assim sendo, este estudo considera, de acordo com Chambers (1995), a possibilidade de que a aquisição de variáveis sociolinguísticas e de suas normas de uso ocorram ao mesmo tempo do desenvolvimento das competências linguísticas. Nesse sentido, entende-se que a aquisição da variação não é um subproduto do processo de aprendizagem, mas parte integrante desse processo.

O quadro vocálico do Português Brasileiro (doravante PB), alvo a ser adquirido pela criança, é composto por sete fonemas orais (/a, e, ε, i, o, ɔ, u/) que somente ocorrem na posição tônica. Na posição átona, pela influência do acento, esse quadro é alterado pelo processo de neutralização, passando a configurar-se com cinco (/a, e, i, o, u/), quatro (/a, i, e, u/) e três (/a, i, u/) vogais nas posições pretônica, postônica não final e postônica final, respectivamente (CÂMARA JR., 1970).

Na literatura sobre a variedade sulista do PB, o processo de alçamento das vogais médias átonas finais já foi analisado por vários autores como Schmitt (1987); Vieira (1994); Vieira (2002); Carniato (2000); Mallmann (2001); Machry da Silva (2009); Mileski (2013), dentre outros, para os quais as

¹ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da PUCRS – protocolo de registro CEP 12/05745.

vogais médias átonas apresentam, na pauta postônica final, um comportamento diferenciado – ora apresentando cinco vogais, ora três vogais.

Neste estudo, o alçamento das vogais médias átonas postônicas finais será analisado como um processo de variação linguística na fala da criança à luz das abordagens teórico-metodológicas da Teoria da Variação (LABOV, 1972a, 1972b, 1989, 1994), modelo entendido como um espaço de pesquisa interdisciplinar que atua nos limites entre língua e sociedade, focalizando o uso real da língua. Esse ramo da Linguística tem como foco estudar a influência na língua dos fatores linguísticos e sociais, como idade, sexo, localização geográfica e escolaridade, entre outros. É por meio dos estudos sistemáticos e quantitativos, que se percebe como esses fatores atuam probabilisticamente no fenômeno da variação. Esse modelo possibilita, portanto, a correlação entre aspectos sociais e estruturais da língua e fenômenos linguísticos considerados como variáveis.

Além da Teoria da Variação, consideram-se também os estudos de aquisição realizados com base na proposta emergentista, de acordo com a qual o falante adquire não só os aspectos sonoros distintivos, mas informações fonéticas relativas a padrões distribucionais e à variação sociolinguística (PIERREHUMBERT, 2003).

Pretende-se, inicialmente, investigar a emergência dos segmentos vocálicos na aquisição do Português Brasileiro (PB). Para tal investigação, serão levadas em conta as posições tônica e postônica final. A análise das vogais tônicas se faz necessária para o estabelecimento de um parâmetro da aquisição do sistema vocálico no sistema fonológico dos sujeitos do presente estudo, pois somente com a emergência das vogais médias altas e altas é possível discorrer sobre o que ocorre com o sistema postônico final das crianças de Vista Alegre do Prata (VAP) e Pelotas/Porto Alegre (PEL/POA). Pretende-se, assim, analisar o comportamento variável das vogais médias átonas em posição postônica final na fala de 48 crianças entre 1:3 e 12 anos e 32 adultos, cuidadores dessas crianças, totalizando 80 informantes das localidades gaúchas de Pelotas/Porto Alegre e Vista Alegre do Prata. A coleta de dados foi realizada em situações de interação entre cuidador e criança e pela aplicação de instrumentos (figuras, desenhos e jogos de interação). O programa estatístico utilizado para a computação dos dados foi o Rbrul (JOHNSON, 2009).

O presente trabalho tem como objetivos específicos: (i) verificar o papel do input no aprendizado do processo variável do alçamento; (ii) identificar qual vogal tônica emerge primeiro na fala das crianças deste estudo; (iii) verificar a taxa de aplicação do alçamento nos dados de crianças e adultos por localidade; (iv) identificar as variáveis linguísticas que mais favorecem o alçamento das

vogais postônicas finais; iv) estabelecer as etapas da aquisição da variação socialmente estruturada; (v) verificar a idade de emergência da competência sociolinguística.

Considerando tais objetivos, apresentam-se as seguintes hipóteses: (i) as formas variáveis encontradas na fala da criança serão as mesmas formas presentes na fala do adulto-cuidador, sendo que inicialmente a criança usará apenas uma das variantes e de maneira gradativa incorporará as outras; (ii) a emergência do sistema vocálico tônico do português brasileiro (PB) seguirá o seguinte ordenamento: 1^a)/a, i, u/; 2^a)/o/ e /e/; 3^a)/ε/ e /ɔ/ conforme aponta a literatura da área (MADDIESON, 1984). Tal hipótese está baseada nos resultados dos estudos de Rangel (2002), Bonilha (2004) e de Matzenauer (2009) que trataram especificamente sobre a aquisição do sistema vocálico do PB; (iii) a taxa de aplicação do alçamento das vogais médias átonas /o/ e /e/ na localidade de Porto Alegre, conforme Vieira (2002), apresentará índice elevado de aplicação para os dados de falantes adultos. Já em Vista Alegre do Prata, tal processo apresentará um índice de aplicação baixo, conforme resultado apresentado por MILESKI (2013). Assim sendo, o alçamento na fala das crianças será influenciado pela variável social Localização Geográfica; (iv) as variáveis linguísticas Contexto Precedente, Contexto Seguinte e Tipo de Sílabas serão favorecedoras do processo de alçamento (VIEIRA, 2002; MARCHRY DA SILVA, 2009 e MILESKI, 2013); (v) a emergência da variação socialmente estruturada terá como marco inicial a idade de 2:0 (anos).

Espera-se, assim, que a realização deste estudo possa trazer contribuições significativas para a descrição da aquisição do sistema vocálico do PB e também para a compreensão dos fatores linguísticos e sociais que favorecem ou não o fenômeno do alçamento das vogais médias átonas postônicas finais na fala de crianças. Espera-se, ainda, que esta pesquisa possa contribuir para o estabelecimento das etapas que envolvem a emergência da variação estruturada.

Assim, para dar conta da proposta deste estudo, esta tese está organizada em mais sete capítulos, além deste da introdução, que constitui o primeiro Capítulo.

No segundo capítulo, apresentam-se as vogais do português do ponto de vista fonético e fonológico, com ênfase no sistema postônico final. Nesse capítulo, também são apresentadas as considerações acerca da descrição do sistema vocálico do Português Brasileiro sob duas perspectivas diferentes: estruturalista e não-linear.

A Emergência da Aquisição da Linguagem, os estudos sobre a Aquisição Fonética e Fonológica das vogais tônicas e postônicas finais são apresentados no segundo capítulo. Na primeira

parte, as abordagens formalista e funcionalista são discutidas e, na sequência, apresentam-se os principais aspectos sobre a aquisição fonológica. Na segunda parte, abordam-se estudos sobre a aquisição do sistema vocálico e, por último, apresenta-se a revisão a respeito das vogais médias átonas postônicas finais na aquisição.

No terceiro capítulo, apresenta-se a Teoria da Variação Sociolinguística. Na primeira parte, abordam-se os pressupostos do modelo metodológico variacionista e, na segunda parte, realiza-se uma revisão sobre a emergência da variação sociolinguística na aquisição da linguagem. Integram a terceira parte os estudos sobre o comportamento variável das vogais médias átonas finais na fala adulta.

No quarto Capítulo, apresentam-se os procedimentos metodológicos utilizados para dar conta da proposta deste estudo, tanto no que se refere à descrição da aquisição do sistema vocálico tônico e postônico final, quanto ao relacionado à aquisição da variação (levando em conta o processo do alçamento das vogais médias átonas finais /e/ e /o/) são apresentados no primeiro Capítulo. Nesse capítulo, têm-se informações sobre a coleta dos dados, o número de informantes e suas respectivas faixas etárias, os critérios adotados para análise da aquisição do sistema vocálico e as variáveis operacionais adotadas para análise do comportamento variável das vogais na aquisição da linguagem.

A descrição, discussão e análise dos dados são apresentados no quinto Capítulo. Primeiramente, apresenta-se a descrição da aquisição do sistema vocálico tônico e postônico final dos sujeitos (idade entre 1:3 e 2:0) que foram acompanhados longitudinalmente. Na sequência, apresentam-se a descrição e análise dos dados (sujeitos com idade entre 1:7 e 12), referentes ao processo do alçamento das vogais medias átonas finais /e/ e /o/, à luz da Teoria da Variação.

O último Capítulo dedica-se às considerações finais da pesquisa. Nesse capítulo, serão retomados os principais resultados da pesquisa e serão sugeridos caminhos para investigações futura.

2 AS VOGAIS: ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS

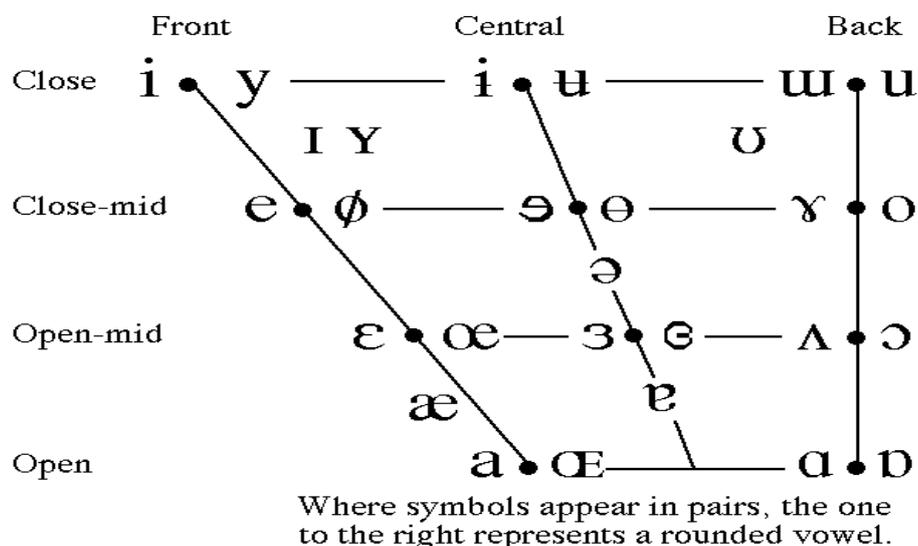
Este capítulo abordará os aspectos fonéticos e fonológicos das vogais. Primeiramente, na seção 2.1, será apresentada uma descrição fonética das vogais à luz dos estudos realizados por Ladefoged (1967, 2006) e, especificamente sobre o português brasileiro, por Moraes, Callou e Leite (1996), Meirelles (2011) e Silva (2012). A seção 2.2 apresentará considerações acerca da descrição fonológica das vogais do português brasileiro com base na proposta estruturalista de Câmara Jr. (1970) e na proposta autosegmental de Wetzels (1992). A pesquisa de Vieira (1994) será também abordada.

2.1 As vogais: aspectos fonéticos

De acordo com Ladefoged (1967, 2006), as vogais são sons produzidos sem nenhuma obstrução ou fricção do fluxo do ar durante sua articulação, opondo-se assim às consoantes, que são segmentos produzidos com obstrução parcial ou total da passagem de corrente de ar, podendo acarretar fricção ou não.

Os sistemas vocálicos, em sua maioria, são descritos em termos das posições dos articuladores no momento de produção do som vocálico, a saber, altura e recuo da língua e o formato dos lábios (LADEFOGED, 1996). Os parâmetros articulatorios que definem as vogais são, portanto, altura da língua, anterioridade/posterioridade da língua e o arredondamento/não-arredondamento dos lábios. A Figura 1 apresenta o espaço vocálico das vogais nas línguas do mundo, conforme indicado pelo Alfabeto Internacional (IPA).

Figura 1 – Diagrama do espaço vocálico utilizado pelo IPA



Fonte: IPA - The International Phonetic Alphabet Association.

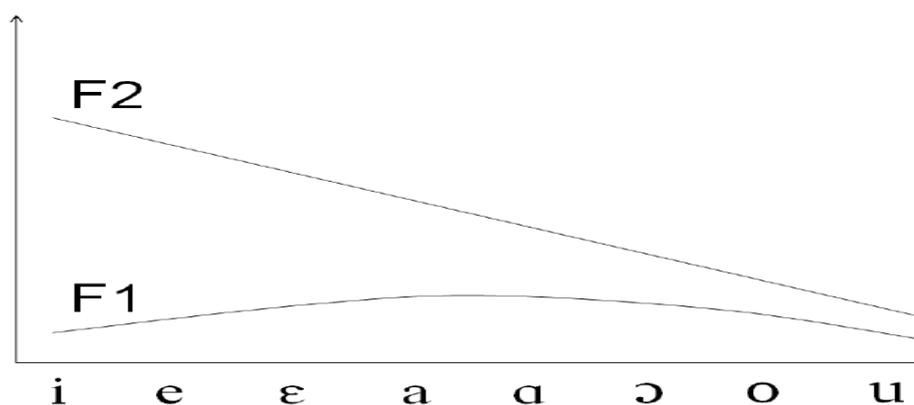
Do ponto de vista articulatorio, essas vogais são classificadas, de acordo com a posição da língua no eixo horizontal, em: a) *anteriores*: produzidas com o dorso da língua projetado para frente, portanto mais próximo do ponto palatal; b) *posteriores*: articuladas quando a língua se dirige ao palato mole e c) *central*: articulada com a língua abaixada, quase em situação de repouso (LADEFOGED, 1996). Em relação à *elevação da língua* ou *altura*, as vogais dividem-se em: a) *altas*: são aquelas que, em sua realização, a língua atinge seu grau máximo de altura; b) *médias*: são as que, em sua realização, a língua se mantém em posição intermediária, ou seja, não se eleva e nem está em repouso; e c) *baixas*: são aquelas que, em sua realização, a língua se mantém em estado de repouso. O arredondamento refere-se à posição dos lábios, que durante a articulação, podem apresentar graus de arredondamento ou não-arredondamento.

De acordo com a Figura 1, observa-se que na dimensão anterior do trato vocal, área com maior amplitude, as vogais que ocupam essa posição tendem a ficar mais distantes entre si do que as vogais que ocupam a dimensão posterior. Em se tratando especificamente da relação entre as vogais médias fechadas e altas, observa-se que essa distância tende a ser ainda maior entre /e/ e /i/ do que entre /o/ e /u/. De acordo com Kent e Read (1992), as vogais /o/ e /u/ são mais difíceis de serem identificadas devido à proximidade no espaço vocálico.

Do ponto de vista acústico, os segmentos vocálicos são caracterizados pela duração, frequência, largura de banda, intensidade e frequência fundamental dos formantes (LADEFOGED et al., 1967, 1996). As vogais, de modo geral, apresentam quatro formantes (ressonâncias) - F1, F2, F3,

F4. No entanto, segundo Ladefoged et al (1996), é possível caracterizar todas as vogais apenas com os dois primeiros formantes, uma vez que o primeiro (F1) corresponde à altura da língua e o segundo (F2), ao movimento horizontal da língua. F1 é inversamente proporcional à altura da língua, assim sendo, as vogais altas têm F1 baixo, e as vogais baixas, F1 alto. Em relação ao eixo horizontal, as vogais anteriores apresentam F2 mais alto e as posteriores, mais baixo. As vogais médias e as centrais exibem valores intermediários, conforme mostra a Figura 2 seguir.

Figura 2 - Relação entre o primeiro e o segundo formante para as vogais cardeais



Fonte: Foulkes (2010, p.1).

Vorperian e Kent (2007) apontam que o formato do trato vocal determinado pelo posicionamento de seus articuladores, bem como de seu comprimento, são fatores determinantes para a caracterização acústica das vogais. De acordo com os autores, esses fatores são influenciados pelo sexo do falante (masculino e feminino) e pela idade.

Lee, Potamianos e Narayanan (1999) observaram diferenças entre a produção de vogais na fala de crianças e adolescentes. De acordo com os autores, há uma redução significativa na duração das vogais em crianças entre os dez e 12 anos e entre os 11 e 15 anos, todavia não foram verificadas diferenças consistentes na duração das vogais entre os sujeitos com idade superior a 12 anos.

Com relação à qualidade das vogais na fala de crianças e adultos do Português Brasileiro, Behlau (2001) verificou um aumento significativo na frequência do primeiro formante das vogais anteriores em direção à vogal central, porém uma redução no valor de F1 da vogal central em direção às posteriores. De acordo com a autora, tal fato está relacionado aos ajustes articulatórios aplicados na produção das vogais como abertura da mandíbula, movimento vertical da língua e constrição da faringe. Dessa forma, a seguinte relação estabelece-se: menor abertura da mandíbula, F1 baixo; abaixamento da língua, F1 alto; estreitamento da faringe, F1 alto.

O espaço vocálico também tem sido utilizado em pesquisas sociolinguísticas com vistas a estudar as diferenças dialetais da fala adulta. Moraes, Callou e Leite (1996), a fim de caracterizar acusticamente as vogais tônicas e átonas (pretônicas e postônicas) do português do brasileiro (doravante PB) e de detectar a possibilidade de uma mudança fonética em curso, realizaram um estudo em cinco centros urbanos, a saber: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Os autores extraíram amostras de vogais (1.575 tônicas, 1.395 pretônicas e 675 postônicas) de um corpus de fala espontânea (banco de dados NURC²) de quinze locutores com formação acadêmica (três de cada área urbana), divididos em três faixas etárias (25-35 anos, 36-56 anos, e 56 anos em diante).

Os autores tiveram como objetivos principais: a) estabelecer o espaço acústico das vogais tônicas produzidas por falantes do português brasileiro, provenientes de cinco capitais do país e b) comparar o sistema vocálico do português brasileiro com o de Portugal e com o das vogais cardeais.

Com relação às tônicas, o resultado da análise das ocorrências das vogais por cidade revelou, segundo os investigadores, que há no sistema tônico uma maior diferença dialetal na realização da série anterior, como também na realização da vogal central /a/, enquanto que para as vogais posteriores /ɔ/, /o/ e /u/ essa diferença é menos marcada. O Quadro 1 e a Figura 3 a seguir apresentam os valores obtidos de F1 e de F2 para cada vogal.

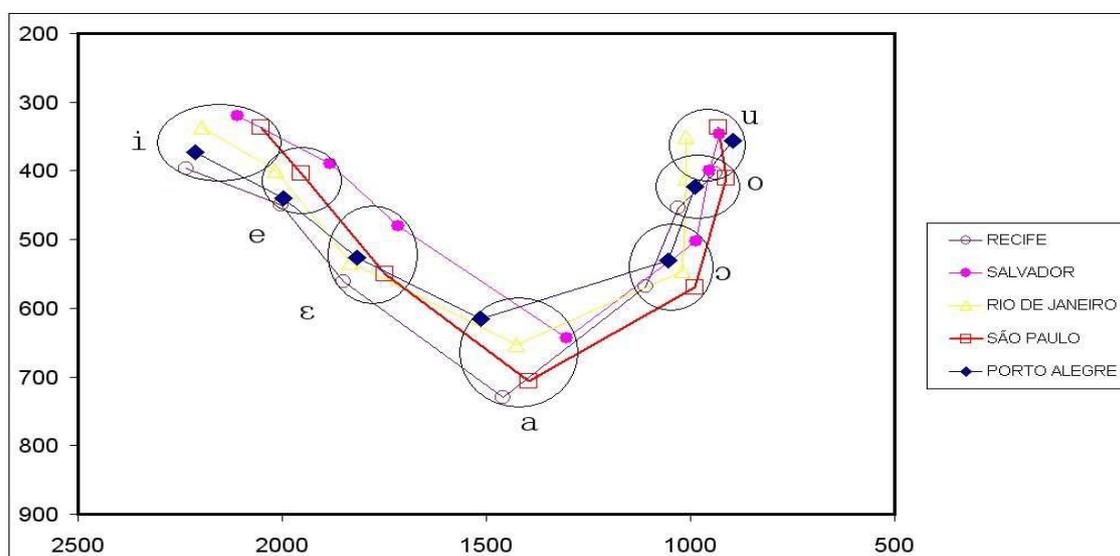
² NURC - Norma Urbana Linguística Culta

Quadro 1 - Sistema Tônico: Médias dos valores obtidos de F1 e F2 para cada vogal (por informante e região)

	i		e		ɛ		a		ɔ		o		u	
	F1	F2												
RECIFE														
1	370	2120	440	1940	560	1760	710	1390	560	1200	450	1160	370	1080
2	390	2403	440	2030	571	2001	747	1635	564	1061	444	990	414	823
3	433	2182	468	2044	554	1791	733	1355	580	1069	470	945	425	916
M	397	2235	449	2004	561	1850	730	1460	568	1110	454	1031	403	939
SALVADOR														
1	370	2070	420	1880	470	1730	600	1320	480	1000	410	910	370	910
2	300	2080	390	1810	470	1630	610	1350	500	1020	400	910	350	920
3	290	2180	360	1960	500	1790	720	1240	530	940	390	1040	320	960
M	320	2110	390	1883	480	1716	643	1303	503	986	400	953	346	930
RIO DE JANEIRO														
1	370	2130	430	1930	600	1890	740	1420	630	990	440	960	380	900
2	310	2150	360	2020	460	1820	540	1370	450	1070	380	960	320	940
3	330	2310	410	2100	540	1790	880	1490	560	1000	410	1010	350	990
M	336	2196	400	2016	533	1833	653	1426	546	1020	410	976	350	943
SÃO PAULO														
1	320	1960	380	1980	490	1740	630	1410	520	960	370	790	320	890
2	310	2080	410	1980	560	1750	710	1420	570	990	430	960	330	990
3	380	2120	420	1920	600	1760	780	1360	620	1020	430	990	360	920
M	336	2053	403	1953	550	1750	706	1396	570	990	410	913	336	933
PORTO ALEGRE														
1	410	2120	490	1990	580	1780	680	1610	610	1140	440	1010	390	880
2	320	2130	370	1870	460	1740	510	1500	440	960	380	920	310	880
3	390	2390	460	2130	540	1930	660	1430	540	1070	450	1040	370	930
M	373	2213	440	1996	526	1816	616	1513	530	1056	423	990	356	896
MÉDIA GERAL														
MG	353	2162	417	1971	530	1793	670	1420	544	1033	420	973	359	929

Fonte: Moraes, Callou e Leite (1996) adaptado por Oppliger Pinto (2007, p. 40).

Figura 3 - Comparação dos sistemas tônicos (por região)



Fonte: Moraes, Callou e Leite (1996) adaptado por Oppliger Pinto (2007, p. 40).

No tocante à altura (eixo vertical – F1), os autores observaram que Recife é a capital que apresentou as vogais mais baixas. Por outro lado, Salvador apresentou as vogais mais altas da série anterior. Para São Paulo, o resultado apontou uma realização mais alta para as anteriores /e/ e /i/ e mais baixa para as vogais /a/ e /ɔ/. Entretanto, Porto Alegre comportou-se de maneira inversa, já que as vogais /i/ e /e/ se apresentaram como mais baixas e /a/ e /ɔ/, como mais altas. Com relação ao Rio de Janeiro, os resultados estão mais próximos à média geral das cinco capitais.

No que se refere à anterioridade/posterioridade (eixo horizontal – F2), Recife, Porto Alegre e Rio de Janeiro apresentam as vogais /i/, /e/ e /ɛ/ mais periféricas, enquanto que Salvador e São Paulo apresentam as vogais anteriores mais centralizadas. Com base nesses resultados, foi possível caracterizar os dialetos tanto pela anteriorização/posteriorização das vogais da série anterior, quanto pelo abaixamento ou alçamento da vogal central /a/, conforme autores.

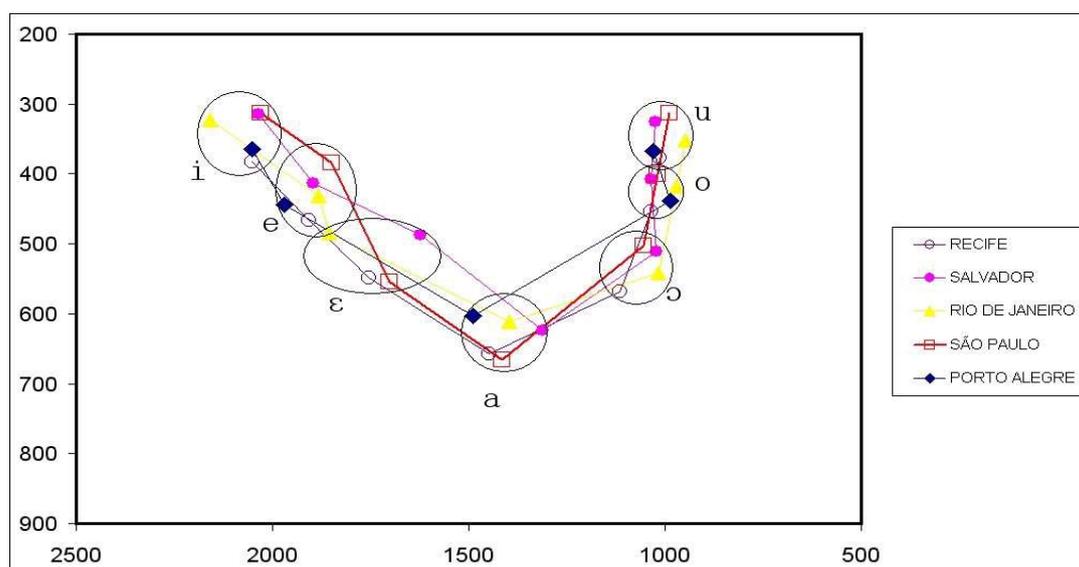
Com relação à posição pretônica (ver Quadro 2, Figura 4), segundo os autores, o sistema do Rio de Janeiro é o que se destaca dos demais: a vogal alta e as posteriores são mais periféricas. Quanto ao eixo vertical (altura), São Paulo apresenta as vogais altas mais alçadas e a vogal /a/ mais abaixada, constituindo-se, assim, um sistema mais polarizado. Por outro lado, Porto Alegre apresenta o sistema menos polarizado, seguido por Recife, em que as vogais altas e a baixa estão mais próximas. O Quadro 2 ilustra os valores dos formantes obtidos de F1 e de F2 referentes ao sistema vocálico pretônico do PB.

Quadro 2 – Sistema Pretônico. Médias dos valores obtidos de F1 e F2 para cada vogal (por informante, região e geral)

	i		e		ɛ		a		ɔ		o		u	
	F1	F2	F1	F2	F1	F2	F1	F2	F1	F2	F1	F2	F1	F2
RECIFE														
1	399	1966	479	1766	547	1675	637	1474	566	1164	481	1085	375	1027
2	350	2137	449	1994	541	1852	694	1588	581	1112	427	1008	351	942
3	401	2054	470	1962	556	1737	642	1287	558	1066	455	1012	404	1076
M	383	2052	466	1907	548	1754	657	1449	568	1114	454	1035	377	1015
SALVADOR														
1	337	1911	416	1865	488	1629	546	1309	478	1048	402	1053	339	1004
2	308	2081	413	1873	489	1623	602	1356	515	1038	409	1063	324	1033
3	301	2113	410	1953	486	1614	724	1269	542	982	413	989	313	1037
M	315	2035	413	1897	487	1622	624	1311	511	1022	408	1035	325	1024
RIO DE JANEIRO														
1	350	2146	480	1827	544	1835	663	1438	623	1021	491	979	401	1018
2	290	2139	370	1888	413	1996	533	1384	487	1080	329	980	302	937
3	331	2193	448	1936	498	1734	640	1369	514	952	433	955	353	889
M	323	2159	432	1883	485	1855	612	1397	541	1017	417	971	352	948
SÃO PAULO														
1	315	1944	372	1889	513	1659	672	1442	459	1175	378	1068	294	1029
2	292	2032	360	1832	612	1819	669	1499			367	1071	298	988
3	332	2115	422	1831	538	1632	658	1302	546	937	460	917	348	953
M	313	2030	384	1850	554	1703	666	1414	502	1056	401	1018	313	990
PORTO ALEGRE														
1	376	2074	464	1947			589	1421			462	1146	395	1194
2	357	2076	424	2008			544	1623			376	784	327	883
3	363	2011	444	1956			678	1421			476	1033	384	1015
M	365	2053	444	1970	####	####	603	1488	####	####	438	987	368	1030
MÉDIA GERAL														
MG	340	2066	428	1902	519	1734	633	1412	534	1052	424	1010	347	1002

Fonte: Moraes, Callou e Leite (1996) adaptado por Oppliger Pinto (2007, p. 42).

Figura 4 - Comparação dos sistemas pretônicos (por região)



Fonte: Moraes, Callou e Leite (1996) adaptado por Oppliger Pinto (2007, p. 42).

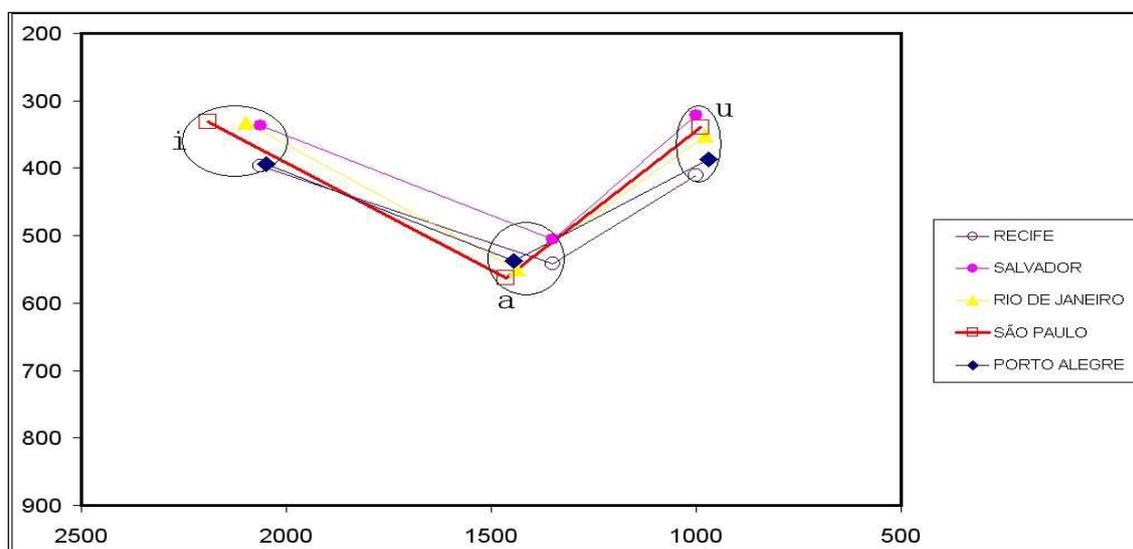
Com relação ao sistema postônico, foco do presente estudo, a análise acústica das vogais efetuada pelos pesquisadores seguiu os mesmos procedimentos adotados para as tônicas e pretônicas, a partir da medição dos formantes F1 e F2 com base nas amostras de Recife, Porto Alegre, Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro, conforme mostra o Quadro 3, Figura 5 seguir.

Quadro 3 – Sistema postônico. Médias dos valores obtidos de F1 e F2 para cada vogal (por informante, região e geral)

	í		e		ɛ		a		ɔ		o		u	
	F1	F2	F1	F2	F1	F2	F1	F2	F1	F2	F1	F2	F1	F2
RECIFE														
1	402	1993					523	1387					404	1011
2	397	2034					540	1505					426	892
3	393	2132					561	1370					400	1143
M	397	2053					541	1420					410	1015
SALVADOR														
1	351	1997					490	1313					295	1005
2	331	2047					548	1383					346	1004
3	327	2144			472	1661	481	1352					326	989
M	338	2062			472	1661	506	1349					322	999
RIO DE JANEIRO														
1	326	2152					636	1399					372	963
2	319	2104					474	1433					319	1071
3	354	2042					541	1484					366	904
M	333	2099					550	1438					352	979
SÃO PAULO														
1	380	2143					483	1499					352	1032
2	306	2149					593	1471					321	1066
3	308	2280					614	1425					347	873
M	331	2190					563	1465					340	990
PORTO ALEGRE														
1	460	2138					592	1436					429	1086
2	325	1979	387	1880			481	1468					331	854
3	397	2032					543	1434			469	1068	401	974
M	394	2049	387	1880			538	1446			469	1068	387	971
MÉDIA GERAL														
MG	358	2091	387	1880	472	1661	540	1424			469	1068	362	991

Fonte: Moraes, Callou e Leite (1996) adaptado por Oppliger Pinto (2007, p. 43).

Figura 5 - Comparação dos sistemas postônicos (por região)



Fonte: Moraes, Callou e Leite (1996) adaptado por Oppliger Pinto (2007, p. 42).

Os dados fornecidos pela análise acústica das vogais postônicas foram submetidos ao pacote de programas VARBRUL³, que indicou a região de origem do informante para o grupo de fator mais significativo para as três vogais, conforme apontado pelos autores. A distribuição das vogais no espaço acústico, conforme se verifica na Figura 4 anterior, permite identificar graus diferentes de abaixamento de acordo com a amostra considerada, o que levou os autores a calcular percentuais de abaixamento das vogais postônicas.

Desse modo, de acordo com tais percentuais, Recife e Porto Alegre são as cidades que apresentaram um sistema mais compacto, pois abaixam as altas /i/ e /u/, porém não abaixam a vogal /a/. Por outro lado, Rio de Janeiro e São Paulo foram as que apresentaram o sistema menos compacto, pois as vogais /i/ e /u/ não sofreram abaixamento, mas a vogal /a/ foi abaixada. A localidade de Salvador foi a que apresentou um menor índice de abaixamento, segundo os pesquisadores.

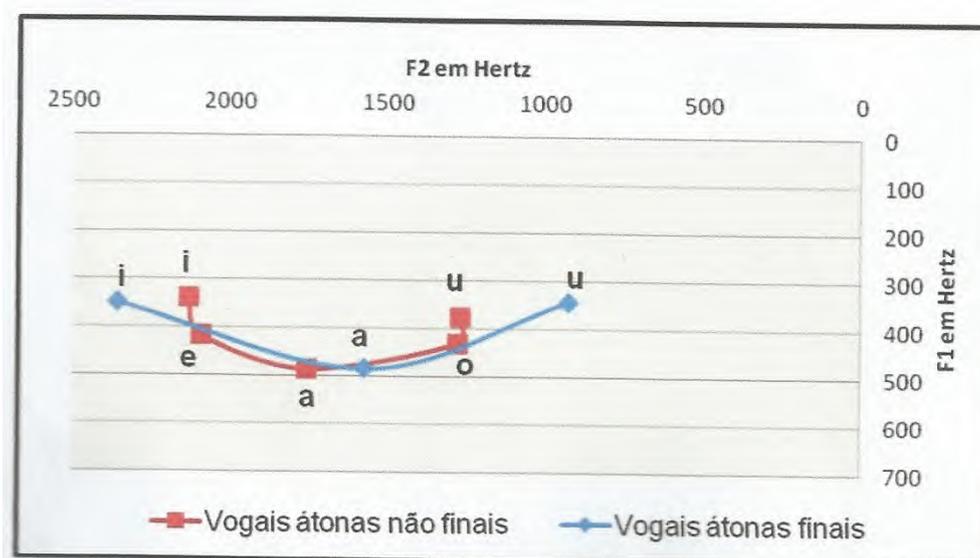
De modo geral, concluem os autores que o processo de atomização tende a centralizar as vogais altas e elevar a vogal baixa, o que pode ser explicado como sendo decorrente da menor duração observada nas vogais átonas, segundo Lindblom (1963), citado pelos autores.

³ Os dados fornecidos pela análise acústica das vogais tônicas e pretônicas também foram submetidos ao pacote de programas VARBRUL. Os resultados obtidos não serão apresentados nesta seção devido ao foco de interesse deste trabalho.

Também do ponto de vista acústico, as vogais postônicas finais na fala brasileira foram objeto de investigação por Silva (2012), a partir de uma amostra constituída com dados de fala de oito informantes (4 do sexo feminino e 4 do sexo masculino), com idade entre 12 e 20 anos. Para o procedimento da coleta dos dados, a autora utilizou a técnica da frase veículo, que, segundo Ladefoged (1993), permite o controle do contexto circundante à vogal e, portanto, uma medição mais confiável. Esse estudo foi realizado em duas etapas, a saber: a) descrição do sistema postônico não final e b) análise acústica das vogais postônicas não finais e finais.

De acordo com os resultados da análise acústica, Silva (2012) constatou que há uma diferenciação na realização das vogais postônicas finais e não finais no que se refere ao espaço vocálico. Com relação às postônicas não finais, os resultados apontaram que essas vogais são mais redutíveis do que as postônicas finais. Ficou evidenciado também que, nessa posição, é mais comum o apagamento das vogais [i] e [u]. No que se refere à duração, a autora constatou que as vogais postônicas não finais são mais breves do que as postônicas finais. A Figura 6 a seguir ilustra as diferenças de altura (F1) e de anterioridade/posterioridade (F2) para as duas séries das vogais átonas.

Figura 6 – Espaço vocálico das vogais átonas não finais e finais de Brasília

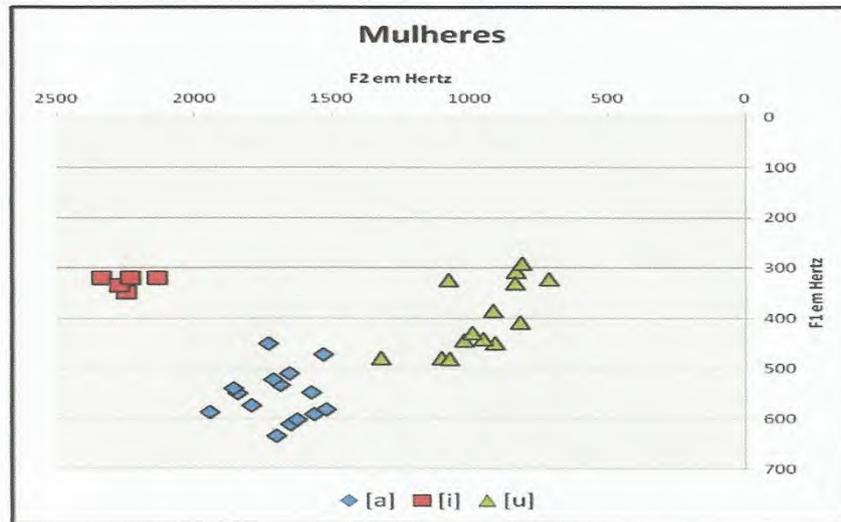


Fonte: Silva (2012, p. 84).

Na Figura 6, apresentam-se as vogais que são comuns nas duas posições silábicas, [i, a, u]. Nota-se que a vogal [i] em ambas as posições apresenta quase a mesma altura, embora seja mais anterior na posição átona final. A vogal [a] mostra uma tímida alteração na altura e mais posterioridade na posição átona final. A vogal [u] mantém praticamente a mesma altura para as duas posições, mas apresenta-se como mais posterior na átona final (SILVA, 2012). Nas Figuras 7 e 8

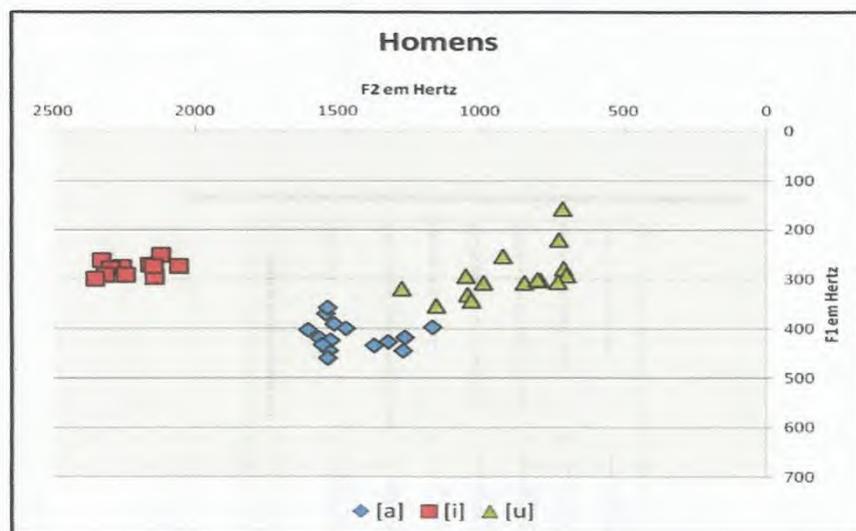
(gráficos de dispersão), apresentam-se os resultados para as vogais átonas finais dos dados femininos e masculinos.

Figura 7 - Gráfico de dispersão das vogais átonas finais das mulheres



Fonte: Silva (2012, p. 86).

Figura 8 – Gráfico de dispersão das vogais átonas finais dos homens



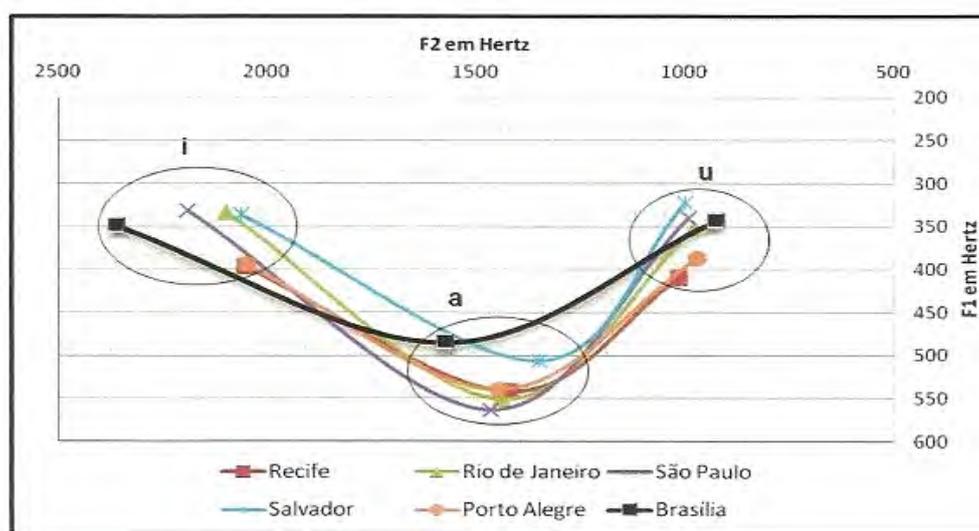
Fonte: Silva (2012, p. 86).

As Figuras 7 e 8 (gráfico de dispersão) mostram os resultados para as vogais postônicas finais. Nota-se que os espaços dessas vogais, tanto do sexo feminino quanto do masculino, estão bem definidos. Nota-se ainda que há agrupamento claro entre as vogais das séries anterior, central e posterior. Na dimensão vertical, a distinção não é clara, o que indica que a altura não é suficiente

para a diferenciação das átonas finais. Observa-se que os valores referentes às mulheres e aos homens não são tão distintos, embora as frequências dos formantes dos dados femininos sejam mais altas, devido ao trato vocal menor desses falantes. Assim, em razão dessa diferença anatômica, as vogais realizadas pelos falantes masculinos aparecem na região superior do gráfico (SILVA, 2012).

Ao comparar os resultados entre o seu estudo e o de Moraes, Calou e Leite(1996), anteriormente discutido nesta seção, a autora observou que as vogais [i] e [a] da amostra de Brasília são mais anteriores e que a vogal [a] é mais alta em Brasília do que nas cidades de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Para a vogal [u], os resultados foram semelhantes aos obtidos para as outras cidades, conforme representado na Figura 9 a seguir.

Figura 9 – Comparação das médias de F1 e F2 das seis cidades brasileiras



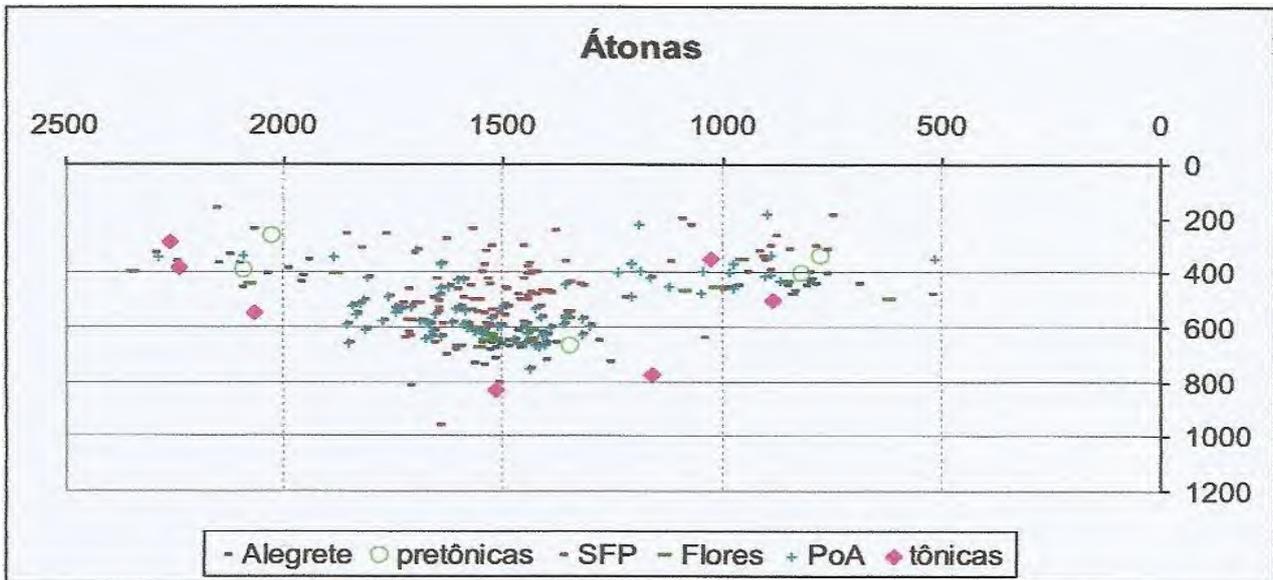
Fonte: Silva (2012, p. 93).

Em outro estudo, da mesma natureza dos anteriores, Meirelles (2011) também observou que as vogais postônicas do português gaúcho, representados pelas cidades de Alegrete, Flores da Cunha, Porto Alegre e São Francisco de Paula, apresentam um comportamento diferenciado com relação às tônicas e pretônicas. O *corpus* foi constituído por 14 não-palavras (repetidas 2 vezes) e 13 palavras (na frase veículo), que foram gravadas por 23 informantes do Rio Grande do Sul e 12 de Brasília, obtendo-se um total de 1.434 *tokens* para análise.

Com relação ao espaço vocálico das vogais átonas finais, os resultados mostraram que as átonas [i] e [a] se apresentam mais centralizadas do que as vogais pretônicas. No que se refere à vogal

[u], o espaço vocálico se assemelha ao das tônicas e ao das pretônicas, conforme mostra a Figura 10 a seguir.

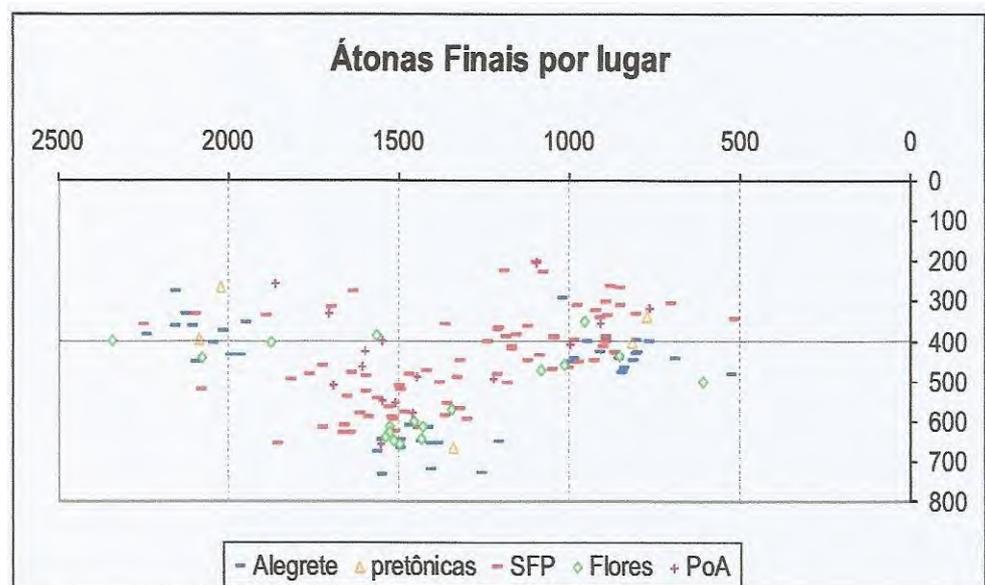
Figura 10 – Vogais átonas do português gaúcho



Fonte: Meirelles (2011, p. 155).

Com relação às realizações das átonas finais, de acordo com o lugar de origem dos falantes, ficou constatado pela autora que os informantes de Flores da Cunha, cidade de colonização alemã e italiana, são os que apresentam as vogais mais baixas. Por outro lado, as vogais realizadas pelos informantes de Porto Alegre são mais centralizadas, conforme ilustra a Figura 11 a seguir.

Figura 11 - Vogais átonas e origem dos informantes



Fonte: Meirelles (2011, p. 155).

Na comparação das ocorrências da vogal /a/ nas posições tônica, pretônica e postônica, percebeu-se que na posição átona final o /a/ corresponde a uma vogal central baixa. Com relação ao apagamento e à realização das vogais por cidade, ficou constatado através dos resultados que Alegrete é a cidade que não registrou apagamento das vogais médias átonas finais, enquanto que Flores da Cunha apresentou 4%. Já em São Francisco de Paula e Porto Alegre, a taxa de apagamentos foi considerável: de 44% e 58%, respectivamente. Com relação à comparação entre as posições postônicas e pretônicas, ficou constatado que a realização da postônica final [a] é mais central e alta do que a das outras posições, enquanto que para átona final /o/ os resultados tendem a ser semelhantes aos das outras posições (tônica e pretônica).

Quanto às vogais átonas em final de palavra do português gaúcho, conforme Meirelles (2011), constatou-se que para as vogais anteriores e posteriores em posição átona final as realizações variam entre /o/ e /u/, por um lado, e entre /e/ e /i/, por outro lado, confirmando as observações sobre as realizações articulatórias de Cagliari (2007).

Observa-se que há similaridade nos resultados apontados nesse estudo com os dos trabalhos discutidos anteriormente com relação à posição postônica. Nota-se que em todos os trabalhos, embora cidades distintas e informantes diferentes tenham sido investigados, os dados mostraram que a origem do informante é o fator relevante para a realização das vogais átonas finais, como apontado por Moraes, Callou e Leite (1996) e confirmado por Silva (2012) e Meirelles (2011). Conforme observado na pesquisa de Meirelles (2011), as vogais átonas finais são mais centralizadas do que as vogais tônicas, sendo as vogais posteriores as mais centralizadas, confirmando, portanto, os resultados evidenciados por Moraes, Callou e Leite (1996), segundo os quais o sistema átono se apresenta mais compacto do que o tônico.

Na seção a seguir, apresentam-se as vogais do ponto de vista fonológico à luz das perspectivas estruturalista, com base em Câmara Júnior (1970), e autossegmental, com base em Wetzels (1992). Dados resultantes do estudo variacionista de Vieira (1994) também serão considerados.

2.2 As vogais: aspectos fonológicos

De acordo com Câmara Jr. (1970), o sistema vocálico do PB é constituído por sete vogais na posição tônica (vide Quadro 4 a seguir) como comprovam as distinções em. s[**a**]co, s[**e**]co, s[**ɛ**]co, s[**o**]co, s[**ɔ**]co, s[**i**]co, s[**u**]co.

Quadro 4 - Vogais em posição tônica

Vogais em posição tônica			
Altas	/i/	/u/	
Médias altas	/e/	/o/	2º grau
Médias baixa	/ɛ/	/ɔ/	1º grau
Baixa	/a/		
	Anterior	Central	Posterior
	não- arred	arred	

Fonte: Câmara Jr. (1970, p. 41).

A oposição entre vogais médias de 1º e 2º graus observadas no Quadro 4 não existe quando a sílaba tônica for imediatamente seguida por uma consoante nasal. Nesse contexto tônico aparecem apenas as vogais médias de 2º grau, como em c[a~]ta, c[e~]tro, c[i~]to, c[o~]to, ch[u~]bo. Assim, para contextos tônicos seguidos de consoantes nasais, tem-se o um sistema de cinco vogais, conforme indica o Quadro 5 a seguir.

Quadro 5 – Vogais em posição diante de nasal

Vogais em posição tônica diante de nasal			
Altas	/i/	/u/	
Médias altas	/e/	/o/	
Baixa	/a/		
	anterior	central	posterior
	Não- Arredondada	Arredondada	

Fonte: Câmara Jr. (1970, p. 43).

Segundo o autor, o sistema vocálico do PB, composto por sete vogais em posição tônica, sofre redução quando está em posição átona. Esse fenômeno é postulado por Câmara Jr. (1970, p. 44) como um processo de neutralização, entendido como a perda do traço que distingue entre si dois fonemas. O autor afirma que o que caracteriza as posições átonas é a redução do número de fonemas, isto é, mais de uma oposição desaparece ou se suprime, ficando apenas um fonema para cada posição.

Em se tratando da posição pretônica (QUADRO 6), percebe-se que há o desaparecimento das vogais médias baixas /ɛ/ e /ɔ/, permanecendo as vogais médias altas /e/ e /o/. Segundo Câmara Jr. (1977), essa alteração é devido à neutralização, como em b [ɛ]lo → b[e]leza e p[ɔ]lo → p[o]lar⁴.

Quadro 6 - Vogais em posição pretônica

Vogais em posição pretônica			
Altas	/i/	/u/	
Médias altas	/e/	/o/	
Baixa	/a/		
	anterior	central	posterior
	Não- Arredondada		Arredondada

Fonte: Câmara Jr. (1970, p. 44).

A redução do sistema vocálico pretônico em relação ao tônico pela neutralização é confirmada por Wetzels (1992) a partir da perspectiva autossegmental.

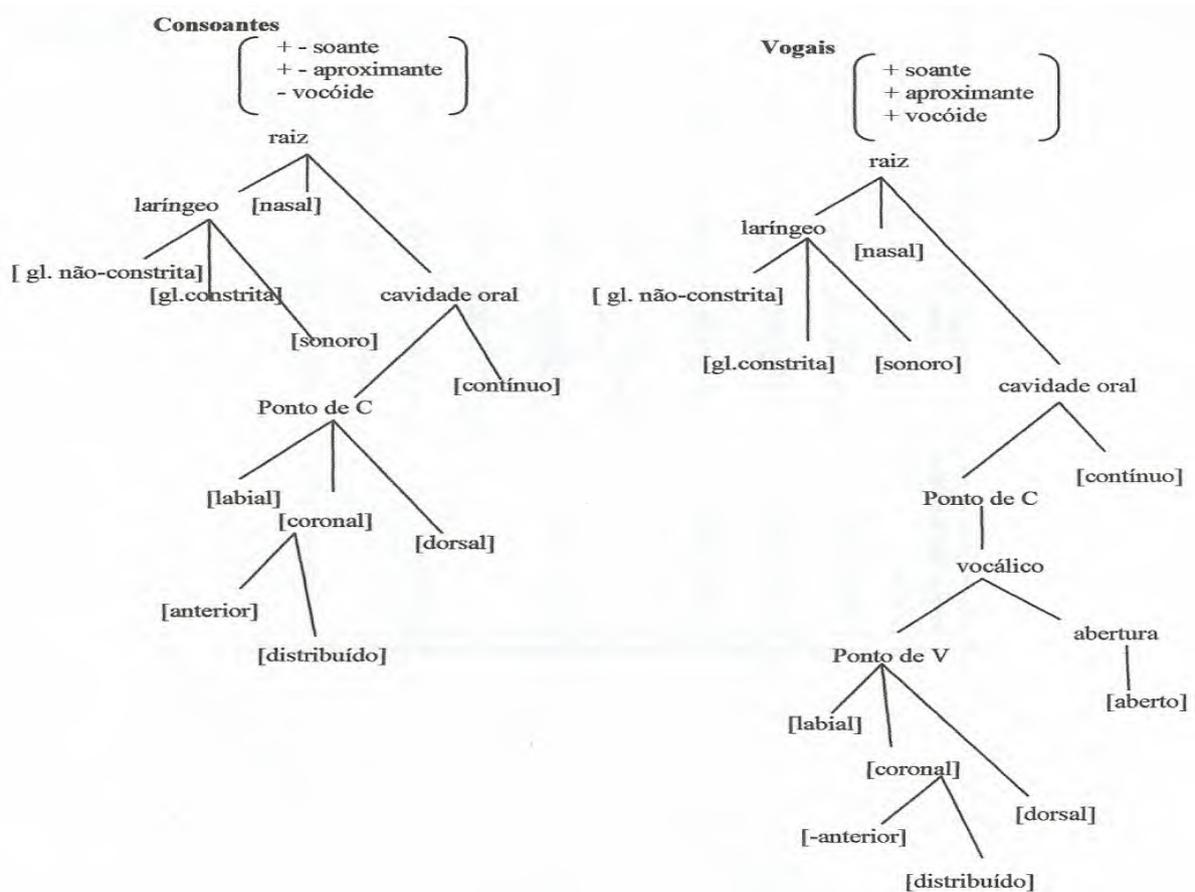
A Fonologia Autossegmental foi desenvolvida por Goldsmith (1976), em particular, para explicar as línguas tonais, nas quais há um relacionamento hierárquico entre os tons e outras unidades. Esse modelo teórico é composto de representações que incluem níveis separáveis e independentes chamados de *camadas* (*tiers*). Nessas camadas estão dispostos os autossegmentos, unidades que operam individualmente ou em conjunto na constituição dos sons da fala, cumprindo, contudo, uma hierarquia na composição de tais sons. De acordo com autor, há dois aspectos básicos que gerenciam essa proposta. O primeiro fato é de não haver uma relação de um-para-um entre o segmento e os traços que o compõem e, segundo, o fato de haver uma hierarquização entre os traços que compõem determinado segmento da língua, já que o segmento apresenta estrutura interna. O primeiro aspecto deu origem a duas máximas: a) os traços podem estender-se além ou aquém do segmento e b) o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de traços que o compõem.

⁴ Na posição pretônica, há uma alternância entre as altas e médias altas que não é fruto da neutralização no sistema. Trata-se de um processo de harmonização vocálica, isto é, a vogal média torna-se alta quando na sílaba seguinte houver uma vogal alta /i/ ou /u/, como em formiga ~ f[u]rmiga, coruja ~ c[u]ruja (BISOL, 1981).

Além desses aspectos, há três princípios que regem a teoria, a saber: (1) a convenção de associação: autossegmentos não associados são automaticamente associados um a um a partir da linha de associação existente; (2) princípio de contorno obrigatório: elementos adjacentes idênticos são proibidos; e (3) linhas de associação são impedidas de se cruzarem por uma convenção de boa formação. Além dessas características universais, há variações específicas de cada língua.

A Fonologia Autossegmental abriu caminho para a Geometria de Traços, desenvolvida por Clements (1989, 1991) e Clements e Hume (1995). De acordo com os autores, o critério de análise fonológica oferecido por esse modelo tem por objetivo relacionar a interdependência de traços e nós ou a sua interdependência na produção da fala, levando em conta não apenas os domínios de atuação dos segmentos isolados, mas a geometria da palavra como um todo (CLEMETS; HUME, 1995, p. 292). O diagrama a seguir ilustra a representação das consoantes e vogais com base na abordagem da Geometria dos Traços.

Figura 12 - Sistema Arbóreo baseado na constrição



Fonte: Clements e Hume (1995).

A representação em (1) mostra que alguns traços são binários: representados em termos de ausência (-) ou presença (+) da característica em questão. Outros são monovalentes: só permitem representação em termos de presença. Com relação ao nó vocálico, foco do presente estudo, observa-se que sua composição apresenta ramificações, o *Ponto de V* e o *nó de Abertura*. Observa-se que os traços de ponto [labial], [coronal] e [dorsal] caracterizam os segmentos consoantais e vocálicos (CLEMENTS, 1985,1991; CLEMENTS; HUME, 1995).

A análise fonológica, realizada com base na Fonologia Autossegmental, é capaz de dar conta dos processos da língua como neutralização e harmonia vocálica que são representados através do espriamento ou desligamento do traço, conforme aponta a proposta de Wetzels (1992). Dessa forma, a diferença entre os modelos estruturalista e autossegmental reside, portanto, no tipo de operação realizada. Enquanto este opera com segmentos autônomos, aquele opera com segmentos em sua totalidade.

A partir dos pressupostos da Fonologia Autossegmental, Wetzels (1992) propõe que as vogais podem ser representadas com base em traços de abertura. Na posição tônica, é possível verificar a distinção entre as médias altas e baixas. Assim, o autor descreve um sistema de quatro alturas para a língua portuguesa, conforme mostra o Quadro 7 a seguir.

Quadro 7 - Traços de abertura

Abertura	i/u	e/o	ε/ɔ	a
Aberto1	-	-	-	+
Aberto2	-	+	+	+
Aberto3	-	-	+	+

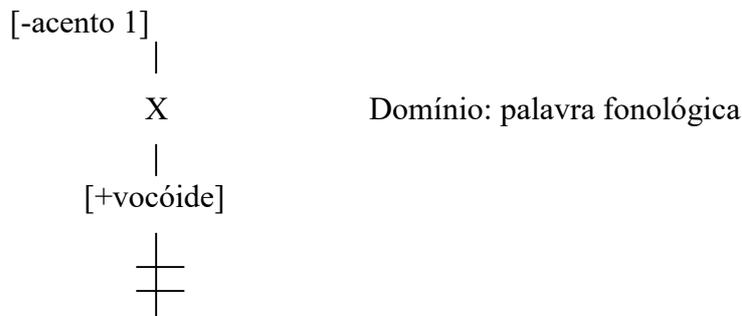
Fonte: Wetzels (1992, p. 22).

Na visão autossegmental, as vogais altas /i, u/ são definidas pelo traço [-aberto], nos três níveis; as vogais médias altas /e, o/ são definidas pelos traços [-aberto 1], [+aberto 2] e [-aberto 3]; os traços que definem as vogais /ε, ɔ/ são [-aberto 1], [+aberto 2] e [+aberto 3] e a vogal /a/ é definida pelo traço [+aberto] nos três níveis. A distinção entre as vogais médias altas e as vogais médias baixas é definida pelo traço de abertura [aberto 3].

Em se tratando do sistema pretônico, Wetzels (1992) defende que – conforme a representação arbórea (1) –, em posição átona, a vogal que não porte acento primário na palavra fonológica terá

desligado da sua estrutura o traço [+aberto3], pois, de acordo com tal proposta, somente as vogais acentuadas são caracterizadas pelo traço [+aberto 3] como, por exemplo, f/ɛ/sta →f/e/steiro, p/ɔ/rta→p/o/rteiro

(1) Neutralização da Vogal Átona



[+aberto 3] Fonte: Wetzels (1992, p. 24).

Com relação à posição postônica não-final, Câmara Jr. afirma ocorrer o processo de neutralização entre as vogais posteriores /o/ e /u/, como em *fósf[u]ro* e *abób[u]ra*, mas não entre as vogais anteriores /e/ e /i/, como em *núm[i]ro*. O vocalismo postônico não-final, portanto, reduz-se para quatro vogais, conforme a representação em Quadro 8 a seguir.

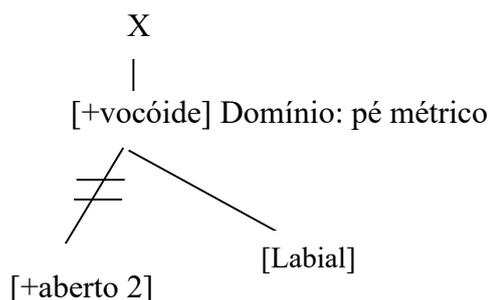
Quadro 8 – Vogais em posição postônica não final

Vogais em posição postônica não final		
Altas	/i/	/u/
Médias altas	/e/	-
Baixa	/a/	
	Anterior	central posterior
	Não- Arredondada	Arredondada

Fonte: Câmara Jr. (1970, p. 44).

Já Wetzels (1992), concordando com Câmara Jr. (1970), confirma que tais vogais constituem um subconjunto das que ocorrem na pauta pretônica. Tal ocorrência se dá pela aplicação da regra de neutralização e o traço [+aberto 2] é desligado, como se observa em (2).

(2) Neutralização da Vogal Postônica Não-Final



Fonte: Wetzels (1992, p. 27).

Como se observa em (2), essa regra neutraliza a oposição entre /o/ e /u/ quando estiverem à borda direita do pé métrico como abób[u]ra, côm[u]do, fôsf[u]ro.

Para Vieira (2002, p.128), o quadro vocálico apresentado e, principalmente, o caráter categórico da regra de neutralização de /o/ em posição postônica não-final são questionáveis. A autora afirma que não só é possível encontrar em PB produções que preservam a vogal /o/ em posição postônica não-final, como também são encontradas ocorrências de neutralização entre as vogais /e/ e /i/ na mesma posição, como em quilôm[e]tro ~ quilôm[i]tro.

Vieira (1997, p. 99), por sua vez, concorda em parte com a posição de Wetzels e de Câmara. De acordo com a linguista, o que vai determinar a elevação ou não da vogal /o/ é o contexto em que tal vogal se encontra. Os exemplos (a) e (b) ilustram seu ponto de vista:

(a) Contexto em que [o] tende a ser preservado

Ânc[o]ra

Apóc[o]pe

Côrc[o]va

(b) Contextos em que [o] tende a elevar

táv[u]la

víb[u]ra

ép[u]ca

Segundo a autora, o alçamento de [u] tende a ser pleno em contextos em que se verifica a presença de consoantes labiais. Em outros contextos, tal fenômeno nem sempre ocorre. A postulação de que a vogal /o/ tende a elevar-se diante de consoantes labiais [p, b, f, v, m] é indicada pela autora como uma regra variável.

Sobre a vogal /e/ em posição postônica não final, Vieira (1997) destaca que pode ocorrer o alçamento em contexto como núm[e]ro ~ núm[i]ro, cóc[e]ga ~ cóc[i]ga, mas há contextos em que tal vogal é preservada, como em vésp[e]ra e úlc[e]ra. A autora acrescenta ainda que a vogal /e/ algumas vezes realiza-se como [e] e outras como [i], não havendo, portanto, um ambiente específico que promova ou bloqueie o alçamento. Dessa forma, enquanto Wetzels (1995) defende que nessa posição há um sistema constituído de quatro vogais, Vieira (1997), por outro lado, sustenta que na posição postônica não final realiza-se um sistema de cinco vogais. Assim, a autora afirma que são duas, e não três, as regras que neutralizam os segmentos vocálicos átonos, a saber, a regra de neutralização da pretônica e a regra de neutralização da postônica. De acordo com a proposta da autora, há no português brasileiro um sistema constituído de sete vogais na sílaba tônica e dois subsistemas átonos, o de cinco na pretônica e o de três na postônica final. No que se refere à posição postônica não final, a autora sustenta dois sistemas átonos: o de cinco e o de três vogais.

Com relação à posição postônica final, posição de maior grau de atonicidade, ocorre a neutralização entre as vogais /e/ e /i/ e entre /o/ e /u/, reduzindo-se o quadro a três vogais conforme ilustra o Quadro 8 a seguir. De acordo com Câmara Jr., essa realização é categórica no dialeto carioca. Os exemplos a seguir ilustram essa posição: antes ~ ant[i]s, verde ~ verd[i] e menos ~ men[u]s, porto ~ port[u].

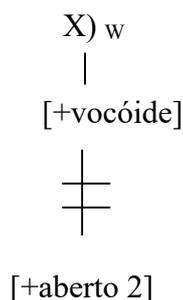
Quadro 9 - Vogais em posição postônica final

Vogais em posição postônica final		
Altas	/i/	/u/
Baixa	/a/	
	anterior	central posterior
	Não-Arredondada	Arredondada

Fonte: Câmara Jr. (1970, p. 44).

A partir da perspectiva autosegmental, Wetzels representa o processo em questão de neutralização pelo desligamento do traço [+aberto 2] em vogais que estão em sílabas não acentuadas e em final de palavras, como ocorre, por exemplo, em bol[o] ~ bol[u], com[e] ~ com[i]. Vale ressaltar que tais ocorrências só se realizam em sílabas leves. A regra em (3) ilustra essa representação.

(3) Neutralização de Vogal em Final de Palavra



Fonte: Wetzels (1992, p. 27).

Diferentemente de Câmara Jr. (1970) e Wetzels, Vieira (1994, 2002), ao descrever o sistema postônico final do português sulista, apresenta considerações que vão de encontro às posições de tais autores. De acordo com a autora, em alguns estados (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) da região Sul do Brasil, as vogais médias /e/ e /o/ em posição postônica final tendem a ser preservadas devido à forte influência dos aspectos étnicos. No Rio Grande do Sul, por exemplo, nas cidades de São Borja (zona de fronteira), Panambi (zona de colonização alemã) e Flores da Cunha (zona de colonização italiana), a regra de alçamento ainda se encontra em estágio inicial ou intermediário, manifestando um sistema postônico final constituído ora de cinco ora de três vogais. Já na região metropolitana de Porto Alegre, a regra de elevação de /e/ e /o/ é aplicada de forma quase categórica, sendo inibida linguisticamente nos contextos em que a vogal é seguida de consoante ou de outra sílaba (revól^v[e]r, automó^v[e]l, Anders[o]n). Já em sílabas fechadas com coda /s/, conforme a autora, tais vogais tendem a sofrer o processo de alçamento (men[u]s, vam[u]s).

Vieira (1994, 1997) pôde concluir que as regras de neutralização, descritas por Câmara Jr. (1970) e Wetzels (1992), encontram-se em sua fase inicial em algumas localidades da região Sul do Brasil. Entretanto, esse processo encontra-se em uma fase mais avançada na fala de informantes metropolitanos das localidades de Pelotas/Porto Alegre. A autora observou ainda que em ambas as posições postônicas, final e não final, a presença de uma vogal alta na sílaba precedente representa um forte condicionador para o alçamento tanto de /e/ quanto de /o/.

2.3 Síntese do Capítulo

Este capítulo apresentou considerações sobre os segmentos vocálicos sob o ponto de vista fonético (LADEFOGED, 1967, 2006; MORAES; CALLOU; LEITE, 1996; SILVA, 2012; MEIRELLES, 2011) e fonológico (CÂMARA JR., 1970; WETZELS, 1992; VIERIRA, 1994).

No que concerne aos aspectos fonéticos, a revisão das literaturas aqui apresentadas proporcionará uma descrição mais adequada das vogais produzidas pelos falantes das amostras deste estudo. A análise fonológica do sistema vocálico de PB indicou que, do ponto de vista do estruturalismo, o fenômeno da neutralização resulta um arquifonema que, segundo Câmara Jr., implica a perda ou supressão da oposição entre dois fonemas em determinado contexto linguístico. Na visão autosssegmental, por outro lado, esse fenômeno é representado pela desassociação de traços conforme os princípios que regem a língua em questão.

Com relação às pesquisas realizadas, com ênfase nas vogais postônicas finais, os resultados sugerem, como fatores relevantes para realização das vogais, a região de origem do informante, o sexo e a idade; sugerem, ainda, que Porto Alegre – uma das localidades que será considerada neste estudo – apresenta o sistema postônico final mais compactado entre todas as localidades reportadas nessa revisão. Além disso, os resultados do estudo de Meirelles (2011) e de Vieira (2002), realizados em quatro cidades gaúchas, foi fundamental para apontar que no Rio Grande do Sul ainda há possibilidade de se encontrar um quadro postônico de cinco vogais.

Ainda sobre o processo de alçamento, destacaram-se os estudos de Vieira (1994, 1997), os quais demonstraram que na região Sul do Brasil, em virtude da diversidade alofônica que se manifesta nos três estados (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina), o alçamento da átona final poderá ser considerado um processo categórico ou não. Em Porto Alegre, por exemplo, a neutralização da átona pode ser considerada natural, enquanto que, para Curitiba ou Flores da Cunha, a variação é mais aparente. Para a autora, o alvo do processo de alçamento da postônica final são as vogais médias que se situam na sílaba leve final de uma palavra qualquer ou em uma sílaba fechada por /s/, sendo que o domínio dessa regra é a palavra fonológica.

Portanto, enquanto Wetzels (1992), seguindo Câmara Jr.(1970), postulou três regras para dar conta do processo que neutraliza as vogais átonas do português brasileiro, Vieira (1994) defende que a neutralização em favor das vogais altas compreende apenas duas regras e não três: uma que reduz o quadro vocálico para cinco vogais e outra que reduz o quadro para três vogais. A fim de descrever e analisar o processo variável de alçamento das vogais médias átonas postônicas finais em falantes infantis, tomamos como base os estudos desenvolvidos por esses autores, especialmente o de Vieira (1994), que trata especificamente do alçamento das vogais postônicas finais.

3 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Todas as crianças normais adquirem uma língua sem esforço, sem instrução e rapidamente produzem palavras e sentenças de grande complexidade. Embora as línguas naturais sejam diversas, o percurso da aquisição da linguagem é o mesmo para qualquer criança. Para o exame de tal processo apresentaremos neste capítulo considerações acerca das perspectivas formalista e emergentista. Assim, este capítulo divide-se da seguinte forma: em 3.1, serão apresentadas abordagens teóricas sobre a aquisição da linguagem e em 3.2 estudos sobre a aquisição do sistema vocálico.

3.1 Abordagem formalista versus abordagem emergentista

A aquisição da linguagem tem sido definida, segundo a literatura da área, como a aprendizagem ou a construção gradual de conhecimentos necessários para que a criança se torne falante nativa de sua língua materna (MCWHINNEY, 2002; TOMASELLO, 2003). Essa construção do conhecimento linguístico pela criança envolve a interação de vários componentes (fonológico, morfológico, sintático, semântico, dentre outros), sendo essa uma das razões pelas quais a aquisição da linguagem é considerada um processo complexo.

Com o desenvolvimento da proposta gerativa, vários são os estudos que utilizam tal aparato teórico na análise do processo de aquisição da linguagem. De acordo com Chomsky (1965), a criança nasce com uma capacidade especial para adquirir a linguagem, o que possibilita que a aquisição de uma língua seja engatilhada a partir da exposição a dados linguísticos. Na perspectiva gerativista, os seres humanos não só nascem com a capacidade inata para a aquisição da linguagem como possuem conhecimento linguístico também inato, tendo em vista a Gramática Universal (GU). Chomsky (1965) propõe que todas as crianças nascem com um dispositivo de aquisição da linguagem (*Language Acquisition Device* - LAD), sendo necessário apenas que sejam fornecidas as condições para que a criança perceba os parâmetros de sua língua específica. Essas condições são fornecidas pelo input linguístico.

Para a abordagem gerativista, portanto, que é de cunho inatista, os seres humanos já nasceriam com a Gramática Universal (doravante GU), ou seja, com as propriedades abstratas da linguagem, as quais não seriam adquiridas pela evidência positiva (o chamado ‘problema lógico da aquisição da linguagem’ ou Problema de Platão). Assim, a GU conteria todas as regras (ou princípios e parâmetros, ou restrições, dependendo da teoria gerativa a ser considerada) de todas as línguas, cabendo à criança o papel de selecionar as que fazem parte de sua gramática. Dessa forma, o modelo explicaria como a criança, em um pequeno espaço de tempo, entre 18 e 48 meses, é capaz de dominar um conjunto tão complexo de regras, as quais respondem, por exemplo, pela constituição da gramática fonológica.

Nesse sentido, Chomsky (1968) argumenta que:

Having some knowledge of the characteristics of the acquired grammars and the limitations on the available data, we can formulate quite reasonable and fairly strong empirical hypotheses regarding the internal structure of the language-acquisition device that constructs the postulated grammars from the given data (CHOMSKY, 1968, p. 113)⁵.

De acordo com a concepção inatista, o conjunto de regras internalizadas na mente é responsável pela capacidade da criança de criar e produzir estruturas linguísticas que nunca foram ouvidas. Assim pode-se entender também dos princípios e parâmetros, propostos em fase posterior da teoria gerativa (CHOMSKY, 1981).

Nesse modelo, o autor concebe a gramática da língua (GU) como um sistema constituído por princípios universais (invariantes, que toda e qualquer língua apresentará) e parâmetros de variação, responsáveis pelas propriedades específicas de uma dada língua. Dessa forma, o autor enfatiza que a criança, ao adquirir a linguagem, já carrega consigo algumas informações gerais acerca da natureza da linguagem, relacionadas aos princípios universais e aos parâmetros, que terão seus valores atribuídos a partir das experiências linguísticas do aprendiz. Com base nessas considerações, é possível dizer que a tarefa da criança, ao adquirir a linguagem, está em ativar, entre as opções disponíveis, os valores paramétricos adequados a sua língua.

Entretanto, muito pesquisadores têm questionado a abordagem formalista de Chomsky sobre a aquisição da linguagem. De modo particular, Tomasello (2000, 2006) tem se colocado contra a

⁵ De posse do conhecimento sobre as características das gramáticas adquiridas e das limitações dos dados disponíveis, podemos formular hipóteses empíricas bastante razoáveis e fortes em relação à estrutura interna do dispositivo de aquisição da linguagem que constrói as gramáticas postuladas a partir dos dados fornecidos (CHOMSKY, 1968, p. 113).

existência de representações inatas e abstratas de categorias gramaticais. Na opinião desse pesquisador, a estrutura linguística emerge da língua em uso:

[...]many of young children's early multi-word productions are not structured by abstract rules but rather by linguistic schemas of a much more concrete nature – what have been called item-based schemas (or constructional islands) tied to concrete lexical content. These schemas become abstract only gradually, and, in at least some theoretical accounts, never become totally abstract and meaningless “rules” even in adulthood [...] (TOMASELLO, 2006, p. 2)⁶.

A proposta do autor, de base funcionalista e emergentista, vai ao encontro de uma perspectiva de aquisição em que as formas abstratas da gramática emergem do léxico. Conforme expõem Bates e MacWhinney (1987), a visão formalista sugere que as línguas são adquiridas em um curto período de tempo porque as crianças já têm um conhecimento inato das regras e dos princípios que regem sua língua (gramática autônoma e abstrata). No funcionalismo, no entanto, as línguas podem ser aprendidas porque as crianças estão resolvendo o problema da comunicação e descobrindo por si mesmas as restrições que determinam a forma da gramática.

De acordo com essa perspectiva, a linguagem é vista como um sistema não autônomo, que se desenvolve na interação comunicativa entre os membros de uma comunidade linguística, estando sujeita às limitações impostas pela capacidade do ser humano de adquirir e processar o conhecimento, o qual está em constante modificação para se adaptar às novas necessidades comunicativas. Essa posição também é reforçada por diversos autores (TOMASELLO, 1999, 2003; PIERREHUMBERT, 2001, 2003; MCWHINNEY, 2002), segundo os quais a língua se origina do uso, isto é, da situação comunicativa e da interação social. Sendo assim, a partir dessa perspectiva é possível dizer que a linguagem infantil se desenvolve na interação comunicativa entre a criança e o contexto social. Para Bates e Goodman (1999), o processo de aquisição da linguagem é fortemente co-determinado por um *input* altamente estruturado de dados linguísticos, apresentados à criança em situações naturais de fala e adaptados de acordo com o nível de desenvolvimento de sua competência comunicativa. É através das interações verbais com os pais, irmãos ou com outros membros de sua comunidade que se dá a aquisição da linguagem pela criança. Além disso, a atuação da criança sobre seu ambiente é fundamental para a construção desse conhecimento.

⁶ [...]muitas das produções de mais de uma palavra das crianças não são estruturadas por regras abstratas, mas sim por esquemas linguísticos de uma natureza muito mais concreta – os quais têm sido chamados de esquemas baseados no item (ou ilhas de construção) ligados a um conteúdo lexical concreto. Tais esquemas tornam-se abstratos apenas gradativamente [...] (TOMASELLO, 2006, p. 2) - (Tradução nossa).

Segundo Tomasello (2003, 2005), as crianças adquirem as habilidades linguísticas como uma espécie de subproduto da interação social com o adulto, da mesma forma que aprendem as habilidades sociais. De fato, o reconhecimento de que a criança normal apresenta plenas condições de entender o que o adulto fala, e a insistência do cuidador em fornecer um modelo conversacional em suas interações com seu bebê podem explicar como a criança adquire, precocemente, as habilidades linguísticas e sociais.

De acordo com o autor, as habilidades sociocognitivas da criança são produtos de uma evolução cultural, que opera em um tempo cronológico muito rápido devido a um dispositivo de transmissão cultural, o que permite que habilidades e conhecimentos já existentes em certa cultura sejam transmitidos para os membros pertencentes à mesma cultura. Nesse sentido, o autor afirma que:

Cultural transmission includes things like a baby bird mimics the typical species corner sung by his parents, rat pups eat only the foods eaten by their mothers, ants locate food by following the pheromone trails of conspecifics, young chimpanzees learn the use practices of adult tools with whom they live, and human children acquire the linguistic conventions of the other members of their social group (TOMASELLO, 1999/2003a, p. 5)⁷.

Compreendida dessa forma, a aprendizagem não é pura e simplesmente imitação, mas por estar relacionada a uma intenção comunicativa, constitui-se em uma atividade linguística, cognitiva e social. Portanto, o processo de aquisição da linguagem não é uma operação distinta da cognição, mas uma cognição linguística, uma vez que somente após o desenvolvimento de certas habilidades sociocognitivas é que a criança pode aprender a operar os símbolos linguísticos. Assim, a interação da criança com o contexto social (ambiente) e a fala a que está exposta (input) são fatores importantes para a emergência da linguagem (TOMASELLO, 2003).

Nota-se, com base em tais considerações, que a abordagem formalista e a abordagem funcionalista apresentam hipóteses distintas sobre as origens da gramática na linguagem da criança. A primeira sugere que a língua pode ser adquirida somente porque a criança tem uma informação linguística geneticamente armazenada a respeito da estrutura e de um componente gramatical autônomo e abstrato. A segunda posição diz que a criança aprende as expressões linguísticas a partir da imitação do que ouve (input) e a língua é adquirida através do uso. Sendo assim, as regras da estrutura linguística são o resultado da experiência - habilidades cognitivas e sociais - da criança com

⁷ A transmissão cultural inclui coisas como um filhote de passarinho imitar o canto típico da espécie cantado por seus pais, filhotes de rato comerem apenas os alimentos comidos por suas mães, formigas localizarem comida seguindo os rastros de feromônio dos co-específicos, jovens chimpanzés aprenderem as práticas de uso de ferramentas dos adultos com quem convivem, e crianças humanas adquirirem as convenções linguísticas dos outros membros de seu grupo social (TOMASELLO, 1999/2003a, p. 5) -(Tradução nossa).

a língua, e a gramática não é vista como um módulo fixo, mas é o produto do uso concreto da língua pela comunidade de fala (TOMASELLO, 2003).

A ênfase sobre o papel do input no processo de aquisição da linguagem tem sido motivo de discussão entre vários pesquisadores (como SNOW, 1972, 1977; BATES e MACWHINNEY 1989; BATES e GODMANN, 1999; TOMASELLO, 2000, 2003). Há um consenso de que o desenvolvimento lexical inicial das crianças não ocorre isolado de suas experiências sócio-interacionais. São as experiências que fornecem à criança as formas lexicais convencionais aprendidas durante seu desenvolvimento lexical inicial.

Enquanto que para a visão formalista de Chomsky as informações contidas no input são consideradas pobres e degeneradas – como exemplo, a fragmentação do discurso e as limitações lexicais e estruturais da fala dirigida à criança –, sendo o conhecimento linguístico determinado geneticamente e não adquirido pelas experiências, para os funcionalistas, o conhecimento é aprendido pela criança justamente por meio da interação com o input. A fala dirigida à criança, nesse sentido, apresentará aspectos fundamentais que facilitarão todo o processo.

Nelson (1973) avaliou a fala de dezoito mães dirigidas às suas crianças quando estas estavam com idade entre 13 e 14 meses (período inicial de aquisição). A autora identificou dois estilos de comunicação na troca dialógica entre mãe-criança: a) estilo *diretivo*, as mães faziam referências frequentes ao comportamento da criança, procurando dirigir sua atenção e comportamento, e utilizavam poucas perguntas; b) estilo *referencial*, que se caracterizou por nomeações frequentes de objetos (brinquedos, livros) e figuras (fotos, desenhos), além de um número considerável de perguntas diretivas. De acordo com o autor, o estilo diretivo se correlacionou negativamente com as medidas de vocabulário das crianças durante o segundo ano de vida, pois a criança fica mais atenta quando a mãe interage com brincadeiras e outros estímulos (bate palminhas, mostra brinquedos). Contrariamente, o estilo referencial se correlacionou positivamente com o tamanho do vocabulário infantil aos 24 meses.

Snow (1977) argumenta que a fala dos cuidadores, em especial a da mãe, apresenta várias modificações (prosódicas, lexicais e sintáticas) quando dirigida à criança. Para a autora, esse modo maternal de falar, diferente daquele utilizado na fala entre adultos, tem o intuito de facilitar a compreensão de alguma maneira, ajudar no processo de segmentação e aumentar a saliência de certas construções linguísticas. De acordo com essas considerações, a figura da mãe exerce um papel importante no desenvolvimento da linguagem, pois é através dela que a criança recebe as suas

primeiras fontes de atenção, carinho e cuidado. Ressalta-se, no entanto, que muitas vezes esse input é fornecido pela avó, irmão mais velho ou mesmo pela tia (cuidador primário).

Bates e Godmann (1999) também consideram que a fala do adulto dirigida à criança é considerada rica, exercendo papel fundamental para guiar o desenvolvimento da linguagem. As autoras afirmam que as experiências ou informações do ambiente linguístico ao qual a criança está exposta são consideradas aspectos fundamentais na aquisição da linguagem. Reforçam ainda que, nos primeiros meses de vida, a criança passa por um conjunto de experiências (organização social, processamento auditivo rápido, habilidade para imitar coisas que as outras pessoas fazem, criar e manipular símbolos, dentre outros) que estabelecem um extenso quadro perceptivo e motor até o aprendizado das primeiras palavras:

These abilities are present in human infants within the first or second year, and they are clearly involved in the process by which language is acquired. Thus, even though none of these basic cognitive and communicative abilities is specific to language, they permit the emergence of language in general, and grammar in particular (BATES e GODMANN, 1999, p. 4)⁸.

Há um número considerável de evidências sobre quais estilos de input podem facilitar ou inibir o aprendizado da linguagem da criança. Segundo Nino (1992), dentre as características do *input* que podem facilitar o desenvolvimento linguístico está a fala materna. O autor demonstra que mais de 90% dos enunciados compostos por uma palavra produzidos pelos bebês (com 18 meses de idade) são utilizados para expressar as mesmas intenções comunicativas que os enunciados compostos por uma palavra produzidos pelas mães que se dirigem a eles, e, além disso, conforme postulado pelo autor, a criança, em geral, escolhe a forma mais frequente usada pela mãe para expressar qualquer ato de fala. A autora argumenta ainda que isto é possível porque as crianças têm um sistema semelhante ao dos adultos para análise da intenção comunicativa, mas baseiam-se em mapeamentos previsíveis da forma-função do *input* quando buscam formas de expressar tais intenções.

Hoff e Naigles (2002) investigaram as correlações entre medidas da fala da mãe (diversidade de palavras e MLU⁹) e a da criança. Tal investigação partiu de uma amostra de sessenta e três crianças (normais) e em fase inicial do período aquisitivo. Para tal investigação, a pesquisa foi realizada a

⁸Essas habilidades estão presentes nos bebês humanos no primeiro ou no segundo ano de vida, e elas estão claramente envolvidas no processo de aquisição da linguagem. Assim, embora nenhuma dessas habilidades cognitivas e comunicativas básicas seja específica para a linguagem, elas permitem a emergência da linguagem em geral e, em particular, da gramática (BATES e GODMANN, 1999, p. 4). (Tradução nossa)

⁹ Mean Length of Utterance

partir de em faixas etárias: a primeira foi realizada quando as crianças estavam com a idade entre 18 e 29 meses e o segundo, após 10 semanas. Nesses dois períodos, os autores mediram a fala da criança, sendo que a fala da cuidadora interagindo com a criança foi registrada apenas na primeira observação. A interação mãe-criança, procedimento adotado pelos autores para tal observação, foi analisada com relação aos seguintes tópicos: a) ao número de frases realizadas; b) à variação dos tipos de palavras; e c) à frequência de ocorrência das palavras e ao MLU. Segundo os pesquisadores, para garantir a classificação da fala da criança eles utilizaram com método o tamanho do léxico e do MLU. Para os investigadores, mesmo que a quantidade de frases ou itens lexicais produzidos pela mãe não tenha se correlacionado com o léxico da criança, tanto o MLU quanto o número de palavras diferentes realizadas pela mãe contribuíram para o desenvolvimento linguístico da criança. No entanto, após controle do efeito de diferenças no léxico da criança no primeiro momento, apenas o MLU da mãe continuou a contribuir para o desenvolvimento do léxico.

Nota-se, assim, que a fala materna tem um papel fundamental na aquisição da linguagem pela criança, contribuindo para o desenvolvimento linguístico, bem como para o crescimento do vocabulário. Tomasello (2000) postula que é a partir da interação entre mãe e filho - cenas de atenção conjunta – que a criança começa a compreender que o comportamento da mãe/cuidador é motivado pela intenção comunicativa. Segundo o autor, a compreensão das intenções comunicativas é o principal processo sociocognitivo por meio do qual a criança compreende o uso de ícones linguísticos pelo adulto.

Outra característica que tem sido apontada como relevante para mudanças de comportamento na relação comunicativa entre mãe-criança é o gênero. A partir de uma revisão da literatura, percebe-se que os estudos (ROBERTS, 1997, 2002; FOULKES, DOCHERTY e WATT, 1999, 2003) têm apontado que a mãe modifica sua fala quando se dirige à menina ou ao menino. De acordo com os autores, há diferenças no que se refere ao tratamento e às práticas educativas de meninas e meninos e isso, em parte, reflete na aquisição das formas linguísticas. Segundo Eckert (1983, 1988), a socialização baseada em papéis sexuais pode modificar-se em função da idade das crianças.

Neste estudo, acredita-se que o input linguístico exerce um papel fundamental no processo de aquisição da linguagem e que as crianças estão capacitadas a fazer uso desse input para o desenvolvimento de suas habilidades sociolinguísticas.

A seguir apresentaremos considerações acerca da aquisição da fonologia. Mais especificamente, destacaremos os estudos relacionados à aquisição do sistema vocálico infantil.

3.2 Aquisição do sistema fonológico

Embora os caminhos percorridos (etapas de aquisição) pela criança na construção do sistema fonológico apresentem variabilidade em relação à idade e eficiência quanto à produção das palavras, é possível fazer um mapeamento probabilístico desse processo desenvolvimental. Estudos como de Ferguson e Farwell (1975), Vihman, Ferguson e Elbert (1986), Ingram (1989), Stoel-Gammon e Carol (1992) e Vihman (1996), dentre outros, têm sugerido que a fase inicial do desenvolvimento fonológico é baseada na palavra. Para Vihman (1996), a palavra tem papel central na aquisição e pode ser entendida como significando a unidade fonológica representacional e unidade simbólica que emerge através do uso, dentro de um contexto social. Como a palavra é uma unidade representacional, acredita-se, portanto, que ela também deve estar associada à construção da gramática. Nesse sentido, entende-se que léxico e gramática estão intimamente relacionados.

Bates e Goodman (1999) fornecem evidências de que a gramática da criança emerge diretamente do próprio léxico. Diante disso, a gramática, segundo as autoras, é entendida como emergente, no sentido de que ela se desenvolve gradual e continuamente a partir do input linguístico.

As autoras afirmam que a linguagem se desenvolve a partir das interações sociais precoces das crianças com os adultos. Os primeiros intercâmbios são ações simples nas quais a criança faz algum gesto (por exemplo, sorrir) e o cuidador, em resposta, dá-lhe atenção. Paulatinamente, os intercâmbios comunicativos incluem longas sequências verbais ou troca de olhares. Tais ações acontecem em situações cotidianas do ambiente (na troca de fraldas, nas refeições, no banho, etc.) e nelas se desenvolvem as primeiras vocalizações, entre 4 e 6 meses (em média).

De acordo com as autoras, a criança começa a produzir sons vocálicos entre os 3 e 4 meses, em média, depois as primeiras combinações entre vogais e consoantes entre os 6 e 12 meses. As primeiras palavras emergem entre 10 e 12 meses, embora a compreensão de palavras possa começar algumas semanas antes. Depois disso, as crianças passam várias semanas ou meses produzindo enunciados de uma palavra. Segundo as autoras, as primeiras combinações de palavras geralmente aparecem entre 18 e 20 meses e, nesse início, tendem a ser telegráficas. Por volta dos 24 e 30 meses, há outra espécie de explosão vocabular e aos 3 ou 3 anos e meio, a maioria das crianças normais já domina as estruturas sintáticas e morfológicas de sua língua.

Ingram (1989, p. 143), de outro modo, aponta que o desenvolvimento das habilidades fonológicas da criança está diretamente relacionado à maturação perceptiva, motora e cognitiva, sendo essas propriedades fundamentais para o processo de aquisição.

Com relação à idade de aquisição dos segmentos, conforme Ingram (1989), o desenvolvimento fonológico se dá entre 1:6 e 4:0 anos. O autor afirma que, embora não haja um consenso entre os pesquisadores sobre os estágios de desenvolvimento fonológico, há um consenso na literatura da área em relação aos três primeiros estágios. O primeiro estágio (estágio pré-linguístico) engloba a fase entre 0:1 e 1:0. Durante esse período, a relação entre a forma e o significado fonético ainda não está definida. O segundo estágio (período das primeiras 50 palavras) engloba a fase entre 1:0 e 1:6. O comportamento fonológico da criança nessa fase é caracterizado “como assistemático” em termos de regras e padrões. Nessa fase, as crianças tendem a inventar palavras. Conforme Locke (1983), essas “palavras inventadas” parecem ter sentido para a criança, pois são produzidas de forma consistente, acarretando efeito para o desenvolvimento do significado semântico e para o sistema fonológico.

O terceiro estágio (período do desenvolvimento fonêmico) engloba a fase entre 1:6 e 4:0 (meses: anos) e caracteriza-se como o verdadeiro período linguístico. Os ambientes linguísticos e sociais têm efeito significativo nesse período, pois através da interação desses ambientes a criança aprende a explorar suas habilidades de perceber e de produzir formas linguísticas. De acordo com Locke (1983), nessa fase a percepção parece de certa forma preceder a produção, pois as crianças são capazes de identificar diferenças isoladas de segmentos entre palavras. Assim, a criança não produz aleatoriamente formas que diferem das utilizadas pelo adulto e, quando o faz, produz alguma forma diferente, baseada nas regularidades encontradas na língua.

Segundo Vihman (1996), as crianças têm um papel ativo na aquisição da fonologia, à medida que ela se utiliza da formulação de regras e testagem de hipóteses, interagindo, por meios das suas experiências linguísticas iniciais, com o ambiente linguístico no qual se encontra. De acordo com a autora, as estratégias e as diferenças individuais da fonologia nas fases de aquisição constituem uma forte evidência em favor ao modelo cognitivo, enquanto que para Locke (1983) as diferenças individuais são um forte argumento para as representações das diferenças biológicas. Conforme aponta Locke (1983), muitas das diferenças individuais, no comportamento das crianças, são, sem dúvida, manifestações de diferenças biológicas. Com base nessa perspectiva, até mesmo as diferenças intra-sujeitos são consideradas conseqüentes de mudanças anatômicas no trato oral.

Vihman reforça que a variação individual é uma das características do período inicial da aquisição fonológica, o qual é chamado *fase da transição para a fala* e que, pode ser acomodada sob a perspectiva biológica de Locke.

Como se pode constatar, o caminho percorrido desde a produção das primeiras palavras até o estabelecimento do sistema fonológico emerge de forma semelhante para todas as crianças, independentemente de qualquer orientação, sendo o único requisito básico a exposição à língua em uso. As considerações acima mencionadas reforçam a ideia inicial de que a palavra, nas fases iniciais, é a unidade de aquisição fonológica. Dessa forma, quando uma criança aprende uma palavra, não aprende somente suas propriedades sonoras, mas, conforme Tomasello (2000, 2003), o aprendizado de palavras envolve a interação de diferentes aspectos tanto cognitivos como sociais. Assim, acredita-se neste estudo que o conhecimento fonológico é emergente da experiência, que afeta não só as representações, mas a forma como a criança percebe e armazena as categorias fonológicas (PIERREHUMBERT, 2003). Sob essa perspectiva, considera-se que a aquisição fonológica e a variação sociofonética¹⁰ estão diretamente ligadas.

Munson, Edwards e Beckman (2005) descrevem quatro diferentes níveis de representação fonológica que são necessários para o armazenamento das informações (conhecimentos) no cérebro, a saber: o conhecimento perceptual (compreensão dos aspectos acústicos e perceptivos dos sons); o conhecimento articulatorio (compreensão da voz e do modo de articulação dos sons); de nível mais alto, o conhecimento fonológico (a compreensão de como as palavras são divididas em sons e como os sons são organizados para formar palavras) e o conhecimento social-indexado (compreensão de como a variação na produção de determinada forma linguística transmite a identidade social do falante). A informação detalhada, incluindo a relacionada à variação socialmente indexada, faz parte do conhecimento linguístico da criança e é utilizada no processamento do sinal da fala, além da informação distintiva e categórica (FOUKES E DOCHERTY, 2006). A emergência da variação socialmente indexada na aquisição será discutida no Capítulo 4 deste estudo.

3.2.1 A Emergência do Sistema Vocálico

Levando-se em consideração que o presente estudo se dedica a analisar o comportamento das vogais médias átonas em posição postônica final, faz-se necessário tecer no texto que segue considerações acerca da aquisição do sistema vocálico.

¹⁰ Segundo Foukes e Docherty (2006), o termo sociofonética refere-se à variação na fala que tem correlação com fatores linguísticos e sociais (idade, sexo, escolaridade, dentre outros). Há evidência de que o léxico mental comporta informações detalhadas, até mesmo as relacionadas à variação sociofonética (PIERREHUMBERT, 2003). Tais informações são fundamentais para a construção fonológica por parte da criança (Tradução nossa).

A literatura sobre o desenvolvimento vocal sugere que os segmentos vocálicos de uma língua são adquiridos muito cedo, tanto na produção quanto na percepção, conforme postulam Locke (1983); Vihmann (1996); Vihmann e Croft (2007); Bates et al. (1999); De Boer (2001). Segundo os autores, o ambiente linguístico da criança influencia desde muito cedo no aprendizado e na qualidade das vogais. Crianças oriundas de ambientes linguísticos diferentes (inglês, francês, árabe e cantonês) começam a diferir quanto à qualidade vocálica aos 10 meses (em média), conforme atestado por Boysson-Bardies et al. (1989). No entanto, em um estudo mais recente sobre a aquisição do sistema vocálico do mandarim, os autores Chen e Kent, (2010) sugeriram que esse processo se desenvolve numa idade mais precoce: aos sete meses.

Lee et al. (1999), em sua pesquisa sobre as vogais do inglês americano com base em amostra de 436 crianças (entre os 5 e os 17 anos) e 56 adultos, verificaram que as diferenças de frequência fundamental, de acordo com o sexo, tornaram-se significativas a partir dos 12 anos de idade, quando se observaram alterações de F0 mais graduais nos informantes do sexo feminino do que nos do sexo masculino. Os valores dos formantes F1 e F2 foram superiores para as crianças quando comparadas com os dos adultos. Os autores sugerem que a distinção entre frequência fundamental e as frequências dos formantes, entre meninos e meninas, se dá em torno dos 11 anos, estando praticamente completa aos 15 anos. Nessa etapa (idade), as alterações nas frequências dos formantes dos sujeitos do sexo masculino são aproximadamente lineares com a idade, sendo que essa tendência linear é menos óbvia nos sujeitos do sexo feminino.

De acordo com Vorperian et al. (1999), as informações sobre as mudanças na fisiologia do trato vocal são de particular importância para a representação formântica das vogais, pois essas configurações mudam conforme a idade do sujeito. Os autores relatam que o comprimento do trato vocal (doravante VTL) aumenta entre 1,5 a 2 cm durante os primeiros dois anos de vida e outros outros centímetros entre as idades de 25 a 36 meses, ainda que as várias estruturas do trato vocal pareçam crescer de forma sincronizada. Na Figura 13, são apresentadas duas imagens simplificadas da medição do trato vocal de dois sujeitos.

Figura 13 – O comprimento do Trato Vocal (VTL)



Fonte: Vorperian e Kent (1999, p. 22).

Na Figura 13 é possível identificar o comprimento do trato vocal (como definido por Vorperian e Kent (1999)) de uma criança e de um adulto do sexo masculino. A imagem da esquerda é a ressonância magnética de um corte sagital de um sujeito do sexo masculino em idade pediátrica de 4:4 (anos: meses), com VTL medindo 11,28 centímetros, e o painel direito é a ressonância magnética de um corte sagital do sujeito do sexo masculino adulto com idade de 54:2 (anos: meses), com VTL de 15,87 cm.

Conforme postulado pelas autoras quanto à produção das vogais, essas diferentes características do trato vocal implicam diferentes frequências de formantes. Vorperian et al. (2007, p. 1.511) complementam que: *the most dramatic effect of the growth and development of the vocal tract on the production of vowels is the formant frequency, which decreases when the vocal tract lengthens*¹¹. Segundo os autores, o comprimento do trato vocal em crianças pequenas é de cerca de 6-8 cm, enquanto que o de mulheres adultas é de 15 cm e em adultos do sexo masculino é de 18 cm, aproximadamente. Verifica-se, portanto, de acordo com as pesquisadoras a importância das variáveis idade cronológica e sexo do falante para a determinação das propriedades acústicas da fala.

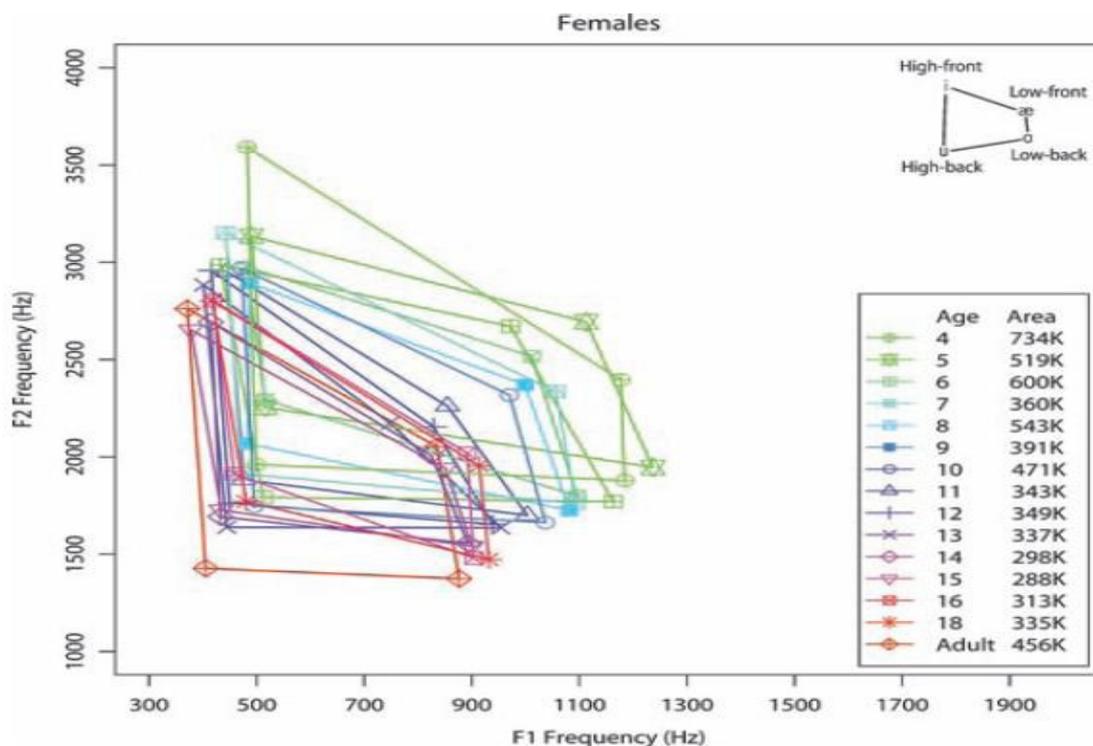
Dessa forma, Vorperian e Kent (2007) argumentam que:

¹¹ o efeito mais dramático do crescimento e desenvolvimento do trato vocal sobre a produção das vogais está na frequência formântica, que diminui quando o trato vocal alonga (VORPERIAN et al., 2007, p. 1.511). (Tradução nossa)

Acoustic measures of children's speech potentially reflect several development processes, including the growth of vocal tract structures (and sex differences in these growth patterns), changes in the relative geometry of the components of the vocal tract, maturation of speech motor control, and convergence on the phonetic patterns of adult speech (VORPERIAN; KENT, p. 36)¹².

A partir de um exame de quatorze estudos sobre a frequência formântica de vogais na fala infantil, Vorperian e Kent (2007) identificaram redução gradual das frequências dos formantes e do espaço de F1-F2 com a idade. Com relação ao sexo, as diferenças começaram a emergir aos 4 anos e se intensificaram, ou seja, tornaram-se mais claras, por volta dos 8 anos. A evolução do quadrilátero F1/F2 para os informantes do sexo feminino/masculino, desde a fase infantil até a adulta, está representada nas Figuras 14 e 15.

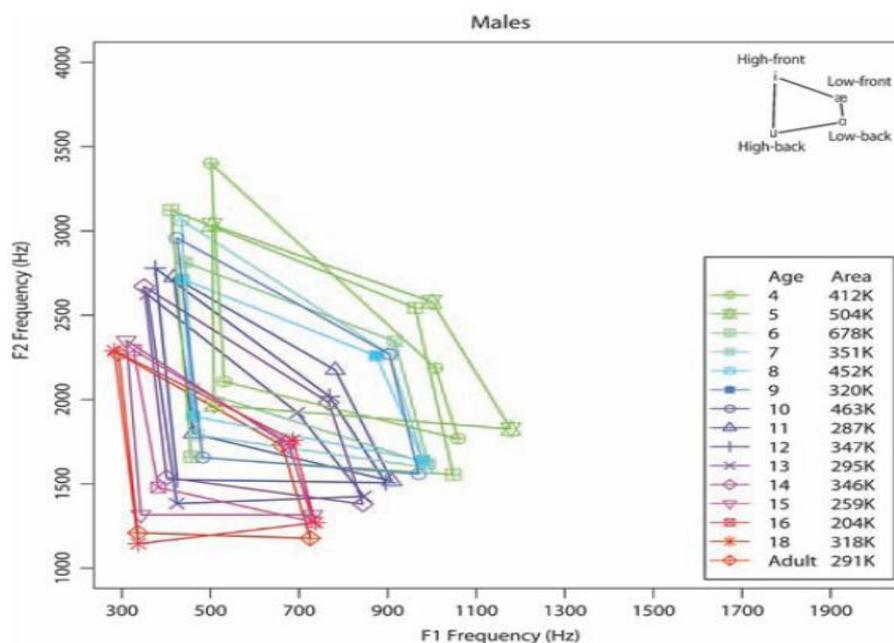
Figura 14 - Espaço F1/F2 para os informantes do sexo feminino dos 4 anos até a idade adulta



Fonte: Vorperian e Kent (2007, p. 1.516).

¹² A medição acústica da fala da criança reflete potencialmente vários processos do desenvolvimento, incluindo o crescimento das estruturas do trato vocal (e as diferenças de sexo nesses padrões de crescimento), mudanças na geometria relativa dos componentes do trato vocal, maturação do controle motor da fala e convergência nos padrões fonéticos da fala do adulto (VORPERIAN; KENT, p 36.). (Tradução nossa)

Figura 15 - Espaço F1/F2 para os informantes do sexo masculino dos 4 anos até a idade adulta



Fonte: Vorperian e Kent (2007, p. 1.516).

De acordo com as autoras, as frequências dos formantes diminuem com o aumento da idade. Assim, as idades entre 5 e 6 anos são consideradas pelas pesquisadoras como responsáveis pelas mudanças acústicas das vocalizações infantis. É nesse período que as mudanças orgânicas e fisiológicas (crescimento da laringe e o controle neuromuscular) começam a influenciar na voz da criança.

A literatura da área aponta que até a puberdade¹³ a laringe apresenta as mesmas dimensões tanto para as meninas quanto para os meninos, por isso, nessa idade, nem sempre é possível distinguir o sexo de uma criança escutando apenas a sua voz, principalmente com relação aos meninos. Tal distinção será acentuada e bem definida a partir da adolescência (início da puberdade).

As diferenças entre a fala masculina e a feminina são em parte o resultado das estruturas anatômicas, como as pregas vocais e o tamanho e comprimento do trato vocal, bem como as características aprendidas na produção da fala como, por exemplo, os contornos entoacionais.

¹³ A puberdade é a fase inicial da adolescência, caracterizada pelas transformações físicas e biológicas no corpo das meninas e meninos. Não há uma idade exata para o início da puberdade, mas a literatura da área indica entre 10 e 13 anos para as meninas e entre 12 e 14 anos para os meninos (definição dada pela OMS – Organização Mundial da Saúde).

Em português, as investigações sobre o comportamento das vogais na fala infantil têm conquistado espaço na área da Fonologia. Diversos autores como Rangel (2002); Bonilha (2004); Matzenauer e Miranda, (2007), (2009); Ferreira-Gonçalves e Brum-de-Paula (2012), (2012a), dentre outros, têm buscado estabelecer a ordem de aquisição desses segmentos, bem como discorrer acerca da ocorrência de processos variáveis nas produções infantis, como a harmonia vocálica e a elevação das vogais médias em posição pretônica. Para tais pesquisadores, as vogais são consideradas segmentos de aquisição precoce (entre 1:7 e 2:0 anos). Bonilha (2004) afirma que “as vogais são os primeiros segmentos adquiridos pela criança, por isso são considerados de aquisição precoce. A vogal /a/ é a primeira a ser adquirida, seguida das vogais /i, u, e, o, ε/. Assim, a autora sugere a idade entre 1:8 e 1:11 (ano: meses) para aquisição de todo sistema vocálico PB.

Rangel (2002), a partir de um estudo transversal-longitudinal com 75 crianças, com idade entre 1:0 e 1:11, e tendo como base a Geometria de Traços proposta por Clements e Hume (1995) e o modelo de Complexidade de Traços proposto por Calabrese (1995), buscou estabelecer o padrão de aquisição das vogais tônicas e definir os estágios e processos a que estão submetidas as vogais na aquisição oral do PB. O Quadro 10 extraído de Rangel (2002, p. 72), ilustra o ordenamento da aquisição do sistema vocálico proposto pela autora.

Quadro 10 – Ordenamento na aquisição do sistema vocálico do PB

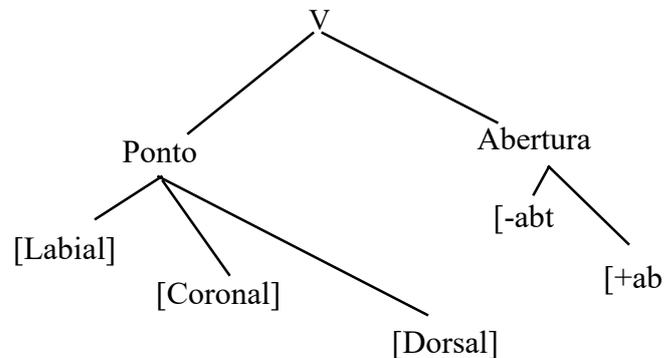
	a	e	ε	i	o	ɔ	u
1:1							
1:2							
1;3							
1:4							
1:5							
1:6							
1:7							
1:8							
1:9							
1:10							
1:11							

Fonte: Rangel (2002, 72).

Observa-se que a vogal baixa /a/ foi a primeira a ser adquirida pelas crianças, seguida das vogais altas /i/ e /u/. As vogais médias altas foram as segundas a emergirem no sistema das crianças e, por último, as vogais médias baixas /ε, ɔ/. De acordo com Rangel (2002), a criança vai adquirindo

os segmentos vocálicos gradualmente, conforme ilustrado em (a), (b) e (c) a seguir, a partir do modelo Geométrico de Traços.

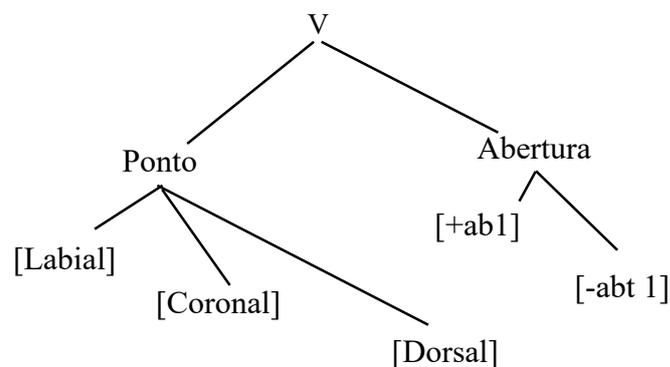
(a) 1º estágio: /a, i, u /



De acordo com (a), no primeiro estágio, os traços [labial], [coronal] e [dorsal] são associados ao Nó Ponto de V, e há a associação dos traços [+aberto 1] e [-aberto 1] ao Nó de Abertura, fazendo emergir os segmentos /a, i, u/. Com base no Quadro 10 acima, esse estágio corresponde à idade entre 1:0 e 1:2 (meses:anos).

No segundo estágio, há associação do traço de abertura [+aberto 2], emergindo assim as vogais médias altas /e, o/. De acordo com a autora, esse estágio, que engloba as idades entre 1:2 e 1:7, é formado pelo conjunto das cinco vogais, a saber, /a, i, u, e, o/. Conforme Matzenauer (2009), esse estágio é semelhante para todas as línguas como representado em (b).

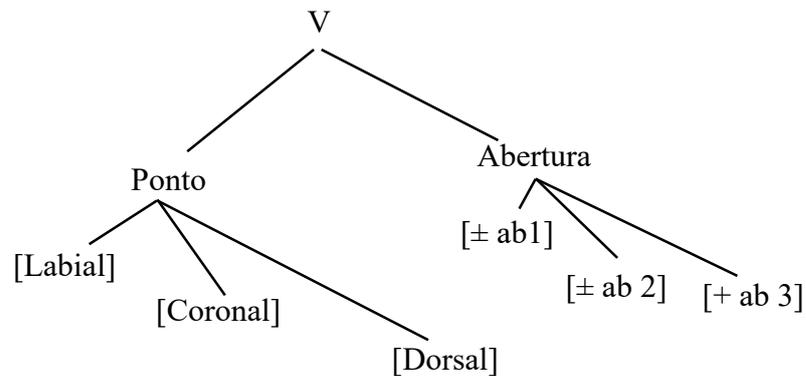
(b) 2º estágio: /a, i, u, e, o /



Como se pode observar em (c), no terceiro estágio, que engloba entre 1:8 e 1:11, há a integração do traço de abertura [+ab 3], possibilitando a emergência das vogais médias baixas /ε, ɔ/, as quais, de acordo com Rangel (2002), são as últimas a integrarem o sistema vocálico infantil.

Segundo Gonçalves (2011), é neste estágio que se dá a distinção entre as duas séries de vogais médias. Embora haja diferenças individuais, considera-se que a partir da idade 1:9 o sistema vocálico já está estabelecido na fala infantil.

(c) 3º estágio: /a, i, u, e, o, ε, ɔ /



O estudo de Rangel (2002), embora seguindo uma perspectiva inatista de aquisição, apresenta argumentos para a afirmação de que o desenvolvimento do sistema vocálico infantil é um processo gradual e não-linear. Assim, conforme a autora, a preferência por determinado segmento, preferência por palavras e o uso de estratégias de reparo são alguns dos fatores que poderão influenciar no comportamento das vogais.

Embora estudos mencionados nesta seção tenham apresentado resultados relevantes em relação à aquisição do sistema vocálico, algumas questões importantes ainda não foram contempladas. Por exemplo, os estudos ainda não lançaram luz sobre o papel da variação socialmente condicionada na aquisição do sistema vocálico infantil. Outra questão ainda por resolver é se a variação sociolinguística atestada na fala do adulto é semelhante à encontrada na fala da criança; de forma mais específica, se as vogais médias se comportam de forma diferenciada na fala adulta e na fala infantil e a partir de que idade essa variação começa a aparecer. Tais questões serão discutidas no presente trabalho.

Na próxima seção, apresentaremos os estudos sobre o comportamento das vogais médias átonas na pauta postônica final nos dados de fala infantil.

3.2.1.1 O comportamento das vogais médias átonas na aquisição do PB

Estudo realizado por Kickhofel et al.(2003) com 114 crianças residentes em Pelotas e Porto Alegre - RS, com idade entre 1:3 e 3:7 (anos: meses), residentes nas cidades de Pelotas e Porto Alegre

(RS), comprovaram que as crianças em fase de aquisição fonológica realizam as vogais médias átonas /e, o/, sendo que a vogal /o/ ocorre com maior frequência. Salienta-se que para esse estudo os autores tomaram como base o estudo de Vieira (1994, 2002), que analisou dados da fala adulta do banco Varsul, já discutido neste trabalho (ver Capítulo 4, seção 4.3).

Os resultados desse estudo apontaram que, embora os cuidadores (input) dessas crianças apliquem categoricamente a elevação das vogais átonas finais, seus *outputs* contêm vogais médias nessa posição. Os autores notaram que as ocorrências dessas vogais acontecem principalmente quando as crianças falam mais pausadamente. Do total de 114 crianças, 20 (17,5%) apresentaram uma ou mais ocorrências das vogais médias átonas finais.

Nesse estudo, apesar de as ocorrências das vogais não serem evidenciadas de forma detalhada, constatou-se que as crianças gaúchas das cidades de Pelotas/Porto Alegre têm em seus sistemas cinco vogais postônicas finais, conforme o apontado por Vieira (1994) para a fala adulta, ou seja, apresentam as vogais /e/ e /o/ em sua representação fonológica no que concerne à pauta postônica final: (...) *acreditamos que a representação subjacente que as crianças têm dos itens lexicais da língua contêm vogais médias átonas finais (...) as quais tendem a elevar-se* (KICKHOFEL et al, 2003).

De acordo com Vieira (1994), os falantes do Rio Grande do Sul que pertencem às zonas de colonização italiana e alemã (Flores da Cunha, Panambi, São Borja) não confirmam a pauta postônica final de três vogais / a, i, u/ proposta por Câmara Jr. (1970). Em relação a Porto Alegre, por outro lado, a autora comprovou que a aplicação do alçamento da vogal /o/ é de 97% (VIEIRA, 2002). Com base em uma perspectiva emergentista de aquisição da linguagem, esperar-se-ia, portanto, que crianças de Pelotas e Porto Alegre produzissem vogais postônicas com base no input, ou seja, fundamentalmente com o sistema neutralizado constituído por três vogais.

Na mesma linha do estudo anterior, Rangel (2007) analisou o comportamento das vogais médias átonas finais com base no processo de substituição, emprego de um segmento no lugar de outro, na fala de crianças com idade entre 1:0 e 1:11 da cidade de Pelotas. A pesquisadora constatou que na fala desses sujeitos, pelos resultados apresentados, tais realizações em posição postônica final não são categóricas, embora estejam a caminho de tal processo, já que os resultados comprovaram que o alçamento é um processo que apresenta aplicação alta tanto para vogal /e/, quanto para a vogal /o/.

Com base nesses resultados, a pesquisadora defende que há uma pauta vocálica postônica constituída de cinco vogais (/a, e, i, o, u/) para as crianças a partir da idade de 1:6 e uma pauta vocálica postônica de três até a idade de 1:5.

Na verdade, tais evidências mostram que a criança, no processo de aquisição de estruturas do componente fonológico, é capaz de perceber, precocemente, o valor distintivo de alguns traços, o que explicaria, de acordo com a perspectiva autosssegmental, o processo de neutralização. Os exemplos em (a) a seguir, extraídos de amostras transversais e longitudinais de Rangel (2007, p. 113), mostram as produções de diferentes crianças no emprego de /e/ e /o/ em contextos nos quais a neutralização poderia ser aplicada e, conforme a autora, não o foi.

(a)

	Corpus transversal	Idade	Corpus longitudinal
1:4	não houve produção de ocorrências	1:4	[‘uso], [‘kɛrɔ], [iʃɔ], [Ko’eyɔ]
1:5	não houve produção de ocorrências	1:5	[‘KaRɔ], [ku’elo]
1:6	[‘ʒɛte], [‘kɛte], [‘besɔ], [ta’pete], [‘save]	1:6	[‘milo]
1:7	[nene’ziɲɔ], [‘oto], [‘patɔ], [‘dɛte]	1:7	[‘bolo], [pe’pino], [‘uso], [‘bade]
1:8	[‘lebo], [de’dʒiɲɔ], [‘vamo], [‘pɛte]	1:8	[me’nino], [‘save], [pasa’iɲɔ], [‘ʃave]
1:9	[‘petɔ], [‘bolo], [kɔ’iɲɔ], [‘abe]	1:9	[‘suko], [‘ovo], [‘oto]
1:10	[‘kuko], [‘patɔ], [‘lejte]	1:10	[pe’pino], [‘abe], [‘bako]
1:11	[‘petɔ], [‘iso], [‘kaRɔ], [‘kete], [me’nino]	1:11	[‘vede], [‘dele], [‘kɛlo], [‘ovo]

Fonte: Rangel (2007, p. 113)

Esclarece-se que nessa pesquisa foram realizados dois tipos de estudo, um para dados longitudinais e outro para dados transversais. A primeira coluna refere-se aos dados transversais de crianças com idade entre 1:4 e 1:11 (ano: meses) e a segunda coluna, aos dados longitudinais de crianças também com idade entre 1:4 e 1:11. De acordo com a autora, as formas produzidas pelas crianças são indícios de que as vogais /e/ e /o/ já estariam presentes na forma subjacente: “as crianças sabem quando aplicar a regra que neutraliza as vogais, pois não aplicam a regra às posições tônicas

como em [‘vedʒi] e [‘bolu]” (RANGEL, 2007, p. 113), já que esse estudo não apresentou nenhum caso de substituição para as vogais tônicas. A referida justificativa, no entanto, é insuficiente sob uma perspectiva emergentista, afinal, por que razão, tendo por base o input do adulto, crianças pelotenses e porto alegrenses aplicariam uma regra de elevação das vogais médias em posição tônica?

A autora defende que a criança possua duas hipóteses iniciais para aquisição do sistema vocálico postônico final. A primeira hipótese, que ocorre no início da aquisição do sistema vocálico da criança, é a de que na pauta postônica final só ocorram as vogais /a, i, u/. Num segundo momento, a criança dá-se conta de que essa hipótese não é adequada à gramática de sua língua e, em um nível de processamento mental mais avançado, passa a ter *amadurecimento perceptivo* (RANGEL, 2002, p. 133) sobre outras vogais que podem emergir em tal posição, como [e] e [o]. Assim, segundo a autora, pode-se dizer que a criança acrescenta a regra de neutralização à forma subjacente reestruturada a partir da idade de 1:6 para o estudo transversal e de 1:4 para o longitudinal.

Como se pode notar, as vogais médias átonas finais apresentam comportamentos diferenciados na fala infantil. De acordo com os modelos tradicionais, esse comportamento tem sido tratado com o emprego de um segmento no lugar de outro (processo fonológico), condicionado, unicamente, por fatores linguísticos (contexto fonológico, posição na sílaba, traços). Além disso, o desenvolvimento fonológico é concebido como regular e sistemático. Assim, quando a criança produz a forma [‘bolo] como [‘bolu], considera-se a aplicação de um processo fonológico (substituição de segmentos), cuja forma alvo, isto é, o modelo que a criança deveria atingir seria, unicamente, [bolu]. Por outro lado, o alvo adulto pode apresentar formas variáveis: [‘bolo] ~ [‘bolu]. Se a variabilidade faz parte do *input* que a criança recebe, ela também deve fazer parte da aquisição da linguagem. Se a variação e a mudança são características inerentes a toda comunicação humana, também devem integrar o processo de aquisição do sistema vocálico infantil, pois a língua que a criança aprende faz parte de uma construção social.

Como se pode notar, pesquisas reportam que as vogais médias átonas finais apresentam comportamentos diferenciados na fala infantil. De acordo com os modelos tradicionais, esse comportamento tem sido tratado com o emprego de um segmento no lugar de outro (processo fonológico), condicionado, unicamente, por fatores linguísticos (contexto fonológico, posição na sílaba, traços). A constatação de produções, ainda que esparsas, de vogais médias na posição átona final têm servido como evidência para uma pauta postônica constituída por cinco vogais, com a inclusão das médias na forma subjacente.

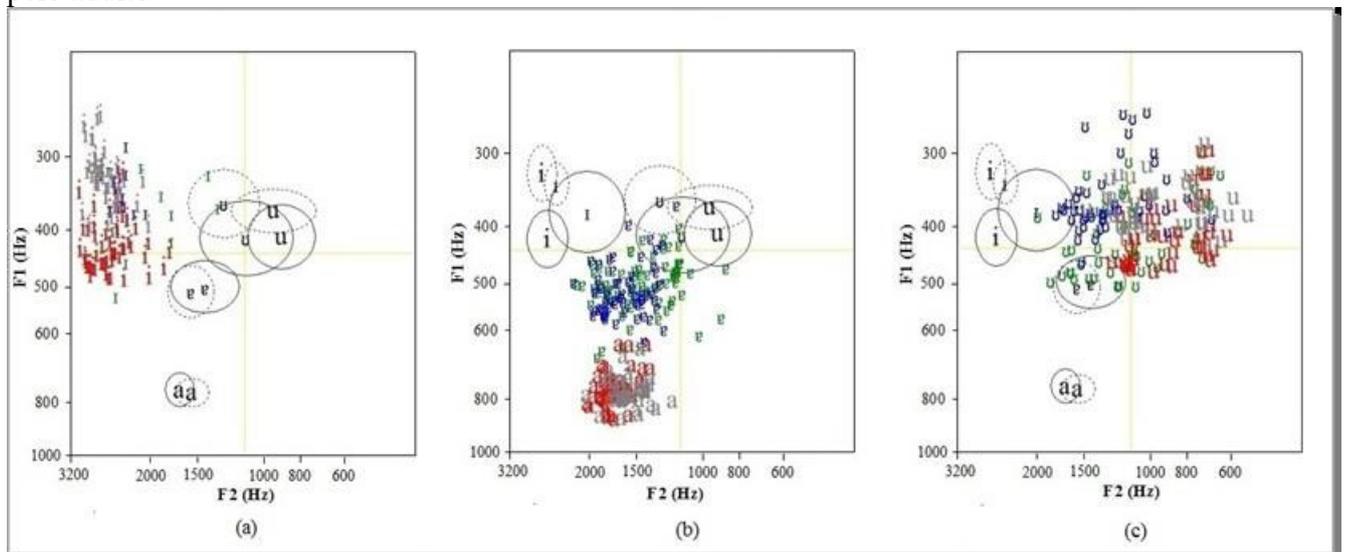
A partir de uma faixa etária mais avançada, Dias e Seara (2013) apresentam uma análise sobre a redução e o apagamento das vogais postônicas finais nos dados de fala de três informantes: duas crianças com idade de 6 anos e um adulto com idade de 29 anos. O objetivo desse estudo é encontrar, em dados acústicos, evidências para realização do fenômeno do alçamento vocálico das postônicas finais em crianças e relacioná-las com as mudanças de aspectos fisiológicos referentes à idade. A partir de um *corpus* de 122 vocábulos, foram contabilizadas um total geral de 551 ocorrências entre vogais tônicas ([i, a, u]) e átonas finais ([ɪ, ɐ, ʊ]), divididas em 302 dados para amostra crianças e 249 dados para amostra adulto. As variáveis consideradas para a análise foram: a) dependentes: duração absoluta, duração relativa, frequência de F1 e frequência de F2; b) independentes: grupo de participantes (crianças e adultos) e tonicidade (posição tônica e átona final).

A fim de atingir tais objetivos as autoras observaram os valores médios e o coeficiente de variação dos dados de ambas as amostras e, em seguida, aplicaram os testes (Teste Mann-Whitney e Wilcoxon) com o intuito de verificarem se as diferenças entre informantes crianças e adultos eram relevantes.

Com relação aos resultados, primeiramente foi realizada uma análise quantitativa dos dados, levando em conta os parâmetros acústicos de duração e frequências formânticas (F1 e F2) das vogais e, na sequência, foram analisados qualitativamente os casos de apagamento.

Os gráficos (a), (b) e (c) da Figura 16 a seguir exibem os valores médios de duração absoluta e relativa, referentes às vogais tônicas e átonas finais produzidas pelos grupos das crianças e do adulto.

Figura 16 – Gráficos de dispersão dos valores de F1 e F2 das vogais produzidas pelas crianças e pelo adulto



Fonte: Dias e Seara (2013, p. 85).

Com relação às vogais átonas finais, observa-se nos gráficos (a), (b) e (c) da Figura 16 que as produções das vogais átonas [ɪ], [ɐ] e [ʊ] tendem a centralizar-se, aproximando-se uma das outras e sobrepondo-se em alguns dados. Essa ocorrência acontece tanto nos dados das crianças (em vermelho e verde) quanto nos do adulto (em azul). Com relação à disposição da realização das vogais tônicas, tanto as crianças quanto o adulto não apresentaram casos de sobreposição, mostrando maior concentração de seus valores frequenciais, conforme apontado pelas autoras.

Desse modo, Dias e Seara (2013) concluem que o alçamento das vogais médias átonas finais tanto na fala infantil quanto na do adulto apresentam características em comum, a saber: maior dispersão das vogais, principalmente das vogais altas, e centralização do espaço acústico. No que se refere à idade, parte dos resultados apontou diminuição dos valores de frequência formântica, resultado que, segundo as autoras, corroboram parcialmente os já apontados em outros estudos (ANDRADE, 2009; CUNHA, 2011) e que indicaram diminuição com o avanço da idade.

3.3 Síntese do Capítulo

Primeiramente, foram expostas considerações teóricas acerca da aquisição da linguagem sob a perspectiva formalista (Gerativismo) e sob a perspectiva emergentista/funcionalista (Teoria Baseada no Uso). O Gerativismo chomskyano argumenta que a criança nasce com uma capacidade inata para linguagem, o que faz com que ela seja capaz de aprender a falar qualquer língua a que seja exposta. Para tal proposta, o input que a criança recebe é considerado pobre e degenerado, tendo papel mínimo no processo de aquisição.

A abordagem baseada no uso postula (TOMASELLO, 2003) que a aquisição da linguagem está integrada a outras habilidades cognitivas e sociais. Tal proposta considera que a criança aprende a linguagem através do uso e que a experiência tem um impacto na representação mental. Com base nas considerações tratadas nessa seção sobre o papel do input, ficou claro que a fala da mãe (cuidador principal) exerce um papel fundamental para o desenvolvimento linguístico das crianças, tanto no que se refere ao aumento do vocabulário quanto aos aspectos relacionados aos componentes da língua (fonologia, semântica, sintaxe, morfologia, pragmática).

A descrição da segunda parte centrou-se basicamente nos aspectos relacionados à aquisição do sistema vocálico. Foram discutidos vários aspectos relacionados à aquisição da fonologia da criança e seus estágios de desenvolvimento linguístico. Na sequência, foram revisados os estudos sobre as vogais, com ênfase no sistema postônico final. Vimos que as vogais são segmentos de

aquisição precoce e que tanto o sistema tônico quanto o postônico são adquiridos precocemente pela criança.

Com base nas discussões realizadas nesse capítulo, especialmente com relação à proposta da Teoria Baseada no Uso (TOMASELLO, 1999, 2003) e nos resultados dos estudos sobre as vogais postônicas finais, é que nos propomos analisar o alçamento na aquisição da variação na fala gaúcha.

4 A TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ALÇAMENTO VARIÁVEL DA VOGAL ÁTONA FINAL

Neste capítulo, apresenta-se a fundamentação teórico-metodológica adotada para a análise dos dados desta pesquisa: a Teoria da Variação Linguística, modelo que tem como princípio a existência de uma ciência da linguagem social. Dessa forma, em 4.1, destacam-se os pontos centrais do modelo; em 4.2, examina-se a variação sociolinguística em dados de aquisição da linguagem. Em 4.3, por fim, faz-se referência aos principais estudos realizados no Sul do Brasil, especialmente no Estado do Rio Grande do Sul, sobre o fenômeno do alçamento das vogais médias átonas finais na fala adulta, cujos resultados servem de base para a proposição das variáveis linguísticas e sociais que se analisam no presente estudo.

4.1 Pressupostos Teórico-Metodológicos

A Teoria da Variação (ou Sociolinguística Quantitativa), proposta por William Labov em 1972, tem como objeto de estudo a variação da língua no contexto social de uma determinada comunidade de fala. Esse modelo coloca em discussão a concepção (formalista) adotada pelos gerativistas, para quem a língua seria um sistema homogêneo, uniforme e estático, ao contrapor a relação língua/homogeneidade e ao incorporar a noção de variação sistemática motivada por pressões sociais que “continuamente operam sobre a língua” (LABOV, 1972, p.3).

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968), é na heterogeneidade ordenada, característica das línguas, que se há de buscar explicações para os processos que resultam na mudança linguística. Para isso, faz-se necessário descrever e analisar a língua do indivíduo na comunidade em situação real de fala. Com base nessas considerações, dois princípios básicos norteiam o estudo da língua à luz dessa perspectiva: 1) a estrutura linguística deixa de ser identificada como homogênea e passa a ser concebida como heterogênea e estruturada; 2) as gramáticas nas quais as mudanças ocorrem representam as gramáticas da comunidade de fala, entendida por Labov (1972, p.158) como um grupo de pessoas que compartilham um mesmo sistema normativo de valores na interpretação dos fenômenos linguísticos, bem como as mesmas normas e atitudes diante do uso da linguagem.

Segundo Guy (2001), são características da comunidade de fala o compartilhamento de palavras, sons ou construções gramaticais que são usadas na comunidade; a densidade de comunicação interna relativamente alta, já que as pessoas, normalmente, falam mais com as que pertencem ao mesmo grupo (igreja, estudantes, jogadores, profissionais) do que com aquelas que não o integram; e as normas compartilhadas, isto é, as atitudes em comum sobre o uso da língua, as normas comuns sobre a direção da variação estilística e as avaliações sociais similares sobre variáveis linguísticas.

Ao trabalhar com o conceito de comunidade de fala, a Sociolinguística procura estabelecer quais características um grupo de falantes compartilha para, então, embasar pesquisas e correlacionar fatores atuantes na variação e na mudança da língua. Com isso, busca definir as semelhanças e as diferenças linguísticas de um determinado grupo social. Ademais, investiga a razão pela qual certos grupos de falantes compartilham traços linguísticos que os distinguem de outros grupos, voltando-se ao exame da língua em situação real de fala, ou seja, ao vernáculo, propriedade da comunidade e não do indivíduo.

Segundo Tarallo (1994, p.19), o vernáculo é “o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face”. É, pois, do falar vernacular que se extraem as variáveis linguísticas, entendidas como escolhas entre duas ou mais variantes distintas, mas linguisticamente equivalentes. Dentre as propriedades consideradas essenciais para a caracterização de uma variável linguística, Labov (1972) sugere quatro, a saber:

First, we want an item that is frequent, which occurs so often in the course of undirected natural conversation that its behavior can be charted from unstructured contexts and brief interviews. Secondly, it should be structural: the more the item is integrated into a larger system of functioning units, the greater will be the intrinsic linguistic interest of our study. Third, the distribution of the feature should be highly stratified: that is, our preliminary explorations should suggest an asymmetric distribution over a wide range of age levels or other ordered strata of society. [...] On the one hand, we would like the feature to be salient, for us as well as for the speaker, in order to study the direct relations of social attitudes and language behavior. But on the other hand, we value immunity from conscious distortion, which greatly simplifies the problem of reliability of the data (LABOV, 1972, p.8)¹⁴.

¹⁴ Primeiramente, queremos um item que seja frequente, o qual ocorra tão frequentemente no curso da conversação natural indireta que seu comportamento possa ser traçado em contextos desestruturados e em entrevistas breves. Em segundo lugar, o item deve ser estrutural: quanto mais o item estiver integrado a um sistema maior de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico intrínseco de nosso estudo. Em terceiro lugar, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada: ou seja, nossas explorações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica sobre uma ampla gama de faixas etárias ou outro estrato ordenado da sociedade. [...] Por um lado, gostaríamos que o traço fosse saliente, tanto para nós quanto para o falante, a fim de estudar as relações diretas de atitudes sociais e de comportamento linguístico. Mas, por outro lado, valorizamos a isenção oriunda de distorção consciente, a qual simplifica muito o problema da confiabilidade dos dados (Tradução nossa).

Os primeiros trabalhos variacionistas dedicaram-se às variáveis gramaticais (fonológicas e morfológicas) a partir da noção de regra variável (LABOV, 1969). Esse conceito redefiniu e, de certo modo, expandiu a noção de opcionalidade da Fonologia Gerativa, ao incluir restrições linguísticas e sofrer o efeito, na expressão dos valores de suas frequências relativas, das restrições sociais. Segundo Camacho (2013), a proposta incorporou, posteriormente, os efeitos dos parâmetros extralinguísticos envolvidos na realização da variável, valorizando, assim, as motivações presentes na comunidade de fala.

Fasold (1991), no entanto, afirma que a noção de regra variável como parte da teoria linguística foi, aos poucos, sendo abandonada, devido, provavelmente, (i) à compreensão de que era problemática a explanação das motivações linguísticas e sociais referentes às frequências expressas pelas regras variáveis e (ii) à incompatibilidade entre teorias que explicam estrutura linguística e teorias que tratam do uso da língua. De acordo com Hazen (2007, p.77), tal fato não causou prejuízo ao campo sociolinguístico, já que a avaliação quantitativa da variação linguística diacrônica e sincrônica foi mantida.

Independentemente do fato de os condicionadores serem linguísticos ou sociais, a premissa fundamental do modelo variacionista permaneceu a mesma: a distribuição das formas em variação do fenômeno linguístico variável que se deseja analisar (variável dependente) pode relacionar-se com categorias linguísticas e sociais (variáveis independentes) que são manipuladas na investigação e cujos efeitos se pretende avaliar (FIELD, 2009).

Para a condução da análise sociolinguística que segue o modelo apresentado, é necessário o levantamento de um número representativo de ocorrências do fenômeno analisado, por meio da interação direta ou indireta entre o pesquisador e os membros da comunidade. Nesse sentido, Labov (1972) salienta os cuidados que o sociolinguista tem de tomar ao lidar com os recursos tecnológicos para a gravação, uma vez que, quando o falante sabe que está sendo observado, tende a produzir um estilo de fala mais formal.

Nesse momento, segundo Labov (1972, 2008), instaura-se o *paradoxo do observador*, pois “o objetivo da pesquisa sociolinguística na comunidade de fala deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas, no entanto só podemos obter esses dados através da observação sistemática” (LABOV, 2008, p.244). Para amenizar o problema, o autor sugere que o pesquisador elabore um roteiro de perguntas e que, em momentos oportunos, induza o falante a relatar suas experiências pessoais (infância, cotidiano, situação de perigo, histórias de vida), haja vista que esse

tipo de abordagem propicia ao falante voltar-se mais para o fato narrado do que para o próprio discurso.

A Teoria da Variação legou à Linguística a certeza de que a variação é inerente ao comportamento social de qualquer ser humano (adulto e criança), tanto sincronicamente como diacronicamente. Toda mudança passa por etapas de variação, embora nem toda variação produza mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Na fase da aquisição da linguagem, não deve ser diferente, pois o *input* a que a criança é exposta também sofre variação. Os estudos iniciais sobre a aquisição da variação sociolinguística são discutidos na próxima seção.

4.2 Aquisição da Variação Sociolinguística

A variação faz parte do comportamento social de qualquer ser humano, seja em termos sincrônicos, seja em termos diacrônicos. A sociedade muda constantemente, assim como as gerações. Com a língua, um fenômeno social, não é diferente. A sua evolução não ocorre mediante etapas isoladas do contexto social. Toda mudança passa por etapas de variação, embora nem toda variação acarrete mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). A etapa de aquisição da linguagem não difere, visto que o *input* recebido pela criança sujeita-se à variação.

Desse modo, ao incorporar a fala local, a criança também incorpora as características de sua identidade social. Além do contexto social a que a criança pertence, e que lhe impõe algumas normas de comportamento, outros importantes fatores sociais (idade, sexo, escolaridade) exercem um efeito tácito sobre o seu modo de falar.

Locke (1983, p.116) comenta:

It is clear that sound change ultimately involves both children and adults, and that many of the historically confirmed cases of phonological change are remarkably like the transient developmental changes of childhood. But [...] relatively little is known about relative contributions to sound change of children and adults [...] My own view is that the child is both an agent of sound change and a victim of sound change...¹⁵.

Diversos pesquisadores (INGRAM, 1989; STOEL-GAMMON; CAROL, 1992; VIHMAN, 1996; 2005; CHAMBERS, 1995; ROBERTS, 1997; 2002; dentre outros) têm apontado variações no

¹⁵ Está claro que a mudança sonora, em última análise, envolve crianças e adultos, e que muitos dos casos historicamente confirmados de mudança fonológica são notavelmente como as alterações transitórias de desenvolvimento da infância. Mas... sabe-se relativamente pouco sobre as contribuições relativas à mudança sonora de crianças e adultos... A minha opinião é que a criança é tanto um agente da mudança sonora quanto uma vítima dessa mudança... (Tradução nossa).

decorrer das etapas de aquisição da linguagem que podem ser consideradas sob dois pontos: de vista. O primeiro refere-se à variabilidade individual, que pode ocorrer tanto em relação à idade quanto aos caminhos percorridos e às estratégias de reparo utilizadas para se alcançar o sistema-alvo. O segundo refere-se à variabilidade socialmente estruturada, que pode ocorrer por influência de fatores linguísticos e sociais.

Stoel-Gammon e Dum (1985, p.50) confirmam que as estratégias fonológicas permitem à criança organizar e simplificar o complexo sistema fonológico que está sendo adquirido. Segundo as autoras, o uso de estratégias parece ajudar a criança, aprendiz da linguagem, a lidar com as dificuldades do sistema fonológico. Dessa forma, a função das estratégias é simplificar as representações subjacentes e o armazenamento do léxico da criança, que se desenvolve de forma acelerada (STOEL-GAMMON et al.,1995).

Lamprecht (2004, p.28) afirma que a expressão *estratégia de reparo* refere-se a estratégias adotadas pelas crianças para adequar a realização do sistema-alvo (a língua falada pelos adultos do seu contexto social) ao seu sistema fonológico, ou seja, refere-se àquilo que as crianças realizam em lugar do segmento ou da estrutura da sílaba que ainda não conhecem ou cuja produção não dominam.

As estratégias de reparo, segundo a autora, são aplicadas de modo a preservar o maior número de características possíveis das vogais. Foi observado em seu estudo que a criança emprega algumas estratégias, referidas também em Rangel (2002, 2007), como, por exemplo, o emprego de [ɛ] por [e] (leite → [ˈlɛtʃi]) e o emprego de [i] por [e] (nenê → [ˈnine]). Essas adequações (estratégias) do sistema fonológico da língua às possibilidades de produção das crianças, com idades entre 1:0 e 4:0 anos, são consideradas naturais e de curta duração.

Na verdade, desde o início das primeiras palavras (por volta dos 16-18 meses), as crianças produzem diferentes formas que remetem ao mesmo referente. Essa variação que se desenvolve precocemente, no entanto, distingue-se da variação sociolinguística que leva em conta a correlação dos fatores linguísticos (contextos fonológicos) e sociais (idade, sexo, local de residência, escolaridade). Para Chambers (1995), a variação fonética é parte integrante do sistema linguístico infantil e pode ou não levar à mudança linguística. Há evidências de que as crianças produzem

contrastes entre sons, utilizando distinções fonéticas que podem ou não ser comparáveis às utilizadas pelo falante adulto. Algumas dessas distinções podem ser mais perceptíveis do que outras.¹⁶

A partir dos estudos sobre a aquisição da variação socialmente condicionada, intensificados nos últimos anos, o conceito que existia acerca da variação linguística na fala da criança começou a mudar. Passou-se a observar a variação não mais como uma estratégia de aprendizado ou fonte de ruído indesejado, mas como um processo fonético-fonológico que sofre influência de fatores linguísticos e sociais. Destacam-se aqui, dentre outros, os trabalhos de Fischer (1958), Roberts (1997, 1999), Eckert (2000), Foulkes e Docherty (1999, 2002), Foulkes, Docherty e Watt (2005), que fornecem uma visão inicial dos estudos sobre aquisição da linguagem descritos sobre o prisma da variação sociolinguística.

Tais estudos têm sugerido que alguns aspectos da variação estruturada encontrada na fala do adulto são evidentes na fala das crianças desde o início da aquisição da linguagem. Dessa forma, Foulkes e Docherty (2002, p.26) afirmam que nenhuma expressão natural do ser humano dispõe de informação sem a indexação de algum fator social. Assim como na fala do adulto, a variação na fala infantil é condicionada por fatores linguísticos e sociais. De fato, a idade, a participação do cuidador e o tipo de variável em estudo têm um impacto sobre como e quando a variação estruturada é adquirida. De acordo com Chambers (1995), não há separação entre aquisição e variação, já que quando a criança adquire a linguagem também adquire as variedades locais e as normas de uso de sua comunidade de fala. O desenvolvimento da competência sociolinguística desenvolve-se, portanto, muito cedo.

Foulkes (2001), em conformidade com Chambers, afirma que as crianças desenvolvem o seu conhecimento fonológico, pelo menos em parte, por meio da interpretação da substância fonética do ambiente em que estão inseridas. Nesse sentido, o autor afirma que:

[...] as a result, we would expect to find some evidence of sociolinguistically-conditioned variable forms in children's speech production, since they will not know a priori that there is any difference between these and other systematic aspects of realization¹⁷.

¹⁶ Na verdade, esses contrastes são classificados na literatura da área como *encobertos* (*covert contrast*), uma expressão usada para categorizar os contrastes fônicos imperceptíveis auditivamente, mas detectáveis acústica e articulatoriamente (SCOBIE et al., 2000, 2009) - (Tradução nossa).

¹⁷ [...] como resultado, nós esperaríamos encontrar alguma evidência de formas variáveis sociolinguisticamente condicionadas na produção da fala das crianças, uma vez que elas não vão saber a priori que não há qualquer diferença entre esses e outros aspectos sistemáticos de realização (Tradução nossa).

Distinguir uma estrutura invariante fonológica de uma variante sociolinguística é, provavelmente, uma das tarefas que as crianças têm de desempenhar no processo de aquisição. Há evidências de que desde o início do período aquisitivo, já aconteça alguma manifestação dos condicionadores sociais na fala da criança, conforme argumentam os autores Munson, Edwards e Beckman (2005).

Understanding the acquisition of sociophonetic variation is important for at least two related reasons. First, learning the form-meaning mappings for social variants provides an additional level of complexity to the task of phonological acquisition. Given that lexical learning is one source of the richly-articulated hierarchy of multiple levels of category formation in regular phonological development, we would predict that sociophonetic learning might drive the development of an additional level of categorization of sounds. (MUNSON, EDWARDS e BECKMAN, 2005, p.34)

Dessa forma, considera-se importante o estudo da variação no período aquisitivo, pois por meio da fala das crianças é possível buscar respostas para algumas questões referentes à variação e mudança linguística, uma vez que os alicerces do padrão da fala dos adolescentes, dos jovens e dos adultos são aprendidos na infância pela influência do *input*.

O estudo pioneiro sobre os padrões variáveis na fala infantil, intitulado *Influências sociais na escolha de variantes linguísticas*, foi proposto por Fischer (1958). Nessa pesquisa, foi investigado o uso de *-ing*, o sufixo formador do gerúndio na língua inglesa (ex.: *walking, talking*), na fala de 24 crianças, com idades entre 3:0 e 10 anos, de uma pequena comunidade rural da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos. Nesse estudo, os sujeitos não foram divididos por faixa etária, por isso, não foi possível saber se as crianças mais novas aplicaram a variação na mesma medida que as mais velhas. No entanto, de modo geral, o autor postulou que o uso de qualquer variante padrão (*-ing*) ou não-padrão (*-in*) está correlacionada com os fatores sociais (sexo, classe socioeconômica, estilo de fala e escolaridade). Os resultados indicaram que a variante considerada padrão (*-ing*) foi usada mais frequentemente por meninas do que por meninos. De acordo com o autor, não é aleatório o fato de que meninas escolham a pronúncia velar do sufixo mais frequentemente: é uma questão de valorização social. Dessa forma, ficou constatado, nesse estudo, que a forma de prestígio tende a predominar na fala feminina.

No que se refere à variação estilística, o autor observou o comportamento de um menino de dez anos de idade. O pesquisador constatou que, em uma situação formal de testes, o menino usou quase exclusivamente [*-ing*]. Por outro lado, a forma [*-in*] foi usada com maior frequência em uma entrevista menos formal.

Outro estudo importante é o de Labov (1964), que sugeriu o modelo de desenvolvimento sobre a dinâmica da aquisição do inglês padrão e das suas variedades. Com o propósito de observar o desenvolvimento das normas sociolinguísticas adultas em falantes jovens de Nova Iorque, Labov (1964) comparou o desempenho sociolinguístico de 58 crianças e adolescentes, com idades entre 8 e 19 anos, com o de adultos. Nesse estudo, o desempenho sociolinguístico da fala adulta e da infantil foi estimado de acordo com um índice proposto pelo autor, englobando tanto a *produção* quanto a *avaliação* das variáveis fonológicas em palavras como *think* e *thing*, bem como o apagamento do /r/ em posição final de palavra e na posição pré-consonantal (por exemplo, *car*, *fourth*), respectivamente. O autor observou que, com o avanço da idade, as crianças aproximam-se das normas de uso dos adultos. Com base em tais resultados, Labov (1964, p.91-93) propôs um modelo de desenvolvimento para a aquisição do inglês padrão que engloba seis estágios. O modelo oferece uma visão geral do desenvolvimento da competência sociolinguística na área de estudos variacionistas.

A fim de seguir os objetivos delineados para este estudo, detalham-se, a seguir, as primeiras quatro etapas correspondentes à infância e à adolescência:

1ª Fase: **Gramática básica** (até os 5 anos) - Essa etapa corresponde ao domínio das principais regras gramaticais e do léxico do inglês falado. Segundo o autor, nessa fase, as crianças recebem influência linguística de seus cuidadores (pais).

2ª Fase: **O vernáculo** (entre 5 e 12) - De acordo com o autor, a criança aprende a fazer uso do dialeto local, por meio do contato com seu grupo (amigos, escola, comunidade). Segundo o autor, é nessa fase que a criança começa a compreender e a receber a influência de outros grupos sociais, isto é, a influência linguística do grupo substitui a de seus cuidadores (pais).

3ª Fase: **A percepção social** (início da adolescência) - Embora a criança ainda use, exclusivamente, o vernáculo do seu grupo, ela só tomará consciência do papel social desse dialeto quando entrar em contato com outras formas do discurso. A partir da idade de 14 e 15 anos, as crianças começam a exibir os padrões de avaliação social semelhantes aos dos adultos de sua comunidade. Esses dados também foram confirmados por Eckert (1988).

4ª Fase: **Variação estilística** (adolescência tardia) - O adolescente, por volta dos 13 anos, começa a aprender a modificar sua fala, usando as formas padrão em situações formais, como na escola ou no trabalho (LABOV, 1964, p. 91-92).

De acordo com Labov (1964), as crianças são falantes monoestilísticos até o final da adolescência. São monoestilísticas nos dialetos usados em ambientes familiares até a idade de 5 anos, quando se tornam monoestilísticas no dialeto preferido de seu grupo. É só depois de ter compreendido o valor social atribuído às variantes linguísticas, conforme mostra a terceira fase proposta pelo autor, que o adolescente se torna capaz de variar o uso de formas dialetais e padrão, segundo o grau de formalidade da situação. Além disso, supõe-se que a consciência do significado social do uso (estágio 3, em torno de 14-15 anos) preceda a capacidade de modificar a fala em situações formais. Para o autor, a capacidade de modificar o uso de variantes padrão segundo o grau de formalidade emerge entre a idade de 16 e 17.

O modelo de aquisição para o inglês padrão sugerido por Labov (1964, 1972) sugere, indiretamente, que as diferenças sociais já estão em vigor entre os 8 e 19 anos de idade e antecedem a percepção da significação social das variantes. Desse modo, o autor afirma que: “Children of upper-middle-class families start higher on the scale and show a more complete response to sociolinguistic norms than lower-middle-class children, and so on down the line”¹⁸(LABOV, 1972, p.139).

Assim, a proposta de Labov defende que as variedades vernaculares são adquiridas entre as idades de 5 e 12, sob a influência do contexto social imediato. Por sua vez, as normas linguísticas locais são adquiridas mais tarde (por volta dos 14 anos de idade), quando os indivíduos passam a ter contato com outros membros da comunidade linguística.

4.2.1 O Papel do Input na Emergência da Variação Socialmente Estruturada

Conforme foi abordado em 3.1.1, diversos estudos na área de aquisição da linguagem têm apontado a importância do *input* para a construção da linguagem da criança. No entanto, as questões relacionadas à natureza do *input* na aquisição da variação sociolinguística ainda estão em sua fase inicial, conforme postula Robert (2002). Estudos recentes (FOULKES; DOCHERTY; WATT, 2006; PIERREHUMBERT, 2003; TOMASELO, 2003; LABOV, 2008; DÍAZ-CAMPOS, 2004, 2011) têm fornecido evidências de que a variação linguística é de aquisição precoce e de que parte dessa variação atestada na fala da criança é proporcionada pelo *input*. Essa posição contraria a inatista, na qual se postula que o *input* recebido pela criança seria pobre e degenerado e forneceria orientação

¹⁸ “Crianças de famílias de classe média alta desde o início ocupam posições mais altas na escala e exibem uma resposta mais completa às normas sociolinguísticas do que as crianças de classe média baixa, e assim por diante em sentido descendente.” (Tradução nossa).

inadequada. No entanto, há consideráveis indícios de que a fala dirigida à criança tem um papel fundamental para o seu desenvolvimento linguístico e para o aprendizado da variação.

Segundo Roberts (1997; 2002), há evidências de que as crianças adquirem padrões variáveis antes de formas categóricas, ou simultaneamente a elas, por influência do seu *input* linguístico. Tais evidências podem ser constatadas nos estudos abordados a seguir.

Guy e Boyd (1990) investigaram o apagamento de [-t] e [-d] em verbos *semifracos* ou *ambíguos* do inglês no tempo passado, em itens como *kEp* ou *kEpt*. Para tal investigação, os autores coletaram dados de falantes com idades entre 4 e 65 anos (filhos de trabalhadores, trabalhadores e idosos aposentados). Ressalta-se que os autores não levaram em conta a divisão por sexo/gênero e nem por escolaridade. No que se refere aos resultados da análise estatística, os autores concluíram que a aquisição do apagamento de [-t] e [-d] em verbos semifracos é um processo variável bastante complexo para falantes crianças e adolescentes. A dificuldade que esses grupos mostraram para produzir os sons oclusivos fez com que os autores acreditassem que tais segmentos não estavam presentes nas representações subjacentes dessas formas. Com base nessas constatações, os autores dividiram a atuação dessas variantes na fala infantil em três momentos/fases: na primeira fase, as crianças mais novas apagaram categoricamente o t/d finais em verbos semifracos; na segunda fase, elas mostraram índices de supressão em verbos semifracos semelhantes aos valores de supressão em palavras monomorfêmicas e, na terceira fase, marcada por uma idade mais avançada, elas tenderam à aproximação do modelo dos adultos. Os autores justificam tais diferenças encontradas nas falas das crianças como decorrente da forma de incorporação da morfologia verbal do inglês, que implica a construção dos verbos semifracos como uma classe separada (GUY e BOYD 1990).

Para Roberts (1997; 2002) as crianças adquiririam padrões variáveis antes de formas categóricas, ou simultaneamente a elas por influência do seu *input* linguístico. De acordo com Foulkes e Docherty (2006), o conhecimento linguístico da criança é baseado, em parte, na sua análise do ambiente linguístico, isto é, no seu *input*. Evidências dessa natureza indicam que as crianças, desde os primeiros anos de vida, seguem o modelo linguístico de seus cuidadores. Segundo os autores, as informações indexadas são transmitidas à criança através do *input*. Na tarefa de aprender a língua materna, a criança aprende não só a lidar com as restrições gramaticais, como também com as formas variáveis.

Roberts (1997) também investigou o apagamento de [-t] e [-d] em itens como *bad* e *planet*, na fala de 16 crianças entre 3:0 e 4:0, residentes no sul da Filadélfia. Elas foram observadas durante 146 horas de gravação, a fim de que fosse coletado o maior número de ocorrências possíveis para o

apagamento de [-t] e [-d]. Segundo a autora, o número dessas ocorrências varia conforme o indivíduo. Nesse estudo, constatou-se que as crianças mais introvertidas produziram menos ocorrências (44), enquanto que as mais extrovertidas produziram mais ocorrências (250). O fato de as crianças mostrarem comportamentos linguísticos diferentes levou a pesquisadora a investigar também a fala de seus cuidadores (pais). Na perspectiva da autora, a fala do cuidador é fundamental para a produção de formas variáveis e o tamanho do seu estímulo linguístico reflete-se no número de palavras produzidas pela criança.

Em relação ao grupo de fatores linguísticos controlados, o *contexto precedente* e o *contexto seguinte* foram os mais significativos para a aplicação ou não da regra de apagamento de [-t] e [-d]. A autora afirma que as crianças estão de acordo com o padrão adulto quando apagam mais o [-t] e [-d] em palavras monomorfêmicas do que em verbos regulares do passado, como em *missed* ou *laughed*.

Em relação ao grupo de fatores sociais, a autora verificou que não houve diferença expressiva quanto à variável idade, diferentemente do que se teve para a variável sexo. Esses resultados sugeriram que as diferenças entre gêneros acontecem nos estágios iniciais do processo de aquisição da linguagem: as meninas desse estudo apagam mais o [-t] e [-d] do que os meninos. Os resultados para a variável idade diferem dos postulados por Guy e Boyd (1990), que consideraram categórico o apagamento de [-t] e [-d] em verbos semifracos. Por conseguinte, as crianças não teriam na subjacência as representações de [-t] e [-d], o que indica que esse processo variável emergiria numa idade mais avançada (entre 14 e 18) e se prolongaria na fase adulta. No entanto, o resultado da pesquisa de Roberts mostrou que o apagamento não é categórico e que está presente nos primeiros estágios de aquisição da linguagem.

A autora concluiu que a aplicação desse processo variável na fala infantil se relaciona com o *input* linguístico que a criança recebe, já que ela segue os mesmos padrões linguísticos dos adultos que estão ao seu redor (pais, cuidadores) à medida que sua base linguística vai sendo construída.

Foulkes, Docherty e Watt (1999), voltados para a análise do discurso dirigido para crianças – *Child Direct Speech*¹⁹ (doravante, CDS) –, ressaltaram que muitos aspectos da estrutura linguística dos adultos podem ser modificados na fala que é direcionada para crianças. Para os autores, as

¹⁹ Fala dirigida à criança.

estratégias de simplificar o vocabulário e a sintaxe, de fazer repetições, de adaptar palavras para estrutura CV, de falar lentamente e de reduzir o tamanho das frases são recorrentes na fala dos adultos dirigida às crianças e têm o objetivo de facilitar o processo de aquisição da linguagem.

Os autores analisaram a realização variável do [t] nos contextos fonológicos como na posição intersonorizante em meio de palavra (como em *water, winter e bottle*) e na *posição pré-vocálica* em final de palavras (exemplos: *get in e hat on*). A amostra desse estudo foi constituída por dados de informantes adultos e de crianças entre 2:0 e 4:0, pertencentes à classe operária de Tyneside, cidade do norte da Inglaterra. Escolheu-se essa comunidade por ela apresentar um dialeto local marcadamente diferente em muitos aspectos do dialeto padrão, o que permite verificar como a variabilidade estruturada na fala adulta se reflete na fala infantil.

Os resultados obtidos nesse estudo revelaram três modelos principais: primeiro, observou-se que há diferenças expressivas na escolha da variante quando o direcionamento da fala é para um adulto ou para uma criança. Na fala dirigida à criança, os adultos, geralmente, empregaram mais [t], variante padrão, e menos variantes vernaculares que a fala direcionada aos adultos. Destacou-se também que a escolha da variante em CDS é determinada pela variável sexo, a qual foi bastante decisiva na avaliação dos resultados, assim como também nos estudos de Fisher (1958) e Roberts (1997). A produção das meninas, geralmente, apresenta mais a variável [t] do que a produção dos meninos, os quais, por sua vez, utilizam mais as formas vernaculares. De acordo com os linguistas, esses resultados corroboram a hipótese de que a fala dirigida à criança carrega aspectos linguísticos e sociais.

Os autores também destacaram a importância do *input* linguístico nos estágios iniciais (entre 2 e 4 anos). Constatou-se que as mães das crianças envolvidas no estudo usavam formas fonéticas diferenciadas quando se dirigiam às meninas ou aos meninos: recorriam a mais formas prestigiadas (padrão) para falar com as meninas e a mais formas vernaculares (não padrão) para falar com os meninos (FOULKES, DOCHERTY e WATTS, 1999).

Os valores sociais do CDS são apontados de forma precisa na pesquisa de Foulkes et al. (2003, p. 1962) na qual constataram diferença acentuada em relação ao sexo/gênero do interlocutor. Ainda de acordo com os autores, tal tendência pode ser entendida da seguinte forma:

The findings of our analysis of (t) variants can be seen in a similar light. Speech from parents to boys differs from that to girls because parents have different expectations about appropriate speech patterns for boys and for girls, respectively. Girls are given more chances to learn phonological variants that are positively evaluated, because there is a heightened expectation that girls will - or should - grow up to use those variants (FOULKES et al., 2005, p. 198)²⁰.

Segundo os pesquisadores, há uma complexa inter-relação entre sexo e idade que se manifesta numa diferenciação do CDS. Tal inter-relação é usada como meio de propiciar a socialização da criança pela transmissão de formas linguísticas adequadas a cada um dos gêneros/sexos.

Por último, a variação foi observada em relação à idade e teve um peso significativo, uma vez que as variantes aumentaram na fala das crianças o avanço da idade. De acordo com os autores, o aumento das variantes locais parece estar em sintonia com o período de transição entre a fase infantil, a adolescência e a fase adulta.

Apresentam-se, a seguir, os estudos realizados no Rio Grande do Sul e no sul do Brasil sobre o alçamento das vogais médias átonas postônicas finais na fala adulta.

4.3 O alçamento das vogais médias postônicas finais na fala adulta do Sul do Brasil: estudos sociolinguísticos

Nesta seção, discute-se o comportamento variável das vogais médias em posição postônica final do português falado no sul do Brasil. Revisitam-se os principais estudos que trataram sobre o alçamento dessas vogais na busca pela generalização de resultados, a partir da proposta metodológica de Bailey e Tillery (2004) e do estudo de Brescancini (2008). Aspectos referentes à origem dos dados, à constituição das amostras e às estratégias analíticas adotadas pelos pesquisadores, de acordo com a orientação de Bailey e Tillery (2004), serão considerados.

O processo do alçamento das vogais médias átonas finais foi estudado no sul do Brasil por Vieira (2002; 2010), Roveda (1998), Carniato (2000), Marchry da Silva (2009) e Mileski (2013). Embora esses estudos tratem do mesmo fenômeno, há diferenças expressivas em relação à constituição dos procedimentos da análise das vogais médias postônicas finais. Salienta-se que, para

²⁰ Os achados de nossa análise das variantes de (t) podem ser vistas sob uma mesma luz. A fala dos pais de meninos difere da dos pais de meninas, pois os pais têm expectativas diferentes sobre os padrões de fala apropriada para meninos e para meninas, respectivamente. Às meninas são dadas mais chances de aprender as variantes fonológicas que se avaliam positivamente, pois há uma expectativa aumentada que meninas irão – ou deveriam – crescer para usar tais variantes (FOULKES et al., 2005, p. 198):

este estudo, revisam-se apenas os trabalhos que analisam as vogais átonas finais /e/ e /o/ separadamente. No Quadro 11, resumem-se as pesquisas realizadas conforme sua ordem cronológica.

Quadro 11 - Estudos realizados no sul do Brasil sobre o alicamento das vogais postônicas finais /e/ e /o/

Autora	Ano	Amostra
Roveda	1998	Banco Varsul
Carniato	2000	Santa Vitória do Palmar
Vieira	2002	Banco Varsul
Machry da Silva	2009	Rincão Vermelho
Vieira	2010	Banco Varsul
Mileski	2013	Vista Alegre do Prata

Fonte: A autora.

De acordo com Bailey e Tilley (2004), um aspecto que deve ser levado em conta na comparação entre os resultados obtidos é que os trabalhos sobre o tema sejam agrupados conforme o critério referente à composição da amostra. No Quadro 12, trazem-se apenas as pesquisas realizadas com dados da amostra VARSUL (coleta realizada na década de 90) sobre as vogais médias postônicas finais, a saber, Roveda (1998), Vieira (2002) e Vieira (2010).

Quadro 12 – Características das amostras de Roveda (1998), Vieira (2002) e Vieira (2010)

Autor/ Ano	Origem dos Dados	Cidades/ Estados	Total de Inf. e de Dados	FE	Escolaridade	Sexo	Etnia
Roveda (1998)	B A N C O V A R S U L	POA F. CUN FLO CHA RS/SC	48 inf. Final /o/ 9.369 /e/ 4.523	25 - 50 50 ou Mais	Até 4 anos 4 - 8 anos 9 - 12 anos	Masc. Fem.	italianos açorianos
Vieira (2002)		POA F.CUN SBO PAN FLO CHA LAG BLU CUR LON PAB IR RS/SC/PA	96 inf. Final: /o/ 768 /e/ 876	Até 50 + de 51	Até 4 anos + de 4 anos		alemães italianos fronteiriços açorianos eslavos
Vieira (2010) RS		POA FLO CUR RS/SC/PA	Final: /o/ 7.722 /e/ 5.962	Até 50 + de 51	Até 4 anos + de 4 anos		Alemães italianos fronteiriços açorianos eslavos

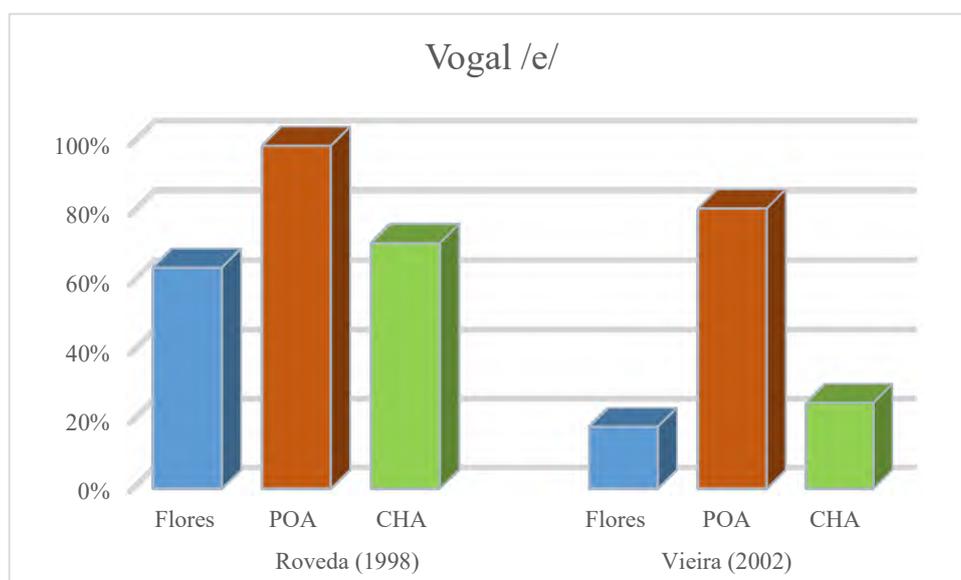
Fonte: Brescancini (2008), adaptado pela autora.

Nota-se que nessas pesquisas os informantes estão divididos pelas mesmas faixas etárias e pelos mesmos graus de escolaridade. Com relação às regiões, Roveda analisa os dados de 48 falantes das cidades de Porto Alegre (POA) e Flores da Cunha (FCUN), região de colonização italiana do Rio Grande do Sul; da amostra de Santa Catarina do banco de dados Varsul, foram considerados os dados de Chapecó (CHA), também habitada por italianos, e Florianópolis (FLO). Vieira (2002), por sua vez, analisa dados de 96 informantes – oito (08) de cada uma das cidades que integram o banco de dados Varsul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja, no Rio Grande do Sul; Florianópolis, Blumenau, Lages e Chapecó, em Santa Catarina; Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati, no Paraná).

Como consta no Quadro 12, o total de informantes e o total de dados têm diferenças significativas entre as pesquisas. Em Roveda (1998), há um total de 48 informantes para 9.369 ocorrências da vogal /o/ e 4.523 ocorrências de /e/ na posição postônica final. Por outro lado, em Vieira (2002), há 96 informantes para 768 ocorrências da vogal /o/ e 876 ocorrências da vogal /e/ para a posição final. Por fim, em Vieira (2010), há 48 informantes para 7.622 ocorrências da vogal /o/ e 5.962 ocorrências da vogal /e/ para a posição final.

Os resultados do Gráfico 1 indicam que a etnia é um fator decisivo para a aplicação ou não do fenômeno do alçamento da vogal /e/. É possível observar que tanto Roveda (1998) quanto Vieira (2002) destacam a localidade de POA como a que mais eleva tal vogal.

Gráfico 1 - Elevação da postônica final /e/: resultados de Roveda (1998) e Vieira (2002)



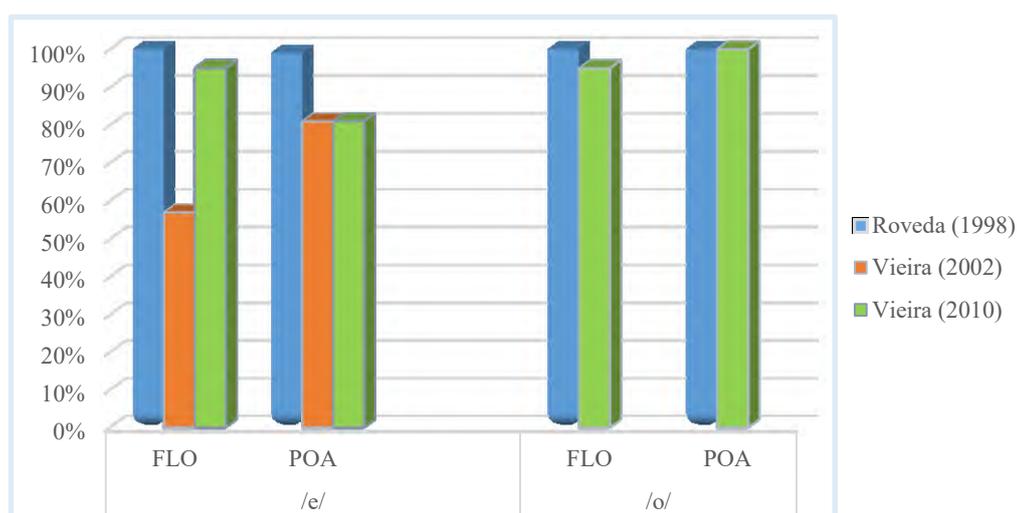
Fonte: Brescancini (2008), adaptado pela autora.

No Gráfico 1, ressalta-se que os informantes adultos da localidade de Porto Alegre (metropolitanos), conforme trabalhos de Roveda (1998) e Vieira (2002), são os que têm índice de elevação acima de 80%. Os falantes de Chapecó e Flores da Cunha, por seu turno, têm percentuais distintos nesses estudos. Os informantes da localidade de Chapecó e Flores da Cunha, em Vieira (2002), apresentam um percentual de elevação baixo, enquanto que, em Roveda (1998), nas mesmas localidades, apresentam um valor superior a 60%. Entretanto, o baixo índice de aplicação da amostra de Vieira (2002) pode estar relacionado ao número de dados das amostras.

Dessa forma, em vista dos resultados discutidos, nota-se que, no estudo de Vieira (2002), os informantes das localidades de Flores da Cunha e Chapecó têm tendência à preservação das vogais médias átonas finais.

Ao comparar as três amostras, sobressaem mais semelhanças que diferenças. Quanto à frequência, os estudos de Roveda (1998), Vieira (2002) e Vieira (2010) são unânimes em considerar os informantes de Porto Alegre e Florianópolis como os que mais aplicam o alçamento das vogais médias átonas finais /e/ e /o/. Por outro lado, Vieira (2002) revela apenas a frequência da vogal /e/ para Porto Alegre (81%) e Florianópolis (57%). No Gráfico 2, exibem-se os resultados desses estudos.

Gráfico 2 - Alçamento da postônica final /e/ e /o/: resultados de Roveda (1998), Vieira (1992) e Vieira (2010)



Fonte: Brescancini (2008), adaptado pela autora.

A vogal /o/ apresenta índices altos de elevação em Porto Alegre e Florianópolis tanto no estudo de Vieira (2010) quanto no de Roveda (1998). Já para a vogal /e/, os resultados dos estudos apontam

índices elevados para Porto Alegre nos três estudos. Com relação à Florianópolis, apenas Vieira (2002) apresenta índice comparativamente mais baixo.

No que tange ao papel das variáveis estruturais, algumas semelhanças são observadas nos três estudos, conforme se mostra no Quadro 13. Para as vogais /e/ e /o/ em posição postônica final, são prováveis condicionadoras as seguintes variáveis linguísticas: Tipo de Coda, Contexto Precedente, Juntura, Classe de Palavras, Contexto Vocálico, Localização da Postônica na Palavra e Tipo de Sílabas. Dentre essas, a Classe de Palavras e a Juntura não foram consideradas em Vieira (2002) e Vieira (2010). A variável Localização da postônica não foi considerada no estudo de Roveda (1998).

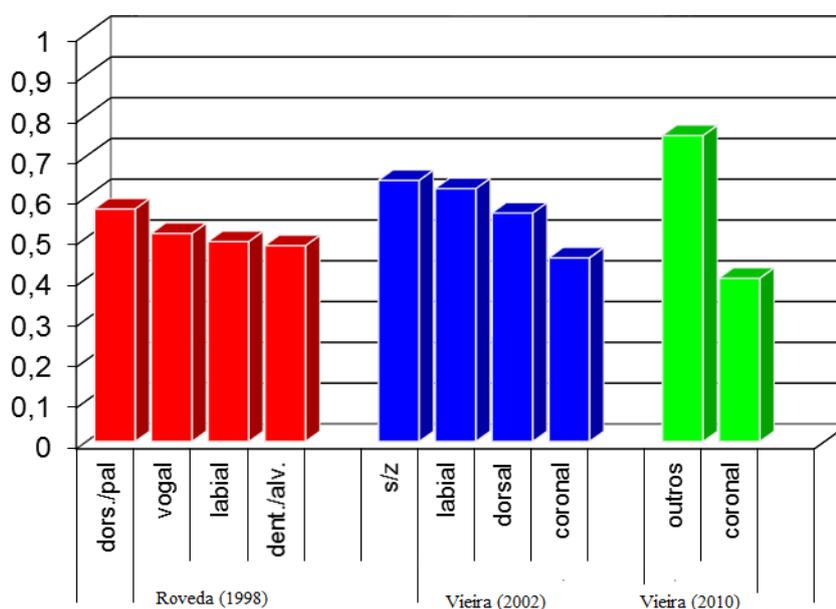
Quadro 13 - Alçamento da postônica final /e/ e variáveis linguísticas consideradas em Vieira (2002) e Vieira (2010)

	Tipo de Coda	Cont. Preced.	Juntura	Clas. de Pal.	Cont. Vocal.	Local. Post. na Pal.	Tipo de Sil.
Roveda 1998							
Vieira (2002)							
Vieira (2010)							

Fonte: A autora.

Os resultados apresentados no Gráfico 3 mostram que o Contexto Precedente que mais favorece a elevação da vogal postônica final /e/ em Roveda (1998) são as dorsais e palatais (0,57), agrupadas em um único fator. As vogais e consoantes labiais, dentais e alveolares são neutras. Já em Vieira (2002), as dorsais desempenham um comportamento neutro e as sibilantes /s, z/ (0,70) e as labiais (0,62), como segmentos precedentes, têm papel relevante na elevação de /e/. Vieira (2010) destaca outros segmentos como favorecedores (0,75) e as coronais oclusivas como inibidoras do alçamento da vogal /e/.

Gráfico 3 - Elevação da postônica e Contexto Precedente para vogal /e/: resultados de Roveda (1998),Vieira(2002) e Vieira (2010)



Fonte: Brescancini (2008), adaptado pela autora.

Com relação às outras variáveis analisadas para a pauta átona final, vê-se que a Presença de Vogal Alta em Roveda (1998) desempenha papel relevante apenas para o comportamento de /o/, com valores bem próximos do ponto neutro. Por outro lado, em Vieira (2002) e Vieira (2010), a presença dessa variável – identificada como Contexto Vocálico – exerce papel significativo na elevação tanto de /e/ quanto de /o/. Em se tratando especificamente da vogal /e/, verifica-se que, nas regiões de Flores da Cunha, Chapecó, Irati e Panambi, examinadas por Vieira (2002), onde a taxa de elevação é considerada baixa, os valores relativos à presença ou à ausência de vogal alta são mais polarizados (BRESCANCINI, 2008). Segundo Vieira (2002, p. 156), nas cidades onde os falantes aplicam pouco a regra de elevação, a presença ou não de uma vogal alta adjacente à vogal média passa a ter um papel importante na elevação.

Com relação à variável Tipo de Coda, verifica-se que há similaridade entre os resultados de Roveda (1998),Vieira (2002) e Viera (2010). É a presença da coda /S/ que favorece o alçamento das vogais /e/ e /o/ em posição postônica final em ambos os estudos.

Considerando a análise dos resultados relativos às variáveis linguísticas nos três estudos anteriormente discutidos, é possível sinalizar padrões gerais. No que se refere às vogais postônicas finais /e/ e /o/, ambos os estudos destacam o fator coda /S/ como relevante ao alçamento. Por outro

lado, as coronais oclusivas figuram como inibidoras desse processo. Quanto à posição postônica não final, a variável contexto precedente foi a mais favorável para o açamento.

A seguir, traz-se o resultado dos estudos de Carniato (2000), Machry da Silva (2009) e Mileski (2013). Esses trabalhos não são diretamente comparáveis, pois os dados não têm a mesma procedência. No Quadro 14, revela-se a constituição das amostras.

Quadro 14 - Características das amostras

	<i>Cidades</i>	<i>Total de Inf. e de Dados</i>	<i>Faixa Etária</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Sexo</i>	<i>Etnia</i>
Carniato (2000)	Sta. Vitória do Palmar	12 inf. /o/ 893 /e/ 419	Jovens 13 e 18 + Velhos + 50 anos	1º Grau incompleto 1º Grau completo	masc. fem.	fronteiriços
Mary da Silva (2009)	Rincão Vermelho (Roque Gonzales)	14 inf. final: /o/ 5.951 /e/ 3.883 não final: /o/ 223 /e/ 310	15-35 anos 36-57 anos 58 anos ou mais	Fundamental Médio Superior	masc. fem.	fronteiriços
Mileski (2013)	Vista Alegre do Prata	13 inf. /o/ 12.521 /e/ 5.980	15 a 35 anos 36 a 57 Mais de 58	Fundamental Médio Superior	masc. fem.	italianos poloneses

Fonte: A autora.

Como se pode perceber no Quadro 15, os estudos têm características distintas no que se refere à origem dos dados, ao número de informantes, à escolaridade, e à etnia. Todavia, no que diz respeito à constituição das amostras, os dados foram coletados pelas próprias pesquisadoras, através de entrevistas de modo livre e de experiência pessoal. Os dados de Carniato (2000) são originários de Santa Vitória do Palmar (RS), região fronteiriça, e referem-se a falantes pré-adolescentes, adolescentes, adultos e idosos. Com relação ao estudo de Machry da Silva (2009), os dados são provenientes de Rincão Vermelho (RS), também região fronteiriça, e representam a fala de adolescentes e adultos. Na pesquisa de Mileski (2013), os dados são originários de Vista Alegre do Prata, região da serra gaúcha e, também, representam falantes adolescentes, jovens e adultos descendentes de poloneses e italianos.

Ao levar em conta isso, conclui-se que os estudos não são diretamente comparáveis; portanto, neste momento, apenas se fornecem resultados que confirmam as generalizações atestadas em

trabalhos anteriores. Semelhanças e diferenças nas estratégias de análise adotadas nos estudos são elencadas, pois embasam esta pesquisa.

No que concerne às semelhanças entre os trabalhos de Carniato (2000), Machry da Silva (2009) e Mileski (2013), as seguintes variáveis linguísticas são comuns a todos: Contexto Precedente, Classe Gramatical, Presença de Vogal Alta e Tipo de Sílabas. Além disso, algumas variáveis sociais são comuns aos estudos de Machry da Silva (2009) e Mileski (2013), em que se consideram a faixa etária, o sexo e a escolaridade.

No que concerne às semelhanças entre os trabalhos de Carniato (2000), Machry da Silva (2009) e Mileski (2013), as seguintes variáveis linguísticas são comuns a todos: Contexto Precedente, Classe Gramatical, Presença de Vogal Alta e Tipo de Sílabas. No Quadro 14, constam as variáveis com os seus respectivos fatores apontados pelos resultados estatísticos como relevantes para o alicamento das vogais médias átonas finais /e/ e /o/ em todas as pesquisas. Na primeira parte, encontram-se os estudos comparáveis (ROVEDA, 1998; VIEIRA, 2002; VIEIRA, 2010), conforme o critério proposto por Bailey e Tilley (2004). Na segunda parte, encontram-se os outros estudos (CARNIATO, 2000; MACHRY DA SILVA, 2009; MILESKI, 2013), que podem confirmar resultados de trabalhos anteriores.

Quadro 15 - Alicamento das vogais médias átonas /e/ e /o/: variáveis linguísticas fatores considerados

	<i>Tipo de Coda</i>	<i>Cont. Precedente</i>	<i>Cont. Seguinte</i>	<i>Junt.</i>	<i>Clas. de Palavras</i>	<i>Cont. Vocálico</i>	<i>Loc. Post. na Palavra</i>
1) Pesquisas generalizáveis							
Roveda (1998)	Coda /S/ /e, o/	/e/= Palatal e velar /o/= labial					
Vieira (2002)	Coda /S/ /e, o/	/e/= /s,z/				/o/ = vogal alta	
Vieira (2010)	Coda /S/ /e, o/	/e/= /s, z/ /o/= labial, cor e fric.					
2) Pesquisas não generalizáveis							
Carniato (2000)	Coda /S/ /e, o/	Estridentes coronais /s, z/					
Marchy da Silva (2009)	Coda /S/ /e, o/	/e/ = dorsal, labial e /s, z/; /o/ = cor. [-], dorsal e [s, z]	Vogais, dorsal			/o/=vogal alta	
Mileski (2013)	Coda /S/ /e, o/	/e/ = cor [-ant], labial e dorsal /o/= cor. [+]	Vogais, dorsal			/o/=vogal alta	

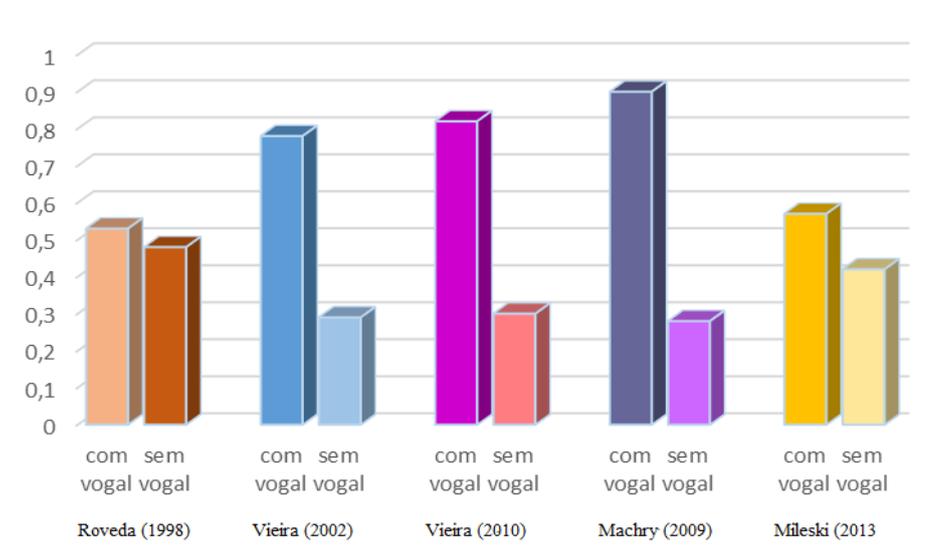
Fonte: A autora.

As variáveis Contexto Precedente e Tipo de Sílabla (e seus respectivos fatores) são as que predominam como favoráveis, praticamente, em todas as pesquisas.

Em geral, os fatores do Contexto Precedente que se destacaram mais nas seis pesquisas foram: dorsal, labiale os segmentos /s, z/. O contexto consoante dorsal, especialmente, teve papel relevante em três estudos (ROVEDA,1998; MACHRY DA SILVA, 2009; MILESKI, 2013); o fator labial também foi apontado favorável em duas pesquisas (MACHRY DA SILVA, 2009; MILESKI, 2013). Ofator /s, z/, por sua vez, mostrou-se favorável ao alçamento em todos os estudos examinados nesta seção, embora não tenha sido o mais relevante em todos.

Marchry da Silva (2009) e Mileski (2013), assim como Vieira (2002) e Vieira (2010), constataam que um condicionador favorável ao alçamento da vogal /o/ é a presença da vogal alta na sílabla tônica. No Gráfico 4 exibem-se os resultados para a variável Contexto Vocálico para os cinco estudos investigados nesta seção (ROVEDA, 1998; VIEIRA, 2002; VIEIRA, 2010; MACHRY DA SILVA, 2009; MILESKI, 2013).

Gráfico 4 - Alçamento da postônica e Contexto Precedente para vogal /e/: resultados de Roveda (1998), Vieira (2002), Vieira (2010), Carniato (2000), Machry da Silva (2009), Mileski (2013)



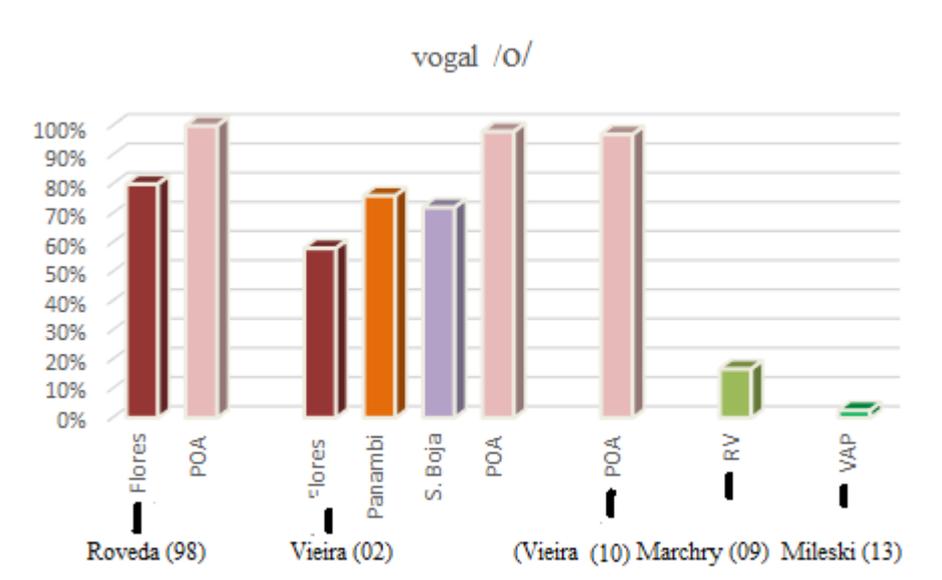
Fonte: A autora.

Os resultados a que Mileski (2013) e Roveda (1998) chegaram são bem próximos. Nesses estudos, os valores indicam um leve favorecimento para o alçamento da vogal /o/. Por outro lado,

Vieira (2002), Vieira (2010) e Machry da Silva (2009) mostram que essa variável tem um peso maior para o alçamento de /o/, em comparação com o que sinalizam Roveda (1998) e Mileski (2013).

Com base nos resultados estatísticos obtidos nesses estudos, constata-se que, em praticamente todas as pesquisas realizadas sobre o fenômeno do alçamento das vogais médias átonas finais, a variável *Localização Geográfica* (indiretamente, *etnia*) é determinante na forma como as vogais médias átonas finais se manifestam. Os resultados dessas pesquisas apontam que, no Rio Grande do Sul, há localidades em que a aplicação da regra de elevação é praticamente categórica, como em Porto Alegre. Por outro lado, nas cidades onde predominam outras etnias (italiana, alemã e polonesa), como São Borja, Panambi, Rincão Vermelho e Vista Alegre do Prata, as vogais médias átonas finais têm um índice de elevação baixo, conforme o Gráfico 5.

Gráfico 5 – Alçamento da postônica e Contexto Precedente para vogal /e/: resultados Roveda (1998), Vieira (2002) e Carniato (2000)



Fonte: A autora.

Percebe-se quanto à vogal /o/ que, em Porto Alegre, o alçamento é praticamente categórico, enquanto que, em Vista Alegre do Prata, o índice de elevação é o menor de todos.

Os resultados obtidos através dessa variável permitem apontar que, conforme já exposto, indiretamente, a preservação ou elevação das vogais médias átonas finais é condicionada pela composição étnica da localidade. No caso das cidades em questão, em Porto Alegre, há uma composição étnica mista, os chamados metropolitanos, enquanto que, em Vista Alegre, predominam as etnias italiana e polonesa (em menor escala). Retoma-se, assim, o resultado de Vieira (1994, p.65):

segundo a autora, no Rio Grande do Sul, por influência étnica, as vogais postônicas finais estariam sujeitas à variação, compondo um sistema ora com três vogais [a, i, u] na metrópole, ora com cinco [a, e, i, o, u] nas demais regiões.

Com base nos resultados expostos nessa seção, espera-se fundamentar as variáveis que serão consideradas para a análise do processo de alçamento das vogais médias na fala infantil.

4.4 Síntese do Capítulo

Neste capítulo, tratou-se da perspectiva metodológica adotada nesta tese: a Teoria da Variação Linguística. Inicialmente, realizou-se uma discussão sobre os principais aspectos desse modelo. Viu-se que uma das maiores contribuições da proposta é mostrar que a língua é passível de sistematização e que os fatores sociais e linguísticos condicionam a variação. Na sequência, tratou-se sobre a variação linguística na aquisição da linguagem. Nessa seção, citaram-se alguns estudos (FISCHER, 1958; LABOV, 1964; ROBERTS, 1997; 2002; FOULKES; DOCHERTY; WATT 1999) considerados relevantes para a proposta desta tese. Ao final, fez-se uma revisão dos principais estudos sobre o processo do alçamento no sul do Brasil, com ênfase nas vogais médias átonas finais analisadas separadamente.

O presente estudo baseia-se nos procedimentos adotados nos estudos supracitados, levando-se em conta seus resultados e as variáveis selecionadas como relevantes. Diversos estudos (FISCHER, 1958; ROBERTS, 1997; CHAMBERS, 1995; ECKERT, 2000), de fato, revelaram que a variação encontrada na fala da criança é passível de descrição sociolinguística. Assim, com o respaldo de tais resultados, analisa-se o fenômeno do alçamento na fala infantil e a influência do *input*.

Adotamos nesta pesquisa as variáveis linguísticas independentes que se mostraram condicionadoras no estudo da variação sociolinguística na fala gaúcha. Portanto, as variáveis linguísticas em exame serão Contexto Precedente, Tipo de Sílabas, Presença de Vogal Alta, Contexto Vocálico da Tônica; e as variáveis sociais, por sua vez, serão Localização Geográfica, Idade e Sexo.

Na próxima seção, apresentam-se os procedimentos metodológicos que se adotam para este estudo.

5 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta a constituição da amostra em análise, procedimentos adotados na coleta dos dados e a definição das variáveis dependentes e independentes adotadas na pesquisa. O instrumento de análise estatística também será apresentado neste capítulo.

É importante salientar que para este estudo foi possível formar um banco de dados de fala de crianças e de adultos cuidadores de três localidades gaúchas, a saber, Porto Alegre, Pelotas e Vista Alegre do Prata. Salienta-se também que esse banco é constituído de dados longitudinais e transversais de fala espontânea infantil e da interação entre criança e cuidador. Desse modo, tem-se: na Seção 5.1, a apresentação das localidades; na Seção 5.2, a constituição da amostra; na Seção 5.3, a exposição das variáveis da pesquisa e, na Seção 5.4, as etapas de descrição e de análise dos dados. Na Seção 5.5, tem-se a apresentação do instrumento estatístico para a análise dos dados.

5.1 LOCALIDADES

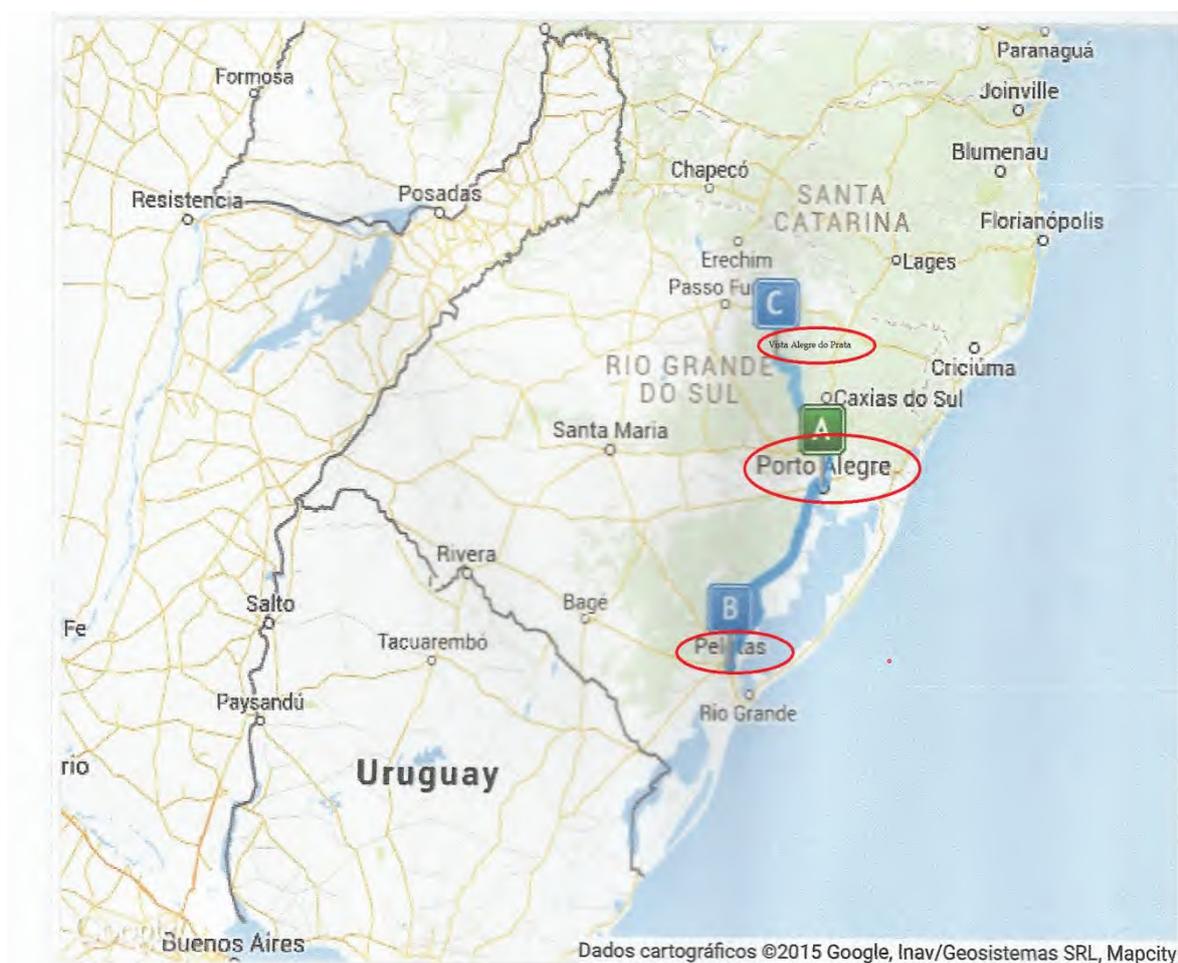
Detalham-se, nesta seção, aspectos sobre as localidades que constituem as amostras deste estudo: Pelotas, Porto Alegre e Vista Alegre do Prata. A motivação para a escolha dessas localidades deu-se pelo fato de que, nas referidas comunidades, a aplicação de alçamento das vogais médias átonas finais apresenta comportamentos diferenciados. Nota-se que, nas comunidades de Pelotas/Porto Alegre, os falantes adultos aplicam o alçamento dessas vogais de forma quase categórica, enquanto que os falantes adultos de Vista Alegre do Prata tendem ao não alçamento. Nosso interesse é, portanto, verificar se há também diferença nos valores de aplicação do alçamento na fala infantil.

Primeiramente, exhibe-se o mapa do Rio Grande do Sul referente às cidades em estudo. Na sequência, trazem-se informações relacionadas à localização, à população, à formação étnica e ao desenvolvimento econômico e social.

5.1.1 Mapa do Rio Grande do Sul: localidades de Pelotas, de Porto Alegre e de Vista Alegre do Prata

Observam-se no mapa do Rio Grande do Sul a seguir as localidades selecionadas para o estudo do alicamento das vogais medias átonas finais, conforme o código: (A) Porto Alegre, (B) Pelotas e (C) Vista Alegre do Prata.

Figura 17 - Localização de Porto Alegre (A), Pelotas (B) e Vista Alegre do Prata (C) – RS



Fonte: Acessado em: <http://mapas.guiamais.com.br/mapa+do+rio+grande+do+sul+com+todos+os+municipios-rs>. Jan. 2015.

5.1.2 Porto Alegre

A cidade de Porto Alegre (POA), fundada em 26 de março de 1772, é a capital mais meridional do Brasil. Com uma área estimada em quase 496,682km², localiza-se na região nordeste do Rio Grande do Sul. Sua população, de acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2014, é de aproximadamente 1.472.482 habitantes residentes, sendo a

população feminina de 755.564 e a masculina de 658.787. A cidade tem um elevado Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), com um valor de 0,865, o segundo entre as capitais brasileiras. Seu clima é considerado como subtropical úmido, com invernos entre amenos e frios.

A cidade nasceu de uma pequena colônia de imigrantes açorianos, cerca de 60 casais, que se estabeleceram na Ponta de Pedra em 1752, dentro da Sesmaria de Santana, sob o comando de Jerônimo de Ornellas e Vasconcellos. Esses portugueses viviam, praticamente, da agricultura e, aos poucos, desenvolveram a localidade que, mais tarde, passou a ser chamada de Porto dos Casais.

Segundo Vellino (1970), a história de formação da cidade é marcada por invasões, guerras e conquistas. Em 1763, o território rio-grandense foi invadido pelos castelhanos, a mando de Don Pedro Cevallos, governador de Buenos Aires. Esse ato fez com que as populações portuguesas do norte do estado migrassem para as regiões de Viamão e Porto dos Casais.

Em 1772, um edital eclesiástico dividiu a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Viamão em duas, e o antigo Porto dos Casais transformou-se na Freguesia de São Francisco. Após um ano, mais precisamente em 18 de janeiro de 1773, por intermédio de outro edital, o nome do povoado foi alterado para Madre de Deus de Porto Alegre. O povoado foi demarcado, os portugueses receberam seus pedaços de terras e, pouco tempo depois, o local passou a tomar forma de cidade.

De acordo com Vellino (1970), nesse mesmo período, o governador da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, José Marcelino de Figueiredo, emite uma ordem de transferência da Câmara Municipal de Viamão para Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre, a qual passa a ser a capital da província. Depois de algumas décadas, o sucessor de José Marcelino, Paulo José da Silva Gama, divide a capitania em quatro municípios: Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha. Em 23 de agosto de 1808, através de um alvará expedido por D. João, Príncipe Regente, Porto Alegre é elevada à categoria de vila e, após duas décadas, em 14 de novembro de 1822, é reconhecida como cidade (VELLINHO, 1970).

A formação étnico riograndense teve a participação dos portugueses, espanhóis, africanos e indígenas. Essa formação só foi possível através do cruzamento destes povos, sendo que as levas de colonizadores foram pouco numerosas, reforçadas, contudo, pelos frutos do cruzamento com as nativas, conforme postula Vellino, procriando num surto sem medida “(...) como só se terá visto na infância do mundo” (VELLINHO, op. cit., p.22). Posteriormente, vieram os imigrantes alemães (1824) e os italianos (1875) que ingressaram na região metropolitana por incentivo do governo

brasileiro. Esses imigrantes trouxeram suas tradições e costumes e enriqueceram o comércio local com seus artesanatos e culinárias.

Com relação às atividades econômicas, Porto Alegre, a capital, é considerada uma das maiores metrópoles brasileiras, atingindo os índices mais altos no quesito qualidade de vida e no educacional do Brasil. Destaca-se também na indústria, comércio, serviços e construção civil. No que se refere ao desenvolvimento cultural, a cidade é conhecida como um dos grandes palcos de acontecimentos culturais, políticos e sociais do país. É conhecida mundialmente através de seus escritores, artistas, intelectuais e políticos que marcaram e ainda marcam a história do Brasil.

5.1.3 Pelotas

A cidade de Pelotas (PEL), fundada em 07 de julho de 1812, está localizada às margens do Canal São Gonçalo que liga as Lagoas dos Patos e Mirim, no estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil e ocupa uma área estimada de 1.609 Km². Sua população soma, de acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2013, 328.275 mil habitantes residentes, divididos entre 174.077 mulheres e 154.198 homens.

De acordo com Magalhães (1993), o surgimento do município deu-se a partir de junho de 1758, através da doação de terras que Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, fez ao Coronel Thomáz Luiz Osório. Foi nessa região que se desenvolveu a primeira Charqueada trazida pelo português José Pinto Martins, natural de Portugal, mas que há alguns morava no Ceará. Foi através desse estrangeiro que Pelotas transformou-se em uma das maiores cidades do século XIX, considerada a mais rica e desenvolvida da Província, ao lado de Porto Alegre. Conforme aponta o autor, a história de Pelotas, assim como a das demais cidades que compõem o estado do Rio Grande do Sul, foi marcada por um grande período de invasões, guerras e conquistas. A Freguesia de São Francisco de Paula foi elevada à categoria de Vila em 7 de abril de 1832 e, após três anos, em 1835, a Vila é elevada à condição de cidade e recebe o nome de Pelotas.

Em relação à formação étnica do município, Magalhães (1993) coloca como primeiros responsáveis pelo desenvolvimento de Pelotas os imigrantes portugueses, vindos principalmente do arquipélago de Açores. Outros imigrantes também considerados importantes para o desenvolvimento local foram os alemães (pomeranos) que se fixaram mais na zona rural. Além desses, outras etnias, em números menos expressivos, fixaram residência em Pelotas, como negros africanos, italianos, poloneses, franceses, judeus e árabes libaneses. A herança dos portugueses pode ser encontrada na arquitetura local, nas ruas, culinária e cultura.

Segundo Magalhães (1993), após o período do charque, Pelotas entrou em decadência, abrindo espaço para outras fontes de renda como a produção de pêssego para a indústria de conservas do País, além de outros produtos como feijão, milho, soja, batata inglesa, cebola e fumo. Atualmente, a principal fonte econômica da cidade é o comércio, com mais de 4.400 estabelecimentos comerciais (varejista e atacadista), serviços bancários com 38 agências dos principais bancos, além de seguradoras, casas de câmbio e cerca de 26 empresas de transportes.

Com relação ao sistema educacional, o município conta com cinco instituições de ensino superior, quatro escolas técnicas, além de um número significativo de escolas de ensino fundamental e médio. No que se refere à cultura local, Pelotas possui dois teatros, uma biblioteca pública, vinte e três museus, dois jornais de circulação diária, três emissoras de televisão, salas de cinema e espaços de leitura. Além disso, a cidade conta com inúmeros artistas locais, grupos de teatro e escritores. Em Pelotas, é realizada, anualmente, a tradicional Feira Nacional do Doce - Fenadoce, que atrai turistas de várias localidades do país.

5.1.4 Vista Alegre do Prata

Vista Alegre do Prata (VAP) está localizada na encosta superior da região nordeste do estado, a uma distância de 120 Km de Caxias do Sul. Sua população é de apenas 1.569 habitantes, de acordo com o IBGE de 2012²¹, divididos entre crianças, jovens, adultos e idosos. A população feminina é de 750 e a masculina de 819.

De acordo com Galeazzi (2004), a história de VAP começa quando, em 1882, um grupo de famílias de colonos italianos foram enviados à Protásio Alves pelo governo Provincial, através dos chefes de colonização com sede em Antônio Prado e Alfredo Chaves, para ocuparem as terras da região e cultivarem o solo. A maior parte dessas famílias eram originárias da Itália, como os Feltre, Udine e Buleno; outras eram imigrantes das colônias próximas. Além desses imigrantes, a cidade também recebeu colonos poloneses vindos da Europa, no ano de 1891, os quais foram obrigados a aceitar os lotes rurais ainda disponíveis na Colônia de Alfredo Chaves, instalando-se nas Linhas 4, 6, 7 (lotes de terras).

²¹ De acordo com as informações da Prefeitura de VAP, o último levantamento foi realizado em 2012.

O nome da localidade, Vista Alegre do Prata, para diferenciar-se da localidade já existente de Nova Prata, deveu-se à tradição cultural italiana, marcada pela expansividade, e pela ligação ao município de Nova Prata.

Com o passar do tempo foram fundadas a primeira escola, a igreja e um cemitério. Os primeiros imigrantes italianos que ocuparam estas terras foram Angelo Raffo, Antônio Bidese, Pietro Maschio, Claudio Calleffi, Miguel Dalla Costa, Tiago Caprini, Gregório Lorini, Angelo Tonus, Maria Uberti, Angelo Treviso e outros. Alguns anos mais tarde, após a chegada massiça dos italianos, aos poucos iniciou-se a corrente imigratória polonesa. Como pioneiros da colonização polonesa citam-se Grzebielukas, Modelski, Koakoski, Petrykoski, Rapkiewicz, Koprowski, Kajawa, Kazmierki, Karpinski, Gayeski, entre outros. Os imigrantes poloneses instalaram-se principalmente nas linhas 6^a, General Osório, e 7^a, Senador Otaviano (GALEAZZI, 2004).

É importante destacar que, embora VAP seja um município em desenvolvimento, a educação fundamental nessa localidade tem uma ótima qualidade. Há um investimento significativo na área da educação municipal, o que já foi motivo de destaque estadual e nacional. A escola, além de cumprir a base curricular nacional, oferece outras oportunidades de aprendizado (aulas de música, línguas estrangeiras, reforço em turno inverso, saídas de campo, jogos). A qualificação dos professores é outro diferencial: os profissionais recebem auxílio financeiro (70% dos custos pagos) para a realização de cursos de especialização, atualização e aperfeiçoamento. Ressalta-se que todo esse investimento é dado apenas para o ensino fundamental.

Com relação aos aspectos culturais, nota-se, portanto, que as culturas italiana e polonesa são muito presentes na região, fato manifesto na religião, nas festas de família e na culinária, sobretudo. Como na cidade não há opções de lazer (cinema, bares, praças, parques), as habitantes costumam reunir-se em suas próprias casas para confraternizar com vizinhos, parentes e amigos. Devido à escassa oportunidade de emprego e de aperfeiçoamento profissional, os jovens geralmente deixam a cidade muito cedo.

Na próxima seção, serão apresentadas as variáveis operacionais consideradas pelo presente estudo para descrição e análise das vogais médias átonas finais.

5.2 Constituição da Amostra

Nesta pesquisa considera-se o período desenvolvimental entre 1:3 e 12 anos. Incluem-se, portanto, as etapas de desenvolvimento da aquisição da variação, já que, de acordo com Eckert (1989,

2000), Roberts e Labov (1964, 1995), Roberts (1997, 2002) e Foulkes, Dockerty e Watt (1999, 2005), a emergência da variação estruturada começa nos primeiros estágios da aquisição da linguagem. Com base nessas considerações, buscou-se construir uma amostra representativa do português falado por crianças e por seus cuidadores em três cidades gaúchas – Pelotas, Porto Alegre, e Vista Alegre do Prata. A presente pesquisa conta com um total de 80 informantes divididos em:

a) amostra crianças: 48 informantes

b) amostra adultos: 32 informantes.

Tendo em vista que um dos objetivos deste estudo é acompanhar as etapas de emergência da variação linguística, a Amostra Crianças contempla dados longitudinais e transversais. Com relação aos dados do estudo longitudinal, a amostra engloba crianças com idade entre 1:3 e 5:0. As entrevistas foram realizadas a cada trinta dias, por um período de seis meses. Com relação aos dados do estudo transversal, a amostra é formada por dados de dezesseis sujeitos com idade entre 6 e 12.

Informa-se que parte desta amostra (sete crianças nascidas em Pelotas-RS) pertence ao banco de dados LIDES (Linguagem Infantil em Desenvolvimento), o qual faz parte do acervo de dados do Laboratório Emergência da Linguagem Oral (LELO) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas²², e a outra parte da amostra (41 crianças) foi obtida por meio de entrevistas realizadas pela própria pesquisadora e pelos cuidadores das crianças pertencentes às faixas etárias entre 1:3 e 5:0, sendo que 05 crianças foram selecionadas em Pelotas, 12 em Porto Alegre, 24 em Vista Alegre do Prata, conforme mostra o Quadro 16:

Quadro 16 - Número de informantes por cidade

Cidade	Nº. de informantes infantis
Pelotas	12
Porto Alegre	12
Vista Alegre do Prata	24
TOTAL	48

Fonte: A autora.

²² Os dados foram coletados em projeto conjunto pelas professoras Giovana Ferreira Gonçalves e Márcia Cristina Zimmer.

As 48 crianças estão distribuídas em 12 faixas etárias (FE), cada uma representada por quatro informantes (dois meninos e duas meninas), como mostra o Quadro 17 a seguir:

Quadro 17 - Sujeitos da Pesquisa: por Faixa Etária

FE	Idade (anos: meses)	PEL/POA (nº. de infs)	VAP (nº. de infs)	FE	Idade (anos:meses)	PEL/POA (nº. de infs)	VAP (nº. de infs)
1	1:3- 1:8	02	02	7	4.1-4:6	02	02
2	1:7 -2:0	02	02	8	4:7-5:0	02	02
3	2:1 -2:6	02	02	9	6:0 -7:0	02	02
4	2:7 - 3:0	02	02	10	8:0- 9:0	02	02
5	3:1- 3:6	02	02	11	10-11	02	02
6	3:7-4:0	02	02	12	11-12	02	02

Fonte: A autora.

A Amostra Adultos conta com dados de trinta e dois (32) informantes (cuidadores principais). A recolha dos dados dessa amostra foi obtida por meio das entrevistas realizadas pelo próprio informante cuidador em sua interação com a criança. Considera-se cuidador principal a pessoa que estimula, brinca e que acompanha a criança, que com ela fala e com ela brinca, em todas as etapas de seu desenvolvimento linguístico.

Salienta-se que a interação espontânea entre a criança e o cuidador é, durante o processo de aquisição, fundamental para se verificar se os princípios que regulam a variação na fala do adulto atuam da mesma maneira na aquisição. Segundo Docherthy e Foulkes (2002), a variabilidade encontrada na fala da criança é reflexo da variabilidade encontrada na fala do adulto, conforme já foi referido na seção 3.3, Capítulo 3.

5.2.1 Banco de dados

O LIDES (Linguagem Infantil em Desenvolvimento)²³ é um banco de dados sediado na UFPEL e UCPEL, que reúne amostras de fala de crianças e de seus cuidadores. Esse banco é constituído de dados de fala de nove crianças entre 1:0 e 4:6 (anos: meses), 9 sujeitos das cidades de Pelotas e um da cidade de Santa Maria. O banco inclui também os dados de 10 sujeitos adultos - cuidadores das crianças.

²³ Banco criado pelas professoras Márcia Cristina Zimmer e Giovana Ferreira-Gonçalves.

Os dados que integram o LIDES estão disponíveis em arquivos de áudio do tipo *.wav* e foram obtidos por meio de interação espontânea entre a criança e o cuidador. As falas foram gravadas digitalmente uma vez por mês, durante um período de seis meses, na casa do próprio entrevistado. As gravações foram realizadas pelo próprio cuidador responsável pela criança, com duração máxima de 30 minutos.

Deve-se salientar que os dados coletados pela autora deste estudo seguiram os mesmos procedimentos adotados para a composição do banco LIDES.

5.2.2 Critérios para constituição da amostra

Foram considerados os seguintes critérios para a inclusão dos informantes que compõem a amostra em exame neste estudo:

- a. o informante deveria ter o português como língua materna;
- b. o informante deveria ser filho de pessoas nascidas na localidade e que dela ainda façam parte;
- c. o informante não deveria ter se afastado da cidade por mais de dois anos;
- d. o informante não deveria ter sido submetido a nenhum tratamento de fala.

Os primeiros critérios considerados, *a*, *b* e *c*, indicam que todos os informantes (crianças e adultos) selecionados pertencem, de fato, à comunidade considerada. O critério *d* garante que todos os informantes apresentem desenvolvimento normal da fala.

Com relação especificamente aos informantes adultos, foram critérios de inclusão:

- a. ser o *cuidador imediato* da criança ou, ainda, o responsável direto pela criança, podendo assim contribuir com informações mais detalhadas sobre a rotina de vida e estimular a produção de fala espontânea por meio de brincadeiras, conversas, leituras de histórias, dentre outros aspectos;
- b. ter ensino fundamental completo;
 - c. ter pleno conhecimento das informações elencadas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e com elas concordar (ver Apêndices).

5.2.3 Coleta de dados

O contato para coleta de dados foi feito, previamente, por meio de indicações de amigos, pessoas conhecidas, de forma a evitar que crianças da mesma família ou crianças com contato próximo fossem incluídas na pesquisa. Os responsáveis legais pela criança e os seus cuidadores receberam, previamente, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A) para realização das entrevistas com a criança e outro autorizando a coleta de dados do próprio cuidador das crianças que receberam acompanhamento longitudinal. Nesse termo, constaram todas as informações necessárias como a data e hora da coleta, duração das entrevistas, integridade das informações e os procedimentos que foram utilizados. Deve-se esclarecer que foram elaborados três modelos de TCLE: um para as crianças em acompanhamento longitudinal, outro para as crianças que fazem parte do estudo transversal e outro para os informantes adultos cuidadores.

Neste trabalho, utilizaram-se dois tipos de instrumentos, um para o grupo da pré-escola, apresentado no Anexo A, e outro instrumento para o grupo do ensino fundamental, apresentado no Anexo B. Para as crianças entre 1:3 e 5:0 (doravante Grupo A), por se tratar das faixas etárias iniciais, foi utilizada a técnica de nomeação espontânea com base no instrumento AFC (Avaliação Fonológica da Criança) proposto por Yavas, Matznauer-Hernandorena e Lamprecht (1991), neste trabalho identificado por *instrumento A*. O referido instrumento recebeu contribuição de Guerreiro Rodrigues (AFCpe, 2007) quanto às ilustrações coloridas e em tamanhos maiores (entre 30 e 50 cm).

Esses instrumentos (figuras) foram utilizados pelo cuidador a fim de estimular a produção de palavras; assim a criança, ao reconhecer a figura, falava seu nome – técnica da nomeação. Esse instrumento também possibilitava explorar e estimular a criatividade da criança, pois todos os desenhos foram elaborados a partir de um tema relacionado ao cotidiano da criança, como o momento do banho, a hora do almoço, a festa de aniversário, o zoológico, a pracinha e os brinquedos.

Para as crianças entre 6:0 e 12 anos (doravante Grupo B), foram aplicados dois tipos de instrumentos para a coleta de dados. O primeiro instrumento (doravante *B1*) foi um questionário-guia composto de questões relacionadas à vida cotidiana do sujeito, à comunidade e a assuntos diversos, tais como escola, programas favoritos, diversões, entre outros, conforme mostram os Apêndices D e E. O segundo instrumento (doravante *B2*) compõe-se de um jogo interativo de perguntas e respostas.

As entrevistas foram realizadas na casa dos informantes. Com as crianças entre 1:0 e 5:0, foram feitas pelo próprio cuidador e em sua própria residência, a fim de que a criança pudesse se sentir mais à vontade. Além disso, a criança pôde mostrar seus próprios brinquedos ou objetos

utilizados no seu dia a dia. As crianças das faixas etárias maiores (entre 6 e 12 anos) foram entrevistadas pelo próprio pesquisador, na presença de um adulto responsável pela criança.

Foi utilizado para o registro do áudio um gravador de voz digital Olympus Ws-700m 4g Pendrive, Mp4 Vor, utilizado especialmente para este fim. As entrevistas gravadas foram copiadas para um computador da marca ACER e para um HD externo da marca Samsung.

As sessões de gravações tiveram a duração de 30 a 45 minutos. Após cada gravação, as ocorrências identificadas foram transcritas foneticamente em fichas elaboradas especialmente para esse fim. Cada ocorrência foi codificada, conforme será apresentado na seção 5.3.2.1 a seguir. Todas as fichas foram revisadas pela própria pesquisadora e por linguistas²⁴ da área.

5.3 Variáveis da Pesquisa

Conforme exposto no Capítulo 4 deste estudo, o pressuposto básico da variação linguística é o de que a heterogeneidade linguística não é aleatória, mas regulada e ordenada por um conjunto de regras (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Em vista disso, apresentaremos nesta seção as variáveis linguísticas e sociais candidatas ao condicionamento do processo de alçamento das vogais médias átonas, nosso foco de estudo.

5.3.1 Variável dependente

A variável dependente, em torno da qual se desenvolveu esta pesquisa, é o alçamento das vogais médias átonas finais /e/ e /o/. São variantes, portanto:

- alçamento - grip[i] , cop[u]
- não alçamento - grip[e], cop[o]

5.3.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes são constituídas pelos grupos de fatores que podem influenciar sobre a escolha de uma das variantes da variável dependente. Seguindo essa definição, para o estudo de alçamento das vogais médias átonas finais /e/ e /o/, foram controladas sete variáveis linguísticas que se mostraram relevantes nos estudos de Roveda (1998), Carniato (2000), Vieira (2002), Machry

²⁴ Cláudia Regina Brescancini, Ivanete Mileski, Márcio Oppliger Pinto e Raquel Vaz.

da Silva (2009) e Mileski (2013), realizados no Rio Grande do Sul sobre o mesmo fenômeno, conforme apresentado no Capítulo 4, seção 4.3.1. Dessa forma, as variáveis linguísticas consideradas neste estudo são: Contexto Precedente, Tipo de Sílabas, Qualidade da Vogal, Contexto Seguinte, Classe Gramatical, Contexto Vocálico da Tônica e Tipo de Vocábulo.

5.3.2.1 Variáveis independentes linguísticas

O Quadro 18 mostra as variáveis independentes linguísticas analisadas nesta pesquisa e seus fatores.

Quadro 18 - Variáveis independentes linguísticas e seus fatores

Contexto precedente	[p] (gripe, copo) [b] (sabe, brabo) [k] (leque, macaco) [g] (jogue, fogo) [t] (sorvete, gato) [d] (balde, dado)	[f] (bife, garfo) [v] (chave, Gustavo) [s] (doce, palhaço) [z] (frase, corajoso) [ʃ] (peixe, lixo) [ʒ] (garagem, anjo)	[m] (game, primo) [n] (telefone, menino) [ɲ] (joguinho)	[ʎ] (vinti) [dʒ](verdi)	[l] (bule, bolo) [ʎ] (vermelho, filho) [r] (cofre, número) [R] (corre, carro)	
Tipo de sílaba	Com coda /R/	Com coda /l/	Com coda /S/	Com coda /N/	Apagamento de coda	Sem coda
	(revolver) (reporter)	(imóvel) (automóvel)	(vezes) (olhos)	(homem) (imagem)	(reporteØ) (brincamoØ)	(leite) (dado)
Contexto seguinte	[p] (cachorro porco) [b] (gato bonito) [k](leite quente) [g] (menino gordo) [t](sempre trago) [d](balde d'água)	[f] (fico feio) [v] (pote vazio) [s](tomate seco) [z] (vamo[z] brincar) [ʃ] (ele [ʃ]egou) [ʒ] (menino [ʒ]esus)	[m] (brinco muito) [n] (sabe nada)	[ʎ] (mano tinha) [dʒ] (todo dia)	[l] (tomo leite) [R] (escuto radio)	
Classe gramatical	substantivo (menino); verbo (correndo); advérbio (muito); pronome (esse) e numeral (treze)					
Contexto vocálico da tônica	Com vogal alta			Sem vogal alta		
	(livre, jipe, rico, livro)			(chave, alface, macaco, porto)		
Item Lexical	boneco, esse, cachorro, bolo, hoje, alegre			(variável composta por cada item lexical que compõe a amostra)		

Fonte: A autora.

5.3.2.1.1 Contexto Fonológico Precedente

Esta variável tem por objetivo verificar qual elemento sonoro precedente pode favorecer ou não o alçamento das vogais médias finais. Os dados serão analisados de acordo com os contextos apresentadas no Quadro 18.

Os resultados apontados por Roveda (1998), Vieira (2002, 2010) e Machry da Silva (2009) sugerem que a elevação da vogal /e/ é favorecida pelo contexto de consoantes velares e palato alveolares. Partimos desses resultados para compor nossas hipóteses com relação ao papel do contexto precedente para o alçamento das postônicas finais. Para vogal /o/, a hipótese é de que as consoantes labiais [p, b, f, v, m] favoreçam o seu alçamento.

5.3.2.1.2 Tipo de Sílabas

A variável Tipo de Sílabas foi selecionada nos estudos de Roveda (1998), Vieira (2002, 2010), Carniato (2000), Machry da Silva (2009) e Mileski (2013).

Tendo em vista os resultados desses estudos, a hipótese do presente trabalho é de que o alçamento das vogais médias átonas finais /e/ e /o/, na fala das crianças e de seus cuidadores, seja influenciado por sílabas fechadas por coda /S/, as quais favoreceriam a aplicação do fenômeno. Os fatores estão listados no Quadro 18.

5.3.2.1.3 Contexto Seguinte

Na análise desta variável pretende-se verificar se o contexto fonológico seguinte apresenta-se como favorecedor ao alçamento das vogais médias finais, visto que, nos trabalhos de Carniato (2000) e Vieira (2002), essa variável apresentou papel significativo, conforme verificado no Capítulo 3. Os fatores estão listados no Quadro 18.

De acordo com os resultados de pesquisas mencionadas, espera-se que tanto para a vogal /o/ quanto para a vogal /e/ as consoantes [+alto] desempenhem papel.

5.3.2.1.4 Contexto Vocálico da Tônica

Esta variável já foi apontada como estatisticamente relevante por Vieira (2002, 2010), Machry da Silva (2009) e por Mileski (2013). Conforme os resultados constatados nesses estudos, a presença da vogal alta na sílaba tônica influencia o alçamento das vogais /e/ e /o/. Tal resultado para vogal /e/ não se confirma no estudo de Mileski.

Dessa forma, partimos neste trabalho da hipótese de que a presença da vogal alta na sílaba tônica tenderia a favorecer o alçamento das vogais médias altas.

5.3.2.1.5 Qualidade da Vogal

Esta variável, cujos fatores estão exemplificados no Quadro 18, refere-se ao tipo de vogal média em posição postônica analisado.

Seu controle, nesta pesquisa, é explicado pelo fato de /e/ e /o/ postônicos apresentarem comportamentos diferenciados na fala de adultos, conforme comprovado em pesquisas anteriores. De acordo com Carniato (2000), Marchry da Silva (2009) e Mileski (2013), a vogal /o/ é mais suscetível ao alçamento do que a vogal /e/ em posição postônica final. Tal evidência pode ser explicada pelo fato de a vogal /o/ ter seu espaço vocálico mais próximo da vogal /u/. Já o espaço vocálico da vogal /e/ mostra-se mais distante do da vogal /i/. De acordo com Kent e Read (1992), as vogais posteriores /o/ e /u/ são mais difíceis de serem identificadas por apresentarem valores aproximados para os dois primeiros formantes.

Com base nos resultados dos estudos de Carniato (2000) e Vieira (2002), conforme revisado no Capítulo 3, a hipótese é de que as crianças de Vista Alegre do Prata, Porto Alegre e Pelotas tenham um percentual de elevação mais alto para a vogal média /o/ do que para vogal /e/.

5.3.2.1.6 Classe gramatical

O objetivo dessa variável é observar o comportamento das vogais médias átonas em diferentes classes de palavras, como também poder controlar o papel do léxico na aquisição da variação. Os fatores que compõem a variável se encontram exemplificados no Quadro 18.

Parte-se da hipótese de que as palavras lexicais (substantivos, adjetivos e verbos) sejam mais favoráveis para a elevação de /o/, visto que essas categorias já estão presentes nas primeiras palavras das crianças e apresentam maior número de ocorrências.

5.3.2.1.7 Tipo de vocábulo

O objetivo dessa variável é reorganizar os fatores da variável Classe Gramatical em dois grupos, a saber, vocábulos funcionais e vocábulos lexicais, a fim de que se possa investigar o papel estatístico desses grupos com relação ao alçamento das vogais médias átonas.

5.3.2.1.8 Item Lexical

Por meio desta variável objetiva-se controlar quais itens favorecem o fenômeno analisado. O tratamento estatístico da variável de efeito aleatório Item Lexical, possibilitado pelo programa computacional Rbrul, apresentado na próxima seção, será realizado conjuntamente com as variáveis independentes de efeito fixo. Tal análise nos possibilita observar que, muitas vezes, a palavra tem um papel tão ou mais importante do que o condicionamento contextual propriamente dito. Assim, nossa hipótese é a de que o item lexical e o contexto fonético atuam na aquisição do alçamento das vogais átonas finais /e/ e /o/, porém apresentam papéis distintos para informantes de localidades diferentes.

5.3.2.2 Variáveis independentes sociais

O Quadro 19 mostra as variáveis independentes sociais e seus fatores analisados nesta pesquisa.

Quadro 19 - Variáveis Sociais

Crianças		
Faixa Etária (FE)	Faixa Etária (FE)	Faixa Etária (FE)
1:3 - 1:6	3:1 - 3:6	6 - 7
1:7 - 2:0	3:7 - 4:0	8 - 9
2:1 - 2:6	4:1 - 4:6	10 - 11
2:7 - 3:0	4:7 - 5:0	12
Adultos		
Faixa Etária (FE)	Faixa Etária (FE)	Faixa Etária (FE)
1) 18 -30	2) 31 - 43	3) 44 ou +
Localização Geográfica	Pelotas - RS Porto Alegre - RS Vista Alegre do Prata – RS	
Sexo	Feminino e Masculino	
Informantes	Composta por todos os indivíduos que compõem as amostras	

Fonte: A autora.

5.3.2.2.1 Variável Localização Geográfica

Tendo em vista os diferentes dialetos de cada região, esta variável tem como objetivo analisar a diferença de aplicação da regra de alçamento das vogais médias átonas finais na fala de crianças, adolescentes e adultos (cuidadores) das três cidades (Pelotas, Porto Alegre e Vista Alegre do Prata).

A hipótese para esta variável é de que os falantes das localidades de Pelotas/Porto Alegre, região metropolitana, com base em Vieira (1994, 2002) e Roveda (1998), aplicam o alçamento das vogais médias átonas finais de forma quase que categórica.

Com relação à localidade de Vista Alegre do Prata, localizada na Serra Gaúcha, nossa hipótese é de que os falantes dessa localidade, com base em Mileski (2013), aplicam a regra de elevação das vogais médias átonas finais de forma moderada.

5.3.2.2.2 Variável Faixa Etária

Segundo Eckert (1997), a cada etapa de vida (infantil, adulta e velhice), mudanças de ordem biológica e social ocorrem e refletem-se na língua do indivíduo. Esse processo, segundo a autora, é denominado de curso da vida linguística. A aquisição da língua, a entrada na escola, a ampliação da rede de relações sociais, são fatores que se refletem diretamente no comportamento linguístico de falantes de determinadas faixas etárias

A variável Faixa Etária será considerada neste estudo a fim de que se possa observar o comportamento variável do fenômeno em estudo nos dados de fala infantil e de seus estágios de desenvolvimento.

Ainda com relação às idades, Labov (1964, 1972) argumenta que a comparação da fala de sujeitos com faixas etárias diferentes pode revelar diferentes fases de aquisição de uma língua, como foi postulado em seu estudo sobre as etapas de aquisição do inglês americano (ver Capítulo 4).

Quanto à variável em questão, nossa hipótese é de que as crianças das faixas etárias menores sofrem mais influência do input do cuidador do que as maiores. Dessa forma, postula-se que as crianças menores apresentem índices de aplicação bem próximo aos de seus cuidadores. Os fatores dessa variável estão exemplificados no Quadro 19.

Com relação aos adultos de Vista Alegre do Prata, especificamente, espera-se no presente estudo que não haja diferenças significativas entre as diferentes faixas etárias quanto à produção do alçamento. Tal hipótese está baseada no estudo de Mileski (2013), o qual indica a situação de variação estável na comunidade.

5.3.2.2.3 Variável Sexo

A variável sexo tem demonstrado ser um dos principais condicionantes de heterogeneidade linguística, principalmente nos estudos sobre aquisição da variação. Pesquisadores como Fisher (1958), Roberts (1997, 2002) e Foulkes (1999, 2002), conforme discutido no Capítulo 4, têm apontado que meninas e meninos apresentam comportamentos diferenciados com relação à aquisição da variação.

A variável sexo foi analisada em diversos estudos da área de aquisição da linguagem. Conforme Mezzomo (2010), essa variável tem evidenciado um papel importante e uma diferença na aquisição da linguagem entre meninos e meninas. Para a pesquisadora, o comportamento feminino destaca-se não só nas habilidades domésticas e na tarefa materna, mas também está relacionada às tarefas relacionadas à linguagem e às habilidades de fala. As mulheres comunicam-se mais do que os homens e apresentam ótimos resultados em exercícios léxico-verbais devido a sua capacidade de ater-se a detalhes (ROSA, 2004).

No que diz respeito à fala das crianças, as meninas tendem a usar mais as formas consideradas corretas (próxima da língua padrão), enquanto os meninos preferem utilizar as formas não-padronizadas. Fischer (1958), em sua pesquisa sobre a variação de *-in* e *ing* no inglês, demonstrou que a variável sexo tem um papel fundamental no comportamento linguístico infantil. De acordo com o autor, as meninas tendem a utilizar as formas prestigiadas socialmente (padrão), nesse caso *ing*, e os meninos empregam mais as formas menos prestigiadas (não-padrão), neste caso *in*, conforme descrito pelo autor (ver seção 4.2, Capítulo 4). Somando-se a isso, as interações que ocorrem entre a mãe e a criança durante o período aquisitivo são diferentes: os adultos adaptam sua fala ao sexo da criança, conforme Snow (1977) e Bates Godmam (1999) (ver seção 3.2, Capítulo 3).

Com base nas considerações anteriores, a variável Sexo será controlada nesta pesquisa a fim de que se possa verificar como se dá a construção social do gênero na aquisição da variação relativa ao alicamento da vogal átona final em PB e avaliar sua influência no comportamento linguístico das crianças quando essas começam a interagir com os seus grupos de pares.

5.3.2.2.4 Variável Informante

A variável Informante será controlada neste estudo com o intuito de verificar as produções individuais por meio das taxas de aplicação do alicamento de cada sujeito. A observação dessa variável é fundamental, pois é possível comparar os resultados de realização do alicamento de cada criança com os resultados do adulto cuidador a fim de verificar o papel do *input*.

5.4 Codificação dos dados

A amostra deste trabalho contém 13.587 ocorrências para fala infantil e 8.609 ocorrências para fala adulta. Considerou-se como ocorrência para a pesquisa as palavras lexicais e funcionais (veja-se seção 5.3.2.1.6) terminadas em vogais médias /e/ e /o/ em posição postônica final.

O exemplo que segue mostra a codificação das variáveis de uma ocorrência de elevação da vogal postônica /o/:

Ocorrência	Codificação
mot[u]	1tV6y9osm4pg

De acordo com a orientação metodológica, o primeiro símbolo codificado corresponde a uma das variantes da variável dependente. Desse modo, tem-se, no dado apresentado, a ocorrência de elevação da vogal /o/ em mot[u], sendo que o símbolo **1** significa a ocorrência de vogal alta. Em seguida, tem-se a codificação das variáveis linguísticas e sociais. Desse modo, de acordo com o exemplo acima, tem-se: para contexto precedente composto por consoante coronal, o código é **t**; para o contexto seguinte vazio, o código é **V**; para a localização da postônica no tema, o código é **6**; para o tipo de sílaba sem coda, o código é **y**; para ausência de vogal alta na palavra, o código é **9**; para vogal final labial, o código é **o**; para classe gramatical substantivo, o código é **s**. Após a codificação das variáveis linguísticas, tem-se a codificação das variáveis extralinguísticas: **m** para sexo masculino; **4** para faixa etária 2:7 - 3:0; **p** para a localização geográfica Pelotas/Porto Alegre e **g** para a identificação do informante.

O arquivo com a codificação dos dados foi salvo na extensão .csv (*CommaSeparated Value*) para posterior leitura pelo programa estatístico Rbrul.

5.5 Tratamento Estatístico dos Dados

Como os dados de fala dos sujeitos deste estudo são provenientes de localidades que apresentam características socioculturais diferentes, optou-se por realizar análises por localidade separadamente. Assim, na Seção 5.5.1, serão apresentadas as etapas seguidas para descrição da aquisição do sistema vocálico tônico e postônico final do português brasileiro. Em 5.5.2, expõem-se os procedimentos adotados para descrição e análise do alçamento das vogais médias átonas finais nos dados de crianças e adultos de Vista Alegre do Prata; e, na sequência, apresentam-se os procedimentos adotados para descrever e analisar o alçamento das vogais médias átonas finais nos dados de Pelotas/Porto Alegre.

5.5.1 Descrição das vogais tônicas e postônicas na aquisição

Os dados deste estudo foram obtidos por meio de um levantamento de todos os segmentos vocálicos que compõem o inventário fonológico de oito crianças com idade entre 1:3 e 2:0, três

meninas e cinco meninos. Nesta etapa, foram contabilizadas todas as ocorrências das sete vogais do PB na posição tônica e as vogais médias na posição postônica final, considerando o segmento adquirido quando a criança atingiu o percentual de produção adequada igual ou superior a 85%. Para o registro das ocorrências foi elaborada uma planilha que continha todas as informações sociais da criança e de seu cuidador. A parte referente aos registro das ocorrências está exemplificada a seguir.

a) Planilha modelo para as vogais tônicas

Sujeito – S2 - NT		/a/	/i/	/u/	/e/	/o/	/ɛ/	/ɔ/	Total
Sem possib. de ocorrência		*	*	*	*	*	*	*	*
Ocorrência									
Sujeito		/a/	/i/	/u/	/e/	/o/	/ɛ/	/ɔ/	Total
FE1	01:03								
	01:04								
	01:05								
	01:06								
	01:07								
	01:08								
Total									

Fonte: A autora.

Nessa planilha, foram registradas todas as ocorrências das vogais tônicas produzidas pela criança. O símbolo * (asterístico) indica que, naquele momento, não houve produção de palavras com a vogal alvo. Todas as ocorrências foram contabilizadas individualmente (por faixa etária), a cada 30 dias, por um período de seis meses. Após o término de todas as coletas, os dados de cada criança foram submetidos ao programa estatístico para análise dos percentuais de ocorrências das vogais tônicas.

b) Planilha modelo para as vogais postônicas finais

Sujeito – S2 - NT		/i/	/u/	/e/	/o/	Total
Sem possib. de ocorrência		*	*	*	*	*
Ocorrência						
Sujeito		/i/	/u/	/e/	/o/	Total
FE1	01:03					
	01:04					
	01:05					
	01:06					
	01:07					
	01:08					
Total						

Fonte: A autora.

Nesta planilha, foram registradas todas as ocorrências das vogais postônicas produzidas pela criança. O símbolo * (asterístico) indica que, naquele momento, não houve produção de palavras com a vogal média postônica final. Para contabilização das ocorrências das vogais postônicas finais, adotaram-se os mesmos procedimentos das vogais tônicas.

Após a contabilização das ocorrências de todos os segmentos vocálicos, procedeu-se ao cálculo dos resultados. O tratamento das ocorrências e elaboração dos gráficos foram feitos na planilha do Excel. É importante salientar que os itens lexicais produzidos pela criança foram transcritos foneticamente, revisados e codificados para serem utilizados na segunda etapa desse estudo. A segunda etapa refere-se à análise variacionista.

Para os casos de variação, conforme já referido, todas as palavras produzidas, com alçamento ou sem alçamento, foram transcritas foneticamente e codificadas posteriormente (ver seção 5.3.2.1.6). Ressalta-se ainda que o estudo aqui proposto englobou as fases iniciais de aquisição da linguagem que corresponde o período de 1:7 e 12 anos.

5.5.2 Instrumento de Análise Estatística

O programa Rbrul – versão i386 3.0, desenvolvido por Daniel E. Johnson (2009), é uma ferramenta de análise de dados linguísticos por regressão logística que é performado em R. Esse

programa, além de realizar todas as funções do Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2012), possibilita a computação de variáveis contínuas com variáveis dependente ou independentes.

Para operar com o programa, cria-se, primeiramente, um arquivo de dados, que pode ser elaborado no Excel, Word ou BR Office. Para gerar esse arquivo é necessário que a variável dependente e os grupos de fatores que fazem parte do envelope de variação já tenham sido estabelecidos.

O arquivo gerado apresenta a proporção/percentagem de aplicação da regra para cada um dos fatores que compõem as variáveis em exame, os resultados em peso relativo e o valor do *log odds*, definidos por Johnson (2009, p. 9) como coeficientes negativos e positivos para o modelo de regressão, de modo que quanto maior o valor numérico, maior o efeito. Segundo o autor, há favorecimento da aplicação do processo sempre que o valor do *log odds* for positivo e seu peso relativo correspondente estiver acima de 0,50, enquanto que se o valor do *log odds* for negativo e o peso relativo for abaixo de 0,50 indicam não favorecimento. Quando o *log odds* apresentar valor zero (0) e o peso relativo for 0,50, depende-se que o efeito do fator é neutro.

Para o cálculo são realizados processos de iteração entre as variáveis ou rodadas de análises, como serão identificados no decorrer da discussão dos resultados. Em cada uma das rodadas serão apresentados resultados dispostos em dois níveis: 1) *STEP UP*, que apresenta a análise progressiva de variáveis, cujo resultado aponta as que são selecionadas como estatisticamente relevantes e 2) *STEP DOWN*, em que há a análise regressiva de variáveis, cujo resultado indica as que possuem menos ou nenhuma relevância estatística. No Rbrul, os resultados finais entre o nível *step up* e o *step down* devem ser compatíveis, isto é, o modelamento de um nível de análise deve corroborar o resultado do outro nível. Deve-se informar também que o Rbrul permite não só operar com fatores de efeito fixo como também operar com grupos de fatores de efeito aleatório (JOHNSON, 2009), tais como o papel do indivíduo e o papel do item lexical. Assim, numa rodada, por exemplo, pode-se avaliar o efeito do item lexical no fenômeno analisado, sem deixar de testar conjuntamente outras variáveis (linguísticas e extralinguísticas). Neste estudo, investigaremos a variável item lexical a fim de testar seu papel favorecedor ou não no alçamento das vogais médias átonas finais.

No Capítulo 6 a seguir, são apresentadas a descrição, a análise e a discussão dos resultados obtidos neste estudo para o processo do alçamento das vogais médias postônicas finais, bem como os fatores que se mostraram favoráveis a tal processo.

6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo dedica-se à descrição e análise das amostras referentes às crianças entre 1:3 e 12 anos e aos adultos cuidadores dessas crianças. A análise será apresentada em duas partes: a primeira, em 6.1, trata da aquisição das vogais em posição tônica e em posição postônica final por oito sujeitos entre 1:3 e 2:0 de idade, acompanhados longitudinalmente pelo período de seis meses. Na segunda parte, em 6.2, será feita a análise do comportamento variável das vogais médias átonas finais nos dados de crianças entre 1:7 e 12 anos. Nessa etapa, serão analisados dados de fala de adultos, cuidadores das crianças entre 1:7 e 5:0, a fim de se verificar o comportamento das vogais postônicas finais /e/ e /o/ na fala adulta e também observar o papel do input na aquisição da variação.

6.1 Descrição e Análise do Sistema Vocálico: Amostra Crianças

Os dados descritos nesta etapa foram obtidos por meio de um levantamento de todos os segmentos vocálicos que compõem o inventário fonológico de oito crianças, três meninas e cinco meninos, com idade entre 1:3 e 2:0 (acompanhadas longitudinalmente pelo período de seis meses), conforme apresentado no Capítulo 5, Seção 5.2. Assim, foram contabilizadas todas as ocorrências das sete vogais do PB na posição tônica e todas as ocorrências das vogais /e/ e /o/ na posição postônica final. Considerou-se o segmento adquirido quando a criança atingiu o percentual de produção adequada igual ou superior a 85% (LAMPRECHT et al., 2004).

6.1.1 Descrição das Vogais tônicas do Português Brasileiro: Amostra Crianças

6.1.1.1 Resultados globais referentes às vogais tônicas

Nesta seção, apresentaremos os resultados globais referentes à produção das vogais tônicas de 8 sujeitos (4 crianças de VAP e 4 crianças de PEL/POA) que foram distribuídos em dois grupos de faixas etárias, a saber: Faixa Etária 1 (doravante FE1) e Faixa Etária 2 (doravante FE2). A primeira (FE1) é constituída por quatro crianças (duas meninas e dois meninos) com idade entre 1:3 e 1:8. A segunda (FE2) é constituída por quatro sujeitos (uma menina e três meninos) com idade entre 1:7 e 2:0.

A amostra para descrição do sistema vocálico em posição tônica é constituída de 2.287 dados, que constituem o *corpus* deste estudo.

O Quadro 20 a seguir mostra a distribuição dos segmentos vocálicos tônicos produzidos pelos informantes, conforme a faixa etária.

Quadro 20 - Segmentos vocálicos contabilizados por faixa etária

Dados Contabilizados	FE1	FE2	Total
Amostra	910	1.383	2.293

Fonte: A autora.

No Quadro 21 a seguir, apresenta-se a distribuição das vogais tônicas produzidas pelos informantes da FE1.

Quadro 21 - Número de ocorrências contabilizadas por vogal tônica e por etapas de recolha da Faixa Etária 1 (FE1)

FE	Idade	/a/	/i/	/u/	/e/	/o/	/ɛ/	/ɔ/	Total
FE1	01:03	6	6	2	6	*	*	*	20
	01:04	46	26	11	28	15	*	4	130
	01:05	46	28	16	20	21	4	10	145
	01:06	55	21	11	30	14	5	16	152
	01:07	92	29	14	35	26	7	18	221
	01:08	88	31	24	41	31	9	18	242
	Total	333	141	78	160	107	25	66	910

(*) Não houve produção da vogal.

Fonte: A autora.

No Quadro 21, evidenciam-se as faixas etárias e o número de ocorrências de cada segmento vocálico produzidos pelos sujeitos da FE1. Com base nos dados apresentados, é possível perceber que a vogal /a/ é a primeira em número de ocorrências (333), a segunda mais frequente é a vogal /e/, a terceira é a vogal /i/, a quarta é a vogal /o/, a quinta é a vogal /u/, a sexta é a vogal /ɔ/ e, em último lugar, a vogal /ɛ/. Ressalta-se a que idade final de coleta dos integrantes da FE1 foi até 1:8 para contemplar o período de acompanhamento longitudinal (seis meses).

A seguir, no Quadro 22, apresentam-se os valores globais referentes à FE2.

Quadro 22 - Número de ocorrências contabilizadas por vogal tônica e por etapas de recolha da Faixa Etária 2 (FE2)

FE	Idade	/a/	/i/	/u/	/e/	/o/	/ɛ/	/ɔ/	Total
FE2	01:07	37	15	21	34	25	10	13	155
	01:08	56	13	22	32	22	12	14	171
	01:09	31	26	29	38	29	17	17	187
	01:10	97	43	30	55	27	21	19	292
	01:11	101	17	27	49	29	17	22	262
	02:00	115	51	31	43	31	22	23	316
	Total	437	165	160	251	163	99	108	1.383

Fonte: A autora.

No Quadro 22, exibem-se as faixas etárias e o número de ocorrências de cada segmento vocálico produzido pelos informantes da FE2. Como se pode observar, a vogal /a/ apresenta maior número de realizações, com 437 ocorrências; a segunda mais frequente é a vogal /e/, com 251; a terceira é a vogal /i/, com 165 ocorrências; a quarta é a vogal /o/, com 163 ocorrências; a quinta é a vogal /u/, com 160 ocorrências; no sexto e no sétimo lugares, têm-se as vogais /ɔ/ e /ɛ/, com 108 e 99 ocorrências, respectivamente. Esses resultados estão em conformidade com o estudo de Rangel (2002), segundo o qual as vogais com mais ocorrências, por ordem de frequência, são: /a/, /i/, /e/, /o/, /u/, /ɔ/ e /ɛ/.

Em (4), apresentamos exemplos de produções para as vogais tônicas realizadas pelos informantes da FE1 e, em (5), pelos informantes da FE2.

(4) Vogais-alvo tônicas dos informantes da FE1

abre - ['abi] (S3, 1:4)

pipe - ['pipi] (S4, 1:4) (nome do cachorro)

bubu - ['bu] (S2, 1:3)

esse - ['ese] (S1, 1:5)

outro - ['otu] (S3, 1:6)

olha - ['ɔja] (S4, 1,7)

essa - ['ɛSa] (S2, 1:8)

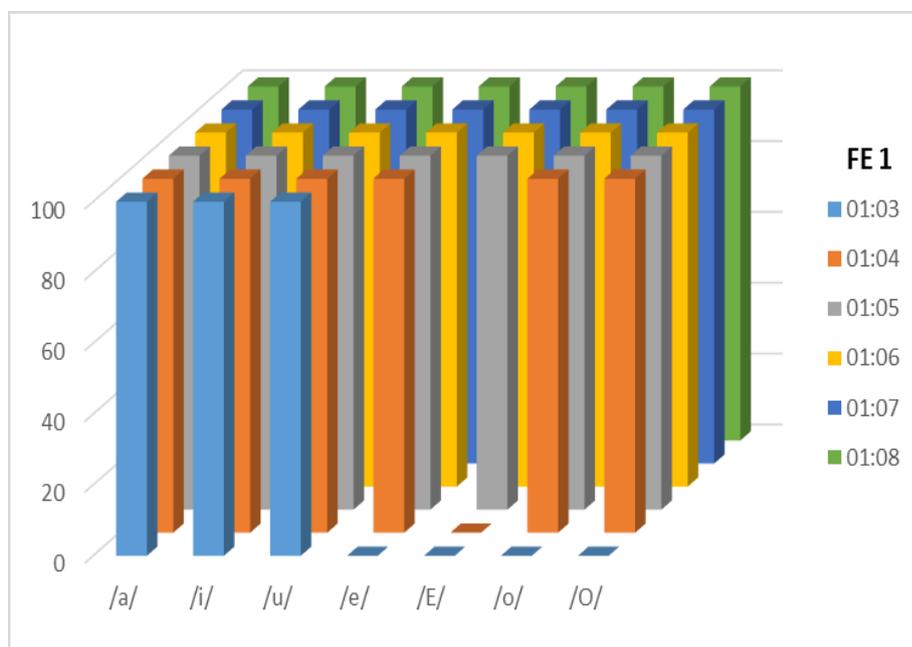
(5) Vogais-alvo tônicas dos informantes da FE2

- aga - ['aga] (S5, 1:7)
 tite - ['titi] (S6, 1:8)
 este - ['eti] (S5, 1:7)
 olho - ['olo] (S5, 1:11)
 vovó - ['vɔ] (S6, 1:8)
 chapéu - ['pɛw] (S6, 1:9)

Antes de descrevermos a constituição do sistema vocálico de cada integrante da FE1, é preciso dizer que os sujeitos são de comunidades distintas. S1-Ef e S4-Pm pertencem à comunidade de Vista Alegre do Prata e os informantes S2-Mf e S3-Am pertencem à comunidade de Pelotas/Porto Alegre.

O Gráfico 6 a seguir apresenta as percentagens de ocorrências das vogais produzidas em conformidade com os alvos tônicos pelos informantes do primeiro grupo, nas seis etapas de coleta.

Gráfico 6 - Vogais tônicas: percentuais de ocorrências apresentados pelos sujeitos da FE1



Fonte: A autora.

Conforme a leitura do Gráfico 6, pode-se observar que as vogais tônicas que integram o sistema vocálico dos sujeitos da FE1 apresentam índice de 100% de produção adequada a partir de 1:5. Nota-se que as vogais /a/, /i/, /u/ ocorreram em todas as faixas etárias. Os estudos na área da

aquisição da fonologia (RANGEL,2002; BONILHA, 2004; MATZENAUER E MIRANDA, 2009; FERREIRA-GONÇALVES E BRUM-DE-PAULA, 2012) são unânimes em apontar a emergência precoce do triângulo vocálico /a/, /i/, /u/, seguido pelas vogais médias altas e médias baixas. As autoras afirmam que o padrão de aquisição dos segmentos vocálicos do PB é semelhante aos já constatados no processo de aquisição das vogais de outras línguas (Ver Capítulo 2, seção 2.1). Acrescenta ainda que as vogais médias baixas, por exemplo, são consideradas adquiridas por volta de um ano e sete meses (1:7).

O Quadro 23 mostra as vogais que já integram o sistema vocálico de cada sujeito da Faixa Etária 1(1:3 e 1:8).

Quadro 23 - Informantes da FE 1 (1:3 e 1:8): emergência das vogais tônicas

Sujeito	Localização	Ordem de emergência dos segmentos
S1- Ef	VAP	/a, u/, /i, e, o/, /ɔ/, /ɛ/
S2 - Mf	PEL	/a, i, u/, /e/, /o, ε, ɔ/
S3- Am	PEL	/a, i, u, o, e/, /ε, ɔ/
S4- Pm	VAP	/a, u, e/, /i, o, ɔ/, /ε/

Fonte: A autora.

Como se pode observar no Quadro 24, com 1:8, os sujeitos já estão com seu quadro vocálico completo. Em geral, os primeiros segmentos a emergirem no sistema dos informantes da FE1 foram as vogais /a, i, u/; na sequência, ocorre a emergência das vogais médias altas e, por fim, a das vogais médias baixas, sendo /ε/ a de emergência mais tardia. Esses resultados seguem os apontados por Rangel (2002), conforme discutido no Capítulo 3.

No Quadro 24, observa-se que os sujeitos que integram a FE2 também já estão com o sistema completo até a idade de 2:0, conforme esperado pela literatura da área.

Quadro 24 - Informantes da FE2 (1:7 e 2:0): emergência das vogais tônicas

Sujeito	Localização	Ordem de emergência dos segmentos
S5- Ff	VAP	/a, i, u, e, o, ə, ε /
S6 - Am	VAP	/a, i, e/, /u, ə/, /o, ε/
S7- Nm	VAP	/a, i, u, e, o, ə, ε /
S8- Mm	PEL	/a, i, u, e, o, ε, ə/

Fonte: A autora.

Os informantes S5-Ff, S7-Nm e S8-Mm, pertencentes à FE2, já estão com os segmentos vocálicos adquiridos a partir da idade de 1:7. Contudo, pode-se constatar que o informante S6-Am apresenta apenas as vogais /a, i, e/ na primeira coleta. O aparente ordenamento atípico revelado no Quadro 24 será explicitado na descrição individual dos dados de S6-Am na próxima seção.

Note-se que, nos dados dessas crianças, com base em análises de outiva, não encontramos nenhum caso de substituição ou apagamento de segmentos vocálicos em posição tônica.

Dessa forma, tais resultados indicam, conforme o estudo de Rangel (2002), que os segmentos vocálicos na posição tônica tendem geralmente a ser preservados, sendo, portanto, de aquisição precoce.

Após os resultados gerais, passa-se aos resultados individuais referentes às ocorrências de vogais tônicas do PB no sistema de cada sujeito.

6.1.1.2 Descrição das vogais tônicas na fala de cada informante

Nesta seção, será apresentada a descrição do sistema vocálico de cada sujeito por faixa etária, de acordo com os mesmos procedimentos adotados na seção anterior, referentes à contabilização dos dados dos sujeitos (S1, S2, S3, S4, S5 e S6) por idade.

6.1.1.2.1 Sujeito 1 – VAP – FE1

O Quadro 25, a seguir, evidencia as ocorrências das sete vogais tônicas nas produções de S1, sendo a vogal /ε/ a última a emergir.

Quadro 25 - Número de ocorrências contabilizadas por vogais tônicas no sistema de S1

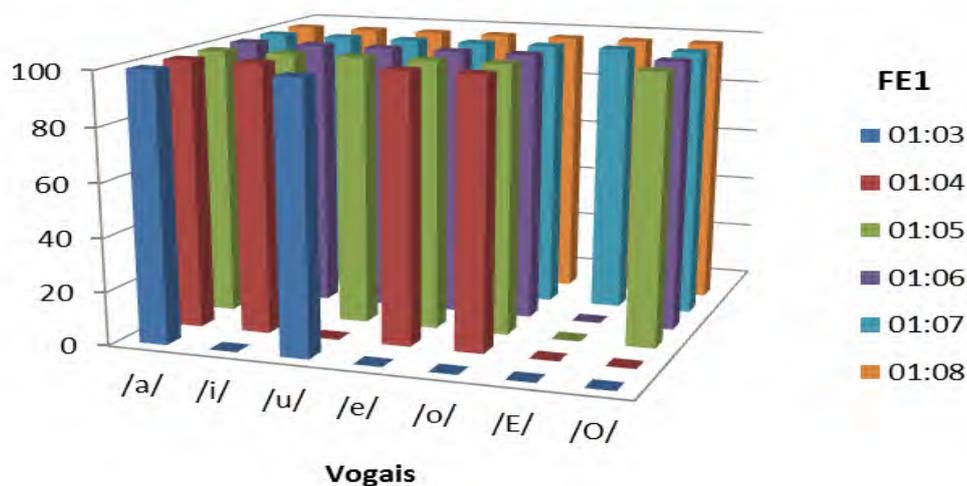
S1		/a/	/i/	/u/	/e/	/o/	/ɛ/	/ɔ/	Total
FE1	1:3	9	*	2	*	*	*	*	11
	1:4	14	*	*	6	6	*	*	26
	1:5	13	8	6	6	16	*	4	53
	1:6	22	4	4	8	14	*	7	59
	1:7	24	4	3	12	8	4	6	61
	1:8	28	6	4	16	17	2	5	78
Total		110	22	19	48	61	6	22	288

(*) Não houve produção da vogal.

Fonte: A autora.

Conforme mostra o Quadro 25, a vogal /a/ foi a mais frequente nos dados, com 110 ocorrências. A segunda colocada é vogal /o/, com 61 ocorrências; já vogal /e/ ocupa a terceira posição, com 48 ocorrências. As vogais /i/ e /ɔ/ apresentam 22 ocorrências, ocupando a quarta posição; a vogal /u/, com 19 ocorrências, ocupa a sexta posição. A vogal /ɛ/ foi a que apresentou menor frequência. O Gráfico 7 apresenta os resultados com relação às realizações adequadas das vogais no sistema vocálico de S1.

Gráfico 7 - Vogais tônicas: percentuais de ocorrências apresentado por S1



Fonte: A autora.

A observação do Gráfico 7 permite constatar que apenas dois segmentos vocálicos integram o sistema vocálico de S1 na primeira etapa (1:3), a saber: as vogais /a/ e /u/. Informa-se que, nessa etapa, não houve possibilidades de realizações para os outros segmentos. Na segunda etapa (1:4), como se pode constatar, há a emergência das vogais /e/ e /i, o/. Nota-se que em tal etapa não houve possibilidade de realização das vogais /u, ɔ, ε /; na terceira etapa (1:5), há a emergência da vogal /ɔ/. Na última etapa (1:7), ocorre a emergência da vogal /ε/, completando o sistema vocálico de S1. Em todas as etapas, os segmentos vocálicos foram realizados (produzidos) adequadamente, tendo por base a análise de outiva. Tais resultados estão em conformidade com o estudo de Rangel (2002) para a posição tônica. Os exemplos em (6) ilustram os segmentos vocálicos produzidos pela informante S1-VAP.

(6) Vogais realizadas por S1-VAP

lá - [‘la] (Ef - 1:3)

duda - [‘duda] (Ef- 1:3)

vovô - [‘vo] (Ef- 1:4)

dedo - [‘dedu] (Ef-1:4)

sinu - [‘sinu] (Ef-1:4)

olha - [‘ɔja] (Ef- 1:5)

essa - [‘ɛsa] (Ef -1:6)

quer - [‘kɛ] (Ef- 1:6)

6.1.1.2.2 Sujeito 2 - PEL – FE1

O Quadro 26 a seguir ilustra os números de ocorrências de cada segmento vocálico realizado pela informante S2. Deve-se salientar que as amostras foram retiradas das seis etapas de entrevistas que vão desde 1:3 até 1:8, perfazendo um total de 135 vogais.

Quadro 26 - Número de ocorrências contabilizadas por vogais tônicas no sistema S2

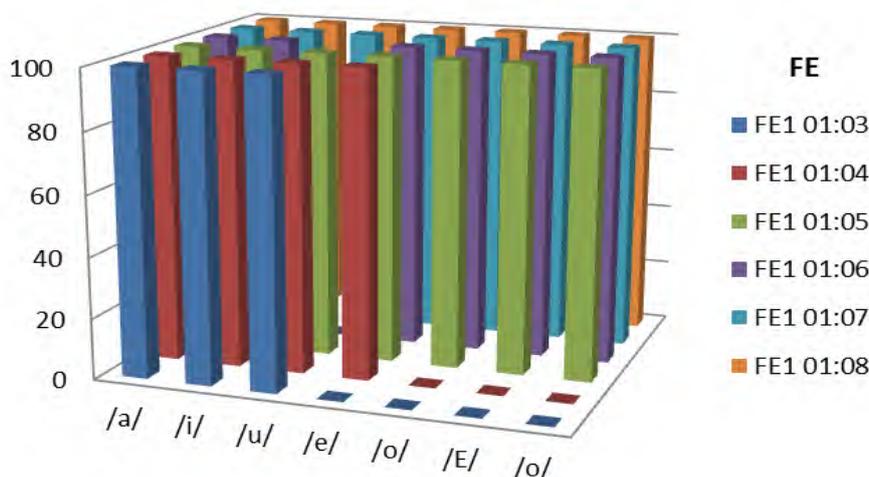
S2	/a/	/i/	/u/	/e/	/o/	/ɛ/	/ɔ/	Total
FE1	01:03	6	4	2	*	*	*	12
	01:04	6	3	1	3	*	*	13
	01:05	5	6	2	2	3	2	22
	01:06	14	2	2	2	2	1	25
	01:07	18	3	2	1	5	2	34
	01:08	16	4	1	2	2	2	29
Total	65	22	10	10	12	9	7	134

(*) Não houve produção da vogal.

Fonte: A autora.

Como é possível observar no Quadro 26, a vogal /a/ foi a mais frequente nos dados, apresentando 65 ocorrências. A segunda foi a vogal /i/, com 22 ocorrências e a vogal /o/ ocupa a terceira posição, com 12 ocorrências. As vogais /e/ e /u/ apresentam 10 ocorrências, ocupando a quarta posição; a vogal /ɔ/, com 7 ocorrências, foi a penúltima a ser adquirida. A vogal /ɛ/ foi a que apresentou menor frequência de ocorrência. O Gráfico 10 a seguir apresenta a porcentagem de realização das vogais para o informante S2.

Gráfico 8 - Vogais tônicas: percentuais de ocorrências apresentado por S2



Fonte: A autora.

De acordo com a leitura do Gráfico 8, constata-se que, na primeira etapa (1:3), apenas três segmentos vocálicos integram o sistema de S2, apresentando índice de 100% de realizações adequadas. Em relação à segunda etapa (1:4), verifica-se a emergência da vogal /e/; na terceira etapa (1:5), tem-se a emergência da vogal média alta /o/ e das vogais médias baixas /ɛ/ e /ɔ/. Os exemplos em (7) ilustram as realizações dos segmentos vocálicos produzidos por S2- PEL.

(7) Vogais realizadas por S2-PEL

abrir - [‘abi] (Mf- 1:3)

esse - [‘esi] (Mf- 1:3)

bonita - [‘tita] (Mf- 1:3)

outro - [‘otu] (Mf- 1:4)

duda - [‘duda] (Mf- 1:5)

olha - [‘ɔja] (Mf- 1:6)

quero - [‘kɛju] (Mf- 1:6)

6.1.1.2.3 Sujeito 3 - PEL - FE1

O Quadro 27 a seguir apresenta os números de ocorrências de cada segmento vocálico realizado pelo informante S3. Deve-se salientar que as amostras foram retiradas das seis etapas de entrevistas que vão desde 1:3 até 1:8, perfazendo um total de 227 produções de vogais.

Quadro 27 - Número de ocorrências contabilizadas por vogais tônicas no sistema S3

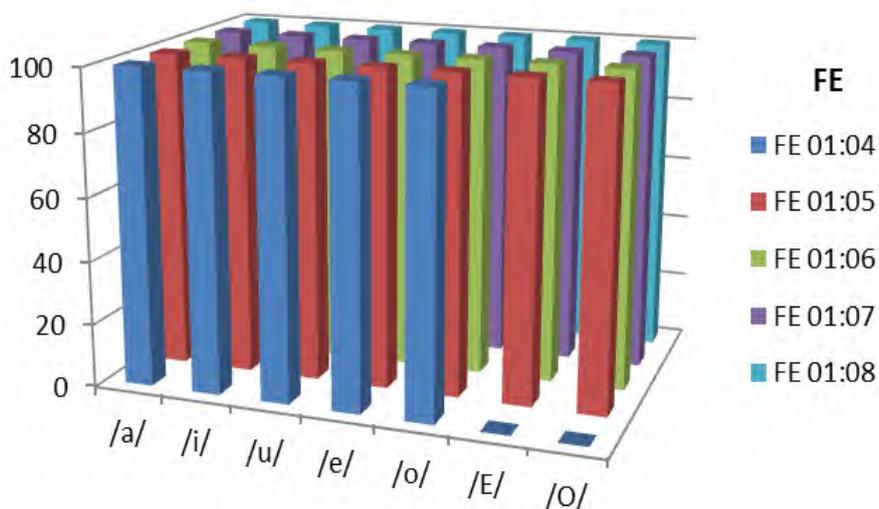
S3	/a/	/i/	/u/	/e/	/o/	/ɛ/	/ɔ/	Total
1:4	14	9	4	7	6	*	*	40
1:5	14	7	2	5	6	2	2	38
1:6	6	7	4	9	2	1	2	31
1:7	22	6	4	12	4	3	6	57
1:8	23	9	7	10	3	1	8	61
Total	79	38	21	43	21	7	18	227

(*) Não houve produção da vogal.

Fonte: A autora.

Primeiramente, deve-se esclarecer que S3, na idade de 1:3, não teve sua recolha de dados realizadas por problemas pessoais. Conforme aponta o Quadro 27, a vogal /a/ foi a mais frequente nos dados, com 79 ocorrências. A segunda colocada é a vogal /e/, com 43 ocorrências. A vogal /i/ ocupa a terceira posição, com 38 ocorrências. As vogais /u/ e /o/ apresentam 21 ocorrências, ocupando a quarta posição; a vogal /ɔ/, com 18 ocorrências, ocupa a sexta posição. A vogal /ɛ/ foi a que apresentou menor frequência, com 7 ocorrências. O Gráfico 9 a seguir apresenta os resultados percentuais com relação às realizações adequadas das vogais no sistema vocálico de S3.

Gráfico 9 - Vogais tônicas: percentuais de ocorrências apresentados por S3



Fonte: A autora.

No Gráfico 9, tem-se o percentual das vogais realizadas adequadamente e a identificação das vogais que não tiveram possibilidades de realização. Na primeira etapa (1:4), já se verifica a presença de cinco vogais: /a/, /i/, /u/, /e/ e /o/. As vogais /ɛ, ɔ/ surgem na sequência, na idade de 1:5. Os segmentos adquiridos precocemente mantêm-se estáveis no decorrer das próximas etapas. Para S3, a realização de coletas aos 1:2 e 1:3 provavelmente possibilitariam um acompanhamento mais adequado da emergência de seu sistema vocálico.

Todos os segmentos realizados por S3 atingiram o percentual de 100% de produções conforme o alvo. Os exemplos em (8) ilustram as realizações dos segmentos vocálicos por S3-PEL.

(8) Vogais realizadas por S3-PEL

água - ['aga] (Am- 1:4)

tudo - ['tudu] (Am- 1:4)

ovu - ['ovu] (Am- 1:4)

dido - ['didu] (Am- 1:4)

titia - ['tita] (Am- 1:4)

dedo - ['dedu] (Am- 1:5)

Elton - ['eto] (Am- 1:5)

bota- ['bɔta] (Am1:6)

6.1.1.2.4 Sujeito 4 - VAP – FE1

No Quadro 28 a seguir, observa-se o número de ocorrências dos segmentos vocálicos por etapa de coleta produzidos pelo informante S4.

Quadro 28 - Número de ocorrências contabilizadas por vogais tônicas no sistema S4

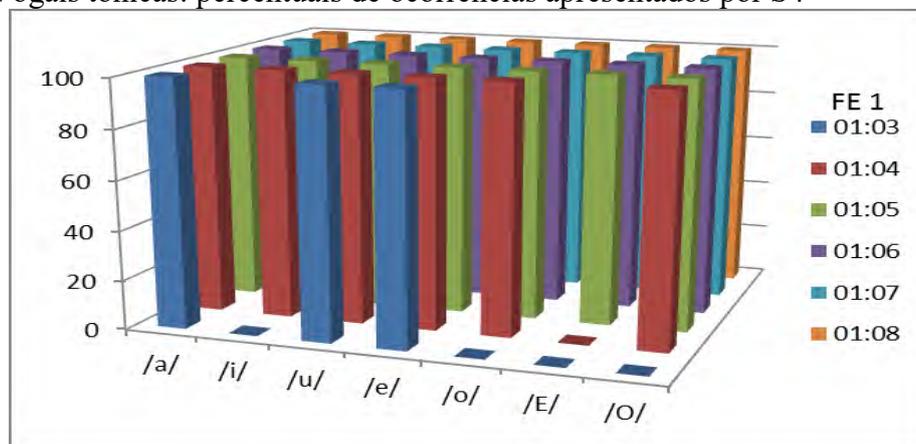
S4		/a/	/i/	/u/	/e/	/o/	/ɛ/	/ɔ/	Total
FE1	01:03	4	*	4	6	*	*	*	14
	01:04	12	10	7	12	3	*	4	48
	01:05	14	7	6	7	6	2	6	48
	01:06	23	8	3	11	8	4	6	63
	01:07	23	9	6	10	7	2	4	61
	01:08	21	12	9	13	12	2	3	72
Total		97	46	35	59	36	10	23	306

(*) Não houve produção da vogal.

Fonte: A autora.

Conforme mostra o Quadro 28, a vogal /a/ foi a mais frequente nos dados, com 97 ocorrências. A segunda colocada é a vogal /e/, com 59 ocorrências; a vogal /i/ ocupa a terceira posição, com 46 realizações. As vogais /o/ e /u/ apresentam valores aproximados, 36, 35, respectivamente, ocupando a quarta e a quinta posição; a vogal /ɔ/, com 23 ocorrências, ocupa a sexta posição. A vogal /ɛ/ foi a que apresentou menor número de realizações, apenas 10. O Gráfico 10 a seguir apresenta os resultados com relação às realizações adequadas das vogais no sistema vocálico de S4.

Gráfico 10 - Vogais tônicas: percentuais de ocorrências apresentados por S4



Fonte: A autora.

De acordo com o Gráfico 10, constata-se que, na primeira etapa (1:3), apenas as vogais /a/, /e/ e /u/ integram o sistema de S4, apresentando índice de 100% de realizações adequadas. Na segunda etapa (1:4), verifica-se a emergência das vogais /i/, /o/ e /ɔ/; na terceira etapa (1:5), tem-se a emergência da vogal /ɛ/. Tais segmentos mantiveram-se estáveis durante as etapas subsequentes e com 100% de realizações corretas. Os exemplos em (9) ilustram as realizações dos segmentos vocálicos realizados por S4-VAP.

(9) Vogais realizadas por S4-VAP

pa - [ˈpa] (Pm-1:3)

vô [ˈvo] (Pm-1:3)

bubu - [ˈbubu] (Pm-1:3)

leite - [ˈeti] (Pm- 1:4)

sino - [ˈsinu] (Pm- 1:4)

vó - [ˈbɔ] (Pm-1:4)

bola - [ˈbɔ] (Pm-1:5)

pega - [ˈpɛga] (Pm-1:6)

6.1.1.2.5 Sujeito 5 - VAP – FE2

O Quadro 29 a seguir apresenta o número de ocorrências dos segmentos vocálicos por etapa de coleta no sistema de S5.

Quadro 29 - Número de ocorrências contabilizadas por vogais tônicas no sistema S5

S5		/a/	/i/	/u/	/e/	/o/	/ɛ/	/ɔ/	Total
S5FE2	01:07	6	4	4	8	10	2	4	38
	01:08	12	6	3	9	7	2	3	42
	01:09	19	8	4	14	5	1	3	54
	01:10	22	11	6	12	6	1	5	63
	01:11	27	11	3	14	6	2	2	65
	02:00	28	7	6	12	10	2	4	69
Total		114	47	26	69	44	10	21	331

Fonte: A autora.

Conforme indica o Quadro 29, para S5, todas as vogais já são realizadas a partir da primeira recolha de dados, pois, na FE2, essa foi realizada quando os sujeitos apresentavam 1:7. A vogal /a/ foi a mais frequente, com 114 ocorrências. A segunda colocada é a vogal /e/, com 69 ocorrências; a vogal /i/ ocupa a terceira posição, com 47 ocorrências; a vogal /o/ ocupa a quarta posição, com 44 realizações; a vogal /u/ apresenta 26 ocorrências e ocupa a quinta posição; a vogal /ɔ/, com 21 ocorrências, ocupa a sexta posição. A vogal /ɛ/ ocupa a sétima posição, com 10 realizações. Os exemplos em (10) a seguir referem-se às vogais produzidas por S5-VAP.

(10) Vogais realizadas por S5-VAP

lá - [‘la] (Ff- 1:7)

cabelo - [ka’bejw] (Ff- 1:8)

molho - [‘ojo] (Ff- 1:7)

duda- [‘duda] (Ff- 1:7)

totó - [‘tɔ] (FF- 1:8)

é - [‘ɛ] (Ff- 1:9)

bicho - [‘bisu] (Ff- 1:10)

teta - [‘teta] (Ff- 1:8)

6.1.1.2.6 Sujeito 6 - VAP – FE2

O Quadro 30 a seguir apresenta o número de ocorrências dos segmentos vocálicos por etapa de coleta com relação ao informante S6.

Quadro 30 - Número de ocorrências contabilizadas por vogais tônicas no sistema de S6

S6		/a/	/i/	/u/	/e/	/o/	/ɛ/	/ɔ/	Total
S6 FE2	01:07	4	1	*	2	*	*	*	7
	01:08	5	1	1	3	*	*	1	11
	01:09	12	*	7	3	15	4	3	44
	01:10	30	16	5	8	2	6	3	70
	01:11	25	10	7	4	5	8	4	63
	02:00	32	11	10	8	9	10	6	86
Total		108	39	30	28	31	28	17	281

(*) Não houve produção da vogal.

Fonte: A autora.

Conforme mostra o Quadro 30, a vogal /a/ foi a que apresentou maior número de ocorrências, com 108 ocorrências. A segunda colocada é vogal /i/, com 39 ocorrências; As vogais /o/ e /u/ apresentam valores aproximados, 30 e 31 ocorrências, respectivamente, ocupando a terceira posição. A vogal /e/ e /ɛ/ ocuparam a quarta posição, com 28 ocorrências; a vogal /ɔ/ foi a que apresentou menor número, com 17 ocorrências. A seguir serão apresentados exemplos de produções das vogais que integram o sistema de S6-VAP.

(11) Vogais realizadas por S6-VAP

água .- [‘aga] (Am-1:7)

este - [‘esti] (Am-(1:7)

oi- [‘oj] (Am-1:7)

Bubu - [‘bu](Am-1:7)

Iva - [‘iva] (Am- 1:8)

Vovó - [‘b] (Am-1:8)

Chapeu - [‘pɛw] (Am- 1:9)

Tendo em vista que a coleta inicial foi realizada aos 1:7, esperava-se, assim como ocorreu para S5, ocorrências das sete vogais tônicas já na primeira etapa. A ausência das vogais /u/ e /o/, portanto, chama a atenção. As referidas vogais, na FE1, emergem até 1:4, o que está de acordo com a literatura da área, portanto já seriam esperadas nas primeiras coletas de S6. Tal fato talvez esteja simplesmente associado a uma baixa produção de itens lexicais realizada pela criança na idade de 1:7, com um total de 7 palavras. Reforçam essa hipótese a ausência de possibilidades de produção de /i/ aos 1:9 e o fato de as vogais /u/, /o/, /ɛ/ e /ɔ/ terem sido reportadas justamente como as menos frequentes na FE1, conforme Quadro 21 disposto no início deste capítulo.

6.1.1.2.7 Sujeito 7 - VAP - FE2

No Quadro 31 a seguir, apresenta-se o número de ocorrências dos segmentos vocálicos por etapa de coleta obtido para o informante S7.

Quadro 31 – Número de ocorrências contabilizadas por vogais tônicas no sistema de S7

S7		/a/	/i/	/u/	/e/	/o/	/ɛ/	/ɔ/	Total
S7 FE2	01:07	19	6	5	10	5	2	3	50
	01:08	20	3	7	5	5	2	5	47
	01:09	25	7	7	8	8	10	3	68
	01:10	33	10	8	12	7	5	7	82
	01:11	25	4	6	10	8	5	4	66
	02:00	30	10	9	11	10	9	6	87
	Total	152	40	42	56	43	33	28	394

Fonte: A autora.

Conforme exhibe o Quadro 31, a vogal /a/ foi a que apresentou maior número de ocorrências, com 152 ocorrências. Na segunda posição, tem-se a vogal /e/, com 56 ocorrências. As vogais /i/, /u/ e /o/ apresentam números aproximados, 40, 42 e 43 ocorrências, respectivamente. As vogais /ɛ/ e /ɔ/ foram as menos frequentes, com 33 e 28 ocorrências. A seguir, serão apresentados exemplos de produções das vogais que integram o sistema de S7-VAP.

(12) Vogais realizadas por S7-VAP

gato [ˈgato] (Nm- 1:7)

beijo [ˈbezo] (Nm- 1:7)

bico [ˈbiku] (Nm- Nm- 1:8)

boné [boˈnɛ] (Nm- 1:8)

vovó [voˈvɔ] (Nm- 1:8)

ovo [ˈovo] (Nm- 1:9)

pulo[pulo] (Nm- 1:9)

6.1.1.2.8 Sujeito 8 - VAP – FE2

O Quadro 32 apresenta o número de ocorrências dos segmentos vocálicos por etapa de coleta obtidos para o informante S8.

Quadro 32 - Número de ocorrências contabilizadas por vogais tônicas no sistema S8

S8		/a/	/i/	/u/	/e/	/o/	/ɛ/	/ɔ/	Total
S8 FE2	01:07	17	3	3	3	5	4	7	42
	01:08	20	5	5	5	5	3	5	48
	01:09	21	6	8	7	8	10	3	63
	01:10	32	8	5	25	10	5	7	92
	01:11	23	4	5	10	9	5	7	63
	02:00	34	11	7	11	15	6	6	90
Total		147	37	33	61	52	33	35	398

Fonte: A autora.

Conforme o Quadro 32, a vogal /a/ foi a que apresentou maior número de ocorrências, com um total de 147. A segunda colocada é vogal /e/, com 61 ocorrências; a vogal /o/ ocupa a terceira posição, com 52 ocorrências. As vogais /i/ e /ɛ/ ocupam a quarta e quinta posições, com 37 e 35 ocorrências, respectivamente. As vogais /u/ e /ɔ/ apresentam 33 ocorrências, ocupando as posições seis e sete. Em (13), os exemplos das produções das vogais de S8-PEL.

(13) Vogais realizadas por S8-PEL

pato [ˈpatu] (Mm-1:7)

Beti [ˈbetʃi] (Mm1:7)

três [ˈtes] (Mm1:8)

bicho [biʃu] (Mm-1:9)

oito [ˈotu] (Mm-1:8)

pula [ˈpula] (Mm- 1:7)

No que se refere aos resultados obtidos, pode-se afirmar que o sistema vocálico tônico das crianças está plenamente adquirido a partir da idade de 1:7 - salvo as diferenças reportadas nos dados de S6. Excetuando-se S1 e S6, poder-se-ia considerar, na verdade, a aquisição do sistema vocálico do português em posição tônica já a partir de 1:5. Percebe-se que, com base nas discussões acima, tal sistema é marcado por uma forte estabilidade, não sendo observado, com base na transcrição de outiva, nenhum caso de substituição ou apagamento, recorrentes na aquisição das consoantes. A ausência de casos de substituição segmental para as vogais em posição tônica está de acordo com o constatado em outros estudos (RANGEL, 2002; BONILHA, 2004; MATZENAUER, 2009). Chama a atenção, no entanto, a ausência de casos de apagamento das vogais, reportado por Bonilha (2004)

com base nos dados de um sujeito com idade entre 1:0 e 4:0. Tal fato pode estar principalmente relacionado à manutenção da sílaba tônica, bem como à recorrência de alvos dissílabos nos dados das crianças mais jovens, não ocorrendo, assim, processos de truncamento, frequentes em trissílabos.

A seguir, apresentaremos a descrição do sistema vocálico postônico final, a partir dos dados de 8 sujeitos, acompanhados longitudinalmente.

6.1.2 Descrição das Vogais Postônicas do Português Brasileiro: Amostra Crianças

Para este estudo, serão observados os dados de fala de oito sujeitos divididos em dois grupos, composta de quatro crianças de PEL/POA e quatro de VAP, conforme procedimento adotado para descrição das vogais tônicas - Faixa Etária 1 (quatro crianças) (doravante FE1) e Faixa Etária 2 (quatro crianças) (doravante FE2).

Esclarece-se que os dados dos sujeitos serão descritos conjuntamente, dentro de suas respectivas faixas etárias, mas divididos por localidade, a fim de se obter um número mais expressivo de ocorrências, tendo em vista a baixa produção de itens lexicais na fala das crianças nas coletas iniciais. A amostra para a descrição do sistema vocálico postônico final da FE1 e da FE2 é constituída de 1.565 dados.

O Quadro 33 a seguir exhibe a distribuição dos números das ocorrências dos segmentos vocálicos postônicos finais realizados pelos informantes da primeira faixa etária (FE1), a qual é constituída por quatro sujeitos (duas meninas e dois meninos), com idade entre 1:3 e 1:8. A Faixa Etária 2 (FE2) é composta por quatro sujeitos (uma menina e três meninos), com idade entre 1:7 e 2:0.

Quadro 33 - Segmentos vocálicos [-e], [o], [i], [u] - em posição postônica final contabilizados por FE

Dados Contabilizados	FE1	FE2	Total
VAP	617	643	1.260
Pelotas	159	146	305
Amostra	776	789	1.565

Fonte: A autora.

Apresenta-se a seguir, no Quadro 33, a distribuição das vogais postônicas finais realizadas pelos sujeitos da FE1 – Pelotas. Na sequência, tem-se o Quadro 34 que corresponde ao número de ocorrências das átonas finais obtido pelos sujeitos de FE1– Vista Alegre. Tais quadros informam os

seguintes aspectos: segmento vocálico, faixa etária, número de ocorrências por etapa e total de realizações de cada segmento.

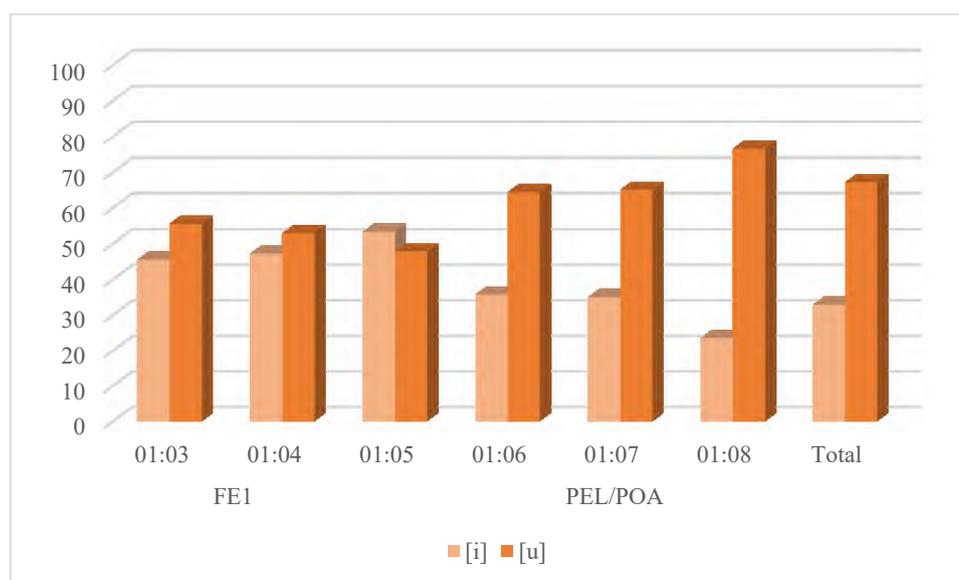
Quadro 34 - Número de ocorrências contabilizadas por vogal postônica e por etapas de recolha da Faixa Etária 1 (FE1) – Pelotas/Porto Alegre

FE	Idade	[i]	[u]	Total
FE1	01:03	5	6	11
	01:04	8	9	17
PEL/POA	01:05	8	7	15
	01:06	10	18	28
	01:07	7	13	20
	01:08	16	52	68
Total		54	105	159

Fonte: A autora.

O Quadro 34 exhibe o número de ocorrências de cada segmento vocálico postônico produzido pelas crianças que integram a FE1. A vogal átona final [u] é a mais frequente, apresentando um total de 105 ocorrências, seguida da vogal [i], que apresenta 54. O Gráfico 11 a seguir evidencia que esse padrão de frequência milita em quase todas as etapas de recolha de dados.

Gráfico 11 - Valores Percentuais para [i, u], em posição postônica final, nas etapas de recolha da Faixa Etária 1 (FE1) – Pelotas/Porto Alegre



Fonte: A autora.

As formas [i] e [u] estão presentes desde a primeira faixa etária, com percentuais de 32,9 e 67,1, respectivamente. Observa-se também que o percentual de realização de [u] é mais alto a partir

de 01:06. De 01:03 a 01:05, os valores para a vogal coronal e para a vogal labial ficam aproximados. Com base nesses resultados, é possível perceber que os dois sujeitos da localidade de PEL realizam as vogais altas em todas as suas produções de postônicas finais. Considerando que as vogais /e/, /o/, /i/ e /u/ são precocemente adquiridas, o emprego categórico das vogais altas, aqui constatado, poderia ser considerado como (i) alçamento das vogais postônicas finais /e/ e /o/ ou (ii) produção de [i] e [u] para alvos /i, u/, ou seja, a criança estaria realizando as vogais postônicas finais – [i, u] –, simplesmente em acordo com o *input* do cuidador. A perspectiva emergentista acerca da aquisição da linguagem, assumida na presente tese, leva a se considerar a hipótese (ii).

No exemplo a seguir, apresentam-se as vogais postônicas finais realizadas pelos sujeitos da FE1- PEL.

(14) Vogais postônicas finais realizadas pela FE1-PEL

bolo [ˈbolu] (Mf-1:4)

vamos [ˈvamu] (Mf-1:4)

telefone [ˈfoni] (Mf- 1:5)

peixe [ˈpeʃi] (Am-1:6)

bicho [ˈbiʃu] (Am-1:7)

banho [banu] (Am-1:7)

O Quadro 35 exibe as ocorrências das vogais postônicas finais produzidas pelos sujeitos da comunidade de Vista Alegre do Prata. Nota-se que os dois sujeitos que integram tal FE apresentam em seus sistemas postônicos quatro vogais (/e, i, o, u/).

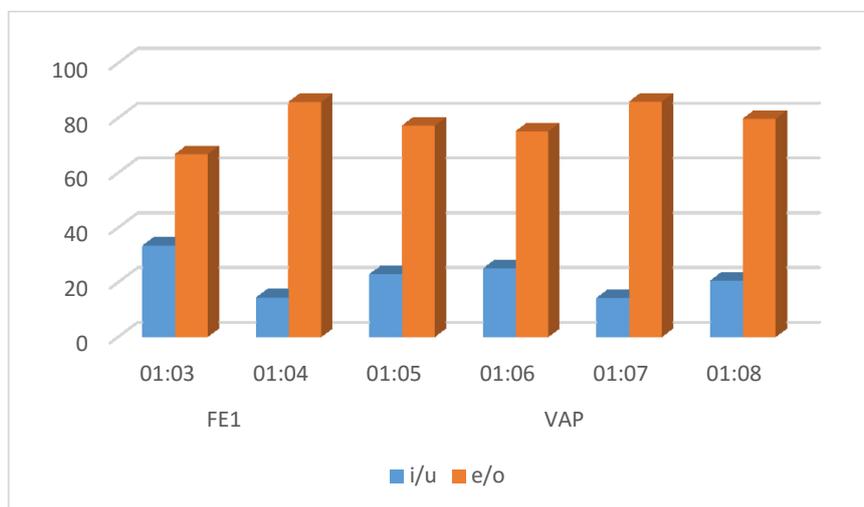
Quadro 35 – Relação de produção entre médias altas e altas - Amostra crianças VAP

FE	Idade	e/o	%	i/u	%	Total
FE1	01:03	12	66,7	6	33,3	18
	01:04	54	85,7	9	14,3	63
VAP	01:05	37	77	11	23	48
	01:06	78	75	26	25	104
	01:07	121	85,8	20	14,2	141
	01:08	193	79,6	50	20,5	243
Total		495	80,3	122	19,7	617

Fonte: A autora.

Considerando as relações entre médias altas e altas, verifica-se que o maior percentual de produção é para as vogais [e, o], com 80,3%, contra 19,7% para [i, u]. Em relação ao percentual de realização por faixa etária, observe-se o Gráfico 12 a seguir.

Gráfico 12 - Comparação entre as produções de vogais médias altas e altas - Amostra Crianças VAP



Fonte: A autora.

Pode-se comprovar, no gráfico anterior, que as crianças de VAP apresentam percentuais de realização das vogais [e, o] mais altos do que das vogais [i, u], na posição postônica final, desde as primeiras faixas etárias. O padrão variável apresentado, já nas primeiras produções, remete à composição de um sistema de cinco vogais para os aprendizes de VAP, o qual se sustenta até a última recolha de dados da FE1. Os percentuais de produção das médias altas são sensivelmente mais elevados nas últimas três etapas de recolha, apresentando uma possível tendência que poderá ser corroborada com a análise dos dados da FE2.

No Quadro 36, visualizam-se mais detalhes acerca das produções.

Quadro 36 - Número de ocorrências contabilizadas por vogal postônica e por etapas de recolha da Faixa Etária 1 (FE1) – Vista Alegre do Prata

FE	Idade	[i]	%	[e]	%	Total	[u]	%	[o]	%	Total
FE1	01:03	2	33,3	4	66,7	6	4	33,3	8	66,7	12
	01:04	5	38,46	8	61,54	13	4	8	46	92	50
VAP	01:05	4	26,6	11	73,40	15	7	21,1	26	78,9	33
	01:06	10	45,4	12	54,60	22	16	19,5	66	80,5	82
	01:07	7	10,7	58	89,3	65	13	17,1	63	82,9	76
	01:08	8	7,5	98	92,5	106	42	30,6	95	69,4	137
Total		36	15,85	191	84,15	227	86	22,05	304	77,95	390

Fonte: A autora.

A vogal média alta [o] é a que apresenta maior número de ocorrências (304), seguida da vogal [e], que apresenta 191 ocorrências. As vogais altas [i] e [u] apresentaram números de ocorrências menores (36 e 86, respectivamente).

As quatro vogais postônicas que compõem o sistema da FE1- VAP estiveram presentes em todas as etapas de recolha de dados. Com relação aos valores percentuais, verifica-se que as vogais altas [i] e [u] foram as que tiveram menos ocorrências em todas as faixas etárias – 15,85% e 22,05%, respectivamente –, enquanto que as ocorrências das vogais médias altas [e] e [o] foram mais expressivas – 84,15% e 77,95%. Tais realizações estão exemplificadas em (15).

(15) Vogais postônicas finais realizadas pela FE1-VAP

abre [‘abi] (Ff-1:4)

livro [‘ivo] (Ff-1:5)

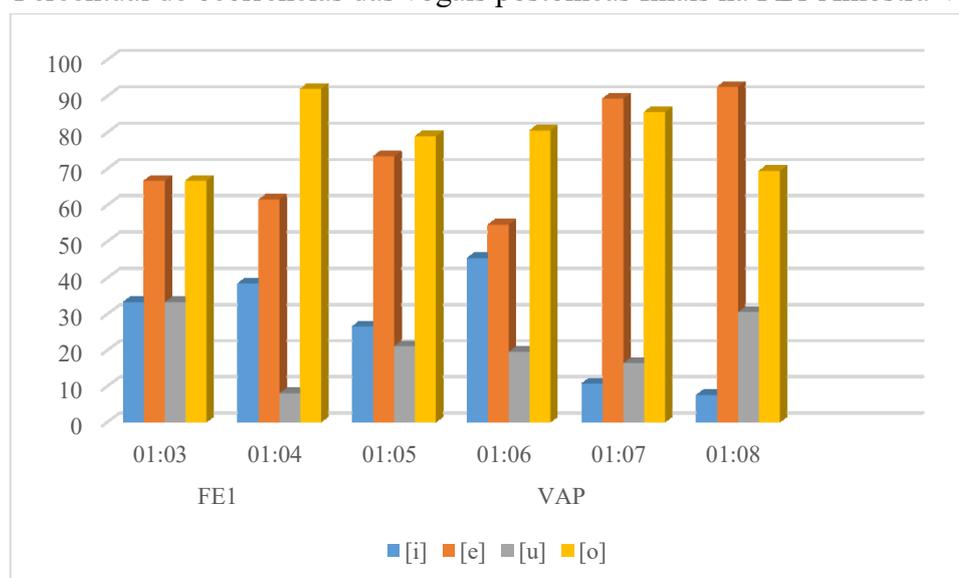
vamos [‘vamu] (Pm-1:5)

esse [‘ese] (Ff-1:6)

dedo[‘dedo] (Pm-1:6)

No Gráfico 13, pode-se verificar os valores percentuais relativos ao comportamento das crianças no que se refere às produções das vogais postônicas por etapas de recolha.

Gráfico 13 - Percentual de ocorrências das vogais postônicas finais na FE1 Amostra VAP



Fonte: A autora.

Uma primeira observação do Gráfico 13 remete, em termos gerais, para o fato de o uso de [e] e [o] pelas crianças ser bem mais expressivo do que [i] e [u], conforme já evidenciado no Gráfico 13. Observando-se, no entanto, o transcorrer da recolha de dados, nota-se claramente que a vogal [e] passa a ser produzida, em detrimento de [i], com maior recorrência, conforme o avançar da idade – aos 1:4, [i] atinge 31,46% de realização; aos 1:8, apenas 7,5%. As produções de [o] x [u] não apresentam esse padrão, pois [u] mantém o percentual de 30,6% de ocorrência ainda aos 1:8.

Nos Quadros 37 e 38, apresentam-se os valores globais referentes aos sujeitos que constituem a FE2. Tais quadros estão organizados da seguinte forma: o Quadro 37 é constituído por dados de apenas um informante que pertence à comunidade de Pelotas²⁵. O Quadro 38 é composto por três informantes pertencentes à comunidade de Vista Alegre do Prata. Essa faixa etária apresenta um total de 789 produções.

Quadro 37 - Número de ocorrências contabilizadas por vogal postônica e por etapas de recolha da Faixa Etária 2 (FE2) – Pelotas

FE	Idade	[i]	[u]	Total
FE2	01:07	4	4	8
	01:08	12	8	20
PEL	01:09	4	8	12
	01:10	8	12	20
	01:11	23	35	58
	02:00	6	22	28
Total		57	89	146

Fonte: A autora.

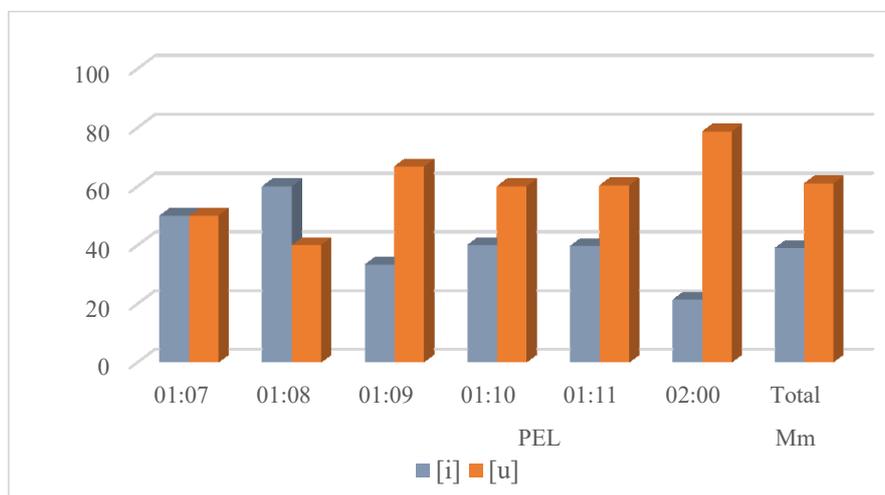
Esclarece-se que FE 2 é composta de apenas um informante menino. Sendo assim, os números de dados expostos no Quadro 37 refere-se ao sujeito Mn.

O quadro anterior mostra o sistema postônico final do sujeito que integra a FE2 da comunidade de Pelotas. Verifica-se que as vogais [e] e [o] foram realizadas, assim como na FE1, categoricamente como [i] e [u]. Das 146 ocorrências, 89 foram para a vogal [u] e 57 para a vogal [i], ou seja, mais uma vez, o alvo labial é mais frequente do que o coronal.

²⁵ Na FE2 de Pelotas/Porto Alegre, apenas um informante participou da coleta.

No Gráfico 14, são apresentados os valores percentuais relativos às produções especificamente do sujeito Mn, pertencente à F2-PEL, face a alvos com postônicas finais.

Gráfico 14 - Valores percentuais para [i, u], em posição postônica final, nas etapas de recolha da Faixa Etária 2 (FE2) – Pelotas, sujeito Mm



Fonte: A autora.

Os resultados percentuais indicam que o comportamento de [i, u] em posição postônica final, nos dados de fala de Mm, conforme mostra o Gráfico 14, apresenta algumas diferenças no decorrer das etapas, sendo o percentual de [u] mais elevado nas últimas faixas etárias, igualmente como ocorre para os outros sujeitos de Pelotas/Porto Alegre na FE1.

Diante do apresentado, pode-se dizer que os resultados tanto para a FE1 quanto para a FE2 são semelhantes, confirmando, portanto, que, nas localidades de Pelotas e Porto Alegre, as realizações de [i, u] são categóricas, com uma maior frequência da vogal labial ao longo do desenvolvimento da aquisição.

As ocorrências com realizações categóricas dos segmentos vocálicos postônicos finais [i] e [u] pela FE2- PEL são apresentadas nos exemplos a seguir.

(16) Vogais postônicas finais realizadas pela FE2-PEL

leite [ˈletʃi] (Mn- 1:7Mn)

sabi [ˈsabi] (Mn-1:8)

dedo [ˈdedu] (Mn-1:8)

xavante [sa'vãtsi] (Mn-1:11)

palhaço [pa'lasu] (Mn-1:11)

O Quadro 38 a seguir apresenta o número de ocorrências das vogais postônicas finais dos sujeitos de Vista Alegre do Prata. A comparação entre os resultados das vogais médias altas e os das altas indica que há uma diferença considerável entre os dois grupos de vogais.

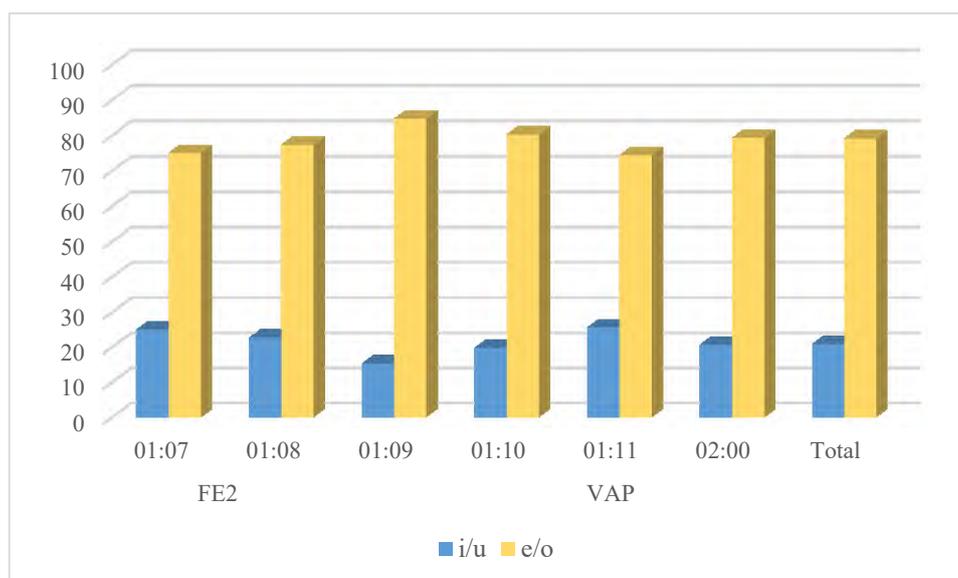
Quadro 38 - Relação entre índices das vogais postônicas finais da FE2 - Vista Alegre do Prata

FE	Idade	i/u	%	e/o	%	Total
FE2	01:07	8	25	24	75	32
	01:08	10	22,7	34	77,3	44
VAP	01:09	19	15,3	105	84,7	124
	01:10	27	19,8	109	80,2	136
	01:11	38	25,6	110	74,4	148
	02:00	33	20,7	126	79,3	159
	Total	135	20,9	508	79,1	643

Fonte: A autora.

Na FE2, as vogais médias átonas finais apresentam variação: ora são realizadas como [e, o], ora são realizadas como [i, u]. As diferenças entre os índices de produção das médias altas e altas ficam mais explícitas no Gráfico 15 a seguir.

Gráfico 15 - Percentuais de ocorrências das vogais médias altas e altas na FE2 - Amostra VAP



Fonte: A autora.

No Quadro 39, mais detalhes podem ser observados. A vogal átona [o] é a mais frequente, apresentando 324 ocorrências, seguida da vogal [e], com 184 produções. Nota-se também a presença das vogais altas [i] com apenas 17 ocorrências e a vogal átona [u], com 118 realizações.

Quadro 39 – Número de ocorrências contabilizadas por vogal postônica e por etapas de recolha da Faixa Etária 2 (FE2) – VAP

FE	Idade	[i]	%	[e]	%	Total	[u]	%	[o]	%	Total
FE2	01:07	2	20	8	80	10	6	27,2	16	72,8	22
	01:08	2	40	3	60	5	8	20,5	31	79,5	39
VAP	01:09	2	5	40	95	42	17	20,7	65	79,3	82
	01:10	4	10	36	90	40	23	23,9	73	76,1	96
	01:11	3	6,6	43	93,4	46	35	34,3	67	65,7	102
	02:00	4	6,9	54	93,1	58	29	28,7	72	71,3	101
Total		17	8,45	184	91,55	201	118	26,69	324	73,31	442

Fonte: A autora.

Os valores que constam nesse quadro mostram que as vogais átonas finais [e] e [o] – 91,55% e 73,31% - apresentam ocorrências bem mais expressivas do que as formas [i] e [u] - 8,45% e 26,69%. Esses resultados confirmam que, no sistema postônico das crianças de VAP, há a presença de cinco vogais, já sinalizada com base nos resultados da FE1.

Em (17), alguns exemplos de produções realizadas pelas crianças da FE2-VAP.

(17) Vogais postônicas finais realizadas pela FE2-VAP

olho ['ojo] (Am- 1:7)

bala ['bala] (Ff- 1:8)

Eduardo ['ado] (Nm- 1:8)

abre [abi] (Ff- 1:7)

esse ['ese] (Mm-1:9)

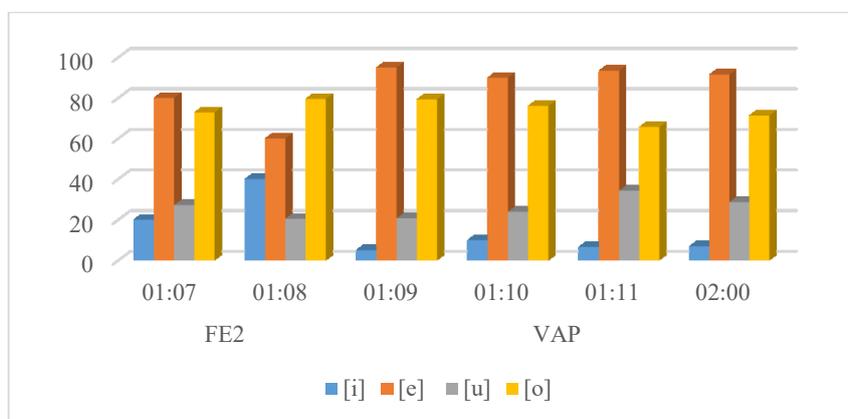
esse ['eSi] (Mm- 1:7)

bolo ['bolu] (AM- 1:9)

Observa-se que, nos exemplos aqui reportados, constatam-se formas variáveis até mesmo nas produções de um mesmo informante, ainda que em datas de recolha de dados distintas, a saber *esse*, produzido por Mm como ['eSi], aos 1:7, e como ['ese], aos 1:9.

No Gráfico 16, exibem-se os valores das vogais médias altas e altas, referentes às produções das crianças da FE2 por etapa de recolha.

Gráfico 16 – Percentual de ocorrências das vogais postônicas finais na FE2 Amostra VAP



Fonte: A autora.

Ao analisar-se o gráfico anterior, percebe-se que a vogal átona [i] tende a ser a menos produzida pelas crianças; na sequência, tem-se a vogal [u], ou seja, a predominância das médias altas é explícita. Assim como foi constatado para as produções da FE1-VAP, o transcorrer da recolha de dados evidencia maior realização de [e] em detrimento de [i], com o avançar da idade – aos 1:8, [i] atinge 40% de realização, aos 2:0, 6,9%. Desta forma, a partir de 1:7, os dados parecem evidenciar uma mudança em relação à produção da coronal final, com maior predominância do que talvez, aqui, já se possa chamar de aplicação do processo de alçamento.

Com base nas descrições das postônicas finais aqui realizadas, postula-se que o quadro vocálico postônico final das crianças de Pelotas/Porto Alegre deste estudo é composto por três vogais; já as crianças de VAP apresentam cinco. Dessa forma, é possível perceber que a localização geográfica exerce um papel fundamental na constituição do sistema vocálico postônico das crianças gaúchas. Esses resultados corroboram os já postulados por Vieira (1994, 2002) e Mileski (2013), referentes aos dados de adultos. Confirma-se também a aquisição precoce dos segmentos vocálicos pela criança, conforme revisado no Capítulo 3, também em posição postônica final.

Embora haja indícios de um processo variável na fala das crianças de Vista Alegre do Prata já desde as coletas iniciais, ou seja, a partir de 1:3, é possível considerar a hipótese de que, até 1:6, quando o percentual de aplicação do processo de alçamento atinge índices menos elevados, as produções – ora de [e, o], ora de [i, u] finais – refletem apenas o papel do *input* na aquisição. Assim, nas primeiras coletas, haveria uma maior assonância entre as produções realizadas pela criança – se

com a vogal média alta ou com a vogal alta – e as produções realizadas pelo seu cuidador. O aumento gradual da aplicação do alçamento, constatado no transcorrer da aquisição, até o momento, para a vogal coronal, refletiria, então, a militância do processo variável.

Em suma, com base nas abordagens emergentistas de aquisição e das teorias baseadas no uso (TOMASSELO, 2000, 2003; PIRREHUMBERT, 2003; VIHMAN, 1996 e VIHMAN, 2000), considera-se que a experiência tem um impacto na representação mental. O conhecimento fonológico emerge na criança através do uso e da experiência com a língua. Assim, de acordo com essa perspectiva, considera-se que os segmentos vocálicos aprendidos pela criança emergem a partir das relações entre palavras (itens lexicais), conforme Pierrehumbert (2003). Na visão de Vihman (1996), a variabilidade individual é uma estratégia que a criança desenvolve ao relacionar o modelo de produção (alvo) do adulto ao seu padrão de produção.

Por outro lado, a variabilidade, entendida como parte do conhecimento linguístico (MUNSON, EDWARDS E BECKMAN, 2005), atestada na fala da criança, pode estar apontando a emergência de um processo variável. No caso dos sujeitos deste estudo, acredita-se que essa variabilidade atestada na produção das crianças é o resultado da interação dos aspectos linguísticos (contexto fonológico) e sociais (Idade, Sexo, Localização Geográfica).

De acordo com Pierrehumbert (2001, 2003), o falante/ouvinte armazena em sua memória todas as informações relacionadas às suas experiências com a língua. Tais informações estão organizadas em um mapa cognitivo e são afetadas pela frequência ou pela repetição com que a criança é exposta a determinada forma linguística. No caso do alçamento das vogais médias átonas finais, sugere-se que as crianças estão construindo tal processo por meio de suas experiências com o uso da língua. A relação dessa variação com o *input* do cuidador será discutida na seção 6.3 a seguir.

6.2 A Relevância do *input* na aquisição do sistema postônico final

Conforme discutido no Capítulo 3, pode-se dizer que o *input* linguístico se refere ao conjunto de experiências proporcionadas pelo uso real da língua humana nas suas diversas interações comunicativas, como os gestos e a fala. De acordo com Villa (1995, p. 157), o *input* é a principal fonte de informação sobre a própria linguagem, sobre a cultura e sobre a atuação da linguagem na cultura. Uma das principais fontes do *input* é a comunidade ou grupo de falantes que compartilham suas características sociais, culturais e históricas. Tais aspectos exercem uma pressão social sobre o uso individual da língua no interior do grupo (ou redes sociais) ou da comunidade na qual o sujeito

está inserido. Nessa perspectiva, citam-se trabalhos como Tomasello (2000, 2003), Pierrehumbert (2001, 2003) e Mcwhinney (2002), dentre outros.

Tomasello (2003) e Pierrehumbert (2001, 2003) postulam que a aquisição da linguagem não depende apenas de capacidades cognitivas, conforme defendida por Chomsky (1965, 1981), mas de uma complexa interação entre o desenvolvimento sociognitivo e o *input* linguístico. De acordo com os autores, é o *input* que faz a diferença no aprendizado da criança, ou seja, quanto mais *input* a criança recebe, mais forte vai ficando sua experiência com a língua. Dessa forma, pode-se sugerir que a emergência gramatical é determinada pelo *input*, enquanto as produções mais precoces poderiam evidenciar a militância de aspectos outros, como os de maturação perceptual e articulatória, no que concerne à aquisição fonético/fonológica, por exemplo.

Tendo em vista que as crianças deste estudo apresentaram resultados diferenciados para aquisição do sistema postônico final – tanto em relação às duas localidades como em relação às idades dos aprendizes –, postula-se que essa aquisição seja efetivamente influenciada pelo *input*. Assim, a fim de confirmar essa relação, apresentam-se a seguir os dados dos cuidadores das crianças de Vista Alegre do Prata das faixas etárias 1 e 2.

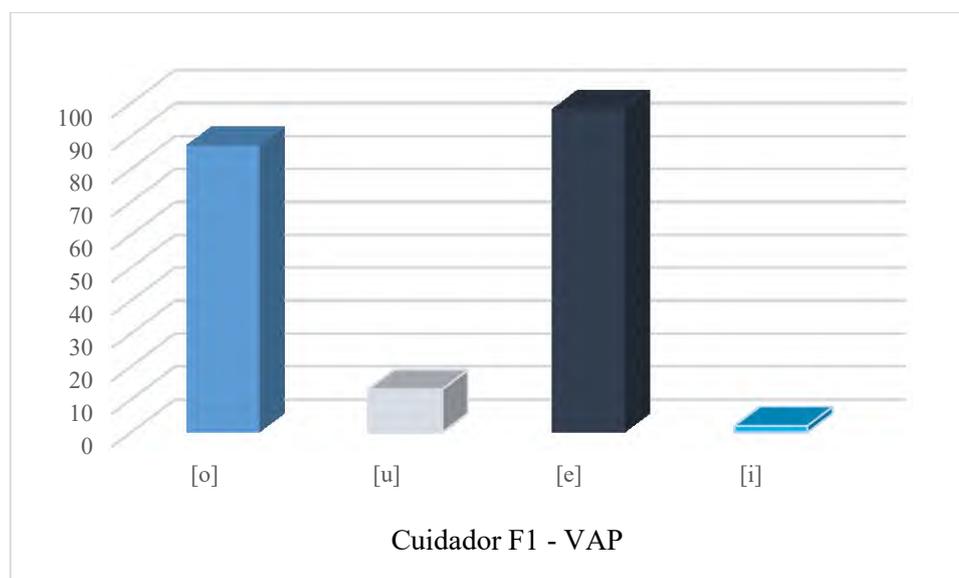
Com relação aos cuidadores da FE1, observa-se no Quadro 40 e no Gráfico 17 a seguir que as vogais médias altas átonas finais [e] e [o] são as que apresentam índices de produção mais altos, com 98,8% e 87,1%, respectivamente. Já as vogais [i] e [u] exibem índices mais baixos, com 1,2% e 12,9%, respectivamente.

Quadro 40 - Número de ocorrências contabilizadas por vogal postônica- Amostra Adultos FE1 - VAP

FE	Idade	[i]	%	[e]	%	Total	[u]	%	[o]	%	Total
FE1	E	1	1,3	77	98,7	78	30	10,87	246	89,13	276
Cuidador	P	2	1,1	184	98,9	186	52	14,94	296	85,06	348
Total		3	1,2	261	98,8	264	82	12,9	542	87,1	624

Fonte: A autora.

Gráfico 17 - Percentual de ocorrências das vogais postônicas finais na FE1 Amostra Cuidadores VAP



Fonte: A autora.

Nota-se que tanto EF quanto PM apresentam mais ocorrências das vogais [e, o] em suas produções do que das vogais [i, u]. O Quadro 41 a seguir mostra os resultados percentuais de tais ocorrências.

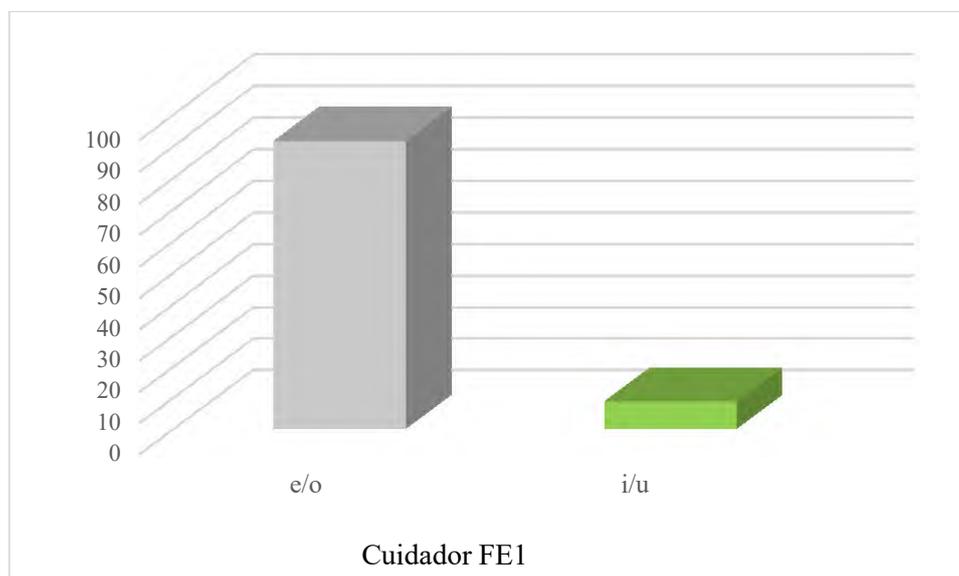
Quadro 41 – Ocorrências das vogais postônicas finais – Cuidadores (FE1) - VAP

FE		e/o	%	i/u	%	Total
CUIDADORES FE1 VAP	EF	423	93,18	31	6,82	454
	PM	480	89,9	54	10,11	534
	Total	903	91,4	85	8,6	988

Fonte: A autora.

De acordo com os resultados obtidos nas produções dos cuidadores da FE1, verifica-se a clara predominância da produção das vogais médias altas em posição postônica final – [e, o], com 91,4% e [i, u], com 8,6%. O Gráfico 18 a seguir exibe as diferenças dos valores das médias altas e das vogais altas.

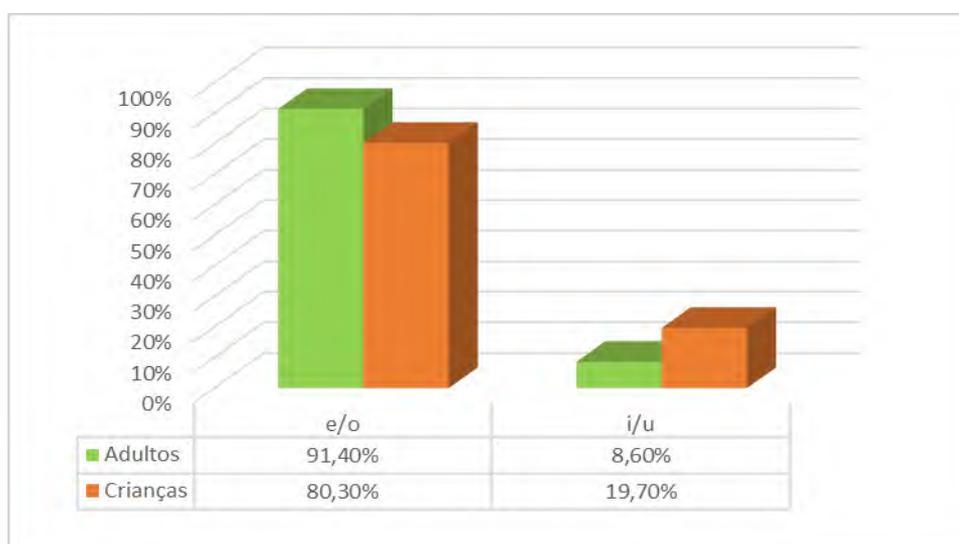
Gráfico 18 - Percentual de ocorrências das vogais postônicas finais – Cuidadores FE1-VAP



Fonte: A autora.

Levando-se em conta os resultados obtidos nos dados das crianças da FE1-VAP e de seus cuidadores, em relação às produções das vogais médias altas e altas, observa-se que há muitas semelhanças entre os resultados. Assim como os adultos, as crianças também apresentaram índices elevados a favor das vogais médias altas. Essa comparação entre resultados está expressa no Gráfico 19.

Gráfico 19 – Percentuais de ocorrências das vogais médias altas e altas na FE1-VAP, cuidadores e crianças



Fonte: A autora.

Os resultados estatísticos obtidos mostram claramente a relação de similaridade entre as produções dos adultos, com percentuais aproximados para as médias altas: 91,4% na fala dos adultos e 80,3% na fala das crianças.

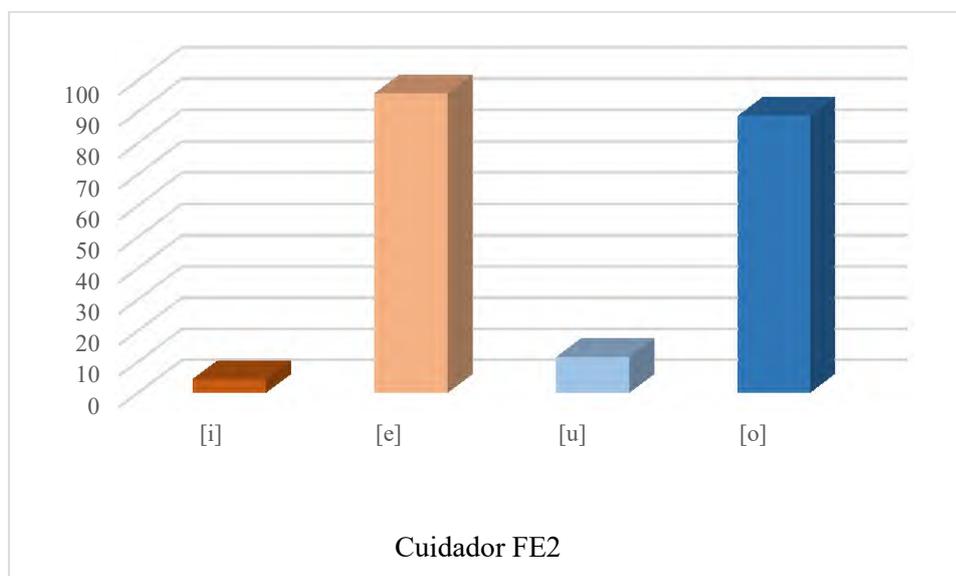
Quanto aos cuidadores das crianças da FE2-VAP, observa-se, com base no Quadro 42 e no Gráfico 20, que os resultados confirmam os constatados para os cuidadores da FE1, com percentuais de produção das vogais praticamente iguais nas duas FEs.

Quadro 42 - Número de ocorrências contabilizadas por vogal postônica - Amostra Adultos FE2 - VAP

FE	Idade	[i]	%	[e]	%	Total	[u]	%	[o]	%	Total
FE2 Cuidador	A	5	12,5	35	87,5	82	9	9,2	89	90,8	98
	M	0	0	143	100	143	27	15	153	85	180
	N	2	1,8	109	98,2	111	21	10	188	89,9	209
Total		7	4,3	287	95,7	336	57	11,4	430	88,6	487

Fonte: A autora.

Gráfico 20 - Percentual de ocorrências das vogais postônicas finais na FE2 Amostra Cuidadores VAP



Fonte: A autora.

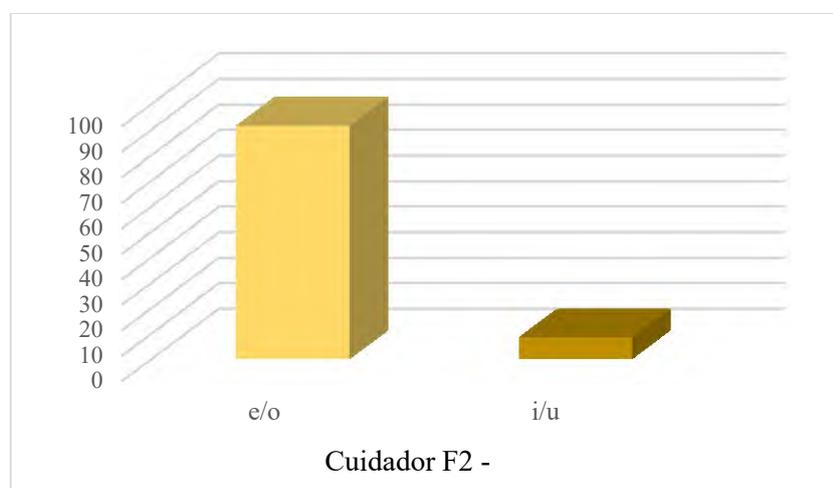
Os falantes adultos da FE2 apresentam mais ocorrências das vogais [e, o] em suas produções do que das vogais [i, u]. No Quadro 43 e no Gráfico 21 a seguir estão expostos os resultados percentuais.

Quadro 43 - Ocorrências das vogais postônicas finais – Cuidadores (F2) - VAP

		e/o	%	i/u	%	Total
CUIDADORES FE2	AM	124	89,9	14	10,14	138
	NM	297	92,8	23	7,2	320
	CF	296	91,6	27	8,4	323
VAP	Total	717	91,5	64	8,5	781

Fonte: A autora.

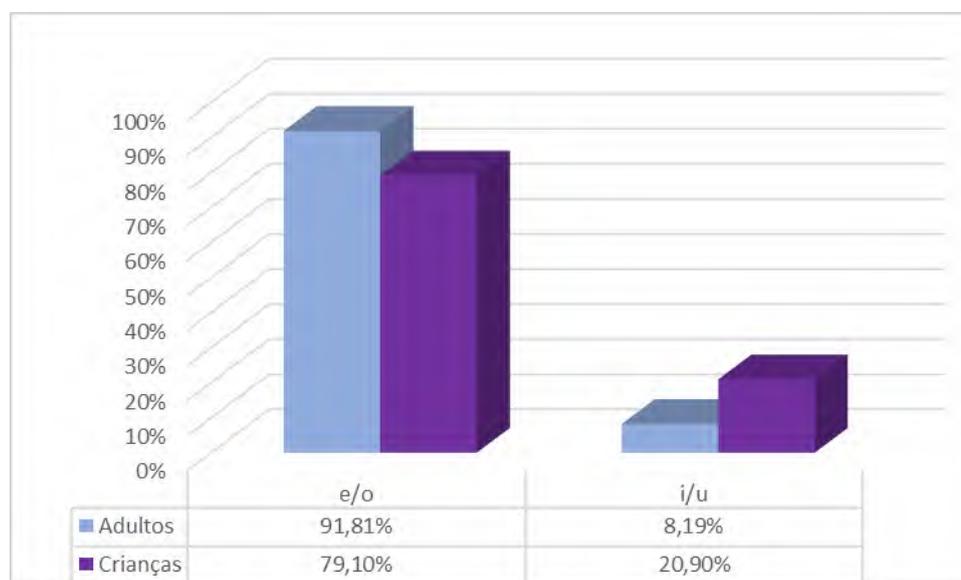
Gráfico 21 - Percentual de ocorrências das vogais postônicas finais – Cuidadores FE2-VAP



Fonte: A autora.

A similaridade entre os índices de produção das vogais médias altas em posição postônica final na fala dos cuidadores e na das crianças é também constatada para a FE2, conforme mostra o Gráfico 22.

Gráfico 22 - Percentuais de ocorrências das vogais médias altas e altas na FE2-VAP, cuidadores e crianças



Fonte: A autora.

Assim como os adultos, que apresentaram 91,8% de realização de vogais médias altas, as crianças também apresentaram alto índice, com 79,1%.

A investigação do comportamento das vogais átonas finais na fala dos adultos cuidadores dessas crianças mostrou que há semelhança entre os valores obtidos para as crianças e seus cuidadores, principalmente quando se considera a vogal coronal [e]. Observa-se que, tanto para FE1 quanto para FE2, os resultados para as vogais médias altas [e, o] ficaram próximos para as crianças e adultos de VAP: para a FE1, as crianças apresentaram 80,3% e os adultos, 91,4%; para a FE2, as crianças apresentaram 79,1% e os adultos, 91,8%. Os índices ficam ainda mais similares se forem consideradas as produções da vogal coronal pelas crianças da FE2, pois a vogal média alta atinge 91,5%, bem próximos aos 95,7% dos adultos. Para a FE1, em que as crianças apresentavam idades entre 1:3 e 1:8, o índice geral da vogal média coronal foi de 84,1%, estando, portanto, um pouco mais distante dos 98,8% apresentados pelos cuidadores da mesma FE. Esses resultados parecem confirmar o papel da natureza do *input* no processo de aquisição das postônicas finais, uma vez que, desde as idades mais precoces, são expressivas as similaridades entre as produções de crianças e cuidadores de VAP. Também parecem sinalizar para a emergência da variação, pois com o avançar da aquisição, a partir da FE2, os percentuais de produção de adultos e crianças tornam-se ainda mais similares.

No que se refere aos dados de PEL/POA, tanto as informantes crianças quanto seus cuidadores apresentam apenas as vogais altas na posição átona final, confirmando, portanto, a presença de duas

pautas átonas finais. Esses resultados sugerem ainda que o input exerce influência na aquisição da linguagem, no caso deste estudo, na aquisição do sistema átono.

A evidência oferecida nessa análise reforça os resultados constatados por Vieira (1994, 2002) e Roveda (1998) de que na fala gaúcha o sistema postônico final é caracterizado por duas regras, a saber, neutralização e variação. É também com base em tal evidência que analisaremos à luz da Teoria Variação, na seção a seguir, o processo de alçamento das vogais médias átonas finais na fala de crianças com idade entre 1:7 (idade em que o sistema já está adquirido) e 12 anos.

6.3 Análise e Discussão dos Resultados do Alçamento das Vogais Postônicas Finais /e/ e /o/

Esta seção apresenta a discussão e análise dos resultados estatísticos obtidos com o auxílio do programa Rbrul, sobre o comportamento variável das vogais médias átonas final /e/ e /o/, especificamente referente à aplicação do processo de alçamento nos dados de fala de crianças e adultos das localidades de Vista Alegre do Prata e Pelotas/Porto Alegre - RS, conforme apresentado nas Seções 6.1 e 6.2, Capítulo 5, que trata da metodologia.

Conforme verificado na Seção 4.3, Capítulo 4, estudos anteriores (ROVEDA, 1998; CARNIATO, 2000; VIEIRA, 2002 e 2010; MACHRY DA SILVA, 2009 e MILESKI, 2013), sobre a fala adulta, indicam que essas vogais apresentam comportamento variável devido à influência de fatores tanto linguísticos quanto sociais. Em variedades como a do Rio Grande do Sul, em que se considera o alçamento das vogais médias átonas como um processo variável, é pertinente avaliarmos como se dá a aquisição do alçamento pelas crianças, pois, além de adquirir um sistema vocálico complexo (pretônico,ônico e postônico), a criança pode adquirir a variabilidade que está presente em seu input.

Assim, na seção 6.2.1, descrevem-se e analisam-se os resultados para a vogal /o/ com relação à amostra crianças, e, na seção 6.2.2, apresentam-se a descrição e análise dos resultados para a vogal /o/ com relação aos dados de fala adulta. Em 6.2.3, apresenta-se a discussão dos resultados para a vogal /e/ com relação à amostra dos falantes infantis. Em 6.2.4, discutem-se os resultados apontados pela análise estatística referente aos dados de adultos para vogal /e/. A seleção das variáveis e discussão dos resultados referentes às amostras crianças e adultos de PEL/POA serão apresentados na seção 6.2.5.

A análise estatística dos dados de Vista Alegre do Prata e de Pelotas/Porto Alegre será realizada separadamente, pois, conforme já reportado em 6.1.2 e 6.1.3, os sujeitos das duas

localidades apresentam comportamentos distintos em relação à aplicação do alçamento das vogais médias átonas finais /e/ e /o/. Com relação aos resultados de VAP, observa-se que as produções das vogais médias altas [e, o] apresentaram índices mais altos tanto para as crianças da FE1(80,3%) quanto para as da FE2 (79,1%). No que se refere às produções das vogais altas [i, u], verifica-se que as taxas são bastante baixas tanto para a FE 1 (19,7%) quanto para a FE2 (20,9%).

Em relação aos resultados obtidos pelos dados dos adultos, verifica-se que as vogais [e, o] também apresentam índices elevados tanto para os cuidadores da F1 (91,4%) quanto para os da FE2 (91,8). Em se tratando das vogais altas [i, u], repete-se mais uma vez o desfavorecimento do uso de tais segmentos pela FE1(8,6%) e pela FE2 (8,2%). Por outro lado, os sujeitos (crianças e adultos) de PEL/POA usam categoricamente as vogais [i, u]. Como se pode perceber, há uma diferença visível em relação ao uso das vogais médias por parte dos informantes de PEL/POA e VAP. Devido a essa diferença, as amostras serão, do ponto de vista estatístico, descritas e analisadas separadamente em um primeiro momento e, posteriormente, far-se-á o cruzamento dos resultados obtidos para essas localidades.

Submetidas ao programa de análise estatística Rbrul, conforme já discutido na seção 5.5, Capítulo 5, as amostras referentes à fala das crianças, totalizadas nos termos expostos no capítulo anterior, compreenderam 13.227 dados (divididos em: 8.273 amostras VAP e 4.955 amostras PEL/POA) e as amostras referentes à fala de adultos, 8.795 dados (divididos em: 4.719 amostras VAP e 4.078 amostras POA). A seguir, apresentam-se os procedimentos adotados para realização da análise estatística dos dados.

Com o propósito de verificar o grau de ortogonalidade dos dados das amostras deste estudo, como também a interação entre os fatores de diferentes variáveis linguísticas e sociais, realizamos o procedimento do *cross-tabs* (ou cruzamento). De acordo Guy (1998), esse tipo de procedimento permite verificar a interferência entre variáveis, provocada por codificação superposta ou por enviesamento ocasional ou natural. Neste estudo, as variáveis Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Tipo de Sílabas foram as que apresentaram fatores com 100% de aplicação ou 0% de aplicação. Desse modo, tomando como referência os valores de percentagens obtidos, optou-se por amalgamar os fatores (consoantes) das variáveis Contexto Precedente e os de Contexto Seguinte, seguindo o critério do ponto de articulação, a saber: coronal [\pm anterior], dorsal e labial (CLEMENTS e HUME, 1995). Na variável Tipo de Sílabas, os fatores coda /l, r, n/ foram amalgamados como fator com coda por apresentarem poucos dados. Ressalta-se que, nessa variável, os fatores apagamento de coda e sem coda por questões operacionais também sofreram amálgamas. Feitos os ajustes iniciais,

fomos para o segundo momento do encaminhamento da análise estatística que foram as rodadas. Salienta-se que esses procedimentos foram realizados para todas as amostras.

Visando alcançar o melhor ajuste possível entre os dados, foram realizadas também várias rodadas (níveis *step up* e *step down*), que indicaram os fatores que se mostraram favoráveis ou desfavoráveis ao alçamento. Procedimentos como exclusão de fatores e de variáveis foram adotados quando necessário e serão esclarecidos no decorrer da apresentação dos resultados e análises.

Na próxima seção, serão discutidos os resultados obtidos em relação à vogal átona final /o/ da amostra Crianças de VAP.

6.3.1 Seleção das variáveis - Postônica Final /o/ - Amostra Crianças de Vista Alegre do Prata - RS

De acordo com os procedimentos ressaltados anteriormente, apresentam-se, a seguir, por ordem de seleção, as variáveis apontadas pelo Rbrul no nível *step-up* e no *step down* como relevantes para o processo de elevação da vogal média átona final /o/:

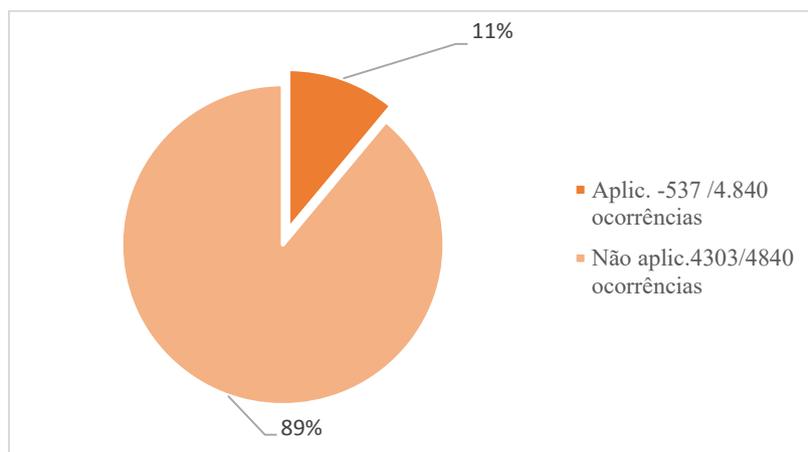
- Contexto Precedente
- Contexto Seguinte
- Contexto Vocálico
- Idade
- Sexo

Desse modo, a apresentação dos resultados da análise estatística seguirá as seguintes etapas: primeiramente será apresentada a frequência global das variantes de /o/ e, na sequência, os resultados estatísticos referentes às variáveis linguísticas e às sociais elencadas anteriormente e apontadas como relevantes ao alçamento.

6.3.1.1 Alçamentos da vogal postônica final /o/ e Frequência Global - Amostra crianças VAP

A frequência de aplicação global da vogal átona final /o/ (total de 4.840), dados da Amostra crianças de VAP, foi de 11% para o alçamento e 89, % para o não alçamento, como mostra o Gráfico 23 a seguir.

Gráfico 23 - Frequência global e Alçamento da Vogal Postônica Final /o/: Amostra Crianças-VAP



Fonte: A autora.

Os resultados apresentados no gráfico anterior confirmam a nossa hipótese de que as crianças de Vista Alegre do Prata apresentam percentual baixo na realização do alçamento da vogal postônica /o/, confirmando, dessa forma, os resultados de Mileski (2013) para a mesma localidade com relação à fala adulta. Conforme se pode observar no gráfico anterior, de um total de 4.840 ocorrências, a vogal /o/ apresentou frequência global de aplicação do alçamento de 11% (537), enquanto que 89% não sofreram alçamento.

6.3.1.2 Variáveis Linguísticas - Amostra Crianças VAP: vogal /o/

Nesta seção, primeiramente, apresentam-se as variáveis linguísticas e, em segundo momento, as variáveis sociais selecionadas como estatisticamente relevantes. A descrição e discussão dessas variáveis baseia-se nos resultados estatísticos e probabilísticos fornecidos pelo programa Rbrul, como também nas hipóteses propostas acerca das variáveis.

6.3.1.2.1 Variável Contexto Precedente

O Contexto Precedente foi a primeira variável linguística considerada relevante para a elevação de /o/. Observa-se no Tabela 1 a seguir que as consoantes coronais[-ant] e labiais são as que mais favorecem o alçamento da vogal média átona final /o/, com peso relativo de 0,706 e de 0,695, respectivamente, (*log odds* de 0,874 e de 0,825, respectivamente).

Por outro lado, as consoantes coronais [+ant] e dorsais foram as menos favorecedoras ao alçamento dessa vogal, apresentando peso relativos de 0,313 e 0,286, respectivamente, (*log odds* de -0,786 e de -0,913, respectivamente).

Tabela 1 - Alçamento da Postônica Final /o/ e a Variável Contexto Precedente Amostra Crianças VAP

<i>Fatores</i>	<i>Log Odds</i>	<i>Total(N)</i>	<i>Proporção de aplic.</i>	<i>Peso</i>
Coronal [- anterior] (vizinho, lixo)	0,874	896	0,282	0,706
Labial (mesmo, vivo)	0,825	571	0,184	0,695
Coronal [+anterior] (urso, bolo)	-0,786	2.854	0,054	0,313
Dorsal (branco, lago)	-0,913	528	0,055	0,286

Desvio: 2749.601

Graus de Liberdade: 19

Média de Aplicação:0,111

Fonte: A autora.

Por questões operacionais²⁶, optou-se por eliminar os contextos precedentes vocálicos da rodada, por terem valor de aplicação zero ou próximo a zero. Em relação às vogais eliminadas, desconsideraram-se os seguintes dados: a) coronal: 124 dados (ex. rode[j]o, aniversár[i]o) (0,137)) labial: 3 dados (ex. ca[w]o para *carro*) (0,00) e c) dorsal: 3 dados (ex. c[a]o para *carro*) (0,00).

A nossa hipótese inicial era de que o contexto precedente labial fosse favorável à elevação da vogal /o/, o que foi parcialmente confirmado, uma vez o fator coronal [- ant] é o primeiro mais relevante e o fator labial, com peso de 0,695, o segundo.

Acredita-se que o favorecimento das consoantes adjacentes que portam o traço alto para elevação da vogal /o/ é determinado pelo mesmo traço de altura. Essa operação é confirmada por Bisol (1981) ao afirmar que as consoantes altas favorecem a elevação da média alta.

Nesse sentido a autora afirma:

²⁶ Fatores com número reduzido de ocorrências geraram erros nas rodadas.

as vogais altas, as mais convexas, são produzidas pelo levantamento do corpo da língua, seja em direção ao palato mole /u/ seja em direção ao palato duro /i/. Então supõe-se que as consoantes produzidas por articulação semelhante venham a favorecer o processo dissimilatório, enquanto que a alveolar, cuja articulação se faz com a língua em posição razoavelmente plana, embora a parte da frente levantada, tenha tendências contrárias, por não ter pontos de semelhança com a vogal assimilatória (BISOL, 1981, P. 32).

O papel favorecedor do contexto precedente consoante labial para o alçamento de /o/ é confirmado nos estudos de Roveda (1998) e Vieira (2002). Considerando o resultado das pesquisas referidas neste trabalho (ver seção 4.3, Capítulo 4) convém observar que o comportamento dessa variável para os dados das crianças deste estudo difere do encontrado por Mileski (2013) para os dados dos adultos da mesma localidade. Nesse estudo, o alçamento de /o/ foi favorecido pelas vogais coronais anteriores.

6.3.1.2.2 Variável Contexto Seguinte

Os resultados expostos na Tabela 2 a seguir apontam que as consoantes coronais [+ ant], apresentando peso relativo de 0,588 (*log odd* de 0,356) é o contexto favorecedor do alçamento da vogal /o/. As consoantes coronais [-ant] apresentam-se também como relevantes, embora o grau de favorecimento seja menor do que o anterior, visto que seu peso relativo é de 0,507 (*log odd* de 0,026).

Por outro lado, as consoantes labiais com peso de 0,48 (*log odd* -0,080) e o fator vazio com peso de 0,425 (*log odd* de -0.303) mostram um menor favorecimento.

Tabela 2 - Alçamento da Postônica Final /o/ e a Variável Contexto Seguinte - Amostra Crianças

VAP

<i>Fatores</i>	<i>Log Odds</i>	<i>Total(N)</i>	<i>Proporção de aplic.</i>	<i>Peso</i>
Coronal [+anterior] (bolo de)	0,356	759	0,155	0,588
Coronal [-anterior] (jogo chato)	0,026	181	0,094	0,507
Labial (dedo pequeno)	-0,080	271	0,103	0,48
Vazio (castelo)	-0,303	3.638	0,104	0,425

Desvio: 2749.601

Graus de Liberdade: 19

Média de Aplicação:0,111

Fonte: A autora.

Na análise desta variável foram desconsiderados os itens (vogais) que, por questões operacionais²⁷, foram extraídos da rodada porque apresentaram valores de aplicação zero ou próximo de zero. Os segmentos vocálicos eliminados da operação foram: a) vogal labial: 63 dados (ex. tenho um) (0,143); b) vogal coronal: 154 dados (ex. quando ela) (0,130); c) dorsal: 121 dados (ex. ajudo a) (0,050).

Salienta-se, ainda, que as crianças em fase inicial de aquisição da linguagem (entre 1:0 e 3:0) tendem a produzir estruturas mais simples como, por exemplo, palavras sem coda consonantal. Os dados dessa amostra confirmam tais considerações, pois a quantidade de palavras isoladas para o fator Vazio (total=3.638) é superior aos demais fatores.

A hipótese inicial era de que as consoantes com traço [+alto] favoreceriam o alçamento de /o/, o que foi parcialmente confirmado neste estudo, já que o fator coronal [-anterior], que abriga as consoantes [+alto], foi o segundo mais relevante do ponto de vista estatístico. Os dados mostraram o fator coronal [mais anterior] como o mais favorecedor do alçamento em falantes crianças, com peso relativo de 0,588.

6.3.1.2.3 Contexto Vocálico

Outra variável que se destaca para o alçamento da vogal átono final /o/ é o Contexto Vocálico. Tal favorecimento é influenciado pela presença de uma vogal alta na sílaba precedente como indica o peso relativo de 0,607 (*Log Odd* 0,436). Por outro lado, palavras sem vogal alta não se mostram favoráveis à elevação (peso relativo de 0,392 e *Log Odd* -0,436), conforme mostra o Tabela 3 a seguir.

Tabela 3 - Alçamento da Postônica Final /o/ e a Variável Contexto Vocálico - Amostra Crianças VAP

<i>Fatores</i>	<i>Log Odds</i>	<i>Total(N)</i>	<i>Proporção de aplic.</i>	<i>Peso</i>
Com vogal alta (tudo, livro)	0,436	1.283	0,212	0,607
Sem vogal alta (cavalo, dedo)	-0,436	3.566	0,075	0,393

Desvio: 2749.601

Graus de Liberdade: 19

Média de Aplicação: 0,111

Fonte: A autora.

²⁷ Fatores com número reduzido de ocorrências geraram erros nas rodadas.

Os resultados confirmam a hipótese inicial de que a presença de vogal alta na sílaba tônica é contexto favorável para o alçamento de /o/ átono final, em conformidade com os resultados de Vieira (1994, 2002, 2010), Machry da Silva (2009) e Mileski (2013). De acordo com as pesquisadoras, a presença de uma vogal alta na sílaba tônica tem papel fundamental para o alçamento da vogal média /o/ em pauta postônica final.

Vieira (2002, 2010) sugere que a elevação das vogais médias átonas /e/ e /o/ têm mais facilidade de ocorrer em vocábulos como *livrinho* e *vivido* do que em palavras que não contêm vogal alta, como *gato* e *lago*. De acordo com autora, casos como esses podem ser vistos como um “resultado de um processo assimilatório progressivo de traços das vogais altas por parte das vogais médias”. A autora argumenta, com base na Teoria Autossegmental, que esse tipo de assimilação é visto nesse modelo como um processo espraçamento de traços de abertura das vogais /i/, e /u/, conforme já ressaltado no Capítulo 2.

6.3.1.3 Variáveis Sociais

As variáveis sociais selecionadas como relevantes serão apresentadas de acordo com a seguinte ordem: Faixa Etária e Sexo.

6.3.1.3.1 Variável idade

Os resultados estatísticos apresentados apontam que a os informantes da FE4 (peso relativo de 0,79 e *log odd* de 1,327) e a da FE2 (peso de 0,766 e *log odd* de 1,187) são os que mais aplicam o alçamento de /o/. Na sequência, têm-se as faixas etárias 5, 7 e 8 (pesos de 0,622; 0,617 e 0,601 e *log odds* de 0,499; 0,476 e 0,408, respectivamente), que também mostram papel relevante quanto à aplicação do fenômeno.

Por outro lado, as faixas etárias 11, 10, 6, (pesos de 0,487; 0,472 e 0,414 - *log odds* de -0,053; -0,112; -0,348, respectivamente) mostram-se pouco favorecedoras ao alçamento. As faixas etárias 3, 9 e 12 (pesos de 0,354; 0,299 e *log odds* de -0,601; -0,854 e -1,929, respectivamente) são as que mais preservam a vogal postônica final /o/. A Tabela 4 a seguir apresenta os resultados estatísticos para essa variável.

Tabela 4 - Alçamento da Postônica Final /o/ e a Variável Idade – Amostra Crianças VAP

FE	Fatores	Log Odds	Total(N)	Proporção de aplic.	Peso
2	1:7 - 2:0	1,187	248	0,153	0,766
3	2:1 - 2:6	-0,601	255	0,067	0,354
4	2:7 - 3:0	1,327	632	0,234	0,79
5	3:1 - 3:6	0,499	427	0,138	0,622
6	3:7 - 4:0	-0,348	431	0,056	0,414
7	4:1 - 4:6	0,476	514	0,111	0,617
8	4:7 - 5:0	0,408	1031	0,117	0,601
9	6 - 7	-0,854	279	0,036	0,299
10	8 - 9	-0,112	470	0,072	0,472
11	10 - 11	-0,053	330	0,088	0,487
12	12	-1,929	232	0,013	0,127

Desvio: 2749.601

Graus de Liberdade: 19

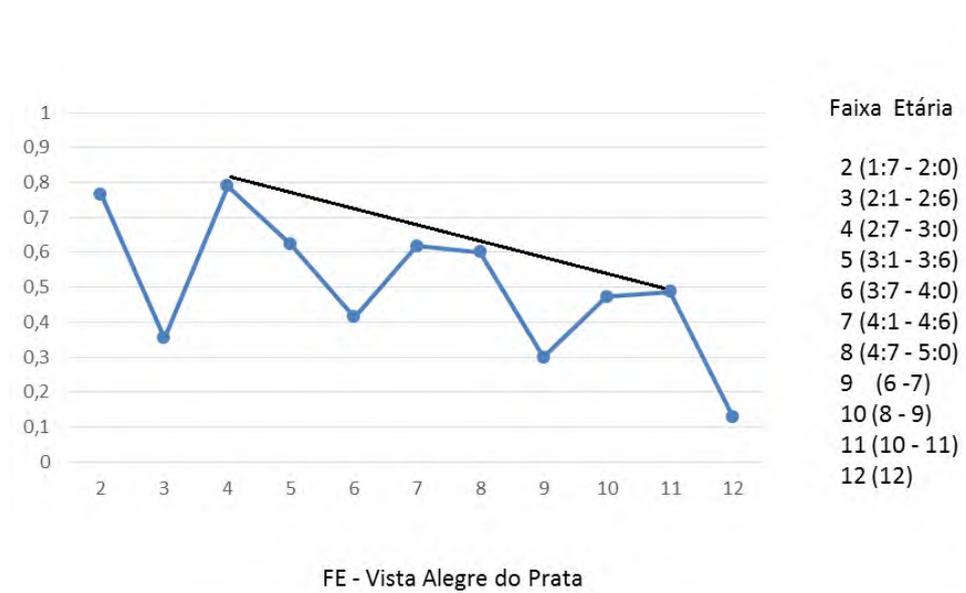
Média de Aplicação:0,111

Fonte: A autora.

A investigação da variável permitiu verificar que, a partir da FE9 (6 -7 anos), as taxas de alçamento reduzem-se consideravelmente, expressando *log odds* negativos em sequências, indicativos de desfavorecimento. Da FE5 à FE8, as taxas tendem a valores intermediários, embora haja oscilação.

Os resultados obtidos apontam que as crianças de VAP produzem as vogais médias postônicas desde idade muito precoce (já com 1:3, conforme dados reportados em 7.1.2), e, conforme fica evidenciado na Tabela 4, o alçamento da vogal diminui no decorrer do avanço da idade. Os resultados da Tabela 4 estão expressos no Gráfico 24 a seguir para melhor visualização. No eixo x estão dispostas as faixas etárias e no eixo y, os valores em peso relativo.

Gráfico 24 - Alçamento da Vogal Postônica Final /o/ e a Variável Idade - Amostra Crianças VAP



Fonte: A autora.

No Gráfico 24, nota-se que o alçamento do /o/ átona final começa com valores mais altos (entre 0,8 e 23%) nas FE menores (entre 1:7 e 5:0 anos) e vai diminuindo gradativamente nas faixas maiores. Tais resultados indicam que a emergência da variação é um processo gradual que se desenvolve ao longo da aquisição da linguagem, ou seja, as crianças tomam caminhos diversos até aprender a lidar com as formas alternantes de sua língua. Assim, a criança percebe e organiza tal processo, em parte, influenciada pelo input, pelo ambiente e pelas suas experiências com o uso da língua.

Em uma análise mais detalhada, portanto, observa-se que, com relação ao desempenho dos sujeitos na produção do alçamento da vogal média átona final /o/, as crianças menores, com idade entre 1:7 e 3:0, são as que apresentam índices mais altos de aplicação do alçamento. Esse fato pode estar relacionado aos padrões fonológicos criados pela criança por meio dos itens lexicais armazenados, os quais responderão pela emergência de uma sistematicidade. Observa-se, no entanto, uma ausência de linearidade na redução do índice de aplicação do alçamento. Tal padrão é chamado na literatura de curva em U (ilustrado no gráfico 24), isto é, na fase desenvolvimental da aquisição fonológica, a criança passa por um período em que suas produções apresentam oscilações: ora correspondem à forma alvo, ora regridem para produções diferentes do alvo. De acordo com Vihman (1996) e Munson et al (2005), para que haja acuracidade nas produções, é necessária expansão do léxico, como também o avanço nos domínios articulatorios. O aprendizado de novas palavras (itens lexicais) permite que abstrações de novos padrões emergjam e modelos já existentes se renovem. À

proporção que a criança aumenta seu vocabulário, ativa novas rotinas articulatórias e percebe o input do adulto.

Em se tratando das faixas etárias maiores, observa-se que há uma diminuição do emprego do alçamento, corroborando com a afirmação de Pierrehumbert (2003) de que as experiências linguísticas às quais as crianças são expostas influenciam no processo de aquisição da variação. Como o alçamento da vogal postônica final /o/ é uma variação encontrada com menor frequência na fala dos adultos de Vista Alegre do Prata, é natural que as crianças também apliquem o alçamento de forma moderada.

6.3.1.3.2 Variável Sexo

Os resultados estatísticos apontados na Tabela 5 mostram que há diferença no comportamento da vogal /o/ postônica final em relação ao fator feminino e masculino para as crianças de Vista Alegre do Prata. Os meninos tendem a preservar a vogal, apresentando peso relativo de 0,447 (*log odd* de -0,212) e as meninas tendem a elevar a vogal /o/, apresentando peso relativo de 0,553 e (*log odd* de 0,212).

Tabela 5 - Alçamento da Postônica Final /o/ e a Variável Sexo - Amostra Crianças VAP

<i>Fatores</i>	<i>Log Odds</i>	<i>Total(N)</i>	<i>Proporção de aplic.</i>	<i>Peso</i>
Feminino	0,212	2.491	0,127	0,553
Masculino	-0,212	2.358	0,095	0,447

Desvio: 2749.601

Graus de Liberdade: 19

Média de Aplicação:0,111

Fonte: A autora.

A hipótese que norteia esta variável foi confirmada, pois as meninas elevam mais a vogal /o/ do que os meninos, embora os valores de pesos relativos obtidos sejam aproximados. Mileski (2013), no entanto, em seu estudo sobre o alçamento na fala adulta de VAP, não indica a variável Sexo como estatisticamente relevante para a vogal /o/. A pequena diferença numérica entre os pesos relativos obtidos para os fatores da variável apresentada na Tabela 5 induzem a exame mais minucioso dos resultados.

Ao analisar separadamente os dados de meninos e meninas de VAP com base na amostra longitudinal, verifica-se que o sexo masculino, em relação ao alçamento da vogal /o/, é o que apresenta valor de aplicação mais baixo. No Quadro 44, indicam-se os p-valores²⁸ de aplicação do alçamento da vogal átona final /o/ de cada informante (meninos) por faixa etária de acordo com a etapa de coleta. Ressalte-se que cada etapa (acompanhamento longitudinal) compreende um período de 30 dias (ver seção, 6.3, Capítulo 6), durante o período de seis meses (180 dias).

Assim, na linha horizontal, encontram-se os valores (proporção) referentes às ocorrências de vogal /o/ postônica final para cada sujeito, dentro de suas respectivas faixas etárias.

Quadro 44 - Alçamento da Átona Final /o/ -Cruzamento Informantes e Etapas – Amostra Meninos/VAP

ETAPAS FE	1 ^a 30 dias		2 ^a 60 dias		3 ^a 90 dias		4 ^a 120 dias		5 ^a 160 dias		6 ^a 180 dias	
	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N
1:7 – 2:0 S1- P	0,33	3	0,067	30	0,000	12	0,145	55	0,088	34	0,236	89
2:1-2:6 S2-E	0,062	32	0,096	83	0,158	38	0,263	38	0,164	55	0,107	84
2:7:3:0 S3-J	0,095	21	0,070	57	0,015	68	0,026	39	0,148	27	0,045	44
3:1-3:6 S4-S	0,136	44	0,647	17	0,391	23	0,182	28	0,214	28	∞	∞
3:7-4:0 S5-Q	0,078	51	0,123	65	0,036	56	0,000	37	0,107	75	0,000	56
4:7-5:0 S6-V	0,109	92	0,010	98	0,186	43	0,160	81	0,159	88	0,128	47

∞ = Não houve possibilidade de recolha

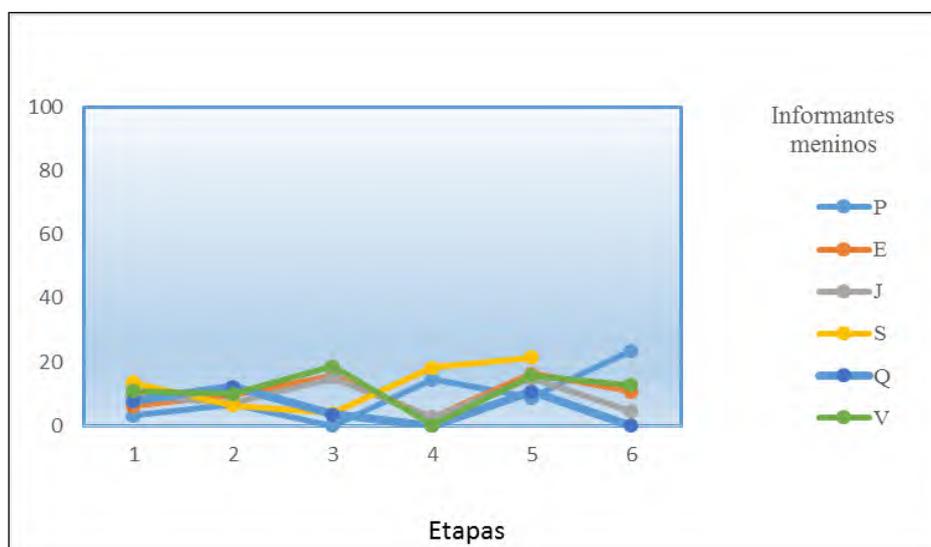
Fonte: A autora.

Pelo Gráfico 25 a seguir, visualizam-se os índices²⁹ de produção do alçamento da vogal postônica final /o/. Nota-se que a linha apresenta várias oscilações em relação ao desenvolvimento do alçamento pelas crianças no decorrer das seis etapas de recolha.

²⁸ Valor da proporção (p-valor) foi extraído da melhor rodada (Rbrul).

²⁹ Os valores referentes à proporção (p-valores) foram multiplicados por 100 para a composição do gráfico.

Gráfico 25 - Alçamento da vogal átona final /o/: Etapas e Informantes – Amostra Meninos – VAP



Fonte: A autora.

O Gráfico 25 mostra, no geral, que nos dados dos meninos de VAP há o predomínio de oscilações na produção do alçamento da vogal átona final /o/. Mostra também os baixos índices de aplicação desse processo.

Com relação ao sujeito S1 (1:7- 2:0), observa-se que não houve produção de alçamento dentre as 12 ocorrências coletadas na terceira etapa. Observa-se que os índices baixos de produção do alçamento dominam todas as etapas, sendo que, na última, o valor é mais alto (0,236) se comparado aos demais. Em relação ao S2 (2:1- 2:6), verifica-se que houve produção de alçamento em todas as etapas, mas sempre predominando valores baixos. O índice mais alto nos dados desse sujeito foi de apenas 0,263. Nota-se também que houve oscilações em todas as etapas no que se refere à produção do alçamento. Com relação à S3 (2:7 – 3:0), observa-se que a realização do alçamento esteve presente em todas as etapas, mesmo com índices baixos. Das seis etapas de coleta o índice mais alto foi de apenas 0,148. Para S4 (3:1 e 3:7), notam-se os índices (0,136; 0,64,7; 0,391; 0,182; 0,214) mais altos se levarmos em conta os valores gerais obtidos para todos os informantes em todas as etapas de recolha. Observa-se também que há oscilações nos valores desde a primeira etapa, sendo que na segunda etapa, com índice de 0,647 (o mais alto) e, na terceira etapa, com 0,391, essa oscilação fica mais evidente.

No que se refere a S5 (3:7 e 4:0), observa-se inicialmente que não houve produção de alçamento em duas etapas (4 e 6). Observa-se também que nos dados desse sujeito a produção do alçamento foi baixa no restante das etapas. O valor mais alto de realização do alçamento ocorre na

segunda etapa, com índice de 0, 123. Com relação ao sujeito S6, nota-se que houve produção do alçamento da vogal /o/ em todas as etapas, embora tenham predominado valores muito baixos. Das seis etapas de recolha, o valor mais alto foi de apenas 0,186 na terceira etapa.

A partir desses resultados conclui-se que os sujeitos (meninos) de VAP mostram tendência à preservação da vogal /o/. O delineamento estabelecido por esses números sinaliza que o alçamento em sílaba postônica final, apesar de mostrar índices baixos, está sendo realizado pelas crianças (meninos) VAP.

Apresenta-se no Quadro 45 o resultado geral das taxas de aplicação do alçamento nos dados de fala das sete meninas de Vista Alegre do Prata, de acordo com suas faixas etárias.

Quadro 45 - Alçamento da Átona Final /o/ e o Cruzamento Informantes e Etapas - Amostra Meninas/VAP

ETAPAS FE	1 ^a 30 dias		2 ^a 60 dias		3 ^a 90 dias		4 ^a 120 dias		5 ^a 160 dias		6 ^a 180 dias	
	Prop	N	Prop	N	Prop	N	Prop	N	Prop	N	Prop	N
1:7-2:0 S1- f	∞	∞	0,750	4	0,045	22	0,125	24	0,104	48	∞	∞
2:1-2:6 S2- e	0,127	55	0,000	34	0,021	47	0,051	39	0,054	37	0,116	43
2:7:3:0 S3- m	0,488	123	0,255	47	0,350	40	0,203	59	0,100	30	∞	
3:1-3:6 S4- Z	0,171	35	0,102	59	0,236	110	∞		∞		∞	
3:7-4:0 S5- a	0,016	63	0,038	53	0,122	74	0,179	50	0,052	58	∞	∞
4:1-4:6 S6- b	0,234	77	0,143	28	0,204	49	0,137	51	0,075	53	∞	0,234
4:7-5:0 S7-A	0,276	76	0,081	124	0,101	89	0,138	87	0,053	94	0,107	112

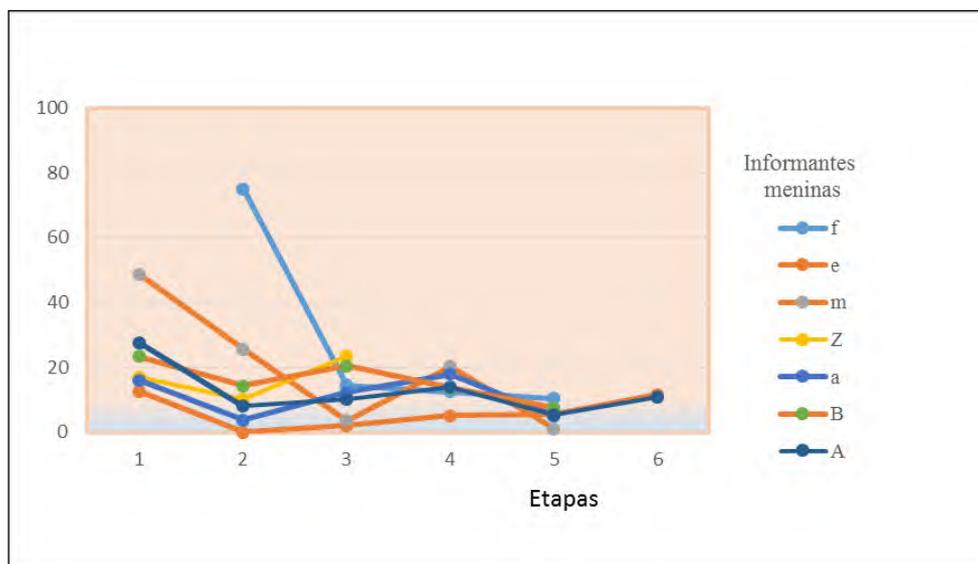
∞= Não houve possibilidade de recolha

Fonte: A autora.

O Gráfico 26 a seguir, com base nos resultados do quadro anterior, mostra os valores³⁰ de aplicação do alçamento da vogal átona final /o/ por meio do cruzamento das variáveis Informante (meninas) e Etapas (faixas etárias).

³⁰ Os valores referentes à proporção (p-valores) foram multiplicados por 100 para a composição do gráfico.

Gráfico 26 - Alçamento da vogal Postônica Final /o/ e Cruzamento Informantes Meninas e Etapas – VAP



Fonte: A autora.

No gráfico anterior, podemos observar uma linha decrescente da produção do alçamento da vogal átona final /o/ por parte das meninas de VAP, mostrando índices poucos expressivos, com exceção da informante S1-f (1:7 e 2:0) que apresentou índice de 0,750 na segunda etapa de recolha. Observa-se que há uma redução das taxas de alçamento conforme a faixa etária vai avançando. De acordo com Tomasello (2000, 2003), uma das características da aquisição é a não linearidade. A aquisição é gradual e dinâmica, isto é, a criança começa a produzir, no caso deste estudo, a vogal /o/ postônica final e domina-a em várias palavras. Aos poucos, ela começa a se dar conta de que há outra maneira de dizer a mesma coisa com a forma [i] e passa a usá-la, só que de forma moderada. Embora a aquisição seja gradual, ela não ocorre linearmente, assim como também o alçamento, pois, no percurso da emergência da variação, há fortes influências do input do cuidador. Pode-se dizer que o input é que direciona, nessas faixas etárias, o que a criança vai usar. No caso de Vista Alegre do Prata, há fortes indícios para a manutenção da média átona.

As informações apresentadas no Gráfico26 deixam claro a preferência das crianças (meninas) em relação ao uso de [o], como também deixam claro que o alçamento também milita em suas produções, porém com menos ocorrências.

Conclui-se que a emergência do alçamento da vogal /o/ se dá de maneira distinta para falantes diferentes. Essas diferenças podem ser explicadas a partir dos padrões linguísticos do ambiente no qual se encontram (VIHMAN, 1996; TOMASELLO, 2003). Na verdade, as crianças são expostas a

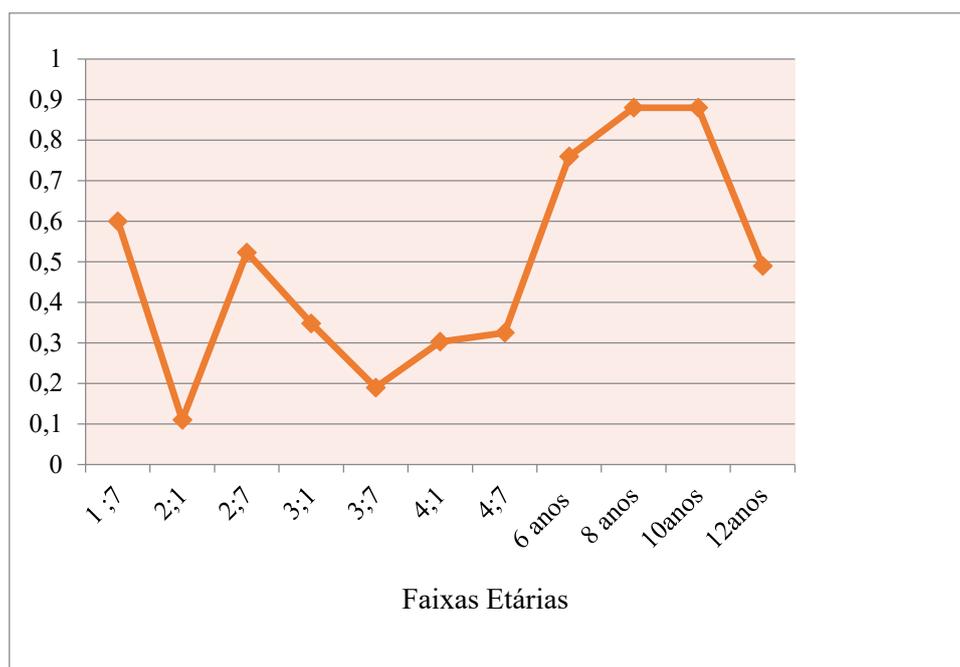
experiências linguísticas diferentes (input), cuja incidência de alçamento da vogal átona final /o/ é baixa. Dessa forma os resultados não poderiam ser diferentes, pois se o adulto, conforme Mileski (2013), tende à preservação da média alta, a criança também o fará.

Vários autores, como discutido no Capítulo 3, seção 3.2: (SNOW; PERMANN; NATHAN, 1987; HOFF, 2003,2006; TOMASELLO, 1999, 2000, 2003), têm sugerido que o input tende a ser o modelo seguido pela criança em fase de aquisição da linguagem. É através do input que a criança constrói o seu exemplar protótipo, conforme postulado por Pierrehumbert (2001, 2003) e Tomasello (2003). Para os autores, as habilidades sociocognitivas, as experiências e o ambiente social são os principais responsáveis pelo desenvolvimento linguístico da criança, conforme será discutido mais adiante, neste capítulo.

Conclui-se que o comportamento oscilatório do alçamento na fala das crianças (meninos e meninas) acompanhadas longitudinalmente faz parte do processo natural da aquisição da linguagem. Assim como o sistema fonético-fonológico da criança, o alçamento, parte que o integra, apresenta flutuações e diferenças individuais no decorrer das etapas da aquisição. No entanto, ao comparar as taxas de produção entre meninas e meninos, nota-se que as meninas apresentam mais oscilação do que os meninos e taxas individuais mais altas, fato que parece justificar a indicação de relevância estatística da variável. Adicionalmente, observa-se que as taxas obtidas na primeira etapa de coleta foram, no geral, mais altas para as meninas do que para os meninos.

O Gráfico 27 apresenta-se o resultado global do processo de alçamento dos informantes de todas as faixas etárias da Amostra Crianças de Vista Alegre. No eixo y computam-se as taxas em peso relativo e, no eixo x, as faixas etárias.

Gráfico 27 - Alçamento da vogal postônica final /o/- Amostra Crianças VAP



Fonte: A autora.

Os resultados da análise estatística confirmam nossa suposição inicial de que o processo de alçamento se inicia muito cedo por influência do input. Confirma ainda que a variação socialmente condicionada acompanha o desenvolvimento fonético-fonológico da criança. Nota-se que o percurso da variação dos informantes de Vista Alegre do Prata apresenta uma curva senoidal, ou seja, o alçamento começa com índice alto na faixa etária entre 1:7 e 2:0; diminui consideravelmente na FE entre 2:1 e 2:6; aumenta consideravelmente na FE de 2:7 e 3:0; diminui um pouco na FE entre 3:1 e 3:6; diminui razoavelmente na FE entre 3:7 e 4:0; sobe nas Fés entre 4:1 e 5:0 e mantêm-se estável nas FEs entre 8 e 11. Nessas últimas faixas etárias, a curva atinge seu maior pico, demonstrando que nessas idades tal processo aparece com maior intensidade e, na FE de 12 anos, a aplicação do fenômeno diminui.

Refletindo sobre esses dados é possível tecer algumas considerações. Primeiramente, de acordo com os valores de aplicação apresentados no gráfico anterior, há indícios claros de que a variação estruturada está emergindo gradualmente na fala das crianças de Vista Alegre, apesar da média de aplicação da vogal /o/ ficar abaixo de 50%. Em segundo lugar, o comportamento variável da vogal /o/ surge nas primeiras etapas de aquisição (1:7 e 5:0) e, por último, há oscilações nos índices de realização da elevação de /o/.

Com relação às faixas etárias iniciais, nota-se que há diferença acentuada na realização do alçamento entre as crianças de 1:7 e 2:1. A primeira explicação possível diz respeito à influência do ambiente linguístico para a aquisição da variação, já que é o ambiente que, no início da vida, propicia o ingrediente indispensável para o estabelecimento da capacidade para a experiência e desenvolvimento da criança. Conforme Nino (1992), a criança tem o modelo da fala materna (cuidador) como sua maior referência e tende a segui-la como um todo. A densidade da fala da mãe ou a frequência da exposição à palavra nova são evidências bastante claras para o desenvolvimento precoce da linguagem infantil. Tomasello (2000), conforme abordado no Capítulo 3, relatou que as primeiras palavras utilizadas pela mãe durante o seu processo de interação com a criança são as que têm maior probabilidade de serem adquiridas precocemente. Neste estudo sugere-se que a emergência da variação é parte integrante da aquisição das primeiras palavras. Sugere-se também que as mães (cuidadoras) são as grandes responsáveis pelo seu aprendizado precoce e o aumento rápido do vocabulário infantil.

Nos dados coletados para esta pesquisa, através da interação entre os cuidadores e suas crianças, há evidências sobre o efeito do input dos cuidadores para realização do fenômeno. No caso das FE2, observa-se que o comportamento da criança em relação à preservação da vogal /o/ (índice de aplicação de 0,05) pode estar relacionado à fala do cuidador que também tende à preservação dessa vogal³¹. Outra explicação possível para esse fato seria decorrente das diferenças individuais, ou seja, cada criança tem a sua própria experiência com a língua, já que umas recebem mais estímulos do que outras. Com relação aos valores mais altos para FE1, deve-se levar em conta que nessa fase a criança ainda está aprendendo a lidar com os sons de sua língua e, por isso, tende a imitar ou reproduzir as palavras que ela ouve com mais frequência.

Observa-se ainda que as faixas etárias de 6 a 12 anos são as que apresentam índices mais altos de elevação da vogal /o/. Uma explicação possível para esse fato pode estar relacionada com o ingresso da criança na escola e com a sua inserção em grupos sociais. De acordo com Eckert (1993, 2008), é na fase do ingresso da criança na escola, entre 6 e 12 anos, considerado pela autora como o período da 3ª infância, que começa a emergir a construção social do indivíduo. A pesquisadora afirma que é através da linguagem e das transformações do funcionamento psicológico constituídas pelas interações face-a-face e pelos ambientes sociais (escola, clube, entre outros) que se dá tal construção. A criança/adolescente começa a prestar mais atenção para questões de estilo, de identidade e de papel

³¹ Os dados dos cuidadores serão apresentados na próxima seção.

social do gênero, com a formação de grupo das meninas e de grupo dos meninos separadamente. Nas escolas de VAP, por exemplo, as meninas participam de grupo de danças, enquanto os meninos participam do futebol. Também é hábito na escola, as meninas ficarem separadas dos meninos na hora do recreio, para que nenhum grupo interfira na brincadeira do outro. Há relatos das próprias crianças (meninos e meninas) de que as meninas se comportam melhor, por isso elas tendem a ter as melhores notas. Dessa forma, pode se dizer que até os 4 anos a criança segue o modelo do input e, gradativamente, com seu ingresso na escola, ela vai sendo influenciada por outros inputs (grupos sociais).

Na próxima seção, apresentam-se considerações acerca dos resultados do alçamento da vogal átona final /o/ na fala do adulto cuidador de VAP, apresenta-se também a comparação entre os resultados dos dados infantis e adultos.

6.3.2 Descrição e análise do comportamento da vogal /o/ átona final: Amostra Adultos de VAP

6.3.2.1 Variáveis selecionadas

Conforme os procedimentos elencados na Seção 6.2 deste capítulo, as rodadas foram realizadas pelo programa estatístico Rbrul. Dessa forma, apresenta-se a seguir, por ordem de seleção, as variáveis apontadas pela análise estatística no nível *step-up* e confirmadas pelo nível *step-down* como relevantes para o processo de elevação da vogal média átona final /o/:

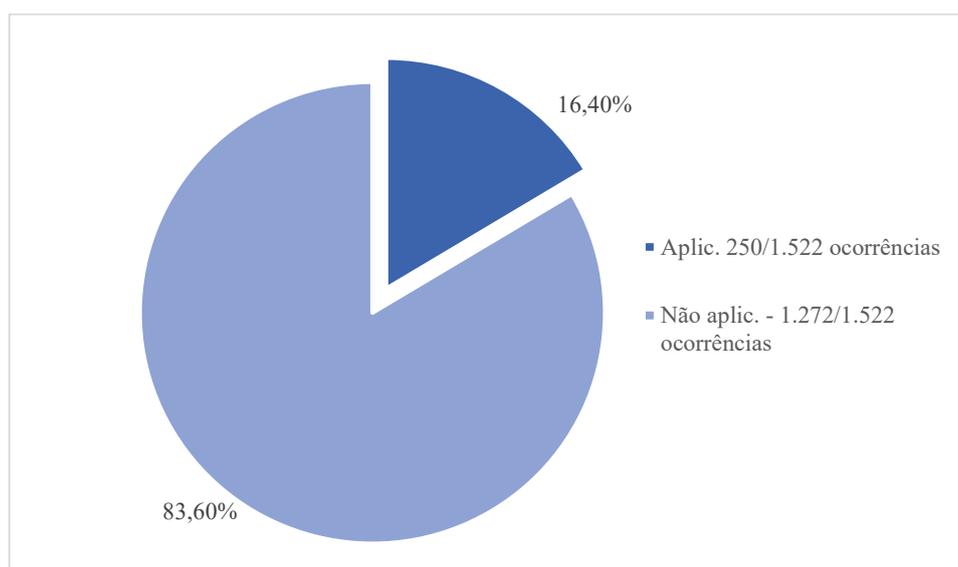
- Contexto Precedente;
- Classe;
- Tipo de Sílabas;
- Contexto Vocálico

Ressalta-se que para esses dados não houve seleção de variável social.

6.3.2.2 Alçamentos da postônica final /o/ e Frequência Global - Amostra Adultos VAP

A frequência global de aplicação do processo do alçamento da vogal átona final /o/ nos dados da Amostra Adultos de Vista Alegre do Prata é apresentada no Gráfico 28. Os informantes da Amostra Adultos da comunidade de Vista Alegre do Prata tendem à preservação da vogal postônica átona final /o/, pois apenas 16,4% das ocorrências foram de alçamento, enquanto que 83,6% foram de não alçamento.

Gráfico 28 - Frequência global e Alçamento da Vogal Postônica Final /o/ Amostra Cuidadores-VAP



Fonte: A autora.

Tais resultados indicam que os adultos de VAP tendem à preservação da vogal átona final /o/, corroborando, dessa forma, a análise de Mileski (2013) para os falantes adultos descendentes de poloneses da mesma localidade. De acordo com Roveda (1998) e Vieira (2002, 2010), a localidade, através de seu tipo étnico, tem peso expressivo na realização ou não do alçamento. No caso de VAP, os falantes com descendência polonesa e italiana são favoráveis à manutenção da média alta /o/. Esse resultado estatístico global vai ao encontro daquele apontado na análise da Amostra Crianças.

6.3.2.3 Variáveis Linguísticas - Amostra Adultos VAP: vogal /o/

Nesta seção, apresentam-se as variáveis linguísticas selecionadas como relevantes ao alçamento de /o/ postônico final.

6.3.2.3.1 Contexto Precedente

A primeira variável selecionada como relevante para a elevação de /o/ postônico final foi o Contexto Precedente, indicando que os fatores labial e coronal [-anterior] favorecem o alçamento. É o que indica o peso de 0,673 (*log odd* de -0,721), apresentado no Tabela 6. O fator coronal [-anterior], com peso de 0,648 (*log odd* de -0,61), também se mostrou favorável ao alçamento da vogal /o/.

Por outro lado, as consoantes coronais [mais anteriores], com peso de 0,368 (*log odd* de -0,540) e as consoantes dorsais, com peso de 0,312 (*log odd* de -0,792) apresentam baixa tendência ao alçamento.

Tabela 6 - Contexto Precedente e o Alçamento da Postônica Final /o/ - Amostra Adultos VAP

<i>Fatores</i>	<i>Log Odds</i>	<i>Total (N)</i>	<i>Proporção de aplic.</i>	<i>Peso</i>
Labial (lobo, sapo)	0,721	267	0,300	0,673
Coronal [- anterior] (banho, bicho)	0,611	302	0,245	0,648
Coronal [+anterior] (mato, março)	- 0,540	799	0,101	0,368
Dorsal (frango, porco)	- 0,792	104	0,077	0,312

Desvio: 1227.122

Graus de liberdade: 7

Média de Aplicação: 0,165

Fonte: A autora.

Salienta-se que na análise dessa variável foi desconsiderado o fator vogais que, por questões operacionais, foi extraído da rodada porque apresentou valor de aplicação zero ou próximo de zero. O segmento vocálico eliminado da operação foi a vogal/semivogal coronal: 13 dados (0,00 - como: *colégio, horário*).

A hipótese de que o fator labial favoreceria a elevação da vogal /o/ foi, portanto, confirmada. Ressalte-se, no entanto, que os contextos precedentes coronais [- ant] também apresentaram peso relativo de favorecimento (de 0,648) muito próximo ao obtido pelas consoantes labiais (de 0,673).

Esses resultados estão em conformidade com aqueles apresentados na amostra crianças, anteriormente discutidos, e assemelham-se aos obtidos por Roveda (1998), Vieira (2010) e Machry da Silva (2009). Nesses estudos, as consoantes labiais coronais [-anterior], respectivamente, representaram contextos favorecedores ao alçamento da vogal postônica final /o/. Esses resultados.

6.3.2.3.2 Tipo de sílaba

A segunda variável linguística selecionada como relevante foi o Tipo de Sílaba, indicando que a presença da coda S, com peso relativo de 0,56 (*log odd* de 0,24), favorece o alçamento de /o/. Por

outro lado, a ausência de coda (peso relativo de 0,44 e *log odd* de - 0, 24) desempenha papel pouco significativo. Esses resultados são exibidos na Tabela 7 a seguir.

Tabela 7 - Tipo de Sílabas e o Alçamento da Postônica Final /o/ - Amostra Adultos VAP

<i>Fatores</i>	<i>Log Odds</i>	<i>Total(N)</i>	<i>Proporção de aplic.</i>	<i>Peso</i>
Coda S	0,24	158	0,278	0,56
Sem coda	-024	1.314	0,151	0,44

Desvio:1227.122

Graus de liberdade: 7

Média de Aplicação: 0,165

Fonte: A autora.

Esclarece-se que para essa variável, em relação à vogal postônica final /o/, por razões operacionais, os fatores *apagamento de coda* e *sem coda* foram amalgamados. Adicionalmente, as palavras que contêm sílabas finais fechadas com coda /N/ foram excluídas das rodadas. Tal contexto excluído apresentou apenas uma ocorrência (gelson).

A hipótese inicial para essa variável era a de que o alçamento da vogal /o/ em posição final é favorecido, na fala adulta, em palavras fechadas por coda /S/. Tal hipótese foi confirmada, pois o valor de aplicação figura como sendo o primeiro mais relevante, conforme já constatado nas pesquisas de Vieira (, 2002, 2010) para as localidades de São Borja, Panambi e Flores da Cunha, e de Machry da Silva (2009), para amostra adulta da localidade de Rincão Vermelho e para Mileski (2013), para a localidade de Vista Alegre do Prata. Nesses estudos o fator coda /S/ foi o mais relevante.

Conclui-se, assim, que o comportamento variável da postônica final /o/ na amostra adulta de VAP é, em parte, semelhante ao da amostra infantil. Com relação às variáveis linguísticas, verifica-se que o Contexto Precedente e Contexto Vocálico foram selecionados pelas duas amostras. A correlação entre as variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes nas duas amostras pode ser verificada no Quadro 46 a seguir.

Quadro 46 - Variáveis independentes linguísticas e sociais controladas - Dados de crianças e de adultos de VAP

Amostras	Idade	Sexo	Contexto Precedente	Contexto Seguinte	Contexto Vocálico
Infantil			cor [-ant.] labial		vogal alta
Adulta			labial cor [-ant.]		vogal alta

Fonte: A autora.

Com relação às similaridades, nota-se que para a variável Contexto Precedente, os fatores condicionadores labial e cor[-ant] foram apontados como relevantes para as duas amostras (crianças e adultos). Observa-se que o fator presença de vogal alta na sílaba tônica também foi indicado como estatisticamente favorável nas amostras em questão. Essas evidências sugerem a importância do input, pois, mais uma vez, conforme já apontado na Seção 5.2 deste capítulo, as crianças tendem a seguir o modelo de seu cuidador. Com relação às diferenças, verifica-se que na Amostra Crianças foi selecionada a variável linguística Contexto Seguinte e as variáveis sociais Idade e Sexo. Por outro lado, na Amostra Adultos não foi selecionada nenhuma variável social.

Com relação à taxa de aplicação do alçamento obtida para a amostra crianças e para a amostra referente a seus cuidadores, verifica-se também uma proximidade entre os valores das duas amostras. O Quadro 47, apresenta tais resultados.

Quadro 47 - Alçamento da postônica final /o/ - comparação entre os resultados de aplicação Amostra crianças e adultos

Amostras	Vista Alegre	
	Aplic/Total	%
Crianças	537/4840	11,1
Adultos	250/1522	16,4

Fonte: A autora.

Como se pode observar no quadro anterior, os percentuais de aplicação do alçamento de ambas as amostras estão bem próximos: crianças com 11,1% e adultos com 16,4%. Os resultados mais uma vez deixam pistas de que as crianças em fase de aquisição da linguagem tendem a seguir as pistas linguísticas do input. Conforme Tomasello (2003), a linguagem que a criança aprende sofre impacto do uso e as pistas linguísticas do adulto são decisivas para aquisição da linguagem.

Em relação especificamente aos meninos da amostra crianças de VAP, observa-se que os resultados da análise estatística apontam também mais similaridades do que diferenças na atuação da fala de seus cuidadores. O Quadro 48 a seguir mostra a comparação entre os resultados do alçamento nos dados das crianças e de seus cuidadores. Os valores expressos correspondem aos *log odds* e aos percentuais de aplicação.

Quadro 48 - Alçamento da átona final /o/ e Comparação entre Informante (meninos) e cuidador – VAP

Criança (Menino)	Log odd	%	CUIDADORES	Log odd	%
S4-S	0.707	27,6	SA	0.576	12,5
S5-Q	0.467	6,5	Q9	1.678	14,6
S1-P	0.273	15,7	Pt	0.271	16,1
S6-V	0.036	11,6	Vq	0.133	7,8
S3-J	- 0.521	5,5	JF	- 0.9	3,1
S2-E	- 0.753	0,3	E3	- 1.904	0,2

Fonte: A autora.

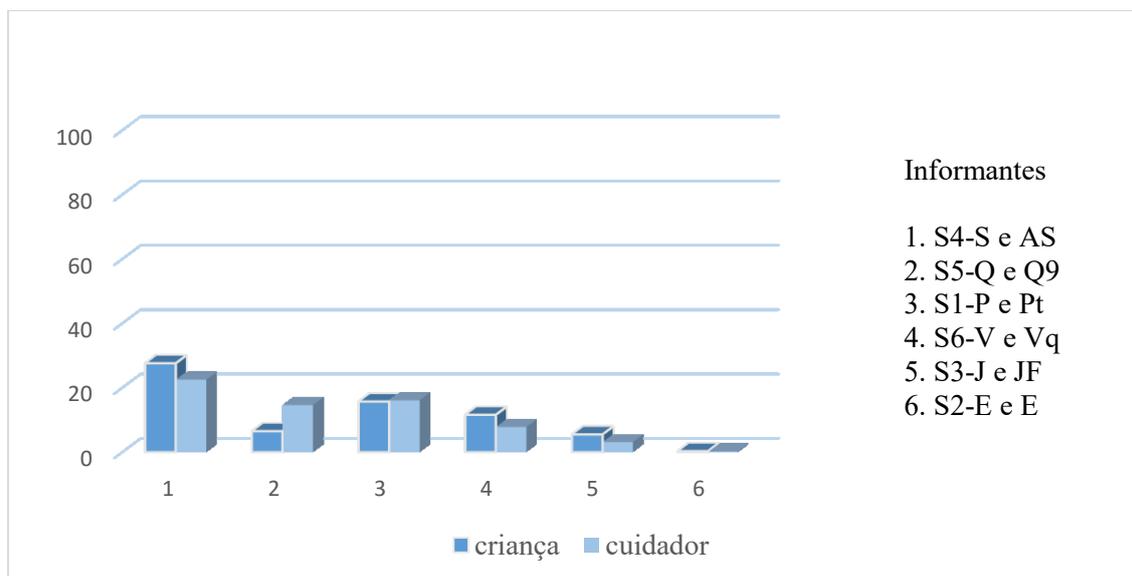
Conforme mostra o quadro anterior, em ambas as amostras, o processo do alçamento apresentou índices de aplicação moderados. No que se refere aos valores da *log odds*, observa-se que há semelhança nos resultados estatísticos dos dados de S1-P e Pt (*log odds* de 0.273; 0.271, respectivamente) e de S4-S e SA (*log odds* de 0.707 e 0,576, respectivamente). Nesse caso, pressupõe-se uma correspondência em sentido positivo entre a criança e o seu cuidador no que se refere ao uso do alçamento.

Pequenas diferenças são notadas entre os sujeitos, S5-Q e Q9 (*log odds* de 0.467 e 1.678, respectivamente) e S6-V e Vq (*log odds* de 0.036 e 0.133, respectivamente), embora a indicação do valor obtido seja a mesma para criança e cuidador, isto é, no sentido do uso do alçamento de /o/.

Embora concordem quanto à tendência para o não alçamento, os resultados para a vogal /o/ indicam, conforme quadro anterior, mais distância entre os valores de *log odds* para os dados dos sujeitos S3-J e JF (*log odds* de -0.521 e -0.9, respectivamente) e S2-E e E3 (*log odds* -0.753 e -1.904, respectivamente).

O Gráfico 29 a seguir, com base nos valores percentuais, mostra com mais clareza essa correlação.

Gráfico 29 – Alçamento da átona final /o/ - Comparação dos resultados amostras crianças (meninos) e Adultos-Vista Alegre do Prata



Fonte: A autora.

Verifica-se, no gráfico anterior, que, em ambas as amostras, os percentuais de uso do alçamento da vogal média átona final /o/ apresentam índices poucos expressivos. As semelhanças verificadas apontam para a importância do papel input no aprendizado de formas variáveis, pois, como indica Tomasello (2003), as crianças se espelham nas experiências linguísticas do cuidador para construir suas próprias experiências com o uso das palavras.

Em relação à aplicação do alçamento, nota-se também que, apesar de haver uma diferença razoável na comparação dos percentuais de aplicação do fenômeno, nos dados dos sujeitos S4-S e SA (27,6 e 12,5%); S5-Q e Q9 (6,5 e 14,6%) e S6-V e Vq (11,6 e 7,8%), há conformidade no uso do alçamento. Isso sugere que a aplicação do fenômeno por tais sujeitos tem um papel favorável, pois tanto a criança quanto o cuidador aplicam a elevação da vogal.

No que se refere ao não alçamento, verifica-se que os índices percentuais estão mais próximos, conforme mostram os resultados das análises dos dados de S3-J e JF (5,5 e 3,1%, respectivamente) e de S2-E e E3 (0,3 e 0,2%, respectivamente), mas ambos em direção ao desfavorecimento. A comparação dos resultados fornece evidências de que em Vista Alegre do Prata o processo de alçamento está em fase inicial e que tal aprendizado é construído gradativamente. Assim, defende-se que a variação não é um módulo separado da aquisição, uma vez que os meninos deste estudo aplicam tal processo em uma faixa etária bem precoce.

No que tange especificamente às meninas da amostra crianças de VAP, os resultados da análise estatística apontam, de modo semelhante ao dos meninos, o reflexo da fala do cuidador na realização do alçamento da vogal átona final /o/, conforme mostram o Quadro 49 e o Gráfico 30.

Quadro 49 - Alçamento da átona final /o/ e Comparação entre Informante (meninas) e cuidador – VAP

Criança (Meninas)	Log odds	%	CUIDADORES	Log odds	%
S6- b	0.515	16,7	b8	0.576	6,5
S3- m	0.222	33,8	m6	1.059	13,7
S1- f	0.257	12,2	fC	1.897	5,6
S2- e	0.016	6,7	e5	-0.966	1,9
S7-A	-0.036	11,9	AE	-0.137	2,3
S5- a	-0.705	8,2	aM	-0.847	3,5

Fonte: A autora.

Observa-se que, no quadro anterior, em ambas as amostras, o processo do alçamento apresentou baixos índices de aplicação. Com relação às semelhanças, há proximidade entre os resultados dos valores dos *log odds* nos dados de S6-b e b8 (*log odds* de 0.515, 0.576, respectivamente). Confirma-se, neste caso, que há uma correspondência positiva entre o cuidador e a criança para o uso do alçamento.

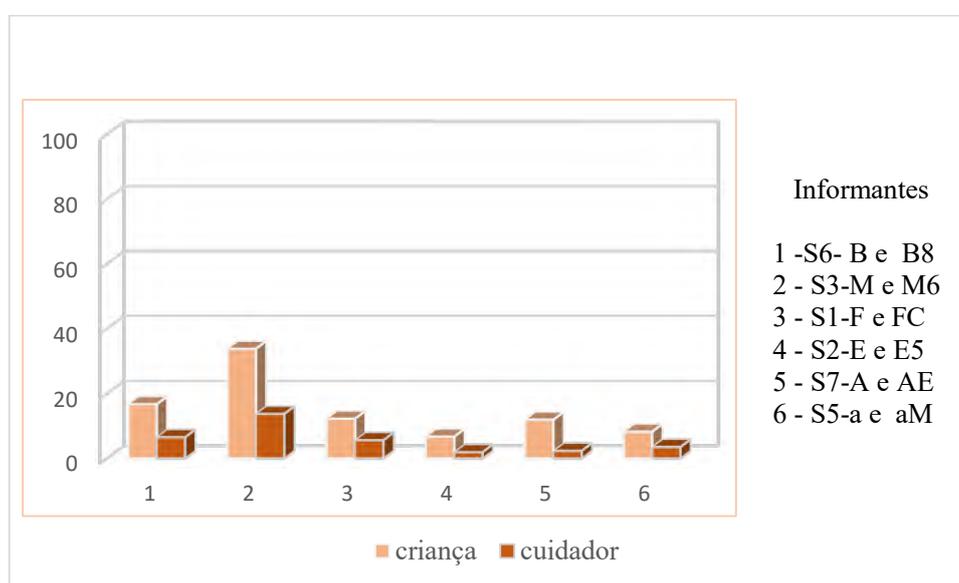
Com relação aos outros pares de sujeitos, nota-se que os valores da *log odds* estão mais distanciados. Tal diferença pode ser evidenciada entre os dados dos sujeitos S3-m e m6 (*log odds* de 0.222 e 1.059, respectivamente) e S1-f e fc (*log odds* de 0.257 e 1.897, respectivamente). Contudo, é possível observar uma correspondência positiva quanto à aplicação do processo por parte dos sujeitos.

Verifica-se também, nos resultados apresentados no quadro anterior, que a produção do alçamento da vogal média átona final /o/ é positiva para a criança (*log odds* positivo) e negativa para o adulto (*log odds* negativo), como se pode observar nos dados dos sujeitos S2-e, e5 (*log odds* de 0.016 e -0,966, respectivamente). No que se refere ao alçamento, nota-se que apenas a criança apresenta resultado favorável.

Com relação ao não alçamento da vogal, observa-se que para os sujeitos S7-A e AE e para S5-a e aM, os valores da *log odds* são negativos (respectivamente, *log odds* de -0,036 e -0,137 e de -0.705 e -0.847). O grau de semelhança nos resultados, sobretudo de S5-a e aM, sugerem que o input do cuidador tem papel fundamental no uso do não alçamento por parte da criança.

O Gráfico 30 retoma os resultados do alçamento da vogal /o/ do Quadro 49 para melhor visualização.

Gráfico 30 - Alçamento da átona final /o/ - Comparação dos resultados Amostras Criança (meninas) e Adultos-Vista Alegre do Prata



Fonte: A autora.

Conforme o gráfico anterior, nota-se que as crianças (meninas) exibem tendências favoráveis ao uso do alçamento da vogal postônica final /o/ mais do que os adultos (cuidadores).

Com relação aos resultados favoráveis, observa-se que não há similaridade nos índices de aplicação do alçamento por parte dos pares de sujeitos S6-b e b8 (16,7 e 6,5 %, respectivamente); S3-m e m6 (33,8 e 13,7 %, respectivamente) e S1f e fC (12,2 e 5,6 %, respectivamente), pois as porcentagens de aplicação da elevação da vogal /o/ por parte dos dados das crianças é maior do que as apresentadas nos dados dos adultos. Nesse caso, pode-se inferir que a conformidade está relacionada ao fato de que tanto a criança quanto o adulto usam o alçamento de forma moderada.

Por outro lado, verifica-se que não há conformidade em relação à aplicação do fenômeno nos dados dos sujeitos S2-e e e5 (6,7 e 1,9%, respectivamente), pois os percentuais estão relativamente distantes. Sobre tais diferenças, observa-se que a criança se mostra pouco favorável

ao uso do alçamento, como indica o índice de 6,7%, e o adulto apresenta uma taxa mais baixa ainda, como mostra o índice de 1,9%. Tal tendência também se observa nos dados de S5-a e Am (8,2 e 3,5%, respectivamente).

A partir da análise desses resultados, pode-se perceber que, mesmo apresentando valores distintos, o reflexo do input está presente na fala dessas crianças. Sem dúvida, as experiências linguísticas do cuidador transmitidas à criança é um fator relevante para a emergência de processos variáveis. Na próxima seção, apresentaremos a descrição e análise dos resultados da vogal postônica final /e/.

6.3.3 Alçamento da Postônica Final /e/ e Frequência Global: Amostra Crianças de VAP

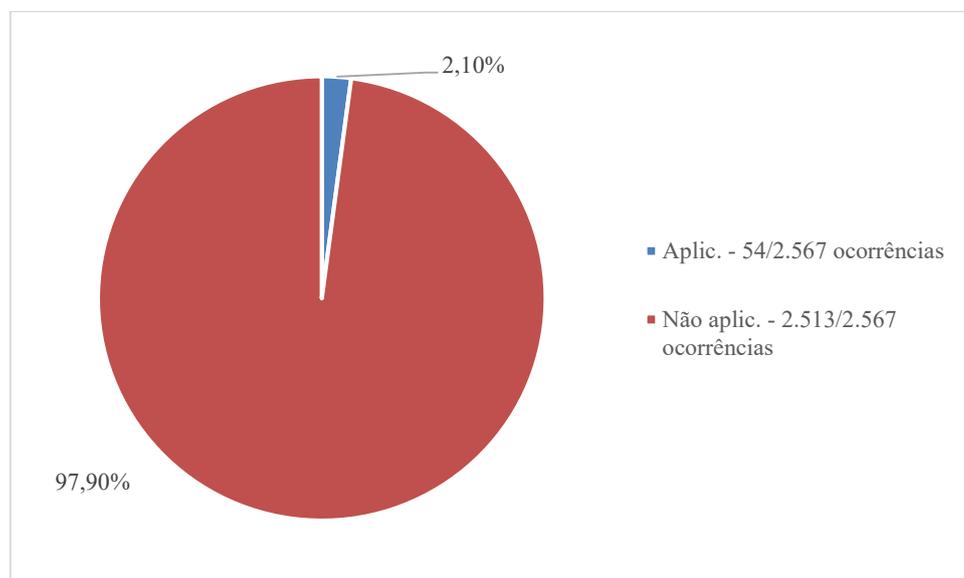
Nesta seção, são mostrados os resultados obtidos através da análise estatística realizada pelo Rbrul, apontando as variáveis linguísticas e sociais consideradas significativas para o processo de alçamento da vogal média átona postônica final /e/ com relação aos dados referentes às crianças de Vista Alegre do Prata-RS.

Primeiramente, apresentam-se, a seguir, por ordem de relevância, as variáveis apontadas pelo Rbrul no nível *step-up* e no nível *step-down*, como relevantes para o processo de elevação da vogal média átona final /e/:

- Idade
- Sexo
- Contexto Precedente
- Contexto Seguinte
- Tipo de Vocábulo

A taxa de aplicação da regra de alçamento da vogal postônica final /e/ consta no Gráfico 31. As crianças de Vista Alegre do Prata realizam o alçamento da vogal /e/, embora apresentem taxa de aplicação baixa, pois, do total de 2.567 dados analisados, 2,1% foram de aplicação e 97,9% de não aplicação da elevação.

Gráfico 31 – Frequência Global 18 - Alçamento da postônica final /e/ - Amostra crianças VAP



Fonte: A autora.

A hipótese inicial foi confirmada, pois na referida comunidade predomina a preservação da vogal /e/ postônica final. Esse resultado está em conformidade com o estudo de Mileski (2013) sobre o mesmo tema, porém com dados de fala adulta, na localidade de Vista Alegre do Prata. Resultados semelhantes também foram encontrados nos estudos de Vieira (2002) para as localidades de Flores da Cunha e Panambi e de Machry da Silva (2009) para a localidade de Rincão Vermelho.

Destaca-se que nas ocorrências produzidas pelas crianças de Vista Alegre do Prata, a vogal átona final /e/ apresentou taxa de aplicação ainda mais baixa (de 2,1%) do que o obtido para a vogal /o/ (de 11,1%). Tal fato pode ser explicado pela própria configuração do trato vocal, pois as vogais posteriores [o] e [u] estão mais próximas no espaço acústico, enquanto que as vogais anteriores [e] e [i] apresentam maior dispersão, conforme já apontado por Moraes, Callou e Leite (1996) na seção 1.1 do Capítulo 1 deste estudo.

6.3.3.1 Variáveis Linguísticas - Amostra Crianças VAP: vogal /e/

Nesta seção, primeiramente, apresentam-se as variáveis linguísticas e, em segundo momento, as variáveis sociais selecionadas como mais importantes para o estudo em questão.

6.3.3.1.1 Variável Contexto Precedente

A primeira variável selecionada pelo programa como relevante para o alçamento da vogal /e/ foi Contexto Precedente, indicando que os fatores dorsal/coronal [-ant], com peso relativo de 0,608 (*log odd* de 0,440) são favorecedores do alçamento. O fator labial, apesar de apresentar valor menor (peso: 0,548 e *log odd* de 0,194), também se mostrou relevante. Tais resultados são apresentados na Tabela 8 a seguir.

Tabela 8 - Alçamento da Postônica Final /e/ e Variável Contexto Precedente - Amostra Crianças

<i>Fatores</i>	<i>Log Odds</i>	<i>Total (N)</i>	<i>Proporção de aplic.</i>	<i>Peso</i>
Dorsal/Coronal [-ant] (bosque, peixe)	0,440	159	0,044	0,608
Labial (fome, chave)	0,194	335	0,042	0,548
Coronal [+anterior] (dente, leite)	- 0,633	2.052	0.019	0,347

Desvio: 437.223 4

Graus de liberdade: 16

Média de Aplicação: 0.021

Fonte: A autora.

Esclarece-se que o fator consoante dorsal (37 ocorrências e coronal [-ant] (122 ocorrências) foram amalgamadas devido à desproporção existente em relação ao número de ocorrências de consoantes labial, com 335 e cor [+ ant], com 2.052.

A hipótese inicial, com base em Roveda (1998), Machry da Silva (2009) e Mileski (2013), é a de que a vogal média átona final /e/, quando precedida por consoantes [+ alto], teria o alçamento favorecido. Os resultados desta pesquisa confirmam essa hipótese, pois os índices mais altos de elevação referem-se aos contextos em que a vogal média átona /e/ é antecedida por consoantes produzidas com a elevação do corpo da língua acima da posição neutra.

6.3.3.1.2 Variável Contexto Seguinte

A Tabela 9 a seguir, referente ao Contexto Seguinte à vogal alvo, apresenta o fator labial, com peso relativo de 0,75 (*log-odd* de 1,099), como estatisticamente favorecedor ao alçamento da vogal média átona final /e/. Já os fatores coronal [- ant]/ dorsal, ausência de contexto seguinte e coronal

[+ant], com pesos relativos de 0,489; de 0,386 e de 0,356 (*log odds* de - 0.045; de - 0, 462 e de - 0,591) respectivamente, não mostram favorecimento à aplicação do alçamento.

Tabela 9 – Alçamento da Postônica Final /e/ e Variável Contexto Seguinte- Amostra Crianças

<i>Fatores</i>	<i>Log Odds</i>	<i>Total (N)</i>	<i>Proporção de aplic.</i>	<i>Peso</i>
Labial (ele brinca)	1,099	112	0,080	0,75
Dorsal/Coronal [-ant] (leite quente)	-0,045	106	0,019	0,489
Vazio (chute)	-0,462	1.870	0,020	0,386
Coronal [+anterior] (chiclete não)	-0,591	479	0,013	0,356

Desvio: 437.223 4

Graus de liberdade: 16

Média de Aplicação: 0.021

Fonte: A autora.

Salienta-se que na análise dessa variável foram desconsiderados os itens (vogais) que, por questões operacionais³², foram extraídos da rodada a fim de seguir o mesmo critério adotado para vogal /o/. Os segmentos vocálicos eliminados da operação foram: a) vogal labial: 28 dados (0,071) (ex.: parece o); b) vogal coronal: 131 dados (0,00) (ex.: vinte e); c) dorsal: 79 dados (0,038) (ex.: verde azul).

A hipótese de que a consoante [+alto] favoreceria o alçamento da vogal média átona final /e/ não foi confirmada, já que os resultados apresentados na Tabela 11 mostram que o contexto seguinte consoante labial é o mais relevante para o alçamento de /e/.

6.3.3.1.3 Tipo de Vocábulo

A terceira variável linguística a ser selecionada como relevante na aplicação do alçamento de /e/ foi Tipo de Vocábulo, indicando que as palavras lexicais, com peso relativo de 0,618 (*log odd* de 0,481) mostram-se mais relevantes ao alçamento. Já as palavras funcionais, com peso relativo de

³² Fatores com número reduzido de ocorrências geraram erros nas rodadas.

0,382 (*log odd* de -0,481), mostram-se menos favoráveis ao alçamento. A Tabela 10 a seguir exibe os resultados dessa variável.

Tabela 10 - Alçamento da Postônica Final /e/ e a Variável Tipo de Vocábulo - Amostra Crianças

<i>Fatores</i>	<i>Log Odds</i>	<i>Total (N)</i>	<i>Proporção de aplic.</i>	<i>Peso</i>
Lexical	0,481	1.980	0,023	0,618
Funcional	-0,481	587	0,014	0,382

Desvio: 437.223 4

Graus de liberdade: 16

Média de Aplicação: 0.021

Fonte: A autora.

A hipótese inicial foi confirmada, indicando que a aplicação da elevação é favorecida pela variável Tipo de Vocábulo. Os resultados apresentados acima mostram que o fator lexical determina, em grande parte, a aplicação do alçamento da vogal postônica final /e/. De um total de 2.567 possibilidades de alçamento da postônica final /e/, apenas 587 apresentaram palavras funcionais e 1.980, palavras lexicais. De fato, as palavras lexicais são as mais frequentes na fase de aquisição da linguagem, sobretudo os substantivos. De acordo com Tomasello (1999, 2003), no início da aquisição da linguagem a criança, com idade entre 1:6 e 2:0 anos, utiliza 16 verbos entre 100 substantivos. Conforme o autor, os verbos manifestam-se no vocabulário infantil com um atraso de um a cinco meses em relação ao substantivo. Além disso, o autor acrescenta que as palavras lexicais são mais expressivas por fazerem parte do *input* materno.

6.3.3.2 Variáveis Sociais – amostra de crianças VAP: vogal /e/

6.3.3.2.1 Variável Idade

Os resultados estatísticos apresentados apontam que a variável Idade tem um papel importante na realização da vogal postônica final. A Tabela 11 a seguir apresenta os resultados estatísticos dessa variável.

Como se pode observar, os pesos relativos obtidos, exceção feita às faixas etárias 9 e 11, são todos elevados, entre 0,989 e 0,893, o que equivocadamente conduz à conclusão de que a produção da elevação é praticamente categórica. Esse feito é provocado provavelmente pela taxa geral muito

baixa, de 2,10% (ver Gráfico 36), de aplicação do alçamento da vogal /e/ nesta amostra³³. De outro modo, o exame das taxas referentes à proporção de aplicação do alçamento, assim como dos valores de *log odds*, também apontadas na tabela 13, revela que em todas as faixas investigadas o alçamento de /e/ é baixo. Nas FE9 e FE11, especificamente, nenhuma ocorrência com vogal alta é produzida em 391 possibilidades.

Tabela 11 – Variável Idade e o Alçamento da Postônica Final /e/ - Amostra Crianças

<i>FE</i>	<i>Fatores</i>	<i>Log Odds</i>	<i>Total(N)</i>	<i>Proporção de aplic.</i>	<i>Peso</i>
2	1:7 - 2:0	4,071	126	0,032	0,983
3	2:1 - 2:6	1,829	117	0,009	0,862
4	2:7 - 3:0	4,473	410	0,056	0,989
5	3:1 - 3:6	3,465	181	0,022	0,97
6	3:7 - 4:0	2,251	194	0,005	0,905
7	4:1 - 4:6	2,803	326	0,012	0,943
8	4:7 - 5:0	3,654	403	0,032	0,975
9	6 - 7	-13,774	184	0,00	0,001
10	8 - 9	2,120	271	0,007	0,893
11	10 - 11	-13,451	207	0,00	0,001
12	12	2,559	148	0,014	0,928

Desvio: 437.223 4

Graus de liberdade: 16

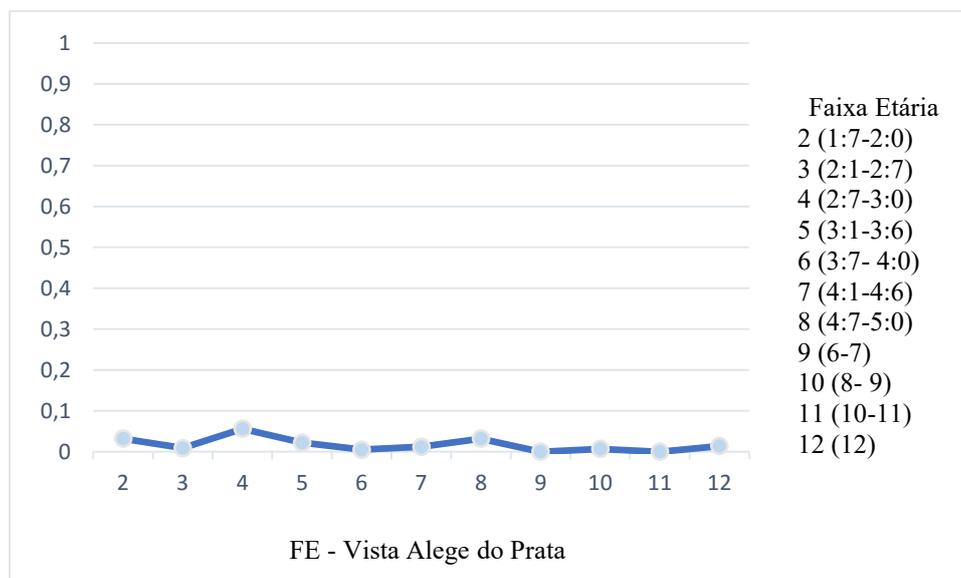
Média de Aplicação: 0.021

Fonte: A autora.

No Gráfico 32, ilustram-se, no formato de linha, os índices de produção do alçamento da vogal postônica final /e/. Observa-se que os índices são bastante baixos, havendo, portando, poucas oscilações no que se refere às faixas etárias. No eixo x estão dispostas as faixas etárias e no eixo y, os valores proporcionais de aplicação do alçamento.

³³ Observa-se que os pesos relativos para os fatores desta variável apresentam-se elevados desde o primeiro nível da rodada, a saber: 2= 0, 974; 3=0,873; 4= 0,988; 5 = 0,945; 6 = 0,953; 7 = 0,948; 8 =0,966; 9 = 0,001; 10= 11=0,001; 12=0,92

Gráfico 32 - Alçamento da Vogal Postônica Final /e/ e Variável Idade - Amostra Criança



Fonte: A autora.

Pelo Gráfico 32, pode-se visualizar o comportamento do alçamento da vogal átona final /e/ com relação às faixas etárias. Nota-se que a produção do alçamento de /e/ átono final é baixa em todas as faixas etárias ou inexistente em algumas. É na FE4 (0,056) que se tem o índice comparativamente mais alto de produção do alçamento. Nas FEs 5 (0,022), 7 (0,012) e 6 (0,005) ocorre diminuição gradativa do índice de alçamento, porém, na F8 (0,032), a taxa de produção tem um leve aumento. Sendo assim, é possível dizer que é entre a FE2 e a FE8 que a produção do alçamento é variável, embora os valores ainda sejam pouco expressivos.

Com relação à tendência para a não produção do alçamento, observa-se que tal comportamento só ocorreu em duas faixas etárias (FE9 e FE11). As FE10 e FE12 realizaram a elevação de forma modesta, conforme mostra os índices de 0,007 e 0,014, respectivamente. Dessa forma, esses resultados indicam que o comportamento variável da vogal /e/ está presente na fala das crianças desde a idade de 1:7 (FE2).

6.3.3.2 Variável Sexo

A variável sexo é considerada a quarta, em termos de importância, para a aplicação do alçamento da vogal átona final /e/ na amostra Crianças, conforme indicado na Tabela 12. Os resultados obtidos apontam que as meninas realizam a elevação da vogal postônica final /e/ com mais frequência do que os meninos, já que o peso relativo é de 0,669 (*log odd* de 0,706) para as meninas e de 0,331 (*log odd* de -0,706) para os meninos.

Tabela 12 - Variável Sexo e o Alçamento da Postônica Final /e/ - Amostra Crianças

<i>Fatores</i>	<i>Log Odds</i>	<i>Total(N)</i>	<i>Proporção de aplic.</i>	<i>Peso</i>
feminino	0,706	1213	0,033	0,669
masculino	-0,706	1354	0,010	0,331

Desvio: 437.223 4

Graus de liberdade: 16

Média de Aplicação: 0.021

Fonte: A autora.

A nossa hipótese de que as meninas aplicariam mais o alçamento da vogal átona final /e/ do que os meninos foi, portanto, confirmada. Diversos trabalhos têm apontado que meninas e meninos apresentam comportamentos diferenciados em relação à aquisição da variação, conforme apontado por Fisher (1958), Roberts (1997, 2002) e Foulkes (1999, 2002). Com o objetivo de investigar melhor tal comportamento, apresenta-se, a seguir, o resultado da interação entre informante/idade por sexo.

A fim de verificar o comportamento da vogal átona final /e/ nos dados das crianças (meninos e meninas) acompanhadas longitudinalmente, verifica-se que em relação ao sexo e à faixa etária os valores de aplicação são diferentes. Em relação aos dados dos meninos, observa-se que os resultados da análise estatística mostram oscilações em relação aos valores, embora predominem índices próximos a zero (0,00), como se pode observar no Quadro 50 a seguir.

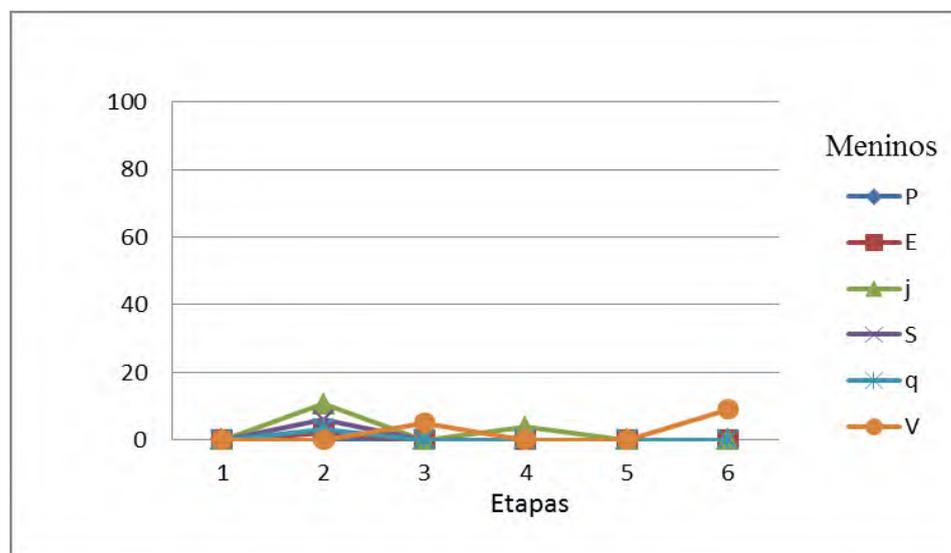
Quadro 50 – Alçamento da vogal /e/ - Cruzamento Informante e Idades - Amostra Meninos -VAP

ETAPAS	1 ^a 30 dias		2 ^a 60 dias		3 ^a 90 dias		4 ^a 120 dias		5 ^a 160 dias		6 ^a 180 dias	
	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N
1:7 – 2:0 S1- P	0,000	1	0,000	4	0,000	6	0,000	5	0,000	22	0,000	64
2:1-2:6 S2-E	0,000	28	0,020	50	0,000	18	0,000	35	0,000	69	0,000	43
2:7:3:0 S3-J	0,000	11	0,107	28	0,000	41	0,037	27	0,000	21	0,000	34
3:1-3:6 S4-S	0,000	43	0,059	17	0,000	10	0,000	23	0,000	14	∞	∞
3:7-4:0 S5-Q	0,000	47	0,033	30	0,000	11	0,000	25	0,000	25	0,000	14
4:7-5:0 S6-V	0,000	55	0,000	22	0,050	20	0,000	24	0,000	27	0,091	22

Fonte: A autora.

A partir desses resultados estatísticos do comportamento da vogal /e/ em cada célula, é possível confrontá-los, indicando semelhanças e diferenças. O Gráfico 33 abaixo indica as taxas de realização por criança do sexo masculino e por etapa de recolha.

Gráfico 33 - Alçamento da vogal átona final /e/ - Cruzamento Informantes e Etapas



Fonte: A autora.

O gráfico anterior mostra, no geral, que a produção do alçamento da vogal /e/ postônica final para os meninos de VAP é baixo. Nota-se que o processo de alçamento começou a ser realizado na segunda etapa de coleta, já que, com relação ao sujeito S1 (1:7- 2:0), se observa que não houve produção de alçamento em nenhuma das etapas de recolha. Esse resultado deixa claro que as crianças desde muito cedo já refletem as características linguísticas da localidade de origem, a saber, a predominância da média átona final [e].

Ao observar especificamente a segunda etapa, verifica-se que, dos seis sujeitos que a integram, apenas dois (S1-P e S6-V) não produziram o alçamento. Em relação aos outros sujeitos, observa-se também que S3-J foi o que apresentou o índice (0, 107) mais alto da etapa; o segundo lugar é ocupado por S4-S (0,059); o terceiro lugar, por S5-Q (0,033) e o quarto lugar, por S2-E (0,020).

Nas etapas 3, 4 e 6, verifica-se que houve apenas um caso de alçamento em cada uma delas. Verifica-se também que, nessas etapas, os sujeitos S6-V (0, 050 e 0,091) e S3-J (0,037) foram os únicos que produziram alçamento.

Ao verificar verticalmente esses resultados, nota-se que não houve possibilidade de elevação em duas etapas (1 e 5), o que confirma mais uma vez o predomínio da realização da vogal média

átona [e] em posição final. Por outro lado, os poucos casos de alçamento evidenciados em tais resultados mostram que a variação milita na fala dessas crianças (como S3-J, S6-V) e trata-se de um processo não linear. Mesmo os indivíduos que produziram o alçamento não mantiveram índices de elevação nas etapas subsequentes àquela em que se deu a constatação da elevação, com exceção a S6-V. Por outro lado, informantes que apresentaram taxas baixas, como S3-J, apresentaram recorrências de dados de elevação. Tal comportamento aponta para a ausência de linearidade no processo de aquisição da variação e, em especial, de aquisição da linguagem.

Ao abordar os dados das meninas, seguindo o acompanhamento longitudinal, nota-se que os resultados estatísticos para a realização do alçamento expressam valores mais altos em comparação com os dados dos meninos, como se indica no Quadro 51.

Quadro 51 - Alçamento da vogal /e/ -Cruzamento Informante e Idades - Amostra Meninas -VAP

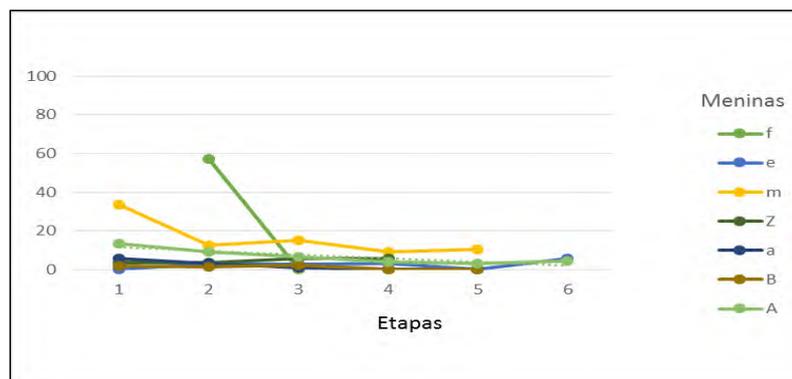
ETAPAS FE	1 ^a 30 dias		2 ^a 60 dias		3 ^a 90 dias		4 ^a 120 dias		5 ^a 160 dias		6 ^a 180 dias	
	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N
1:7 – 2:0 S1 -F	∞	∞	0,571	7	0,000	17	0,000	11	∞	∞	∞	∞
2:1-2:6 S2 -e	0,013	17	0,000	11	0,000	20	0,000	25	0,000	27	0,059	17
2:7:3:0 S3- m	0,334	45	0,127	37	0,150	17	0,093	43	0,105	16	∞	∞
3:1-3:6 S4- Z	0,037	15	0,034	24	0,058	52	0,059	31	∞	∞	∞	∞
3:7-4:0 S5- a	0,056	36	0,013	2	0,091	4	0,062	19	0,023	11	∞	∞
4:1-4:6 S6- B	0,017	31	0,016	26	0,022	14	0,000	38	0,000	36	∞	∞
4:7-5:0 S7-A	0,136	44	0,093	38	0,067	45	0,040	25	0,033	34	0,042	42

∞ não houve possibilidade de recolha

Fonte: A autora.

O Gráfico 34 ilustra o percurso do desenvolvimento do processo para cada informante de acordo com o Quadro 51 anterior. No eixo x estão dispostas as etapas de recolha e no eixo y, as taxas de proporção para a realização do alçamento.

Gráfico 34 – Alçamento da vogal átona final /e/ - Cruzamento entre Informantes (meninas) e Etapas



Fonte: A autora.

No gráfico anterior, verifica-se que, nos dados das meninas de VAP, a produção do alçamento é mais expressiva, se comparada às primeiras etapas dos meninos. Verifica-se também que há presença de oscilações desde as primeiras faixas etárias.

A informante S1-F (1:7-2:0) não teve possibilidade de recolha em três etapas (1, 5, 6). Observa-se que a informante produziu o alçamento da vogal /e/ apenas na segunda etapa, apresentando índice de 0,571. Verifica-se, nas duas etapas subsequentes, que o alçamento não foi realizado. Em relação a S2-e (2:1- 2:6), nota-se que houve produção de alçamento na etapa 1, com índice de 0,013 e, na etapa 6, o valor foi de 0,059, predominando, portanto, valores baixos.

Em relação à S3-m (2:7 – 3:0), observa-se que a realização do alçamento esteve presente nas cinco etapas de coleta, com valor expressivo apenas na primeira etapa (0,334). Nas etapas posteriores, observa-se que os índices diminuem, variando entre 0,127 e 0,0105.

No que se refere à S4-Z (3:1 e 3:7), nota-se que houve produção do alçamento nas quatro etapas de coleta. Observa-se que há proximidade em relação aos índices obtidos (0,037; 0,034; 0,058; 0,059), com tendência ao aumento da taxa de aplicação do alçamento. No que se refere à S5-a (3:7 e 4:0), observa-se inicialmente que a informante produziu o alçamento em 5 etapas (0,056; 0,013; 0,091; 0,062; 0,023). Verifica-se também que nos dados dessa informante a produção do alçamento é pouco expressiva.

Com relação ao sujeito S6-B, observa-se, mais uma vez, a baixa aplicação do alçamento da vogal /e/, com índices de 0,017, 0,016 e 0,022 poucos expressivos. Nas etapas 4 e 5 não há nenhum caso de não elevação. Em relação à S7a, verifica-se que o alçamento esteve presente em todas as

etapas, embora com valores baixos (0,136; 0,093; 0,067; 0,040; 0,033; 0,042), com tendência decrescente de aplicação.

Esses resultados corroboram a influência da variável Sexo para a realização do processo variável do alçamento. Portanto, pode-se afirmar que as meninas mostram uma tendência maior ao alçamento do que os meninos, sobretudo nas faixas iniciais (FE1, FE2 e FE3).

Apesar de essa vogal apresentar índices diferenciados em quase todas as células, há indícios que sugerem a emergência precoce do alçamento nas primeiras etapas de aquisição da linguagem, como se percebe nos dados da informante SF (FE 1:7 e 2:0), que teve percentual de alçamento próximo de 60%. Ressalta-se que essa informante já estava com seu sistema vocálico tônico e postônico final adquirido desde a idade de 1:5 (ver descrição detalhada na seção 6.1, neste capítulo).

Dessa forma, consideram-se relevantes os resultados estatísticos dos dados infantis, pois há indícios de que a realização do alçamento por parte das crianças em fases iniciais de aquisição seja possível.

Na próxima seção, apresentam-se e discutem-se os resultados estatísticos do alçamento da vogal /e/ em posição postônica final nos dados dos adultos cuidadores. Para a análise da amostra dos adultos, seguiram-se os mesmos procedimentos adotados na análise realizada com base na amostra das crianças, anteriormente feita.

6.3.4 Alçamento da Vogal Postônica Final /e/ e Frequência Global: Amostra Adultos VAP

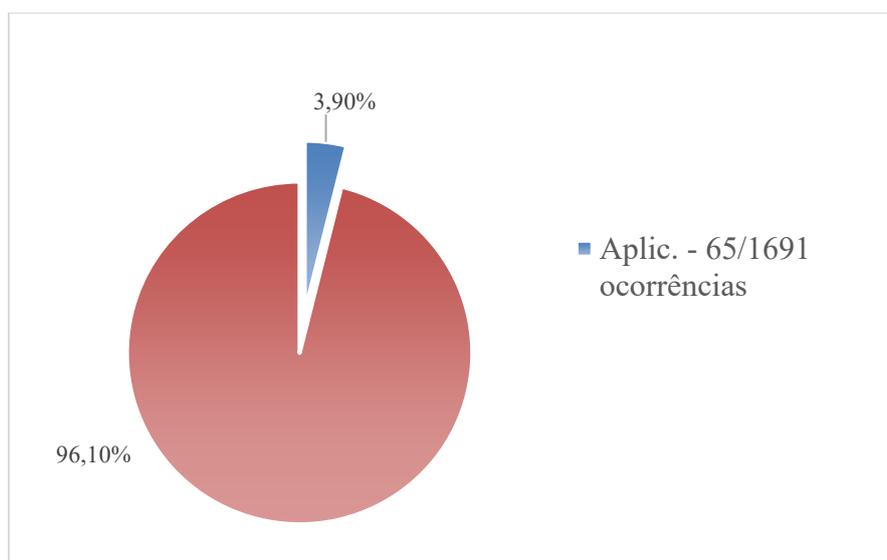
Nesta seção, são mostrados os resultados obtidos através da análise estatística realizada pelo Rbrul, apontando as variáveis linguísticas e sociais consideradas significativas para o processo de alçamento da vogal média átona postônica final /e/ com relação aos dados referentes às crianças de Vista Alegre do Prata (RS).

Primeiramente, apresentam-se a seguir, por ordem de relevância, as variáveis apontadas pelo Rbrul no nível *step-up* e no nível *step-down*, como relevantes para o processo de elevação da vogal média átona final /e/:

- Tipo de Sílabas
- Contexto Precedente
- Contexto Seguinte
- Idade

A aplicação da regra de alçamento da vogal postônica final /e/ é retratada no Gráfico 35. A leitura do gráfico permite constatar que os falantes adultos de Vista Alegre do Prata realizam o alçamento, mas apresentam percentual baixo, pois, do total de 1.691 dados analisados, apenas 3,9% foram de aplicação e 96,1% de não aplicação da elevação.

Gráfico 35 – Frequência Global -Alçamento da vogal átona final /e/ - Adultos VAP



Fonte: A autora.

Esse resultado confirma a hipótese inicial deste estudo de que, no Rio Grande Sul, a postônica final /e/ apresenta comportamento diferenciado entre as regiões, pois em Vista Alegre do Prata os falantes adultos-cuidadores tendem à preservação da vogal postônica final /e/.

6.3.4.1 Variáveis Linguísticas - Amostra Adultos VAP: vogal /e/

Nesta seção, primeiramente, apresentam-se as variáveis linguísticas e, em segundo momento, as variáveis sociais selecionadas como mais importantes para o estudo em questão.

6.3.4.1.1 Variável Tipo de Sílabas

Dentre as variáveis linguísticas controladas neste estudo, a variável Tipo de Sílabas foi a primeira selecionada em termos de importância para aplicação do alçamento da vogal postônica final /e/, cujos resultados, após a rodada com amalgamações e exclusões de fatores, apontam que a posição que mais favorece o alçamento da vogal /e/ é o fator *coda S*, com peso relativo de 0,903 (*log-odd* de

2,232). Por outro lado, o fator *sem coda*, com peso relativo de 0,097 (*log-odd* de -2,232) indica não favorecimento da elevação dessa vogal, conforme mostra o Tabela 13³⁴.

Tabela 13 - Variável Tipo de Sílabas e o Alçamento da Postônica Final /e/ - Amostra Adultos

<i>Fatores</i>	<i>Log Odds</i>	<i>Total (N)</i>	<i>Proporção de aplic.</i>	<i>Peso</i>
Coda S (antes, deles)	2,232	75	0,133	0,903
Sem Coda (doze, leite)	-2,232	1599	0,034	0,097

Desvio: 480.656 500.656

Graus de liberdade: 10

Média de aplicação: 0,039

Fonte: A autora.

A hipótese inicial deste estudo foi confirmada. A elevação da vogal /e/ é influenciada pela presença de uma coda fricativa /S/ no final da palavra. Resultados semelhantes ao deste estudo foram apontados por Vieira (2002, 2010), Machry da Silva (2009) e Mileski (2013).

Para esta variável, em relação à vogal /e/, por razões operacionais, só foi possível calcular o peso relativo dos contextos *sem coda* e *coda S*, visto que as codas com líquidas e nasais apresentaram percentual de aplicação de 0%. São exemplos as ocorrências *repórter*, *inter* e *selagem*, com quatro ocorrências para cada contexto e nenhuma ocorrência de alçamento. Com base em tais valores é possível dizer que os segmentos /r, n/ na amostra em questão, em posição de coda final da palavra, inibem o alçamento da vogal /e/.

6.3.4.1.2 Variável Contexto Precedente

A Tabela 16, a seguir, mostra que o fator labial é o que mais favorece à elevação de /e/, com peso relativo de 0,714 (*log-odd* de 0,916) seguido do fator dorsal, com peso relativo de 0,633 (*log-odd* de 0,545).

³⁴ Os altos índices dos pesos relativos apresentados podem estar relacionados ao fato de a taxa de aplicação do alçamento ser muito baixa nesta amostra. Além disso, o fator *sem coda* engloba 95% do total de dados da variável.

Por outro lado, os fatores coronais [+ ant] e coronal [-ant], com pesos relativos de 0,335 e 0,315 (*log-odds* de -0,686 e de -0,775) respectivamente, figuram como não favorecedores do alçamento dessa vogal.

Tabela 14 – Variável Contexto Precedente e o Alçamento da Postônica Final /e/ - Amostra Adultos

<i>Fatores</i>	<i>Log Odds</i>	<i>Total (N)</i>	<i>Proporção de aplic.</i>	<i>Peso</i>
Labial (come, sobe)	0,916	316	0,073	0,714
Dorsal (consegue, coloque)	0,545	27	0,074	0,633
Coronal [+ant] (gente, alface)	- 0,686	1253	0,030	0,335
Coronal [-ant] (dirige, lanche)	- 0,775	78	0,026	0,315

Desvio: 480.656 5

Graus de liberdade: 10

Média de aplicação: 0,039

Fonte: A autora.

A hipótese de trabalho, com base em Vieira (2002, 2010) de que o contexto de consoantes velares e palato alveolares apresentariam maior favorecimento do alçamento da vogal átona final /e/ não foi completamente confirmada, já que os contextos com consoantes labiais foram os que mais favorecem a produção de elevação, seguidos pelos dorsais. Confirmam-se, portanto, os resultados do estudo de Machry da Silva (2009) e Mileski (2013).

Conclui-se, portanto, que a variável Contexto Precedente condiciona a aplicação do alçamento tanto na amostra Crianças quanto na amostra Adultos.

6.3.4.1.3 Variável Contexto Seguinte

Os resultados apresentados na Tabela 17 a seguir revelam que o fator vazio (peso relativo de 0,731 e *log odd* de 1,000), o fator vogal coronal (peso relativo de 0,68 e *log odd* de 0,776) e vogal dorsal (peso relativo de 0,568 e *log odd* de 0,274) são contextos favorecedores do alçamento da vogal /e/. Já o fator coronal [+ant] (peso de 0,116 e *log odd* de -2,029) mostra tendência à preservação da vogal /e/.

Tabela 15 - Variável Contexto Seguinte e o Alçamento da Postônica Final /e/ - Amostra Adultos

<i>Fatores</i>	<i>Log Odds</i>	<i>Total (N)</i>	<i>Proporção de aplic.</i>	<i>Peso</i>
Vazio (alface, nome)	1,000	1.144	0,043	0,731
Vogal coronal (dele é)	0,776	65	0,031	0,68
Vogal dorsal (desse aqui)	0,274	152	0,020	0,568
Consoante Coronal [+ant] (aquele lá)	-2,029	313	0,035	0,116

Desvio: 480.656 5

Graus de liberdade: 10

Média de aplicação: 0,039

Fonte: A autora.

Esclarece-se inicialmente que os fatores com poucas ocorrências foram excluídos da rodada³⁵.

A hipótese para essa variável era de que as consoantes [+alto] favoreceriam o alçamento da vogal /e/. Nossa hipótese não foi completamente confirmada, pois a ausência de o contexto mostrou-se mais relevante relevante para alçamento, seguida da vogal coronal. Na sequência, tem-se a vogal dorsal que também apresenta índice favorável ao alçamento de /e/, corroborando os resultados Machry da Silva (2009) e Mileski (2013). Dessa forma, acredita-se que os sujeitos (cuidadores), mesmo que de forma modesta, empregam a elevação da vogal postônica final /e/ condicionada parcialmente pelo contexto seguinte.

6.3.4.1.4 Variáveis Sociais

6.3.4.1.4.1 Variável Idade

Os índices apresentados na Tabela 18 a seguir sugerem que o fenômeno do alçamento da vogal /e/ é influenciado pela variável Idade. Os sujeitos com mais de 43 anos (peso de 0,687 e *log odd* de -0,128) são os que mais aplicam o alçamento, seguidos dos informantes com idade entre 18 e 30 anos

³⁵ Fatores com número reduzido de ocorrências geraram erros nas rodadas.

(peso relativo de 0,572 e *Log Odds*-0,290). Já as faixas etárias entre 31 e 41 (peso de 0,254 e *log odd de* -1,078) tendem a preservação da vogal /e/.

Tabela 16 – Variável Idade e o Alçamento da Postônica Final /e/ - Amostra Adultos

<i>Fatores</i>	<i>Log Odds</i>	<i>Total(N)</i>	<i>Proporção de aplic.</i>	<i>Peso</i>
18 e 30	0,290	105	0,103	0,572
31 e 42	-1,078	1.532	0,037	0,254
Acima de 43	0,788	37	0,128	0,687

Desvio: 480.656 5

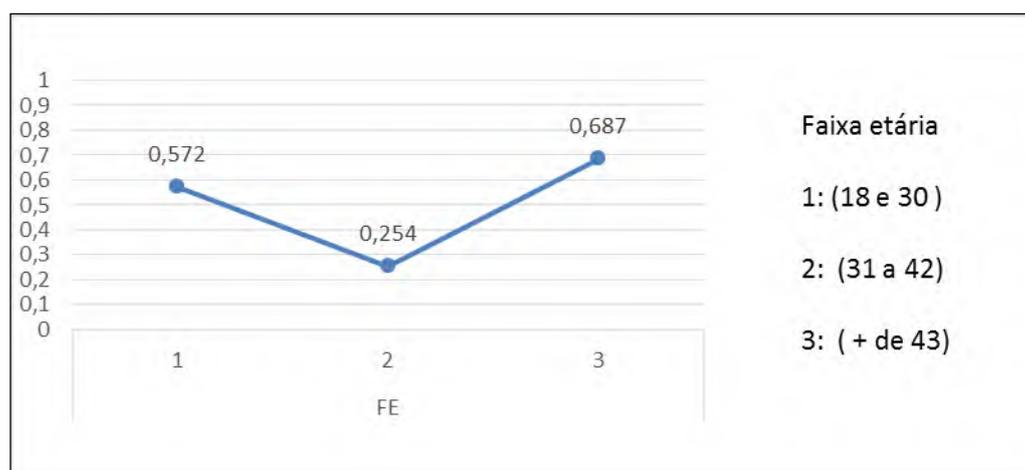
Graus de liberdade: 10

Média de aplicação: 0,039

Fonte: A autora.

Os pesos relativos referentes às faixas etárias examinadas com relação aos sujeitos adultos/cuidadores estão expressos no Gráfico 36.

Gráfico 36 - Variável Idade e Alçamento da Vogal Postônica Final /e/ - Amostra Adultos



Fonte: A autora.

Os sujeitos que integram a faixa etária de mais idade (43 anos) são em número de dois somente. Por motivos pessoais, tais sujeitos realizaram apenas uma recolha. A consideração torna-se relevante para justificar a pouca quantidade de dados (37) e o alto peso relativo obtido (de 0,687).

Os sujeitos adultos do grupo de 15-30 são em número de 3, trabalham fora de casa, em estabelecimento comercial. Com relação aos adultos que compõem a faixa etária entre 31 e 42 anos, o grupo é formado por 16 mulheres que exercem suas atividades como donas de casa e cuidadoras de seus filhos. A tendência de preservação da vogal /e/ parece ser, portanto, decorrente desse fato.

No caso do alçamento da vogal /e/, os cuidadores com idade de 43 anos ou mais e os mais jovens, entre 18 e 30 anos, são os que apresentam índices comparativamente mais altos de aplicação do alçamento da vogal /e/, conforme discutido com relação aos adultos entre 30 e 42 anos, que têm tendência à preservação da vogal /e/. Apesar de a distribuição de informantes pelas faixas estabelecidas não ter sido equilibrada, é possível depreender um quadro indicativo de uma situação de variação estável quanto ao alçamento da vogal postônica final em Vista Alegre do Prata (RS). Esse resultado corrobora o de Mileski (2013) para a mesma comunidade a partir de uma amostra aleatória estratificada, constituída por informantes descendentes de imigrantes poloneses na localidade.

No tocante aos adultos mais velhos, são eles que apresentam um maior índice de alçamento da vogal /e/. Salienta-se que esses sujeitos (homens) realizam suas tarefas profissionais fora de casa e participam de redes sociais amplas por trabalharem com o público. Um deles é vendedor autônomo e outro, médico.

No Quadro 52, sintetizam-se as variáveis selecionadas nas análises das amostras de crianças e de adultos (cuidadores). No tocante às diferenças, na análise dos dados de crianças, selecionou-se a variável social Sexo, enquanto que nos dados dos falantes adultos selecionaram-se as variáveis Contexto Precedente e Tipo de Sílabas.

Quadro 52 - Variáveis independentes linguísticas e sociais controladas - Dados de crianças e de adultos

Amostras	Sexo	Faixa Etária	Contexto Precedente	Contexto Seguinte	Tipo de Sílabas
Crianças		1:7 e 12		Consoante labial	
Adultos		18 e 43		Vazio, vogais	

Fonte: A autora.

Em relação às semelhanças, verifica-se que as variáveis Idade e Contexto Seguinte foram selecionadas para ambas as Amostras. No que se refere a seleção dos fatores condicionadores para a variável Contexto Seguinte, nota-se que não há similaridade entre os resultados, visto que para a amostra crianças foi apontado o fator consoante labial, e para amostra adultos os fatores vazio e vogais.

Com relação à variável Faixa Etária, os resultados indicam, portanto, para ambas as amostras papel relevante. De acordo com Labov (1964, 2008), a observação dessa variável é fundamental, pois é possível identificar, conforme já mencionado na Seção 6.2, as fases em que o processo variável começa a emergir na fala da criança. Além disso, o autor sugere que é possível detectar, por meio dessa variável, duas direções básicas para as formas linguísticas: a relação de estabilidade de um determinado fenômeno (variação estável) ou a existência de mudanças linguísticas em curso. Com relação ao número de ocorrências da aplicação do fenômeno, observa-se a tendência à preservação da vogal /e/ tanto na amostra Crianças quanto na amostra Adultos, conforme expresso no Quadro 53 a seguir.

Quadro 53 – Alçamento da postônica final /e/ e taxas de aplicação - Dados de crianças e de adultos

Amostras	Vista Alegre	
	Aplic/Total	%
Crianças	54/2567	2,1%
Adultos	65/1691	3,9%

Fonte: A autora.

Em relação às semelhanças, verifica-se que o percentual de aplicação do alçamento da vogal /e/ para ambas as amostras, crianças (2,1%) e adultos (3,9%), está muito próximo. Verifica-se ainda que tanto a amostra crianças quanto a adultos mostram uma tendência à manutenção da vogal /e/. Dessa forma, confirmam-se os nossos resultados iniciais, conforme seção 6.1, de acordo com os quais Vista Alegre do Prata apresenta o sistema postônico final constituído de cinco vogais.

No que concerne à comparação dos resultados estatísticos entre os meninos da amostra crianças de VAP e seus cuidadores, observa-se que há mais similaridades do que diferenças. Em relação às similaridades, nota-se que os percentuais de aplicação do alçamento predominante nos grupos não ultrapassam 5%. Desse modo, a análise dos dados indica que tanto os meninos quanto seus cuidadores mostram uma forte tendência à manutenção da vogal postônica final /o/, conforme mostra o Quadro 54 a seguir. Os valores expressos correspondem aos percentuais e aos *log odds*.

Quadro 54 – Alçamento da átona final /e/ e Comparação entre Informante (menino) e cuidador (adulto) –VAP

Criança (Menino)	Log Odd	%	CUIDADORES	Log Odd	%
S3-J	2.469	2,2	JF	1.966	5,8
S6-V	2.126	1,6	Vq	1.360	3,3
S4-S	1.482	0,8	SA	1.794	3,6
S5-Q	1.128	0,5	Q9	- 0.98	0,5
S2-E	0.656	0,4	E3	-1.416	0,6
S1-P	- 13.421	0,0	Pt	-0.161	2,2

Fonte: A autora.

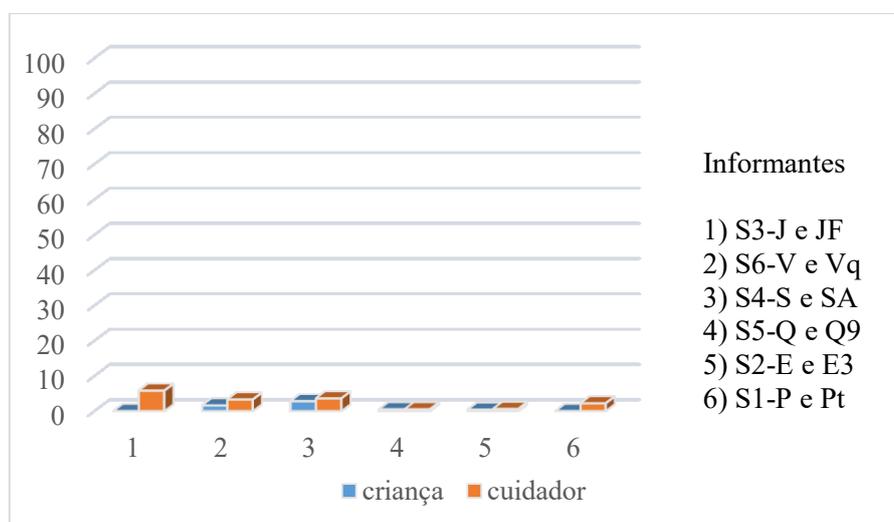
Conforme os resultados estatísticos apontados no quadro anterior, nota-se que quanto aos índices de *log odds* há mais semelhanças do que diferenças. Com relação às semelhanças entre os valores da *log odds*, nota-se proximidade entre os sujeitos S3-J e JF (*log odds* de 2.469, 1.966, respectivamente); S6-V e Vq (*log odds* de 2.126 e 1.360, respectivamente) e S4-S e SA (*log odds* de 1.482 e 1.794, respectivamente) quanto ao alçamento por parte do cuidador e da criança.

Por outro lado, os resultados estatísticos referentes aos dados dos sujeitos S5-Q e Q9, (*log odds* de 1.128 e - 0.98, respectivamente); S2-E e E3 (*log odds* de 0.656 e -1.416, respectivamente) mostram tendências bastante distintas, já que apenas as crianças apresentam resultados indicativos de favorecimento do alçamento.

Com relação ao não alçamento, são concordantes os resultados referentes aos sujeitos S1-P e Pt (*log odds* de - 13.421 e -0.161), embora os valores numéricos sejam muito distintos.

De modo geral os adultos apresentam índices mais altos, com relação à elevação dessa vogal em comparação aos das crianças, como indica o Gráfico 37.

Gráfico 37 - Alçamento da átona final /e/ - Comparação entre os resultados das Amostras Crianças (meninos) e Adultos-Vista Alegre do Prata



Fonte: A autora.

Observa-se, no gráfico anterior, que, em ambas as amostras, os percentuais de uso do alçamento da vogal média átona final /e/ são poucos expressivos, predominando índices baixos (entre 5,8 e 0,6%). Esses resultados validam a hipótese de que as crianças tendem a seguir o modelo do input para aquisição da variação, pois, assim como os adultos, as crianças (meninos) também apresentam baixos índices de aplicação do alçamento.

No caso das semelhanças, nota-se que os percentuais de aplicação do alçamento nos dados dos sujeitos S5-Q e Q9 (5%) são idênticos e dos sujeitos S2-E e E3 (4% e 6%, respectivamente) são muito próximos, ratificando, portanto, o mesmo comportamento para menino e cuidador em relação ao uso do alçamento. Em se tratando das diferenças percentuais, observa-se que, nos dados dos sujeitos S3-J e JF (2,2 e 5,8%, respectivamente), S6-V e Vq (1,6 e 3,3%, respectivamente), S4-S e SA (0,8 e 3,6%, respectivamente), S1-P e Pt (0,0 e 2,2%, respectivamente), os cuidadores apresentam maior percentual de elevação dessa vogal. Sugere-se, portanto, que tais diferenças podem estar relacionadas ao tamanho do léxico, pois as crianças, nesta fase, tendem a apresentar um número reduzido de palavras.

Em relação aos resultados comparativos entre meninas e cuidadores, a taxa de aplicação do alçamento é bastante baixa para ambas as amostras, conforme mostra o Quadro 55 a seguir, embora os valores percentuais sejam mais altos para as meninas.

Quadro 55 - Alçamento da átona final /e/: Comparação entre Informantes (meninas) e cuidador (adultos) -VAP

Criança (Meninas)	Log Odd	%	CUIDADORES	Log Odd	%
S1- f	4.536	13,8	fC	0.623	4,7
S3- m	4.324	13,3	m6	- 0.033	2,6
S7-A	3.063	4,2	AE	- 1. 442	0,6
S5- a	2.590	2,4	aM	- 1.105	0,9
S2- e	1.392	0,9	e5	-1.181	0,8
S6- b	- 13.421	0,0	b8	- 0.609	0,1

Fonte: A autora.

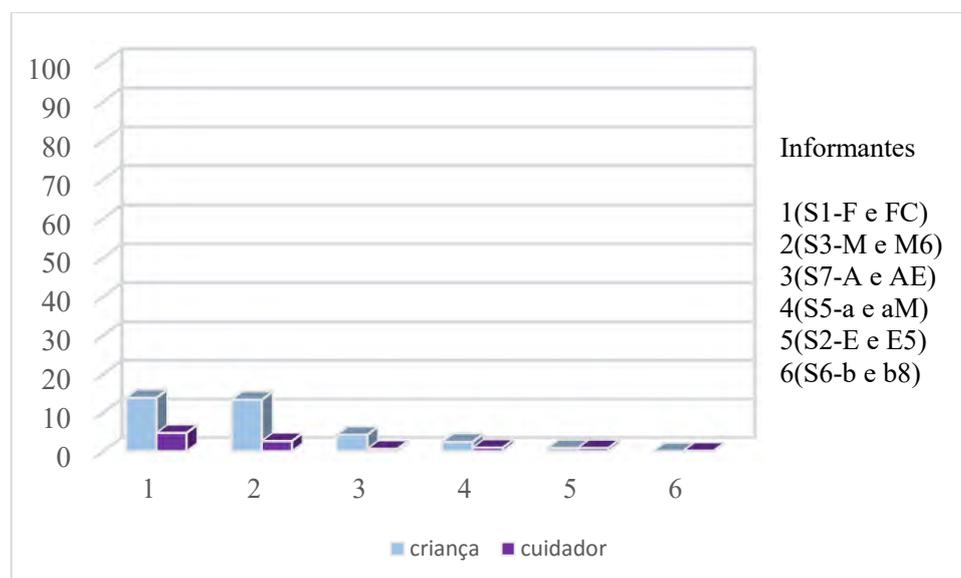
Conforme os resultados estatísticos apontados no quadro anterior, observa-se que há correspondência positiva para aplicação do alçamento nos dados dos sujeitos S1- f e fC (*log odds* 4.536 e 0.623, respectivamente), embora os valores da *log odds* sejam bastante distintos. Esse resultado permite inferir que, neste caso, a criança tende a seguir o modelo do cuidador, que também produz o alçamento.

No que se refere a não similaridade, verifica-se que as meninas aplicam mais o alçamento da vogal átona final /e/ do que seus cuidadores. Sobre tais resultados, verifica-se que os valores de *log odds* indicam tendências distintas quanto aos dados dos sujeitos S3-m e m6 (*log odds* de 4.324 e - 0,033, respectivamente); S7-A e AE (*log odds* de 3.063 e -1.442, respectivamente); S5-a e aM (*log odds* de 2.590 e -1.105, respectivamente) e S2-e e e5 (*log odds* de 1.392 e -1.181, respectivamente). Nesses casos, com base em Pierrehumbert (2003), a diferença de comportamento com relação à aplicação do alçamento por parte da criança não indica que o input do cuidador não seja importante. Pelo contrário, são as experiências linguísticas transmitidas pelo input que faz com que a criança aprenda novas palavras (exemplares).

Com relação ao não alçamento de /e/ átono final, são concordantes os resultados obtidos para os sujeitos S6-b e b8 (*log odds* de - 13.421 e -0.609), caso em que o aprendiz tende a seguir o modelo ao qual está exposto.

O Gráfico 38 a seguir mostra que os adultos (cuidadores) apresentam índices mais baixos com relação ao alçamento da vogal /e/ em comparação aos das crianças.

Gráfico 38 - Alçamento da átona final /e/ - Comparação dos resultados Amostras Criança (meninas) e Adultos (cuidadores) -Vista Alegre do Prata



Fonte: A autora.

Observa-se, no gráfico anterior, que, em ambas as amostras, os percentuais de uso do alçamento da vogal média átona final /e/ são distintos, com predomínio de índices baixos (entre 13,8 e 0,1%).

Com relação aos percentuais de aplicação do fenômeno, observa-se que as crianças (meninas) apresentam índices mais altos de elevação da vogal /e/ postônica final do que os adultos, conforme mostra os dados dos sujeitos S3-m e m6 (13,3 e 2,6%); S7-A e AE (4,2 e 0,6%, respectivamente) e S5-a e aM (2,4 e 0,9%, respectivamente).

No que se refere à similaridade, nota-se que os resultados são praticamente os mesmos em termos de percentual de aplicação para os sujeitos S2-e e e5 (0,9% e 0,8%, respectivamente) e S6-b e b8 (0% e 0,1%, respectivamente). Esses dados mais uma vez confirmam a hipótese sobre o papel do input na aplicação ou não do alçamento da vogal média átona final.

Apesar das diferenças numéricas, é possível tecer algumas considerações sobre esse processo. Como já foi visto, a variante da vogal /e/ é pouco utilizada na comunidade em estudo. Há evidências de que o uso do alçamento seja comum em todas as faixas etárias, apesar de os valores serem baixos. Entre as variáveis sociais, destaca-se a variável sexo pelo seu papel relevante na aplicação do fenômeno, haja vista que as meninas tendem a realizar o alçamento da vogal de forma mais consistente. Com relação à variável idade, considerada a mais relevante neste estudo, destaca-se a importância do acompanhamento longitudinal, pois através deste pode-se perceber a idade exata em

que a variação começa a emergir. No caso do comportamento variável da vogal /e/, a idade inicial de aplicação do fenômeno é de 1:7 (ano: meses).

Apresenta-se a seguir, em 6.5, a descrição estatística da amostra de crianças de Pelotas/ Porto Alegre.

6.4 O Alçamento da Vogal Postônica Final /e/, /o/: amostra Pelotas/Porto Alegre

Tendo em vista que o percentual de alçamento das vogais médias átonas finais nos dados de fala das localidades de Pelotas/Porto Alegre é alto, próximo a 100% tanto nos dados de crianças quanto nos dados de adultos (resultado do nosso estudo preliminar), resultado que vai ao encontro do divulgado em estudos anteriores (ROVEDA, 1998; VIEIRA, 2002, 2010), não se justifica a aplicação do cálculo de regressão logística para a amostra em questão. Diante disso, apresentaremos apenas os resultados estatísticos relevantes para a discussão que se apresenta.

6.4.1 Alçamento da Postônica Final /o/ e Frequência Global: Amostra Crianças PEL/POA

Câmara Júnior (1970), Wetzels (1998), Vieira (1994) e, posteriormente, estudos variacionistas (ROVEDA, 1998; VIEIRA, 2002; 2010) e de aquisição vocálica (RANGEL, 2007) observaram que o subsistema átono de três vogais tem realização categórica na comunidade adulta de Porto Alegre, uma consequência do processo de neutralização que, conforme visto em 2.2, implica a perda de um traço que distingue dois fonemas entre si. Demonstram-se no Quadro 56 os altos percentuais de alçamento da vogal postônica final apresentados nos estudos de Roveda (1998) e Viera (2002; 2010).

Quadro 56 - Ocorrência do Alçamento - Amostra adultos POA

Estudos	Realização do alçamento
Roveda (1998)	98%
Vieira (2002)	98%
Vieira (2010)	97%

Fonte: A autora.

Infer-se, a partir dos resultados acima, que os falantes adultos de Porto Alegre aplicam o processo de alçamento (neutralização) da vogal átona final /o/ de forma categórica, conforme apontado pelas pesquisadoras Roveda (1998) e Vieira (2002, 2010). Em se tratando do alçamento da vogal /o/ na fala infantil, Rangel (2007) também encontrou taxas elevadas de produção, conforme demonstrado no Quadro 57 a seguir

Quadro 57 - Ocorrência de Alçamento da vogal /o/ - Amostra crianças PEL/POA

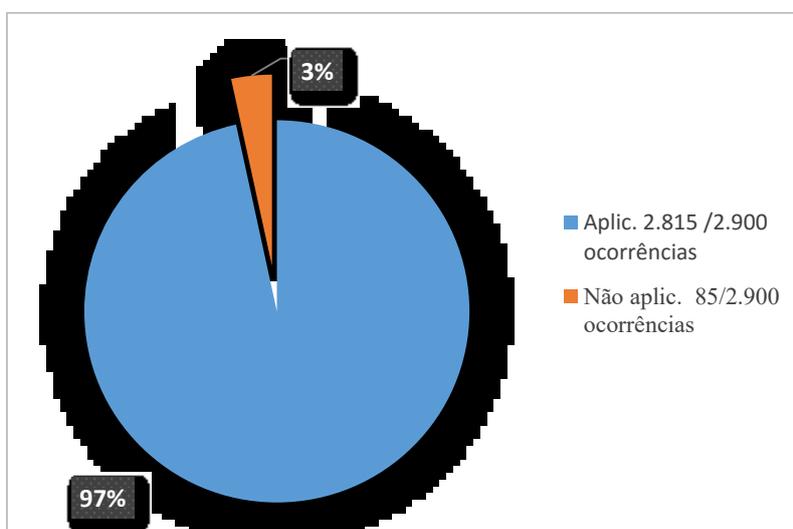
Rangel (2007)	Realização do alçamento
Longitudinal	80%
Transversal	87%

Fonte: A autora.

. Admitindo-se que as crianças de PEL/POA apresentam na pauta postônica final três vogais, passa-se à apresentação dos resultados do alçamento da vogal média átona final /o/. Primeiramente, apresenta-se a frequência global de aplicação do alçamento da amostra crianças compostas por 24 informantes (ver seção 4.2, Capítulo 4) e na sequência apresenta-se a discussão e análise dos resultados globais.

Nota-se que, na comunidade de PEL/POA, a aplicação desse processo é quase categórica: das 2.900 ocorrências da vogal /o/, em 2.815 (97%) houve alçamento. No que se refere a não aplicação do fenômeno, em somente 85 (3,0%) ocorrências preservou-se a vogal, conforme Gráfico 39 a seguir.

Gráfico 39 - Frequência global e o Alçamento da Vogal Postônica Final /o/ Amostra crianças-PEL/POA



Fonte: A autora.

Conforme indica o Gráfico 43, na amostra de PEL/POA a realização do alçamento da vogal postônica final /o/ é praticamente absoluta, apresentando índice de 97%. Este resultado é previsível, pois conforme discutido anteriormente, os resultados das pesquisas de Roveda (1998) e Vieira (2002, 2010) apontaram índices semelhantes para os dados de fala adulta. No que se refere ao processo de neutralização na aquisição fonológica do sistema vocálico postônico, Rangel (2007) também encontrou resultados semelhantes para essa vogal.

Quanto ao exame da aplicação do processo de alçamento da vogal átona final /o/ por localidade, os resultados obtidos para comparação entre tais localidades encontram-se descritos na Tabela 17 a seguir.

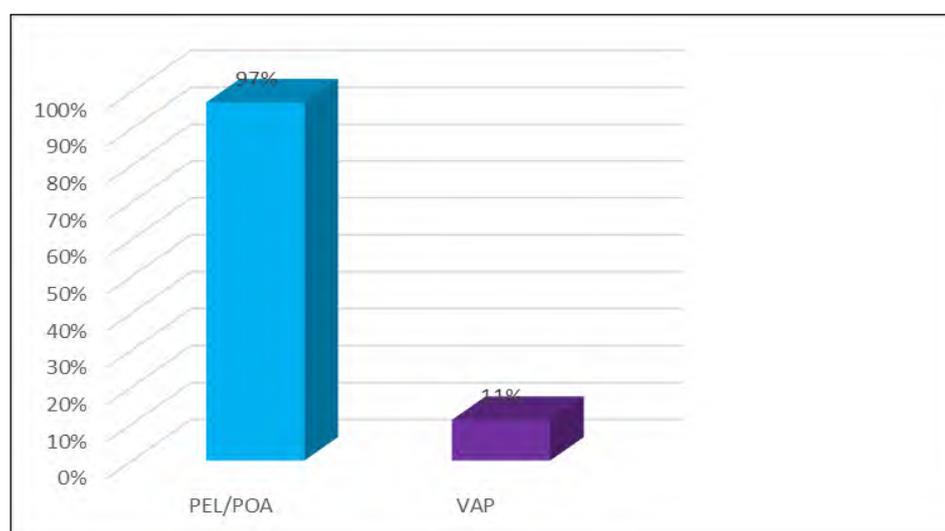
Tabela 17 – Alçamento da Vogal Postônica Final /o/ e Localização Geográfica

Fatores	Aplic. /total	%
Pelotas/Porto Alegre	2.815/2.900	97%
Vista Alegre do Prata	537/4.840	11%

Fonte: A autora.

O Gráfico 40 a seguir ilustra os resultados da Tabela 19 em termos de percentagem.

Gráfico 40 – Alçamento da Vogal Postônica Final /o/ e Localização Geográfica



Fonte: A autora.

Confirma-se a hipótese inicial deste estudo, pois a vogal postônica final /o/ realiza-se distintamente segundo a Localização Geográfica. Os resultados mostram resultados polarizados quanto à elevação de /o/.

Milieski (2013), ao analisar o mesmo processo em dados de falantes descendentes de poloneses da localidade de Vista Alegre do Prata, encontrou resultados semelhantes para a vogal /o/ final. De acordo com a pesquisadora, os falantes adultos dessa localidade tendem a não aplicar o alçamento dessa vogal pela forte influência da segunda língua.

Com vistas a observar as etapas da emergência da variação sociolinguística na fala de crianças com idade entre 1:7 e 5:0 anos da localidade de PEL/POA, apresentam-se a seguir os resultados estatísticos da realização do alçamento da vogal átona final /o/. Tendo em vista que este estudo

pretende verificar as etapas de aquisição da variação sociolinguística por meio da investigação do comportamento variável da vogal átona final /o/ (processo de alçamento) na fala de crianças de PEL/POA, realizou-se o cruzamento entre as variáveis Informante e Faixa Etária. O objetivo foi poder acompanhar o desenvolvimento desse processo nos dados das crianças (meninos e meninas). Para essa etapa, optou-se por separar a amostra de crianças segundo o sexo. Dessa forma, primeiramente, apresenta-se o resultado global dos dados de fala dos informantes do sexo masculino e, posteriormente, os resultados da análise estatística referentes às informantes do sexo feminino. Adota-se tal procedimento com o intuito de verificar a influência dessa variável na aquisição da variação, já que estudos na literatura da área (ROBERTS, 1997, 2002; FOULKES, DOCHERTY; WATT, 1999, 2005) concluíram que meninas tendem a apresentar índices de aplicação de processos variáveis mais altas do que meninos.

Os resultados exibidos no Quadro 58 mostram o cruzamento entre as variáveis Informantes e Faixa Etária a fim de verificar as possíveis influências dessas variáveis no comportamento da vogal átona final /o/ durante as etapas de aquisição da variação. Em relação aos dados dos meninos, os resultados da análise estatística indicam que há similaridade em relação aos valores, predominando índices próximos de 1,000 (100%). Em cada célula, há o p-valor obtido referente às ocorrências da vogal postônica final /o/ na fala de cada sujeito de acordo com a etapa de aquisição. Na sequência, tem-se o Quadro 58 que exhibe os resultados para a amostra de dados dos meninos.

Quadro 58 - Alçamento a Átona Final /o/ - Cruzamento Informantes e Etapas – Amostra Meninos/PEL/POA

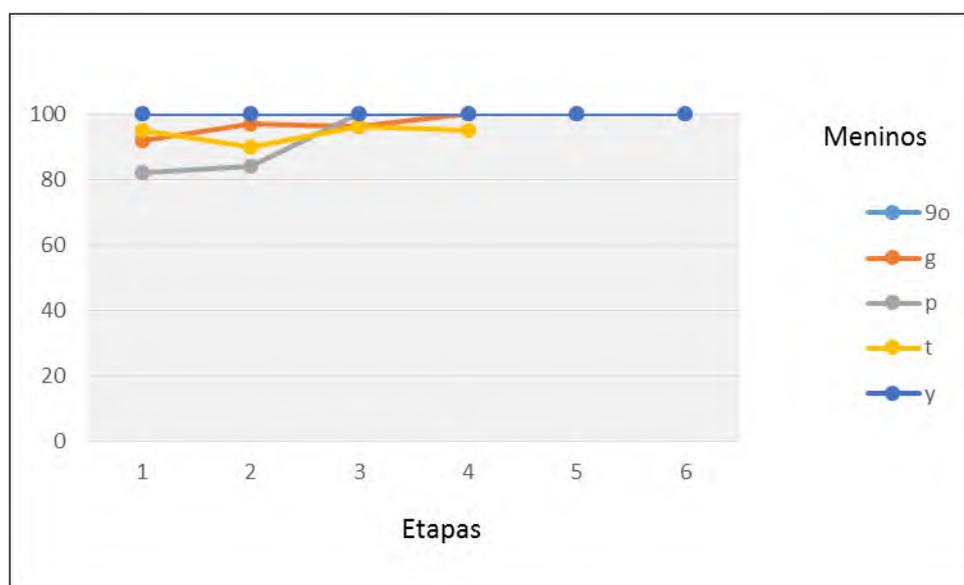
ETAPAS FE	1 ^a 30 dias		2 ^a 60 dias		3 ^a 90 dias		4 ^a 120 dias		5 ^a 160 dias		6 ^a 180 dias	
	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N
1:7 – 2:0 h	∞	∞	1,000	8	1,000	8	1,000	12	1,000	35	∞	∞
2:1-2:6 gu	1,000	45	1,000	85	1,000	98	1,000	173	1,000	40	1,000	44
2:7:3:0 P	0,947	51	0,905	22	0,958	26	0,955	23	∞	∞	∞	∞
3:1-3:6 t	0,821	73	0,846	26	0,877	42	0,907	53	1,000	47	∞	∞
4:1-4:6 Y	1,000	66	1,000	28	1,000	45	1,000	56	0,980	64	1,000	105

∞= Não houve possibilidade de recolha.

Fonte: A autora.

Levando-se em conta as etapas de acompanhamento longitudinal, observa-se que a vogal átona final /o/ foi alçada acima de 80% em todas as etapas de acompanhamento longitudinal e por todos os informantes conforme ilustra o Gráfico 41 a seguir.

Gráfico 41 - Alçamento da vogal átona final /o/ - Cruzamento Informantes (meninos) e Etapas – PEL/POA



Fonte: A autora.

No Gráfico 41, mostram-se as ocorrências de aplicação do alçamento na fala dos meninos de PEL/POA. Nota-se que há poucas oscilações referentes aos valores apresentados em cada célula, o que deixa claro que o alçamento está presente em todas as faixas etárias desde a idade 1:7 e que o sistema postônico final é adquirido precocemente (ver seção 6.1.3, Capítulo 6). Nas primeiras etapas de coleta é verificada pequena variação, embora a menor taxa verificada tenha sido de 0,822 nessa fase. Da terceira etapa à sexta, a variação é mínima. A realização quase categórica desse fenômeno indica a tendência de a criança produzir estruturas linguísticas (palavras, sílabas) semelhantes às do adulto.

Ao levar em conta as diferenças individuais, observa-se que os sujeitos Sp (0,947; 0,905; 0,958; e 0,955) e St (0,821; 0,846; 0,877; 0,907) não aplicam o alçamento categoricamente. As taxas de alçamento, na fala desses sujeitos, vão aumentando gradativamente até chegar ao índice máximo (1,000).

Para Roberts (2002, p.336), há uma tendência de as crianças seguirem as mesmas formas variáveis encontradas na fala do cuidador. Com base nessas considerações, encontra-se, na Tabela

18, a comparação dos resultados estatísticos referentes aos dados das crianças (meninos) e de seus cuidadores. Esclarece-se que, para essa etapa, consideram-se apenas os casos de não aplicação de elevação devido ao caráter categórico do alçamento da vogal /o/ na localidade de PEL/POA, conforme indicam os resultados expressos no Gráfico 42.

Tabela 18 - Não Alçamento da átona final /o/ e Comparação entre Informante (menino) e cuidador – PEL/POA

Criança (Meninos)	Log Odd	%	CUIDADORES	Log Odd	%
Sp4	6.055	8,5	S4	5.358	5,8
St	4.379	2,0	S7t	4.456	2,5
Sgu	3.733	3,3	SG	5.050	4,4
Sy	3.201	2,4	Sby	4.316	2,1
Sh	-10.865	0	SRh	-11.429	0

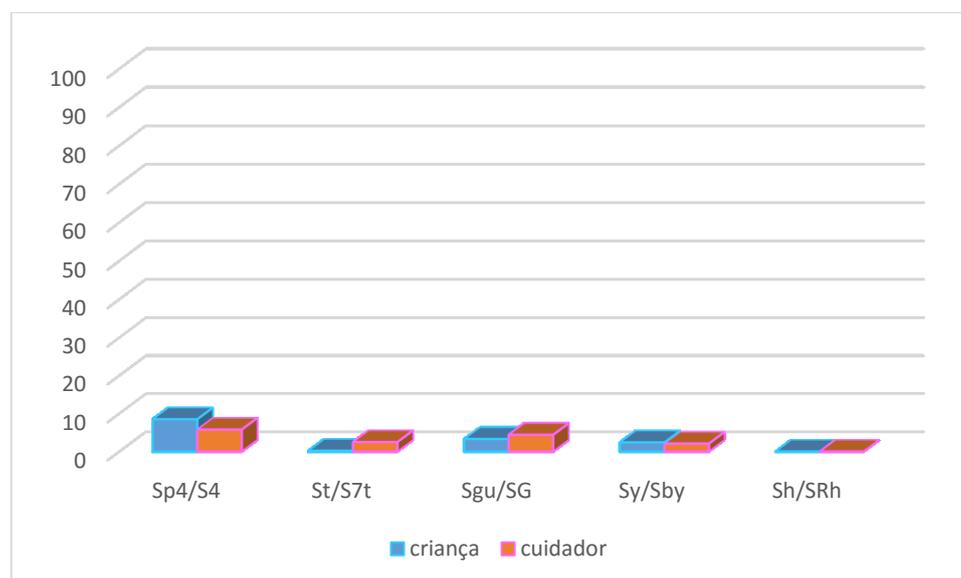
Fonte: A autora.

De acordo com os resultados estatísticos apontados na tabela anterior, observa-se que os casos de não alçamento da vogal átona final /o/, tanto na fala dos meninos, quanto na fala dos seus cuidadores, apresentam percentuais abaixo de 10/%. Com relação aos valores da *log odds*, nota-se que há mais semelhanças do que diferenças.

Com relação às semelhanças, nota-se que os valores da *log odds* são altos em ambas as amostras, predominando os valores positivos. Os sujeitos St e S7t (*log odds* de 4.379 e de 4.456, respectivamente) apresentam valores de *log odds* bastante próximos, assim como os sujeitos Sp4 e S4 (*log odds* de 6.055 e de 5.358, respectivamente). A produção do não alçamento nos dados de Sgu e SG (*log odds* de 3.733 e 5.050, respectivamente) e Sy e Sby (*log odds* de 3.201 e 4.316, respectivamente) mostraram valores mais distantes. Em se tratando de *log odds* com valores negativos, verificou-se que os sujeitos Sh e SRh (*log odds* de -10.865 e -11.429) praticam o alçamento de forma categórica, pois em seus dados não houve ocorrência de não alçamento. Esses resultados confirmam nossa expectativa inicial, pois a criança tende a seguir o modelo do seu input.

Os resultados de não aplicação do alçamento da vogal /o/ parecem apontar também para a semelhança entre a produção da criança e a de seu cuidador em termos dos valores de percentuais, conforme evidencia o Gráfico 42.

Gráfico 42 - Não Alçamento da átona final /o/ e Comparação entre Informante (menino) e cuidador – PEL/POA



Fonte: A autora.

Observa-se, no gráfico anterior, que, em ambas as amostras, os percentuais de produção da vogal média alta em posição átona final são baixos, oscilando entre 8,5% e 2,1%.

Com relação aos percentuais de não aplicação, portanto, observa-se que há semelhança entre os resultados das crianças (meninos) e de seus cuidadores. Tais semelhanças podem ser verificadas entre os dados de St e S7t (2,0 e 2,5%); Sgu e SG (3,3 e 4,4%, respectivamente) e Sy e Sby (2,4 e 2,1%, respectivamente). Os sujeitos Sp4 e S4 (8,5 e 5,8%, respectivamente) são os que apresentam a maior distância do grupo em termos percentuais.

Por outro lado, os sujeitos Sh e SRh (0%) foram os que apresentaram índice zero para o não alçamento. Tais resultados confirmam a preferência pelo uso do alçamento de /o/ por parte das crianças e adultos de PEL/POA.

O Quadro 59 a seguir apresenta os itens lexicais que foram produzidos pela criança e por seu cuidador com vogais médias altas. Foram considerados os itens com duas ou mais ocorrências repetidas de quatro informantes infantis e seus cuidadores.

Quadro 59 - Frequência de ocorrência dos itens lexicais produzidos sem alçamento da vogal /o/ por informante (menino) e cuidador – PEL/POA

Itens Lexicais Produzidos pelo cuidador	Freq.	Itens lexicais produzidos pela criança	Freq.
-	-	[se'tado] (St, 3:1- 3:6)	2
['brãko]	3	['pɛterson] (Sy, 4:1-4:6)	3
[aser'tãdo]	2		
['pɛterson]	2		
['iso 'fílɔ] (S7, 30 anos)	8	['todo] (Sgu, 2:1 -2:6)	4
['fílɔ]	5	['oto]	4
['livro]	6	['livo]	3
['todo]	7	[me'nino]	5
['novo]	4	['novo]	2
['gato]	6	['vɛlɔ]	3
		['gato]	4
['brãko]	4	[kas'tɛlɔ] (Sp,2:7-3:0)	10
[bu'rako]	3	[a'migo]	3
['sapo]	4	['sapo]	5
['suko]	3	['suko]	4

Fonte: A autora.

Com relação aos itens lexicais que foram produzidos tanto pelas crianças quanto pelos cuidadores, observa-se que das seis palavras encontradas nas amostras consideradas, em três (*Peterson*, *livro* e *novo*) as crianças e seus respectivos cuidadores apresentaram produção idêntica com relação à vogal final /o/ e em outras três (*gato*, *sapo* e *suco*), não. Registram-se produções variáveis principalmente na fala das crianças para os itens *livro*, *novo*, *sapo* e *suco*. Observa-se que o maior número de itens lexicais na fala dos sujeitos em questão, conforme indica o Quadro 5, está relacionado à produção de vogal média átona em posição final principalmente na fala dos cuidadores (65 itens produzidos com vogal [o] x 27 itens produzidos com vogal [u]). Na fala das crianças, a diferença mostra-se pequena em termos numéricos (50 itens produzidos com vogal [o] x 42 itens produzidos com vogal [u]).

No que se refere à realização do alçamento de /o/ nos dados de fala das meninas, de modo semelhante aos dados dos meninos, a aplicação é quase categórica. No Quadro 59, divulgam-se os p-valores de aplicação do alçamento dessa vogal.

Os resultados mostram que as informantes aplicam o processo de alçamento de forma consistente, como evidenciamos p-valores (entre 0,795 e 1,000). Tal comportamento quanto à vogal

átona final /o/ nos dados desses informantes já era esperado, uma vez que na comunidade de PEL/POA tal processo já se encontra praticamente implementado.

Quadro 60 - Alçamento da Postônica Final /o/- Amostra Meninas PEL/POA

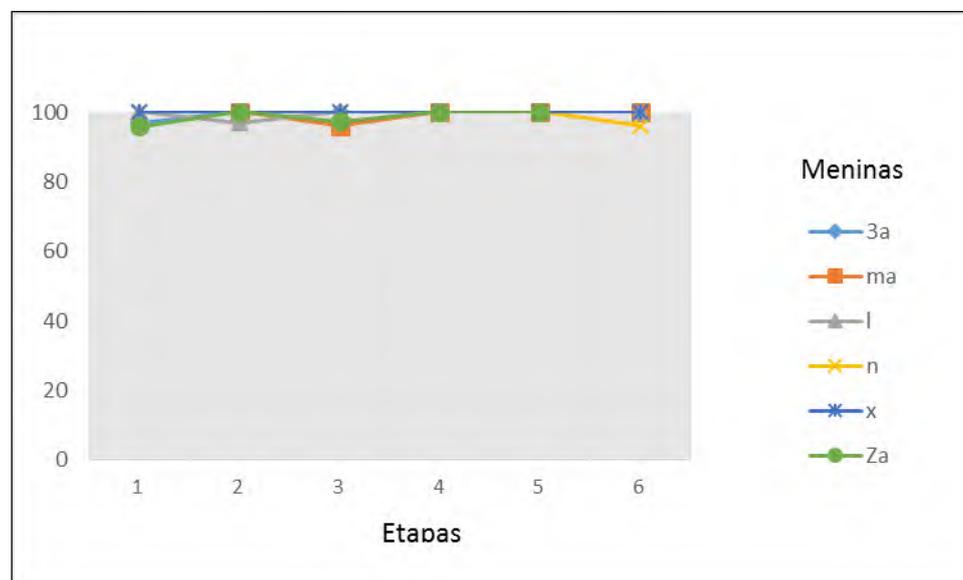
ETAPAS FE	1 ^a 30 dias		2 ^a 60 dias		3 ^a 90 dias		4 ^a 120 dias		5 ^a 160 dias		6 ^a 180 dias	
	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N
2:1-2:6 N	∞	∞	1,000	11	1,000	13	1,000	20	∞	∞	∞	∞
2:7:3:0 X	1,000	53	0,946	80	0,926	43	0,964	29	0,961	82	∞	∞
3:1-3:6 3 ^a	0,795	46	1,000	75	1,000	28	1,000	31	1,000	40	∞	∞
3:7-4:0 Ma	1,000	53	0,946	80	0,926	43	0,964	29	0,961	82	∞	∞
4:1-4:6 Za	0,958	42	1,000	59	0,97	57	1,000	116	1,000	88	∞	∞
4:7- 5:0 L	1,000	46	0,920	62	1,000	59	1,000	75	1,000	77	∞	∞

∞= Não houve possibilidade de recolha.

Fonte: A autora.

Os resultados de produção da vogal [u] em posição final reportados no quadro anterior são representados no Gráfico 43 a seguir.

Gráfico 43 – Alçamento da vogal átona final /o/ - Cruzamento Informantes (meninas) e Etapas – PEL/POA



Fonte: A autora.

Observa-se no Gráfico 43 a produção do alçamento na fala das meninas de PEL/POA. Percebe-se que o comportamento é linear, pois todas as crianças produzem o alçamento de forma quase que categórica. As poucas oscilações que se observam não são relevantes. Esclarece-se inicialmente que para a informante S9 (2:1- 2:6) não houve possibilidade de recolha nas etapas (1, 5 e 6).

Com relação ao comportamento individual, observa-se que os sujeitos S3a (0,795; 1,000; 1,000; 1,000 e 1,000) e Sna (1,0, 0,946; 0,926; 0,964; 0, 961) não aplicam o alçamento de forma categórica, embora seja possível constatar o aumento das taxas de acordo com as etapas temporalmente progressivas de coleta. Ainda sobre as informações individuais, nota-se que a informante S3a (0,795) é a que apresenta o índice mais baixo de alçamento registrado. Esses resultados parecem corroborar os da literatura da área, apontando PEL/POA como as localidades que mais aplicam o (VIEIRA, 1994).

Em relação ao papel do *input*, os resultados apontam que há semelhança entre as taxas de produção da vogal média alta em posição átona final produzidas pela criança e por seu cuidador. Dessa forma, apresentam-se, na Tabela 19, os resultados de tal investigação.

Tabela 19 - Não Alçamento da átona final /o/ e Comparação entre Informante (menina) e cuidador – PEL/POA

Criança (Meninas)	Log Odds	%	CUIDADORES	Log Odds	%
S3a	6.138	4,8	SC3	7.772	3,6
Sna	6.135	5,6	Skn	5.592	1,9
SLa	4.904	7,4	SI2	6.161	3,1
SXa	-10.296	0	Sf	- 10,949	0
SZa	- 10.296	0	SR	- 10,949	0

Fonte: A autora.

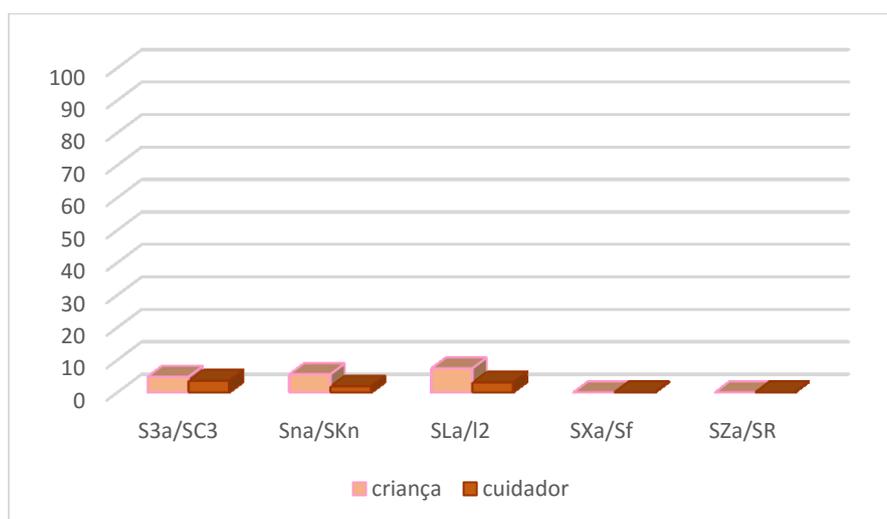
Conforme mostra o quadro anterior, os resultados estatísticos apontados para o não alçamento da vogal átona final /o/ para as meninas e seus cuidadores apresentam índices percentuais abaixo de 8%. Com relação aos valores da *log odds*, percebe-se que as meninas apresentam taxas mais altas do que os adultos (cuidadores).

No que se refere aos valores da *log odds*, observa-se proximidade entre os valores referentes aos sujeitos S3a e SC3 (*log odds* de 6.138 e 7.772, respectivamente), Sna e Skn (*log odds* de 6.135 e 5.592, respectivamente) e SLa e SI2 (*log odds* de 4.904 e 6.161, respectivamente). É possível perceber que há correspondência positiva entre a criança e o cuidador, pois ambos os sujeitos produzem

variavelmente a átona final /o/. Por outro lado, verifica-se que os sujeitos SXa e Sf (*log odds* de -10.296 e -10.949) e SZa e SR (*log odds* de -10.296 e -10.949) apresentam valores de *log odds* aproximados com tendência para a produção da vogal [u] na mesma posição.

Os resultados de aplicação do não alçamento da vogal /o/ reportados na tabela anterior são representados no Gráfico 44 a seguir.

Gráfico 44 - Não Alçamento da átona final /o/ e Comparação entre Informante (menina) e cuidador – PEL/POA



Fonte: A autora.

No Gráfico 44, os resultados referentes aos dados das meninas, de forma semelhante ao constatado na análise dos dados dos meninos, apontam baixa aplicação do não alçamento. Esses resultados apontam evidências de que as crianças tendem a seguir as pistas linguísticas do *input*, pois o desempenho das meninas quanto à produção da vogal [o] em posição átona final é semelhante ao de seus cuidadores.

Com relação aos percentuais apresentados, observam-se índices distintos entre crianças (meninas) e seus cuidadores. Tais diferenças podem ser observadas sobretudo entre os dados de Sna e Skn (5,6 e 1,9%, respectivamente) e de SLa e Sl2 (7,4 e 3,1%, respectivamente). Por outro lado, os sujeitos SXa e Sf (0%) e os sujeitos SZa e Sr (0%) não apresentam variação em seus dados. Nos dados dos sujeitos S3a e SC3 (4,8 e 3,6), nota-se que os valores de não alçamento da vogal /o/ estão próximos.

Ao comparar os resultados estatísticos obtidos para os dados de meninos (Ver quadro 58) e dados de meninas (ver Quadro 60) de PEL/POA, no que se refere à produção da elevação da vogal

Fonte: A autora.

Pelo Gráfico 45, pode-se visualizar o comportamento variável da vogal postônica final /o/ nos dados dos informantes em acompanhamento longitudinal das comunidades deste estudo. Nota-se que a aplicação da elevação da vogal /o/ nos dados de fala dos sujeitos de PEL/POA é quase categórica. Tal resultado já era esperado, pois os cuidadores dessas crianças também aplicam o fenômeno categoricamente.

Em relação a Vista Alegre do Prata, observa-se o contrário: as crianças apresentam baixo índice de realização do alçamento da vogal /o/. Contudo, as crianças mais novas dessa comunidade (entre 1:7 e 2:6) apresentam taxas em torno de 70%. Esses resultados confirmam a nossa hipótese de que a emergência da variação socialmente estruturada ocorre nos estágios iniciais da aquisição da linguagem, pois as crianças de VAP, embora de forma moderada, produzem o alçamento. Na próxima seção, apresentaremos os resultados estatísticos para vogal postônica final /e/.

6.4.2 Alçamento da Postônica Final /e/ e frequência global: Amostra Crianças Pelotas/Porto Alegre

Nesta seção, apresentam-se os resultados da análise estatística referente ao comportamento da vogal átona final /e/ dos dados de fala das amostras Crianças e Adultos das localidades de Pelotas e Porto Alegre. Esclarece-se que para este estudo seguiremos os mesmos procedimentos adotados para a vogal /o/, anteriormente discutido. Desse modo, apresentam-se apenas os resultados globais das amostras referentes às crianças e a seus cuidadores.

Conforme discutida na seção 4.3, Capítulo 4, a aplicação do alçamento da vogal média átona final /e/ na fala de adultos é bastante alta na localidade de Porto Alegre, como mostram os resultados do Quadro 61 a seguir.

Quadro 61 - Ocorrência do Alçamento da vogal átona final /e/ - Amostra adultos POA

Estudos	Realização do alçamento
Roveda (1998)	99%
Vieira (2002)	81%
Vieira (2010)	93%

Fonte: A autora.

Observa-se, no Quadro 61, que os falantes adultos de Porto Alegre aplicam o processo de alçamento (neutralização) da vogal átona final /e/ de forma praticamente categórica, conforme os resultados estatísticos indicados nos estudos de Roveda (1998) e Vieira (2002, 2010). No que se refere

aos dados de crianças, o estudo de Rangel (2007), que tratou sobre o processo de substituição do sistema vocálico átono dos dados de crianças das localidades de PEL/POA, encontrou resultados que se assemelham aos dos adultos, apresentados anteriormente. Os resultados dessa investigação são demonstrados no Quadro 62 a seguir.

Quadro 62 - Ocorrência de Alçamento da vogal /e/ - Amostra crianças PEL/POA

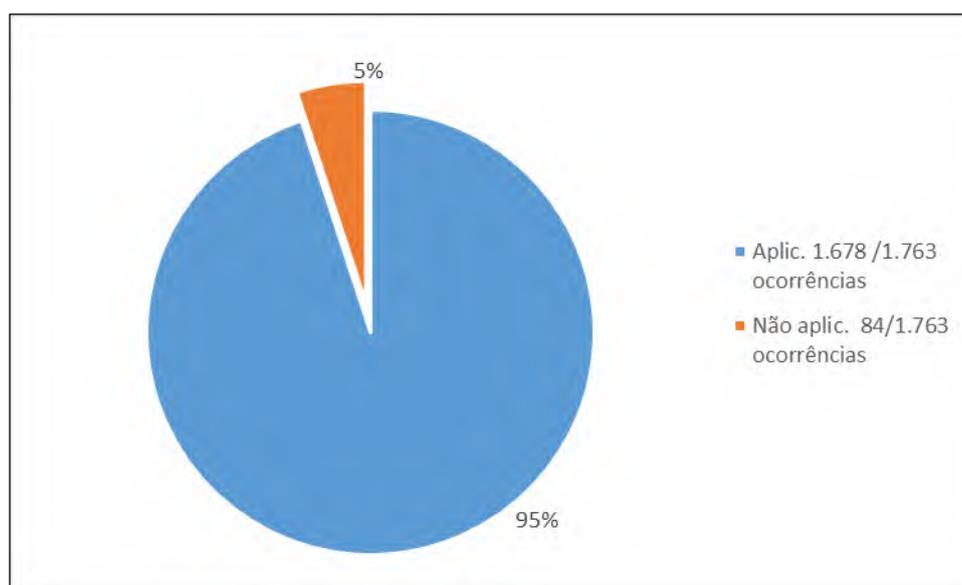
Rangel (2007)	Realização do alçamento
Crianças do estudo longitudinal	93%
Crianças do estudo transversal	93%

Fonte: A autora.

Como se pode constatar, os resultados estatísticos apresentados no quadro anterior apontam indícios de que a neutralização da vogal /e/ é um processo, também, de alta incidência nos dados infantis. Na busca de uma explicação mais detalhada sobre a realização de tal processo, são apresentados a seguir os resultados referentes à fala das crianças de PEL/POA e de seus cuidadores. Primeiramente apresenta-se a frequência global do alçamento de /e/ átono final na amostra referente às crianças e, na sequência, a discussão e análise dos resultados considerados relevantes para o estudo em questão.

Pela leitura do gráfico, constata-se que na amostra de PEL/POA predomina o alçamento da vogal átona final /e/, pois, do total de 1.763 dados analisados, 95% foram de aplicação, e 5% de não aplicação da elevação.

Gráfico 46 - Alçamento da postônica final /e/ - Pelotas/Porto Alegre



Fonte: A autora.

A hipótese inicial foi confirmada, pois na referida comunidade o alçamento da vogal /e/ postônica final é quase categórico. Esse resultado está em conformidade com o estudo de Roveda (1998) e Vieira (2002, 2010) sobre o mesmo tema, porém com dados de fala adulta. De acordo com as autoras, o processo de alçamento já se encontra em seu estágio final em Porto Alegre-RS.

Com o intuito de verificar o possível papel que a variável Localização Geográfica exerce sobre o comportamento da vogal média átona final /e/, apresentam-se a seguir os resultados estatísticos apresentados pelas crianças das localidades de PEL/POA e VAP. Os resultados obtidos para comparação entre tais localidades encontram-se descritos na Tabela 20 a seguir.

Tabela 20 - Alçamento da Vogal Postônica Final /e/ e Localização Geográfica

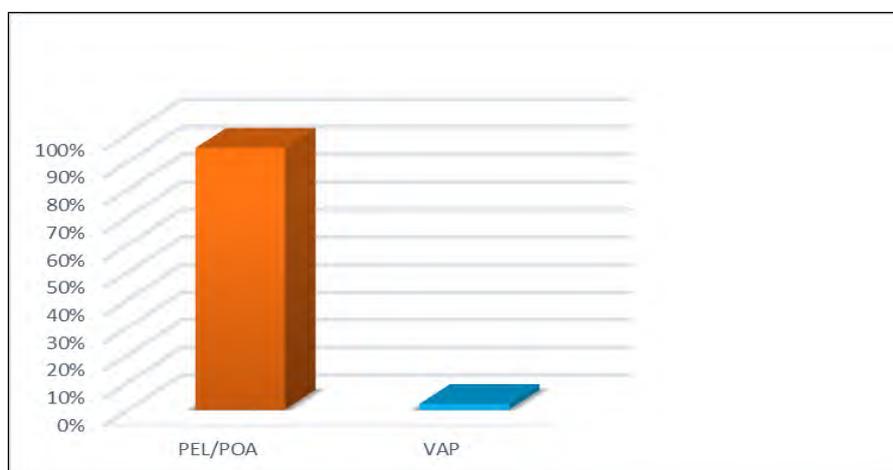
Fatores	Aplic./total	%
Pelotas/Porto Alegre	1.678/1763	95%
Vista Alegre do Prata	54/2.567	2,1%

Fonte: A autora.

Os resultados da tabela acima indicam que Porto Alegre, com 95%, é a localidade que mais aplica o alçamento de /e/, confirmando, portanto, os resultados dos estudos anteriores (ROVEDA, 1998; VIEIRA, 2002, 2010; RANGEL 2007). Vista Alegre do Prata, por sua vez, com 2,1%, figura-se como a localidade que menos aplica o alçamento da vogal /e/. Conforme discutido na Seção 6.2 deste capítulo, a baixa realização do alçamento dessa vogal, conforme ilustra o Gráfico 47 a seguir, nos dados de fala das crianças de VAP apresenta como resistência o fator etnia, pois, de acordo com Roveda (1998) e Frozi e Mioranza (1983), os descendentes de italianos ainda preservam as vogais médias, para o que há diversas hipóteses, dentre elas uma nítida interferência da língua italiana no português.

Uma justificativa possível seria a de que, conforme as autoras, na língua italiana, assim como no latim, a maioria dos substantivos terminam em vogal; os masculinos terminam em -o e formam plural em -i (l'anno 'o ano'; i gli anni, 'os anos'). Os substantivos femininos terminam em -a e formam plural em -e (la corona, 'a coroa'; le corone, 'as coroas'). Caso a palavra termine em -e, o plural é em -i (*il fiore*, 'a flor'; *i fiori*, 'as flores'). De acordo com Roveda (1998), nas comunidades bilíngues ainda há a realização da vogal média em posição átona final, o que confirma o papel fundamental da variável Localização Geográfica (etnia) na produção da vogal em posição átona final.

Gráfico 47 - Alçamento da Vogal Postônica Final /e/ e Localização Geográfica



Fonte: A autora.

Vieira (2002) constatou que os informantes de Porto Alegre são os que mais praticam o alçamento, enquanto que os informantes de Panambi (região de colonização alemã) e Flores da Cunha (região de colonização italiana) são os que mais preservam a vogal /e/. Dessa forma, conforme postulado por Vieira (2002), Roveda (1998) e Mileski (2013), e confirmado neste estudo, a etnia é o fator responsável pela realização de duas pautas postônicas no Rio Grande do Sul.

Com relação aos dados dos meninos, os resultados da análise estatística mostram poucas oscilações de p-valores. Nota-se que todos os falantes (meninos), dentro de suas respectivas faixas etárias, realizam o alçamento da vogal /e/ de forma quase absoluta (acima de 90%), como mostra o Quadro 63.

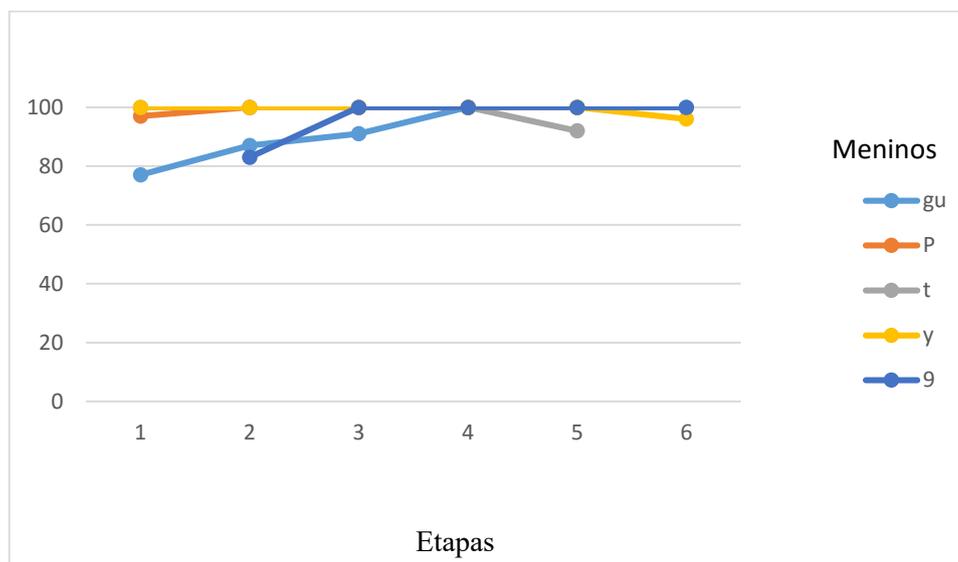
Quadro 63 - Alçamento da Postônica Final /e/- Cruzamento entre as variáveis Informante e Faixa Etária - Amostra Meninos PEL/POA

ETAPAS	1ª 30 dias		2ª 60 dias		3ª 90 dias		4ª 120 dias		5ª 160 dias		6ª 180 dias	
	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N
FE												
1:7 – 2:0 H	∞	∞	1,000	8	1,000	8	1,000	12	1,000	35	∞	∞
2:1-2:6 gu	1,000	45	1,000	85	1,000	98	1,000	173	1,000	40	1,000	44
2:7:3:0 P	0,947	51	0,905	22	0,958	26	0,955	23	∞	∞	∞	∞
3:1-3:6 T	0,821	73	0,846	26	0,877	42	0,907	53	1,000	47	∞	∞
4:7-5:0 Y	1,000	66	1,000	28	1,000	45	1,000	56	0,980	64	1,000	105

Fonte: A autora.

No Gráfico 48, reportam-se os valores expressos no quadro anterior sobre a realização do alçamento da vogal /e/ na fala dos meninos de VAP.

Gráfico 48 - Alçamento da vogal átona final /e/ - Cruzamento Informantes (meninos) e Etapas – PEL/POA



Fonte: A autora.

Os valores percentuais apresentados no gráfico anterior mostram o desempenho dos informantes em relação à elevação da vogal /e/ postônica final nas seis etapas de acompanhamento longitudinal. Os meninos de PEL/POA demonstram um comportamento favorável ao alçamento, pois todas as crianças têm índices altos (a partir de 80%). Assim como o observado para a vogal /o/ em PEL/POA, é nas etapas 1 e 2, sobretudo, que se observa variação entre [e]~[i], apesar de a taxa mais baixa ser de ordem de 0,821.

Segundo a postulação de uma organização probabilística das representações, as crianças (meninos), expostos a dados de língua com alta incidência de alçamento, aprendem e acumulam, gradativamente, exemplares da mesma categoria sonora. Conforme a frequência com que uma determinada forma é ouvida, a criança constrói seu exemplar protótipo (TOMASELLO, 2003; PIERREHUMBERT, 2001; 2003) (ver seção, 3.1, Capítulo 3 deste estudo).

Com o propósito de verificar o papel do *input* na amostra referente às meninas de PEL/POA quanto à produção da vogal postônica final /e/, comparam-se os resultados estatísticos entre os dados das crianças e de seus cuidadores. Para essa etapa, levaram-se em conta apenas os dados de não aplicação do alçamento da vogal /e/.

Constata-se, com relação à não aplicação do fenômeno, que existem mais semelhanças do que diferenças entre os resultados estatísticos dos dados das crianças (meninos) e de seus cuidadores. Esses resultados, com base nos valores percentuais, são exibidos na Tabela 21.

Tabela 21 - Não Alçamento da átona final /e/ e Comparação entre Informante (menino) e cuidador – PEL/POA

Criança (Meninos)	Log Odds	%	CUIDADORES	Log Odds	%
Sgu	2.055	9,3	S7	2.100	9,2
Sh	1.932	4,7	SGh	2.606	6,2
St	0,984	2,6	Sn	-13.847	0,0
Sy	0,878	2,2	Sb	2.391	1,3
Sp	0,668	2,4	S4	-13.847	0,0

Fonte: A autora.

De acordo com os resultados estatísticos apontados na tabela anterior, observa-se que os casos de não alçamento da vogal átona final /e/, tanto na fala dos meninos, quanto na fala dos seus cuidadores, apresentam percentuais abaixo de 10/%. Com relação aos valores dos *log odds*, observam-se mais diferenças do que semelhanças.

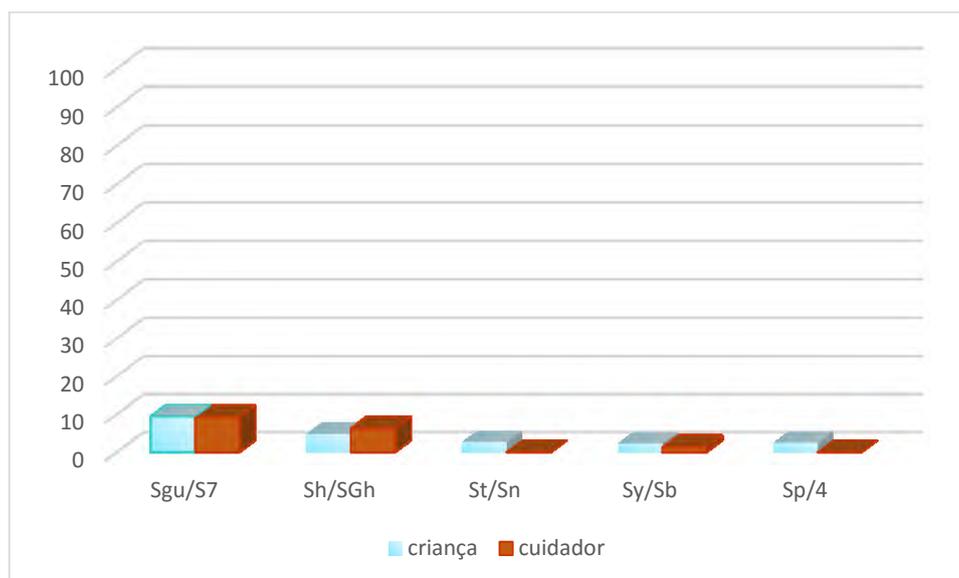
No que se refere às semelhanças, nota-se que os valores dos *log odds* são praticamente idênticos para os sujeitos Sgu e S7 (*log odds* de 2.055 e 2.100, respectivamente), pois tanto a criança quanto o adulto produzem a vogal final /e/ variavelmente. Tal proximidade corrobora nossa hipótese sobre a influência do input.

Com relação aos resultados favoráveis à variação, verifica-se que os sujeitos Sh e SGh (*log odds* de 1.932 e 2.606, respectivamente) e Sy e Sby (*log odds* de 0,878 e 2.391, respectivamente) mostraram valores distintos de *log odds*. No entanto, é possível verificar uma relação positiva entre a criança e o cuidador, pois os sujeitos apresentam variação quanto à produção da vogal /e/ átona final.

Referente às diferenças nos valores dos *log odds*, observa-se que os sujeitos Sp e S4 (*log odds* de 0.668 e -13.847, respectivamente) e St e Sn (*log odds* de 0.984 e -13.847, respectivamente) não apresentam similaridade com relação à produção /e/ final, pois as crianças apresentam variação em seus dados (*log odds* positivo), enquanto os adultos não (*log odds* negativo).

Os resultados referentes à produção de [e] em posição átona final sugerem que há semelhança entre a produção da criança e a de seu cuidador, como mostra o Gráfico 49 a seguir, construído a partir dos percentuais apresentados na Gráfico 49.

Gráfico 49 - Não Alçamento da átona final /e/ e Comparação entre Informante (menino) e cuidador –PEL/POA



Fonte: A autora.

Percebe-se, no gráfico anterior, que, em ambas as amostras, os percentuais de produção da vogal [e] são predominantemente baixos (entre 9,3 e 1,3%).

Em relação aos percentuais indicativos de variação, observam-se percentuais aproximados entre as amostras de crianças (meninos) e de seus cuidadores. Sobre as proximidades de valores, nota-se que os percentuais de produção de [e] em posição átona final são os mesmos para os sujeitos Sgu e S7 (9,3% e 9,2%). Também apresentam taxas aproximadas os sujeitos Sh e SGh (4,7% e 6,2%, respectivamente) e Sy e Sby (2,2% e 1,3%, respectivamente).

As crianças (meninos) com taxas de produção de [e] em posição átona final mais baixas, a saber, St (2,6%) e Sy (2,2%), tem por cuidadores indivíduos que apresentaram categoricamente a vogal alta nessa posição (S4 e Sn, respectivamente).

Com relação ao papel do input no comportamento da vogal /e/ dos dados analisados dos sujeitos em questão, destaca-se o caso do sujeito Sgu e de sua cuidadora S7. Neste caso, é possível observar o efeito da fala da cuidadora na produção dos itens lexicais realizados pela criança, conforme

mostra o Quadro 64 a seguir. Para tal levantamento foram considerados os itens com duas ou mais ocorrências repetidas para os dois informantes, a saber, a criança e o seu cuidador.

Quadro 64 - Frequência de ocorrência dos itens lexicais produzidos sem alçamento da vogal /e/por informante (menino) e cuidador – PEL/POA

Itens Lexicais Produzidos pela mãe - S7 (30)	Freq.	Itens lexicais produzidos pela criança-Sgu (2:1 e 2:6)	Freq.
[‘īter]	4	[‘īter]	5
[‘omen]	3	[‘ome]	4
[ga’rage]	3	[‘kofe]	4
[gi’lɛrme]	12	[gi’lɛme]	6
[‘pejfe]	8	[‘pejfe]	4
[āsie’dade]	3	[kamīno’nete]	7
[‘pede]	6	[‘pede]	4
[‘pīte]	2	[so’vete]	3
[‘sabe]	6	[sabe]	4
[ād’âte]	3	[‘ese]	3
[‘lejte]	5	[‘lejte]	4

Fonte: A autora.

Registra-se similaridade entre os itens lexicais produzidos com [e] átono final nos dados de fala da criança e de sua mãe. Dos 11 itens produzidos, sete (07) estão presentes no corpus de ambos os sujeitos.

No que se refere aos itens lexicais que foram produzidos tanto pela criança quanto pelo cuidador, observa-se que para as cinco palavras encontradas nas amostras consideradas (Guilherme, peixe, pede, sabe), as crianças e seus respectivos cuidadores apresentaram produção idêntica com relação à vogal final. Registram-se produções variáveis principalmente na fala das crianças para os itens *peixe*, *caminhonete*, *sorvete* e *sabe*. Com relação aos itens lexicais expostos no quadro anterior, nota-se que o cuidador produziu 47 itens com a vogal [e] contra 23 itens com a vogal [i]. Na fala das crianças, a diferença mostra-se pequena em termos numéricos, 41 itens produzidos com vogal [e] e 37 itens produzidos com vogal [i].

No que se refere à realização do alçamento da vogal átona final /e/ nos dados de fala das meninas, de modo semelhante aos dados dos meninos, a aplicação é quase categórica. No Quadro 65, divulgam-se os p-valores de aplicação do alçamento dessa vogal.

Os resultados mostram que os informantes aplicam o processo de alçamento de forma consistente, como evidenciam os p-valores (entre 0,895 e 1,000). Esse comportamento variável da vogal átona final /e/ nos dados desses informantes já era esperado, uma vez que na comunidade de

PEL/POA tal processo já se encontra implementado. Em todas as células, os índices de realização do alçamento são bastante altos (próximos de 100%).

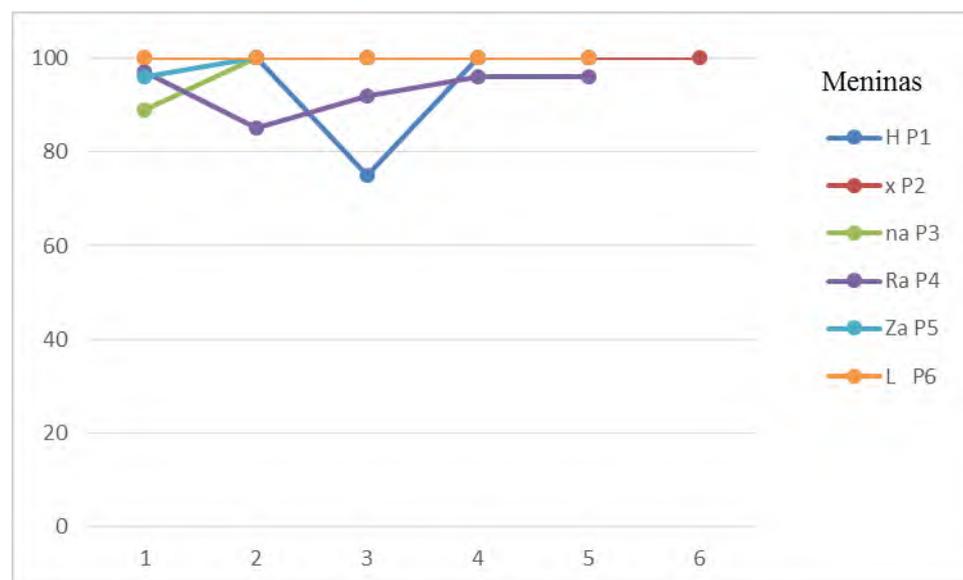
Quadro 65 - Alçamento da Postônica Final /e/- Amostra Meninas PEL/POA

ETAPAS FE	1 ^a 30 dias		2 ^a 60 dias		3 ^a 90 dias		4 ^a 120 dias		5 ^a 160 dias		6 ^a 180 dias	
	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N	Prop.	N
2:1-2:6 H	∞	∞	1,000	12	0,750	13	1,000	20	∞	∞	∞	∞
2:7:3:0 X	1,000	2	1,000	2	1,000	2	1,000	3	1,000	4	1000	8
3:1-3:6 na	0,895	14	1,000	17	1,000	23	1,000	31	1,000	29	∞	∞
3:7-4:0 Ra	0,968	32	0,846	65	0,926	26	0,964	24	0,961	46	∞	∞
4:1-4:6 Za	0,958	32	1,000	27	0,97	20	1,000	43	1,000	47	∞	∞
4:7-5:0 L	1,000	36	1,000	22	1,000	34	1,000	54	1,000	52	∞	∞

Fonte: A autora.

O Gráfico 50 a seguir apresenta os resultados do alçamento da vogal média átona /e/ na fala das meninas.

Gráfico 50 - Alçamento da vogal átona final /e/ - Cruzamento Informantes (meninas) e Etapas – PEL/POA



Fonte: A autora.

Os resultados reportados no gráfico anterior mostram que as meninas aplicam o alçamento da vogal média átona final /e/ com pouca variação. No entanto, há diferenças individuais como em SH (2:1-2:6), que apresenta na terceira etapa p-valor de 0,750, o mais baixo do grupo. Percebe-se ainda que a informante Sna (3:1-4:0), na primeira etapa, também apresentou taxa de 0,895. Tais valores comprovam que na fala das crianças (meninas) de PEL/POA ainda há variação, fato também constatado nos dados de SRA, pois, em todas as etapas de recolha, os valores ficaram abaixo de 1.000. Esclarece-se inicialmente que para a informante SH (2:1-2:6) não houve possibilidade de recolha nas etapas (1, 5 e 6).

Com relação à aplicação categórica do alçamento, verifica-se que as informantes SX (2:7-3:0) e SL (4:6-5:0) produziram a vogal alta [i] categoricamente em todas as etapas.

A correlação entre as taxas de produção da vogal [e] em posição átona final obtidas para crianças (meninas) e seus cuidadores é apresentada na Tabela 22 e no Gráfico 51.

Tabela 22 - Não Alçamento da átona final /e/ e Comparação entre Informante (menina) e cuidador – PEL/POA

Criança (Meninas)	Log Odds	%	CUIDADORES	Log Odds	%
Sza	2.270	5,8	SR	2.100	9,5
Sna	1.944	3,6	Sk	2.758	16,4
SL	0.755	3,3	Sl	2.720	15,9
S3a	- 0.648	2,3	Ss3	2.113	9,3
SX	-13.067	0	Sf	-13.181	0

Fonte: A autora.

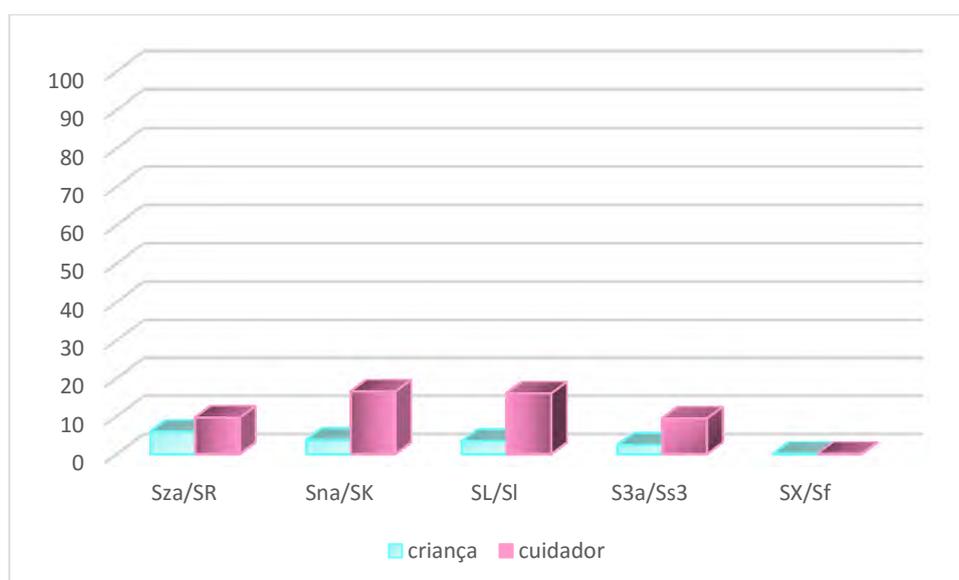
Conforme verifica-se na tabela anterior, os casos de não alçamento da vogal átona final /e/ tanto na fala das meninas, quanto na fala dos seus cuidadores, apresentam mais diferenças do que semelhanças no que se refere aos valores dos *log odds*.

No que se refere às semelhanças, nota-se que os valores da *log odds* são muito aproximados para os sujeitos Sza e SR (*log odds* de 2.270 e 2.100, respectivamente), no sentido de produção da variação em posição postônica final. Nota-se que os sujeitos Sna e Sk (*log odds* de 1.944 e 2.758, respectivamente) e SL e Sl (*log odds* de 0,755 e 2.720, respectivamente) mostram valores distintos, embora indicativos de uma relação positiva entre a criança e o cuidador quanto à produção de [e] final. Referente às diferenças nos valores da *log odds*, observa-se que os sujeitos S3a e Ss3 (*log odds* de -0.648 e 2.113, respectivamente) apresentam direções distintas quanto à produção da vogal: o cuidador apresenta tendência para a produção de [e] átono final, enquanto a criança, não. Quanto

aos sujeitos Sch. e Se (*log dos* de -13.067 e -13.181, respectivamente), os valores negativos de *log dos* indicam que tanto a criança quanto o adulto são produtores da vogal alta átona final.

Os resultados referentes à produção de [e] em posição átona final são reportados em percentagens no Gráfico 51.

Gráfico 51 - Não Alçamento da átona final /e/ e Comparação dos resultados entre Informante (menina) e cuidador – PEL/POA



Fonte: A autora.

Observa-se, no Gráfico 51, que os percentuais de uso do não alçamento da vogal média átona final /e/ são predominantemente baixos (entre 16,4 e 2,3%).

As taxas de produção da vogal [e] em posição átona final por parte das crianças (meninas) e de seus cuidadores não são semelhantes, o que pode ser constatado para os resultados referentes aos sujeitos Sza e SR (5,8% e 9,5%, respectivamente); Sna e Sk (3,6% e 16,4%, respectivamente) e SL e SI (3,3% e 15,9%, respectivamente). Nota-se que os adultos produzem mais a vogal [e] átona final do que as crianças (meninas).

Por outro lado, no que se refere à ausência de variação, observa-se similaridade quanto aos dados dos sujeitos SX e Sf (0%), pois tanto a criança quanto o cuidador produzem categoricamente a vogal alta em posição átona final.

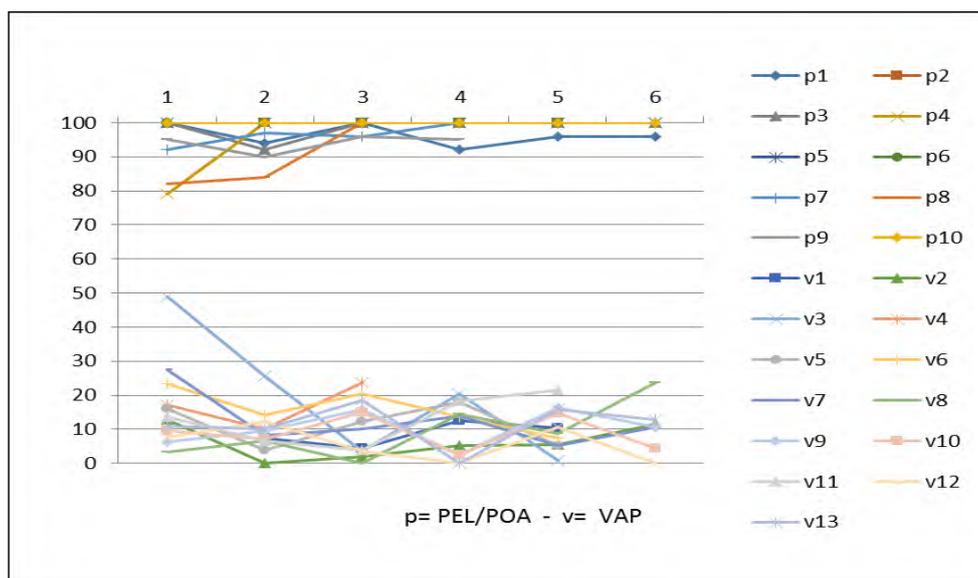
Perante aos resultados acerca do desenvolvimento inicial da variação nos dados de fala das crianças (meninas) e da possível influência do *input* na aquisição dessas formas sonoras, sugere-se que há mais pontos em comuns do que diferenças, conforme evidenciado no quadro anterior. Como

a produção de [e] átono final é pouco frequente na fala dos adultos e crianças de PEL/POA, pode-se dizer que a hipótese prevista foi confirmada, pois, segundo os resultados, a vogal alta é mais produzida do que a média.

No que diz respeito aos itens lexicais não alçados na fala da Amostra meninas de POA, do total de 517 palavras, houve apenas nove (09) casos de ocorrências de não aplicação do alçamento. Como se ilustram em *cabe* (informante- Sza), *peixe*, *pode*, *inter* (informante- Sza), *homem* (informante- Sna) e *açude* (informante – Sna). Dessas produções, apenas o vocábulo *inter* teve duas ocorrências.

Quanto à comparação dos resultados obtidos quanto à realização do alçamento da vogal postônica final /e/ entre as amostras das crianças de VAP e de PEL/POA, emerge uma nítida diferença relacionada aos índices de aplicação do fenômeno, conforme ilustra o Gráfico 52. No eixo x encontram-se as etapas de coleta e no eixo y, o percentual de aplicação da elevação.

Gráfico 52 - Alçamento da vogal /e/ em VAP e PEL/POA: amostra Crianças (meninas)



Fonte: A autora.

Enquanto as informantes de PEL/POA aplicam o alçamento de forma quase categórica, as de VAP estão em seu estágio inicial de realização. Os resultados expressos no eixo x e no eixo y anterior, portanto, revelam que a variação linguística está presente na fala das crianças desde os primeiros estágios de aquisição. Revelam ainda que as crianças a partir da idade de 1:3 já sabem lidar com duas pautas postônicas átonas finais.

No que se refere às crianças de PEL/POA, observa-se que nas faixas etárias iniciais, entre 1:3 e 12 (p1 a p10) o alçamento é praticamente categórico (ver Gráfico 52), pois as crianças recebem como input apenas as vogais átonas [i, u]. Tal resultado confirma nossa suposição inicial (Seção 6.3) de que a aquisição da variação é um processo gradual e que segue as etapas de aquisição da linguagem (LABOV, 1964) e que grande parte desse aprendizado é fornecido por meio do estímulo da fala do adulto que está em sua volta.

Conforme a discussão sobre a emergência da aquisição da linguagem (Capítulo 3) e da variação sociolinguística (Capítulo 4), os autores (TOMASELLO, 2000; 2003; VIHMAN, 1996; LABOV, 1964; 1989; ROBERTS, 1997; FOUKES; DOCHERTY; WATT, 2002; 2006) apontam a influência do ambiente linguístico sobre a aquisição da linguagem e sobre a aquisição da variação. No que se refere ao papel do input, comprova-se neste estudo a sua relevância no processo de aquisição da variação como o principal responsável pela emergência precoce das formas variáveis e pelo desenvolvimento linguístico infantil.

A partir dos resultados deste estudo, é possível tecer algumas considerações em torno do comportamento variável das vogais medias postônicas finais. A partir dos resultados deste estudo, é possível tecer algumas considerações em torno do comportamento variável das vogais medias postônicas finais. A forte tendência à produção de vogais médias-altas revela que os informantes adultos e crianças de Vista Alegre do Prata ainda carregam em suas falas traços típicos da língua de imigração (FROZI e MIORANZA, 1983). Sobre o papel do input, os resultados confirmam nossa suposição de que as crianças (2,1% para vogal /e/ e 11,1% para /o/), assim como os seus cuidadores ((3,9% para vogal /e/ e 16,4% para /o/), aplicam o alçamento de forma consideravelmente baixa.

Com relação às crianças e aos adultos (cuidadores) de Pelotas/Porto Alegre, verificamos que o emprego do alçamento dessas vogais é praticamente categórico. Sobre o papel do input, os resultados confirmam nossa suposição, pois as crianças aplicam (próximo aos 100%) o alçamento das vogais /e/ e /o/, assim como seus cuidadores.

No que se refere às etapas (faixas etárias) de emergência da variação nos dados das crianças, verificamos que os resultados, apesar de predominar índices baixos, indicam que a variação faz parte do processo de aquisição como mostra o Quadro 66 a seguir. Com relação à amostra crianças de PEL/POA, por exemplo, na idade entre 1:3 e 2:0, o índice empregado pelos informantes com relação à produção de vogais médias-altas é de apenas 0,057 para vogal /e/, enquanto que para vogal /o/ não teve ocorrência.

Por outro lado, as crianças de VAP empregam as vogais altas com índices de 0,032 e 0,154, respectivamente. Tais resultados (ver Quadro 66) comprovam que há uma diferença considerável entre as amostras, pois enquanto as crianças de VAP estão em estágio inicial do processo variável de alçamento, as crianças de PEL/POA estão se encaminhando para o estágio final do emprego do fenômeno.

O Quadro 66 a seguir mostra os resultados do emprego da variação socialmente condicionada nos dados de fala das crianças de Porto Alegre e Vista Alegre, respectivamente. Mostra também que tais resultados, expressos em pesos relativos, estão relacionados por faixa etária.

Com relação às crianças de POA, observa-se que no processo de não alçamento, os pesos relativos que predominam são baixos como, por exemplo, na FE1 (1:3 e 2:0) o peso relativo foi de 0,057 para a vogal /e/ e não houve caso de não alçamento para vogal /o/. No tocante às faixas etárias 2:1 e 4:0, nota-se que o uso do não alçamento na fala das crianças foi apontado para as duas vogais médias altas, conforme mostram os pesos relativos (ver Quadro 66). Nas faixas etárias 7 e 11, evidencia-se também casos de não alçamento. Por outro lado, na FE 12, nota-se que não houve produção de vogais médias altas por partes dos sujeitos.

No tocante à aquisição da variação nos dados das crianças de VAP, observa-se que, apesar de apontar índices baixos, o uso do alçamento ocorreu em quase todas as faixas etárias. De acordo com os resultados, há um indício de que as crianças de VAP já começam a produção do alçamento desde as primeiras faixas etárias (1:3 e 2:0), conforme os pesos relativos apontados no quadro a seguir. Percebe-se também que há uma diminuição gradual dos índices conforme a faixa etária avança (ver FE 12).

Quadro 66 – Vogal Postônica Final – Variação por Faixa Etária e Localidade

Porto Alegre – Não alçamento	
Faixa etária 1:3 e 2:0	
[e]	[o]
∅ 0,057	∅
Faixa etária 2:1 e 4:0	
[e]	[o]
0,058 0,018 0,036 0,040	0,020 0,085 0,040
Faixa etária 4:1 e 6:0	
[e]	[o]
0,010 0,011 0,032	0,020 0,014, 0,077
Faixa etária 7 e 11	
[e]	[o]
0,014 0,029	0,015 0,056
Faixa etária 12	
[e]	[o]
∅	∅
Vista Alegre do Prata – Alçamento	
Faixa etária 1:3 e 2:0	
[i]	[u]
0,032	0,154
Faixa etária 2:1 e 4:0	
[i]	[u]
0,066 0,081, 0,017	0,060 0,240 0,131
Faixa etária 4:1 e 6:0	
[i]	[u]
0,000 0,033 0,00	0,116 0,119 0,041
Faixa etária 7:0 e 11	
[i]	[u]
0,008 ;0,010	0,075 0,088
Faixa etária 12	
[i]	[u]
0,14	0,16

Fonte: A autora.

Com relação à PEL/POA, através da análise da produção das vogais médias altas em posição átona final, ficou constatado que a variação está presente nos dados das crianças. Observa-se que nas faixas etárias iniciais (1:3 – 2:0) o alçamento da vogal /o/ é categórico, ou seja, 100%. Nas faixas etárias intermediárias (2:1-4), os sujeitos produzem a vogal final variavelmente tanto para /o/ quanto para /e/, embora os índices de aplicação sejam baixos. Com relação às faixas subsequentes, observa-se que a variação vai diminuindo gradativamente, abrindo espaço para a neutralização entre médias altas e altas como se observa nos dados das crianças entre 4:1 e 6:0 (ver Quadro 66). Levando em conta nossos resultados estatísticos é possível dizer que as crianças da amostra PEL/POA em exame, embora de forma sensível, produzem variavelmente as vogais médias átonas finais.

Em relação à amostra VAP em exame, observa-se que o comportamento das vogais médias átonas é distinto do de PEL/POA, pois as crianças desde cedo já sabem lidar com duas pautas postônicas, a de três vogais [a, i, u] e a de cinco [a, i, u, e, o], mas usam majoritariamente o sistema de cinco. Diferentemente das crianças metropolitanas, as de VAP são influenciadas pelo contato das línguas italiana e polonesa com a língua portuguesa conforme apresentado na seção 4.3, Capítulo 4), fato que justifica a preservação das médias altas nessa região. Assim, justifica-se a baixa aplicação do alçamento na fala das crianças e de seus cuidadores, como também se justifica o papel de condicionadores linguísticos e sociais para a motivação do alçamento.

Assim, através dos resultados deste estudo, defende-se que o conhecimento sociolinguístico inicial é aprendido pela criança com base nos itens lexicais que ela ouve, isto é, por meio do estímulo linguístico do seu cuidador imediato. Dessa forma, é possível afirmar que o *input* do cuidador modela as fases iniciais da emergência de formas variáveis.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta tese foi investigar o processo de alçamento das vogais médias átonas finais /e/ e /o/ na fala de crianças entre a idade 1:3 e 12 e de adultos, cuidadores dessas crianças, falantes do português brasileiro das localidades de Pelotas/Porto Alegre e Vista Alegre do Prata, à luz da Teoria da Variação (LABOV, 1972a, 1972b, 1989,1994).

A Teoria Baseada no Uso, na perspectiva de Tomasello (2000, 2003) também foi adotada nesta pesquisa. Tal modelo propõe que o input linguístico exerce um papel fundamental na aquisição. Além disso, esse modelo admite que a aquisição é construída gradativamente e a estrutura linguística tem caráter emergente.

Com vistas a atender o propósito deste estudo e com base nas características de cada localidade, primeiramente descreveu-se a aquisição do sistema vocálico tônico e postônico final das crianças em acompanhamento longitudinal (seis meses). Para essa etapa, foram investigados dados de oito (8) crianças (5 meninos e 3 meninas), com idade entre 1:3 e 2:0. No que se refere à aquisição do sistema vocálico tônico, foi possível verificar que as vogais tônicas /a, e, ε, i, o, o, u/ são de aquisição precoce, pois as crianças, a partir da idade de 1:7, salvo as diferenças individuais, já estão com seu sistema adquirido. Com relação à ordem de emergência desses segmentos, os resultados obtidos revelaram que as vogais /a, i, u, e, o/ foram as primeiras a emergirem nos sistemas das crianças (a partir de 1:3), enquanto que as vogais médias baixas /ε/ e /o/ emergiram mais tarde (entre 1:5 e 1:7). Verificou-se também que, nos dados das crianças deste estudo, não houve nenhum caso de substituição ou de apagamento das vogais nessa posição, confirmando, portanto, a estabilidade precoce desses segmentos. Dessa forma, o resultado de nossa investigação para essa posição ratifica os resultados de Rangel (2002), Bonilha (2004) e Matzenauer e Miranda (2009).

Para a investigação da aquisição do sistema postônico final, as amostras foram divididas por localidade. No que se refere ao resultado da investigação da amostra Crianças de Pelotas/Porto Alegre, a análise estatística apontou que o quadro postônico final é constituído de três vogais /a, i, u/. Este resultado está em conformidade com o dos cuidadores, pois nessas localidades as ocorrências desses segmentos são consideradas quase categóricas. No que tange aos dados de aquisição de vogais não baixas, é necessário levar em conta que o input que a criança recebe e percebe são das vogais altas [i, u]. Dessa forma, entende-se que as palavras produzidas pelas crianças em fase inicial da aquisição só contenham vogais altas, não havendo espaço para produção de vogais médias átonas.

No que se refere aos dados de Vista Alegre do Prata, os resultados revelaram a presença de duas pautas postônicas, uma menos expressiva, constituída de três vogais (/a, i, u/) e outra, mais expressiva, constituída de cinco vogais (/a, i, e, o, u/). Resultados semelhantes também foram apontados nos dados dos cuidadores dessas crianças. Tais resultados sugerem que, na produção dessas vogais, as crianças baseiam-se no modelo do input recebido. Dessa forma, pode-se dizer que há uma correlação positiva entre os dados das crianças e de seus cuidadores, mostrando que as crianças, desde as faixas etárias iniciais, já usam as mesmas formas linguísticas do seu input. Com relação ao número de ocorrências desses segmentos, observou-se que em Vista Alegre do Prata há uma forte tendência ao uso das vogais médias altas na posição postônica final. Já o uso das vogais altas é bastante baixo. As palavras com vogais médias altas em sílaba postônica final são mais recorrentes na fala das crianças e de adultos dessa localidade.

Os resultados dessa investigação corroboram as perspectivas teóricas adotadas neste estudo no que se refere ao aprendizado das primeiras palavras. Conforme tais perspectivas, quanto mais a criança experencia novas palavras, mais fortes vão ficando suas representações. Sendo assim, acredita-se que o *input* exerce papel fundamental, pois é ele que fornece os primeiros estímulos linguísticos para a criança. Dessa forma, assume-se que a aquisição do sistema vocálico infantil emerge do uso e das experiências linguísticas praticadas com o cuidador, conforme Tomasello (2000, 2003) e Pierrehumbert (2003).

O segundo momento de investigação da tese se refere à aquisição da variação sociolinguística. O processo variável analisado foi o alçamento das vogais médias átonas finais /e/ e /o/. Para essa etapa, foram analisados dados de 44 crianças, com idade entre 1:7 e 12 anos, das localidades de Vista Alegre do Prata e Pelotas/Porto Alegre. Para as crianças das faixas etárias entre 1:7 e 5:0, acompanhadas longitudinalmente, os dados de seus cuidadores também foram analisados.

Sobre a emergência da variação, os resultados da amostra crianças de Vista Alegre do Prata revelam que as crianças a partir da idade de 2:0, produzem, de forma moderada, o alçamento das vogais médias postônicas finais /e/ e /o/. Contudo, nota-se que os índices de aplicação são baixos e, na medida que a idade avança, esses valores tendem a diminuir mais ainda. Tais resultados confirmam a preferência pelo uso de palavras com vogais médias na posição postônica final por parte das crianças vista-alegrenses, conforme apontado na descrição do sistema vocálico.

Com relação às variáveis linguísticas controladas, verificou-se que os dados de crianças mostraram papel relevante para o alçamento da vogal átona final /o/ das variáveis Contexto

Precedente, Contexto Vocálico e Contexto Seguinte. Em se tratando dos dados de adultos, mostraram-se como favoráveis ao alçamento de /o/ as variáveis linguísticas Contexto Precedente, Classe Gramatical, Tipo de Sílabas e Contexto Vocálico. Em relação às variáveis sociais, foram selecionadas como relevantes nos dados das crianças a variável Idade e a variável Sexo. Para amostra adulto, nenhuma variável social foi selecionada.

Com relação às variáveis linguísticas controladas para vogal média átona final /e/, mostraram influência nos dados de crianças as variáveis Contexto Precedente, Contexto Seguinte e o Tipo de Vocábulo. Para os dados de adultos, foram apontadas como favoráveis as variáveis Tipo de Sílabas, Contexto Precedente e Contexto Seguinte. No que se refere às variáveis sociais, as que mais favoreceram o alçamento na amostra crianças foram Idade e Sexo. Nos dados de adultos foi selecionada como relevante apenas a variável Idade.

Tais resultados sugerem que a elevação, embora apresentando índices de aplicação baixos, tanto para /o/ quanto /e/, está presente na localidade de Vista Alegre do Prata. Sugerem também que essa variação é motivada na fala da criança por fatores linguísticos, principalmente pelo condicionamento referente ao contexto precedente, e sociais, marcado pelas diferenças no processo de aquisição entre meninos e meninas e pelas etapas de aquisição.

Em se tratando dos informantes de Pelotas/Porto Alegre, os resultados obtidos pela análise estatística apontaram que a produção da vogal alta posterior nos dados das crianças é praticamente categórica, havendo, portanto, poucos casos de não ocorrência da neutralização. Comparando os resultados das crianças com os de seus cuidadores, é possível concluir que há uma tendência para a correlação positiva no que se refere à produção da variação.

Com relação à vogal átona final anterior nos dados de PEL/POA, os resultados obtidos apontam também para uma aplicação quase categórica - processo de neutralização - dessa vogal, havendo, portanto, poucos casos de vogal média alta.

Esses resultados confirmam a hipótese inicial de que nas comunidades em estudo o comportamento das vogais médias átonas finais é bastante distinto. Enquanto na comunidade de Vista Alegre do Prata o alçamento apresenta baixo índice de aplicação, em Pelotas/Porto Alegre, a aplicação do alçamento é praticamente categórica. Confirma-se, portanto, a importância da variável Localização Geográfica para aplicação ou não do alçamento. Desse modo, concluímos que essa variável é a responsável pela presença de duas pautas postônicas finais no Rio Grande do Sul: uma constituída de três vogais [a, i, u] em Pelotas/Porto Alegre e outra constituída de cinco vogais

postônicas [a, e, i, o, u] em Vista Alegre do Prata. Esses resultados confirmam também os obtidos para outras localidades do Rio Grande do Sul por Roveda (1998), Vieira (2002, 2010), Machry da Silva (2009) e Mileski (2013).

No que se refere à idade de aquisição da variação, os resultados da análise estatística sugerem a idade de 2:0 anos como marco inicial da competência linguística e sociolinguística, confirmando, assim, a nossa hipótese de que a competência sociolinguística emerge nas faixas etárias iniciais da aquisição, conforme afirma Chambers (1995, 2002). Considera-se, portanto, que aquisição e variação constituem um único processo e não dois processos distintos.

Entendemos que o estudo aqui apresentado abre espaço para novas investigações sobre a aquisição das vogais médias átonas finais no Português Brasileiro. Desdobramentos referentes à investigação do papel da gradiência fonética nos dados produzidos pelas diferentes faixas etárias e à análise quantitativa, especificamente da amostra referente às crianças de 6 a 12 anos, poderão esclarecer a delimitação das etapas de aquisição da variação e o papel da palavra no processo de aquisição da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, F. V. Análise de parâmetros espectrais da voz em crianças saudáveis de 4 a 8 anos. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2009.
- BABEL, M. “Phonetic and Social Selectivity in Speech Accommodation”. *Doctoral Dissertation*, University of California, Berkeley, 2009.
- BAILEY, G.; TILLERY, J. Some sources of divergent data in Sociolinguistics. In: FOUGHT, Carmen (Ed.). “Sociolinguistic Variation: Critical Reflections”. New York: Oxford University, 2004. p. 11-30.
- BATES, E.; MACWHINNEY, B. “What is Functionalism?” *Papers and Reports on Child Language Development*. v. 27, p. 137-52, 1988.
- BATES, E.; GOODMAN, J. C. “On the inseparability of grammar and the lexicon: evidence from acquisition, aphasia and real-time processing”. *Language and Cognitive Processes*, v.12, n. 5 e 6, p. 507-584, 1997.
- BATES, E. et. al. Innateness and Emergentism. In: BECHTEL, W; GRAHAM, G (Ed.) “A Companion to Cognitive Science”. Oxford, UK: Blackwell, 1998. p. 590-601.
- BATES, E.; GOODMAN, J. On the Emergence of Grammar from the Lexicon. In: MACWHITNEY, B. (Ed.). “The Emergence of Language”. Mahwah, NJ: Erlbaum, 1999. p. 29-79.
- BAYLEY, R. The Quantitative Paradigm. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLINGESTES, N. “The handbook of Language Variation and Change”. Malden/Oxford/Carlton: Blackwell, 2004. P.117-131.
- BECKMAN, M. E. Input representations (inside the mind and out). In: GARDING, G.; TSUJIMURA, M. (Ed.) “WCFFL22 Proceedings”. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2003.p. 70-94.

- BEHLAU, M. “Voz: o livro do especialista”. Vol. 1. Rio de Janeiro: REVINTER, 2001.
- BENAYON, A. “Aquisição das Fricativas no Português Brasileiro: Propriedades Distribucionais e Variação”. 138f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- BRESCANCINI, C. “Sobre o efeito dos fatores estruturais na generalização de resultados: a elevação da vogal postônica em dados do Varsul”. *Fórum Linguístico*. Florianópolis. n. 5, v. 1, p. 47-61, jan-jun, 2008.
- BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org.). “Fonologia e variação: recortes do português brasileiro”. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- BISOL, L. “Harmonização vocálica: uma regra variável”. 1981. 332f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- _____. “A neutralização das átonas”. *Revista D.E.L.T.A.*, v. 19, n.2, p. 267-276, 2003.
- _____. (Org.) “Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro”. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 171-206.
- _____. MAGALHÃES, J. S. de. “A redução vocálica no Português Brasileiro: avaliação via restrições”. *Revista da ABRALIN*, v. 3, n. 1 e 2, p. 195-216, 2004.
- BYBEE, J. “Regular morphology and the lexicon”. *Language and Cognitive Process*. v. 10, n. 5, p. 425- 455, 1995.
- _____. The phonology of the lexicon: evidence from lexical diffusion. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. (Ed.). “Usage-based models of language”. Stanford: CSLI Publications, 2000. P.65-85.
- _____. “Phonology and Language Use”. Cambridge: Cambridge University Press. 23, p. 30-87, 2001.
- _____. Frequency effects on French liaison. In: BYBEE, J. L.; HOPPER, P. (Ed.), “Frequency and the emergence of linguistic structure”. Philadelphia: John Benjamins, 2001. p. 337-359.

_____. “Phonological evidence for exemplar storage of multiword sequences”. *Studies in Second Language Acquisition*. v. 24, n. 2, p. 215-222, 2002.

_____. “Phonology and language use. Cambridge”. Cambridge University Press, 2003.

BONILHA, G. F. G. “Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da Teoria da Otimidade”. 2000, 229 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2000.

_____. Sobre a aquisição das vogais. In: LAMPRECHT, R. “Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia”. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

_____. “Aquisição fonológica do português brasileiro: uma abordagem conexionista da teoria da otimidade”. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____. “Variação na aquisição fonológica: uma abordagem da Teoria da Otimidade Conexionista”. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, n. 18, p. 62-76. 1º semestre de 2006.

BOYSSON-BARDIES, B. de; SAGART, L.; DURAND, C. “Discernible differences in the babbling of infants according to target language”. *Journal of Child Language*, n. 11, 1984.

BOYSSON-BARDIES, B., HALLE, P., SAGART, L.; DURAND, C. “A cross-linguistic investigation of vowel formants in babbling”. *Journal of Child Language*, v. 16, p. 1–17, 1989.

BOYSSON-BARDIES, B.; VIHMAN, M. M. “Adaptation to language: Evidence from babbling and first words in four languages”. *Language*, v. 67. p. 297-319, 1991.

BROWN, R. Introduction. In: SNOW, C.; FERGUSON, C. “Talking to children: language input and acquisition”. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 1-27.

CAGLIARI, L. C. “Análise fonológica: com especial destaque para o modelo fonêmico”. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

CAHILL, L. “Why sex matters for neuroscience”. *Nat Rev Neurosci*. v.7, n. 6, p. 477-84, 2006.

CALLOU, D.; LEITE, Y. “Iniciação à fonética e à fonologia”. vol. 8. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2001.

CÂMARA JR., J. M. “Estrutura da língua portuguesa”. Vol. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

- _____. “História da linguística”. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____. “Estrutura da língua portuguesa”. Ed. 8. Petrópolis: Vozes, 1977a.
- _____. “Para o estudo da fonêmica portuguesa”. Ed. 2. Rio de Janeiro: Padrão, 1977b.
- _____. “Problemas de linguística descritiva”. Ed 9. Petrópolis: Vozes, 1979.
- _____. “Dicionário de Linguística e gramática: referente à língua portuguesa”. Ed. 13. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CARNIATO, M. C. “A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar”. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2000.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. “Dialectology”. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- CHAMBERS, J. “Dialect acquisition. *Language*”. v. 68, p. 673-705, 1995.
- CHAMBERS, J. Acquisition of phonological variants. In: THOMAS, A; BALL, M. (Ed.). “Methods in Dialectology”. Clevedon: Multiling Matters, 1988. p. 650-665.
- CHAMBERS, J. K. “Dialect acquisition”. *Language*. v. 68, p. 673-705, 1992.
- CHAMBERS, J. K. “Sociolinguistic theory”. Oxford: Blackwell, 2003.
- CHEN, L-M.; KENT, R. D. “Segmental production in Mandarin-learning infants”. *Journal of Child Language*. v. 37, p. 341-371, 2010.
- CHOMSKY, N. “Aspects of the theory of syntax”. Massachus: MIT Press, 1965.
- _____. Conditions on transformations. In: ANDERSON, S. R.; KIPARSKY, P. (Ed.) “A festschrift for Morris Halle”. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1973. p. 232–286.
- _____. “Reflections on Language”. New York: Pantheon, 1975. p. 269.
- _____. “Lectures on government and binding”. Dordrecht: Foris, 1981.
- _____. “Knowledge of language: its nature, origin and use”. New York: Prager, 1986.
- _____. The Minimalist Program. Cambridge, Mass: MIT Press. Traduzido por RAPOSO E. P. “O Programa Minimalista. Lisboa: Caminho, 1999.

CLEMENTS, G. N. The geometry of phonological features. *Phonology Yearbook* 2, 1985, p. 225-252.

_____. Place of articulation in consonants and vowels. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory*, n. 5, p. 37-76, 1991.

_____. and Elizabeth V. Hume. The internal organization of speech sounds . 1995, 245-306.

COLLISCHONN, G.; BISOL, L. (Org.) “Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro”. Ed. 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

CRISTÓFARO-SILVA, T. “Fonética e fonologia do português”. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. “Dicionário de fonética e fonologia”. São Paulo: Contexto, 2011.

CRISTÓFARO-SILVA, T. (2002) descartando fonemas: a representação mental na Fonologia de Uso. In: “Teoria Linguística: Fonologia e outros temas”. Demerval da Hora & Gisela Collischonn (org.). Ed. Universitária. UFPB. p. 200-231.

CUNHA, Maria. M. M., de O. Variação acústica das vogais orais de crianças do português europeu. 2011. 47fls. Dissertação (Mestrado em Ciências da Fala e da Audição) – Universidade de Aveiro, Portugal, 2011.

DE BOER, B. “Self-organization in vowel systems”. *Journal of Phonetics*. v. 28, n. 4, p. 441-465. 2000. Capturado em: http://www.ai.rug.nl/~bart/Bart_JOP.pdf. Set. 2012.

_____. “The origins of vowel systems”. New York: Oxford University Press, 2001.

_____. Emergence of vowel systems through self-organization *AI Communications*. v.13, p. 27-39, 2000. Capturado em: <http://www.ai.rug.nl/~bart/AIComm.pdf>. Set. 2012.

DELGADO-MARTINS, M. R. Análise acústica das vogais tónicas do português. In: *Boletim de Filologia*, Tomo XXII, n. 3/4, p. 303-314. Lisboa. 1974 - Republicado em DELGADO-MARTINS, M. R. “Fonética do Português. Trinta Anos de Investigação”. Lisboa: Editorial Caminho, 2002. p. 41-52.

DÍAZ-CAMPOS, M. Aquisitivo of sociolinguistic variables in Spanish: do children acquire individual lexical forms or variable rules? In Face, T. (Ed.), “Laboratory approaches to Spanish phonology”. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. P.221-236.

_____. (2011). Becoming a member of the speech community: Learning Socio-Phonetic Variation in Child Language. "The handbook of Hispanic Sociolinguistics". Edited by Manuel Díaz-Campos. Blackwell Publishing Ltd. p. 263-282.

_____. The emergence of adult-like command of sociolinguistic variables: a study of consonant weakening in Spanish-speaking children. In: EDDINGTON, D. (Ed.). "Selected proceedings of the 6th conference on the acquisition of Spanish and Portuguese as first and second Languages". Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2005. p. 56-65.

DOCHERTY, G.; FOULKES, P. "The emergence of structured variation in the speech of Tyneside infants". *ESRC report*. R000237417. University of Newcastle, 2002.

DOCHERTY, G. et al. "On the scope of phonological learning: issues arising from socially-structured variation". In: GOLDSTEIN, L.; WHALEN, D. H.; BEST, C. T. (Ed.). *Laboratory Phonology*. v. 8. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. p. 393-421.

DRESHER, B. E. "The Contrastive Hierarchy in Phonology". In: HALL, D. C. (Ed.) *Toronto Working Papers in Linguistics (Special Issue on Contrast in Phonology)*, Toronto, v. 20, p. 47-62, 2003a.

DRESHER, B. E. Contrast and asymmetries in inventories. In: DI SCIULLO, Anna-Maria (Ed.) "Asymmetry in Grammar, v. 2: Morphology, Phonology, and Acquisition". Amsterdam: John Benjamins, 2003b. p. 239-257.

_____. "The Contrastive Hierarchy in Phonology". University of Toronto. (no prelo)

ECKERT, P. "Adolescent social structure and the spread of linguistic change". *Language in society*. v.17, n.2, p.183- 20. New York: Cambridge University Press, jun. 1988.

ECKERT, P. "Linguistic variation as social practice". Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. "Language and gender". Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ESCUADERO, P.; BOERSMA, P.; RAUBER, A. S.; BION, R. A. H. "A cross dialect acoustic description of vowels: Brazilian and European Portuguese". In: *Journal Acoustic Society of America*, v.126, p. 1379-1393, September 2009.

FAGOT, B. "The child's expectations of differences in adult male and female interaction". *Sex Roles*. v. 11, p. 593-600, 1984.

FAGOT, B.; LEINBACH, M. D. "The young child's gender schema: Environmental input, internal organization". *Child Development*, v. 60, p. 663-672, 1989.

FAGOT, B. A.; HAGAN, R. "Observations of parental reactions to sex-stereotyped behaviors: Age and sex effects". *Child Development*. v. 62, p. 617-628, 1991.

FANT, G. "Acoustic theory of speech production". Paris: Mouton, 1970.

FANT, G. "A note on vocal tract size factors and no uniform F-pattern scalings". *Speech Transmission Laboratory Quarterly Progress & Status Reports*, v. 4, p. 22-30, 1975.

FASOLD, R. W. (1991) 'The quiet demise of variable rules', *American Speech*, 66: P. 3-21.

FERGUSON, C. A.; FARWELL, C. B. "Words and sounds in early language acquisition". *Language*. v.51, 419-439, 1975.

FISHER, J. "Social influence of a linguistic variant". *Word*. v. 14, p. 47-56, 1958.

FLETCHER, P.; MacWHINNEY, B. "Compêndio da Linguagem da Criança". Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FOULKES, P. "Phonological variation in child-directed speech". University of York: UK.1999.

FOULKES, P.; DOCHERTY, G.; WATT, D. "Tracking the emergence of sociophonetic variation". *Proceedings of the 14th International Congress of Phonetic Sciences*. University of California, Berkeley, 1999. P.1625-1628.

FOULKES, P.; DOCHERTY, G.; WATT, D. "Phonological Variation and Change in Contemporary Spoken British English". *Full report to the ESRC, project R00237417*, 2002.

FOULKES, P.; DOCHERTY, G.; WATT, D. "The emergence of structured variation". *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*. 73, p. 67-84, 2001.

FOULKES, P.; DOCHERTY, G.; WATT, D. "Phonological variation in child-directed speech". *Language*. v. 81, n. 1, p. 177-206, 2005.

FOULKES, P. Phonological variation: a global perspective. In: AARTS, B.; McMAHON, A. (Ed.). "The handbook of English linguistics". Malden: Blackwell, 2006. p. 625-669.

FOULKES, P.; DOCHERTY, G. "The social life of phonetics and phonology". *Journal of Phonetics*. v. 34, n.4, p. 409-438, 2006.

FOULKES, P. et al. Sociophonetics. In: HARDCASTLE, W. et al (Ed.). *The handbook of Phonetic Sciences*. 2. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

FROSI, V.; MIORANZA, C. "Dialeto italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul". Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

GALEAZZI, Z. "Vista Alegre do Prata, sua gente e sua história". Casca: Prefeitura Municipal de Vista Alegre do Prata SMEC: Hoje Edições, 2004.

GIERUT, J. A.; DINNSEN, D. A. "On word-initial voicing: Converging sources of evidence in phonologically disordered speech". *Language and Speech*. v. 29, p. 97-114, 1986.

GOMES, C.; CRISTÓFARO-SILVA, T. (2004). "Variação linguística: antiga questão e novas perspectivas". XV Encontro Nacional da ANPOLL: Maceió, 2004.

GOMES, Christina. "Aquisição do tipo silábico CV (r) no português brasileiro". *Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, n.18, p. 11-28, 1º sem., 2006.

_____. Variação linguística e aquisição de onset complexo no PB. In: MOLLICA, M.C. (Org). "Usos da Linguagem e sua relação com a mente humana". Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

_____. Aquisição da variação estruturada: uma nova perspectiva de pesquisa. In: VOTRE, S.; RONCARI, C. (Org.) "A. J. Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica". Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008, p. 107-112.

GONÇALVES, F. G.; BRUM-DE-PAULA, M. R. "Harmonia vocálica e aquisição da linguagem". *III SIS Vogais*. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

GONÇALVES, F. G.; BRUM-DE-PAULA, M. R. "A aquisição da linguagem e harmonia vocálica: uma análise via Teoria da Otimidade". *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 47, n. 3, p. 333-341, jul. /set. 2012.

GUY, G.; BOYD, S. "The development of a morphological class". *Language variation and change*. v.2, p. 1-18, 1990.

GUY, G. R. Variation and Phonological theory. In: BAYLEY, Robert; LUCAS, Ceil (Ed.) "Sociolinguistic Variation". Cambridge, New York: Cambridge, 2007. p. 5-23.

HAZEN, K. 'The study of variation in historical perspective', in R. Bayley and C. Lucas (eds), *Sociolinguistic Variation*. New York: Cambridge University Press, 2007b, p. 70–89.

HOFF, E.; NAIGLES, L. "How children use input to acquire a lexicon". *Child Development*, v. 73, n. 2, p. 418-433, 2002.

HOFF, E. "Language development" (3rd ed.). Florida, United States: Wadsworth, 2005.

INGRAM, D. "First language acquisition". Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

_____. Early phonological acquisition: A crosslinguistic perspective. In: FERGUSON, C. A.; MENN, L.; STOEL-GAMMON, C. (Ed.). "Phonological development: models, research, implications". Timonium, MD: York Press, 1992.

JOHNSON, D. E. "Getting off the GoldVarb Standard: Introducing Rbrul for Mixed-Effects Variable Rule Analysis". *Language and Linguistics Compass*. v. 2, p. 359-383, 2008.

_____. "Rbrul Manual". Capturado em: http://www.danielezrajohnson.com/Rbrul_manual.html. Set. de 2012.

KENT, R. D.; READ, C. *The Acoustic Analysis of Speech*. Singular Publishing Group, 1992.

KERSWILL, P. "Children, adolescents, and language change". *Language Variation and Change*. v. 8, p. 177-202, 1996.

KERSWILL, P.; WILLIAMS, A. "Creating a new town koine: children and language change in Milton Keynes". *Reading Working Papers in Linguistics*. v.3, p. 205-258, 1997.

KICKHOFEL, J. R. et al. "Os fonemas vocálicos do português brasileiro: evidências da aquisição da linguagem". *Anais do 5º Encontro do Celsul*, Curitiba: PR, p. 692-698, 2003.

KOVAK, C.; ADAMSON, H. Variation theory and first language acquisition. In: SANKOFF, D.; CEDERGREN, H. (Ed.). "Variation Omnibus". Edmonton, Alberta: Linguistic Research, 1981. p. 403-410.

LABOV, W. Stages in the acquisition of Standard English. In: SHUY, R. (Ed.) "Social Dialects and Language Learning. Champaign" IL. National Council of Teachers of English, 1964. p. 77-103.

_____. "The social stratification of English in New York City". Washington DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. "Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula". *Language*. v. 45, n. 4, p. 715-762, 1969.

_____. "Sociolinguistic patterns". Oxford: Blackwell, 1972.

_____. "Le parler ordinaire: la langue dans les ghettos noirs des États-Unis". Paris: Editions de Minuit, 1978.

_____. The social origins of sound change. In: _____. (ed.) "Locating Language in Time and Space". New York: Academic Press, 1980. p. 251-266.

_____. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.) "Perspectives on Historical Linguistics". Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

_____. "The child as linguistic historian". *Language Variation and Change*. v. 1, p. 85-97. 1989.

_____. "The intersection of sex and social class in the course of linguistic change". *Language Variation and Change*. v. 2, p. 205-254, 1990.

_____. "Principles of linguistic change: internal factors". Oxford/Cambridge-USA, Blackwell Publishers. Vol. 1, 1994.

_____. "Principles of linguistic change". Oxford: Blackwell, Vol. 2, 2001.

_____. "Some observations on the foundation of Linguistics". 2004. Capturado em: <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/Foundations.html>. Set. 2011.

_____. "The social stratification of English in New York City". Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LABOV, W.; ROBERTS, R. "Learning to talk Philadelphian". *Language Variation and Change*. v. 7, p. 101–122, 1995.

LADEGAARD, H. J.; BLESES, D. "Gender differences in young children's speech: the acquisition of sociolinguist competence". *International Journal of Applied Linguistics*. v. 13, n. 2, p. 222-233, 2003.

LADEFOGED, P. "Three areas of experimental phonetics". London: Oxford University Press, 1967.

_____. "A note on Information conveyed by vowels". *The Journal of the Acoustical Society of America*. v. 85, p. 2223-2224, 1989.

_____. "Elements of Acoustic Phonetics". Ed.2. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. "The Sounds of the World's Languages". Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

LADEFOGED, P.; BROADBENT, D. "Information conveyed by vowels". *Journal of the Acoustical society of America*. 29, 98-104, 1957.

LADEFOGED, P. "A course in phonetics". Ed. 5. Boston: Thomson Wadsworth, 2006.

LAMPRECHT, R. "Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia". Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

LANGACKER, R. W. "Foundations of cognitive grammar". Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. A usage-based model. In: RUDZKA-OSTYN, B. (Ed.). "Topics in cognitive linguistics". Amsterdam: Benjamins, 1988. p. 127-161.

LINDBLOM, B. Phonetic universals in vowel systems. In: OHALA, J. J.; GAEGGER, J. J. (Ed.). "Experimental phonology". Orlando: Academic Press, 1986. p. 13-44.

_____. Explaining phonetic variation: a sketch of H&H theory. In: HARDCASTLE, W.J.; MARCHAL, A. (Ed). "Speech production and speech modeling". Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1990, p. 403-40.

- LEE, S.; POTAMIANOS, A.; NARAYANAN, S. “Acoustics of children’s speech: Developmental changes of temporal and spectral parameters”. *The Journal of the Acoustical Society of America*. v. 105, p. 1455–1468, 1999.
- LEE, S. H. “Mid Vowel Alternations in Verbal Stems in Brazilian Portuguese”. *Journal of Portuguese Linguistics*. Lisboa, v. 2, n. 2, p. 87-100, 2003.
- _____. “Contraste das Vogais do PB”. *Portuguese-Brazilian Studies*. v. 5, p. 201-221, 2008.
- _____. OLIVEIRA, M. A. de. Variação intra e inter-dialetal no português brasileiro. In: HORA, D.; COLLISCHONN, G (Org.). “Teoria Linguística: fonologia e outros temas”. João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 2003. p. 67-91.
- LEE, S. A.S; DAVIS, B; MACNEILAGE, P. “Universal production patterns and ambient language influences in babbling: A cross-linguistic study of Korean- and English-learning infants”. *Journal of Child Language*. v. 37, p. 293–318, 2010.
- LIGHTFOOT, D. “The language lottery: toward a biology of grammars”. Cambridge, Massachusetts, London, England: The MIT Press, 1984.
- LIGHTFOOT, D. “The Development of Language: acquisition, change and evolution”. Oxford: Blackwell, 1998.
- LOCAL, J.K. “How many vowels in a vowel?” *Journal of Child Language*. v. 10, p. 449-453, 1983.
- LOCKE, J. L. “Phonological acquisition and change”. New York: Academic Press, 1983.
- LUCCHESI, D. “Sistema, Mudança e Linguagem”. São Paulo: Parábola, 2004.
- LYONS, J. “Linguagem e Linguística”. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.
- OPPLIGER-PINTO, M. “Variação formântica das vogais /a/ e /i/: um estudo do português porto-alegrense”. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- MCCARTHY, J.; PRINCE, A. Faithfulness and reduplicative identity in Prosodic Morphology. In: BECKMAN, J.N.; URBANCZYK, S.; DICKNEY, L.W. (Ed.) “Paper sin Optimality Theory”. Amherst, MA: GLSA, 1995. p. 249-384.

MCMAHON, M. S. Lexical Phonology and Sound Change: The Case of the Scottish Vowel Length Rule. *Journal of Linguistics*. v. 27, n. 1 (Mar., 1991), p.29-53. Cambridge University Press. Capturado em: <http://www.jstor.org/stable/4176091>. Dez. 2009.

MACWHINNEY, B. “Models of the Emergence of Language”. *Annual Review of Psychology*. v. 49, p. 199-227, 1998.

_____. Language Emergence. In: BURMEISTER, P.; PISKE, T.; ROHDE, A (Ed.). “An Integrated View of Language Development: Papers in Honor of Henning Wode”. Trier: Wissenschaftliche Verlag, 2002. p. 17-42.

_____. “A Multiple Process Solution to the Logical Problem of Language Acquisition”. *Journal of Child Language*. v. 31, p. 883-914, 2004.

_____. The Emergence of Grammar from Perspective. In: PECHER, D.; ZWAAN, R. (Ed.) “Grounding Cognition: The Role of Perception and Action in Memory, Language and Thinking”. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2005, p. 198-223.

MADDIESON, I. “Patterns of sounds”. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

MAGALHÃES, Mário Osório. Opulência e cultura Na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Editora da UFPEL e Livraria Mundial, 1993.

MALLMANN, D. O. “A elevação das vogais médias átonas finais no português falado em Santo Ângelo (RS) ”. 2001. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

MATZENAUER, C. L.; MIRANDA, A.R.M. “As vogais médias do PB: uma discussão sobre as coronais em sequências vocálicas”. *Alfa*, São Paulo, v. 52, n. 2, p. 289-309, 2008.

MATZENAUER, C.; MIRANDA, A. R. Traços distintivos e a aquisição das vogais no PB. In: HORA, D. (Org.). “Vogais: no ponto oriental das Américas”. João Pessoa: Ideal, 2009.

MATZENAUER, C.L.B. “Aquisição das vogais do PB e tipologias de línguas”. *II SIS-Vogais*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

_____. Aquisição das vogais do PB e tipologias de línguas. In: LEE, S. (Org.). “Vogais além de Belo Horizonte”. UFMG, 2012.

MEILLET, A. “Linguistique Historique et Linguistique Général”. Vol. 2. Paris: Klincksieck, 1951.

MEIRELLES, V. A. G. “Características acústicas das vogais do português gaúcho”. Comunicação apresentada no XV Congreso de la Asociación de Linguística y Filología de América Latina. Montevideú, 2008.

_____. “Elementos de fonética do português falado no Rio Grande do Sul”. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

MENEZES, V. “Aquisição da Variação da Líquida Não-lateral em Coda no Português Brasileiro”. 2012. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MILESKI, I. “A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS”. 2012, 150 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MILROY, L. Social networks. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. (Eds.) “The Handbook of Language Variation and Change”. Malden/Oxford: Blackwell, 2002, p. 549-572.

MIRANDA, I. C. C. “Aquisição e variação estruturada de encontros consonantais tautossilábicos”. 2006. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

MORAES, J.; CALLOU, D.; LEITE, Y. O sistema vocálico do português do Brasil: caracterização acústica. In: KATO, M. A. (Org.). “Gramática do português falado”. Vol. 4: Convergências. Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996, p. 33-53.

MUNSON, B., EDWARDS, J., BECKMANN, M. **Phonological Knowledge in Typical and Atypical Speech-Sound Development**. Topics in language Disorders, 25, n. 3, p. 190-206, 2005.

NARO, A. J. “Estudos diacrônicos”. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

NELSON, K. E. “Facilitating children's syntax acquisition”. *Developmental Psychology*. v. 13, p. 101-107, 1977.

- NELSON, K. "Language in cognitive development". New York: Cambridge University Press, 1996.
- NEVES, M. H. M. "A gramática funcional". São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEWPORT, E. L. Motherese: The speech of mothers to young children. In N. J. Castellan, D. B. Pisoni, & G.R. Potts (Eds.) "Cognitive theory" Vol. 2. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1977.
- NEWPORT, E. L.; GLEITMAN, H.; GLEITMAN, L. R. Mother, I would rather do it myself: Some effects and non-effects of maternal speech style. In: C. S. Snow & C. A. Ferguson (Eds) "Talking to children: Language input and acquisition". Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 1977, p. 109-149.
- NINIO, A.; BRUNER, J. "The achievement and antecedents of labeling". *Journal of Child Language*. v. 5, p. 1-15, 1978.
- NINIO, A.; SNOW, C. Language acquisition through language use: The functional sources of children's early utterances. In: LEVY, Y.; SCHLESINGER, I.; BRAINE, M.D.S. (Ed.). "Categories and Processes in Language acquisition". Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1988, p. 1-17.
- OCHS, E. "Culture and language development: language acquisition and language socialization in a Samoan village". Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- OCHS, E.; SCHIEFFELIN, B. O impacto da socialização da linguagem no desenvolvimento gramatical. In: FLETCHER, P., MACWHINNEY, B. "Compêndio da linguagem da criança". Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- OLIVEIRA, M. A. de; LEE, S. H. "Teoria Fonológica e Variação Linguística". *Estudos da Linguagem*, Vitória da Conquista, n.3, p. 41-67, 2006.
- OLIVEIRA, A. J. de. "Análise quantitativa no estudo da variação linguística: noções de estatística e análise comparativa entre Varbrul e SPSS". *Revista de Estudos da Linguagem. Faculdade de Letras da UFMG*. Belo Horizonte, v.17, n.2, p.93-119, jul/dez, 2009.
- OLIVEIRA, A. J. de. Métodos de análise quantitativa. In: _____. "Comendo o final das palavras: análise variacionista da haplogia, elisão e apócope em Itaúna/MG". 2012. 296f.Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012, p.103-122.
- OTOMO; STOEL-GAMMON. "J Speech Hear". *Res*. v. 35, p. 604-616, 1992.

PIERREHUMBERT, J. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition, and contrast In BYBEE J.; HOPPER, P. (Ed.) "Frequency effects and the emergence of lexical structure". John Benjamins, Amsterdam, 2001, p. 137-157.

_____. Word-specific phonetics. In: WARNER, N.; GUSSENHOVEN, C. (Ed.). "Laboratory Phonology VII". Berlin: Mouton de Gruyter, 2002, p.101-139.

_____. "Phonetic diversity, statistical learning, and acquisition of phonology". *Language and Speech*. v. 46, n.2 e 3, p. 115-154, 2003.

_____. "The next toolkit". *Journal of Phonetics*. v. 34, p. 516-530, 2006.

PINKER, S. "O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem". Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Central Ir. José Otão. Modelo para apresentação de trabalhos acadêmicos, teses e dissertações elaborado pela Biblioteca Central Irmão José Otão. 2011. Capturado em: [www.pucrs.br/biblioteca/trabalhos academicos](http://www.pucrs.br/biblioteca/trabalhos_academicos). Set. 2013.

PRESTON, D.R; NIEDIEZILSKI, N. Introduction: Sociophonetics studies of language variety production and perception. In: _____. (Ed.). "A reader in sociophonetics". New York: Walter de Gruyter, 201, p. 1-15.

RANGEL, G. A. "Aquisição do sistema vocálico do português brasileiro". 2002. 169 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdades de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

_____. As substituições no processo de aquisição fonológica das vogais em PB. In: BONILHA, G. F.G.; KESKE-SOARES, M. "Estudos em aquisição fonológica". Santa Maria: UFSM, PPGL Editores, Vol. 1, 2007.

ROBERTS, J. "Acquisition of variable rules: (-t, d) deletion and (ing) production in preschool children". Ph.D. dissertation, University of Pennsylvania, Philadelphia, 1994.

_____. "Acquisition of variable rules: a study of (-t, -d) deletion in preschool children". *Journal of Child Language*. v. 24, p. 351-72, 1997.

_____. Child Language Variation. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING, N (Org.). “The Handbook of Language Variation and Change”. Blackwell Publishing, 2002.

ROMAINE, S. “Language in society: an introduction to sociolinguistics”. London: Blackwell, 1994.

ROSA, J. G, CALEGARO, M. M. “Homens e mulheres: afinal somos iguais ou diferentes? ” *Rev Divulgação Técnico-Científica do ICPG*. v. 1, n. 4, p. 77-81, 2004.

ROVEDA, S. D. “Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: português e italiano”. 1998. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANKOFF, D. Variable rules. In: AMMON, U; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. J. (eds.) “Sociolinguistics - An international handbook of the science of language and society”. Berlin/New York, Walter de Gruyter, 1988, p.984-998.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. G. L. “A multivariate analysis application”. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2012.

SCHERRE, M. M. P. “Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista”. *Tabuleiro de Letras*. n. 4, jun. 2012.

SCOBBI, J. M, GIBBON, F.; HARDCASTLE, W.J, FLETCHER, P. “Covert contrast as a stage in the acquisition of phonetics and phonology”. In: Broe M, Pierrehumbert J editors. *Papers in Laboratory Phonology V: Language Acquisition and the lexicon*. v. 1, n. 5, p. 194-207, 2000.

SILVA, S. M. “Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS”. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA, R. O. “Características acústicas e articulatórias das vogais postônicas na variedade do português brasileiro”. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SLOBIN, D. I. Cognitive pre-requisites from the development of grammar. In: FERGUSON, C.A.; SLOBIN, D.I. (Eds.). “Studies of child language development”. New York: Holf, Rinehart e Winston, 1973.

SMITH, A.; GOFFMAN, L. Interaction of motor and language factors in the development of speech. In: MAASSEN, B. et al. (Ed.). "Speech motor control in normal and disordered speech". Oxford, England: Oxford University Press, 2004. p. 227–252.

SCHMITT, C. J. "Redução vocálica postônica e estrutura prosódica". 1987. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SCHWARTZ, J.L et al. "The dispersion focalization theory of vowel systems". *Journal of Phonetics*, n. 25, 1997.

SMOLENSKY, P. "The initial state and 'Richness of the Base' in Optimality Theory". Technical Report, Johns Hopkins University, Baltimore, 1996.

SNOW, C. E. "Mothers speech to children learning language". *Child Development*. p. 549-565, 1972.

_____. "The development of conversation between mothers and babies". *Journal of Child Language*. v. 4, p. 1-22, 1977.

_____. "Literacy and language: relationships during the preschool years". *Harvard Educational Review*. v. 53, n. 2, 165-189, 1983.

_____. "Understanding social interaction and language acquisition; sentences are not enough". Em M. H Bornstein & J. S. Bruner (Orgs.), *Interaction in human development*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Hillsdale, 1989, p. 83-103.

_____. Issues in the study of input: fine tuning, universality, individual and developmental differences and necessary causes. In: FLETCHER, P.; MACWHINNEY, B. (Eds.). "The handbook of child language". Oxford, Cambridge: Blackwell. 1995, p.180-193.

SOSA, A.V.; STOEL-GAMMON C. "Patterns of intra-word phonological variability during the second year of life". *Journal of Child Language*. v.33, p.31-50, 2006.

STOEL-GAMMON, C. "Baby-talk in brazilian Portuguese". *Papers and Reports in Child Language Development*. Stanford University, v. 14, p. 83-88, may. 1976.

STOEL-GAMMON, C.; COOPER, P. "Patterns of Early Lexical and Phonological Development". *Journal of Child Language*, v.11, p. 247-271, 1984.

_____. “Phonetic Inventories, 15-24 Months: A Longitudinal Study”. *J Speech Hear Res.* v. 28, p.505-512, 1985.

TAGLIAMONTE, S. A. “Analyzing Sociolinguistic Variation”. New York: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, F. “Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa”. São Paulo: Ática, 1990.

TARALLO, F. “A pesquisa Sociolinguística”. Ed. 4. São Paulo: Ática, 1994.

THOMAS, E. The Place of Sociophonetics. In: _____. “Sociophonetics an introduction”. New York: Palgrave Macmillian, 2011, p. 1-16.

TOMASELLO, M. Joint attention as social cognition. In: MOORE, C.; DUNHAM, P. (Ed.). “Joint attention: Its origins and role in development”. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1995a, p. 103-130.

_____. “The Cultural Origins of Human Cognition”. Harvard University Press, 1999.

_____. Perceiving intentions and learning words in the second year of life. In: r in BOWERMAN, M.; LEVINSON, S. (Ed.). “Language acquisition and conceptual development”. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 132-158.

_____. “Constructing a Language. A Usage Based Theory of Language Acquisition”. Harvard University Press, London, UK, 2003.

_____. “Beyond formalities: the case of language acquisition”. *The Linguistic Review*, v. 22, 2005, p. 183-197.

_____. Acquiring linguistic constructions. In: KUHN, D.; SIEGLER, R. S. (Ed.). “Handbook of child psychology”. Vol. 2. Cognition, perception, and language. Ed. 6. New York: Wiley, 2006. p. 255-298.

_____. “If they’re so good at Grammar, then why don’t they talk? Hints from apes and humans use of gestures”. *Language Learning and Development*. v. 3, n. 2, p. 133-156, 2007.

_____.; STAHL, D. “Sampling children’s spontaneous speech: how much is enough?” *Journal of Child Language*. Cambridge University. Press. v. 31, p. 101-121, 2004.

TRUDGILL, P. Linguistic accommodation: Sociolinguistic observations on a sociopsychological theory. In: HENDRICK, R.; MASEK, C.; MILLER, M.F. (Ed.). "Papers from the Parasession on Language and Behavior". Chicago: Chicago Linguistics Society, 1981. p. 218–237.

_____. "Sociolinguistic Variation and Change". Edinburgh: Edinburgh University Press, 2002.

VELLINHO, Moisés. *Aparas do tempo*. Porto Alegre: Cia. União de Seguros Gerais, 1981.

_____. *Capitania d'El rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1970.

VIEIRA, M. J. B. "Neutralização das vogais médias postônicas". 1994. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

_____. "Aspectos do sistema vocálico do português". 1997. 181f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

_____. *As vogais médias postônicas: uma análise variacionista*. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org.). "Fonologia e variação: recortes do português brasileiro". Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 127-159.

_____. *As vogais médias átonas no sul do Brasil*. In: MARÇALO M. J. et al. (Ed.). "Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas". Évora: Universidade de Évora, 2010. Capturado em: <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg5/01.pdf>. Out. 2012.

VIHMAN, M. M.; FERGUSON, C. A.; ELBERT, M. "Phonological development from babbling to speech: Common tendencies and individual differences". *Applied Psycholinguistics*. v. 7, p. 3-40, 1986.

VIHMAN, M.M. "Variable paths to early word production". *Journal of Phonetics*. v. 21, p.61-82, 1993.

VIHMAN, M.M. "Phonological Development". Oxford: Blackwell, 1996.

VIHMAN, M.; SHELLEY, V. *Phonetics and the origins of phonology*. In: BURTON-ROBERTS, N.; CARR, P.; DOCHERTY, G. (Ed.). "Phonological knowledge: conceptual and empirical issues". Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 305-339.

VIHMAN, M.; SARI, K. "The sources of phonological knowledge: A Cross-linguistic perspective". *Recherches Linguistiques de Vincennes*. v 35, p. 133-164, 2006.

VILA, I. Aquisição da Linguagem. In: COLL, C. et al. "Desenvolvimento psicológico e educação". Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 69-80.

VORPERIAN, H.K.; KENT, R. D. "Magnetic resonance imaging procedures to study the concurrent anatomic development of vocal tract structures: preliminary results". *International Journal of Pediatric Otorhinolaryngology*, v.49, p. 197-206, 1999.

VORPERIAN, H. K. **Anatomic development of the vocal tract structures as visualized** by MRI. Unpublished doctoral dissertation: University of Wisconsin Madison, 2000.

_____.; KENT, R. D. "Vowel acoustic space development in children: A synthesis of acoustic and anatomic data". *Speech Lang. Hear. Res.* v.50, p. 1510-1545, 2007.

VOTRE, S.; RONCARI, C. (Org.). "Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica". Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

_____. et al. "MRI procedures to study the concurrent anatomic development of the vocal tract structures: Preliminary results". *International Journal of Pediatric Otorhinolaryngology*. v. 49, p. 197-206, 1999.

WEINREICH, U.; LABOV, W; HERZOG, M. Empirical foundations of a theory of language change. In: W. Lehmann and Y. Malkiel (Ed.) "Directions for Historical Linguistics". Austin: University of Texas Press, 1968.

WETZELS, W. L. "Harmonização Vocálica, Truncamento, Abaixamento e Neutralização no Sistema Verbal do Português: Uma Análise Auto-Segmental". *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 23, p. 25-58, 1991.

_____. "Mid vowel neutralization in brazilian portuguese". *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas, n. 23, p. 19-55, jul-dez. 1992.

WEISMER, G.; DINNSEN, D. A.; ELBERT, M. "A study of the voicing distinction associated with omitted, word-final stops". *Journal of Speech and Hearing Disorders*. v. 46, p.320-328, 1981.

WHINNEY, B. C. "Compêndio da linguagem da criança". Porto Alegre: Artmed, 1997, p. 277-295.

YAVAS, M. “Padrões na aquisição da fonologia do português”. Porto Alegre: PUCRS. *Letras de Hoje*, v.23, n.3, p.7-30, 1988.

YAVAS, M; HERNANDORENA, C.; LAMPRECHT, R. “Avaliação fonológica da criança”. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do Projeto: “O COMPORTAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS FINAIS: UMA INTERFACE ENTRE AQUISIÇÃO E VARIAÇÃO”

ATENÇÃO: Este termo de consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações que você não entendeu.

Solicito a sua permissão para que seu (a) filho (a) com idade entre 1:0 e 5:0 _____ (nome da criança)

participe de uma pesquisa científica realizada pela aluna Susana Silva de Souza, sob orientação da Professora Dra. Cláudia Regina Brescancini, vinculada à Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e a sob a Co-orientação da Professora Dra. Giovana Ferreira Gonçalves, vinculada à Universidade Federal de Pelotas, como requisito à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Caso permita a participação de seu (a) filho (a), é importante que leia algumas informações sobre o estudo e sobre o papel da criança nesta pesquisa. A participação não é obrigatória e poderá ser interrompida a qualquer momento, caso o responsável pela criança julgue necessário. A saída da criança não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador ou com a instituição.

O objetivo desta pesquisa é obter maior conhecimento e compreensão sobre o processo de aquisição da linguagem, observando-se a percepção e a produção de alguns sons do português brasileiro. Pretende-se analisar especificamente as vogais médias pelas crianças na produção de determinados sons em palavras específicas. Este estudo trará contribuições à compreensão da aquisição sonora do português do Sul do Brasil.

O procedimento deste estudo consistirá na nomeação de figuras, brinquedos e leituras de histórias infantis e na interação espontânea com o cuidador. Serão realizadas sessões de, no máximo 45 minutos de gravação. Deve-se salientar que as gravações serão feitas pelo próprio cuidador da criança, já que o mesmo participará, também, desta pesquisa. A pesquisadora, sempre que possível, poderá estar presente durante as sessões.

A participação na pesquisa não acarretará gasto para você, nem para seu filho, sendo totalmente gratuita. A criança não será identificada quando o material de registro for utilizado, para propósitos de publicação científica ou educativa. No entanto, algumas informações obtidas a partir

da participação neste estudo não poderão ser mantidas estritamente confidenciais. Além dos estudiosos que estão realizando a pesquisa, agências governamentais locais e o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul poderão eventualmente consultar os registros. Ao assinar este consentimento, você autoriza o acesso aos registros do seu (sua) filho (a).

O (A) Sr (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o celular/e-mail do pesquisador responsável, e demais pesquisadores, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos!

Doutoranda: Susana Silva de Souza - Telefones: (51) 9942.7713 ou (53) 8136.0837. Endereço: Avenida Circular, 836 apto. 18 - Vila Jardim /Porto Alegre-RS - CEP: 91.320-181. E-mail: sus.work@hotmail.com

Orientadora: Dra. Claudia Regina Brescancini - Telefones: (51) 9236.1851. Trabalho PUCRS: 3320.3676. Endereço: Avenida Ipiranga, 6881- PUCRS - Porto Alegre - RS. E-mail: bresc@pucrs.br

Co-orientador: Giovana Ferreira Gonçalves - Telefones: (53) 9106.5832. Trabalho- UFPEL: (53) 3225.9544. Endereço: UFPEL- Programa de Pós-Graduação em Letras - Rua Gomes Carneiro - Sala 02, térreo - Pelotas-RS E-mail: gfgb@terra.com.br

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP - Telefone: (51) 3320.3345. Endereço: Campus Central - Av. Ipiranga, 6690 - 3º andar sala 314 CEP: 90610-000 Email: CEP@pucrs.br
www.pucrs.br/prppg/cep

Atenciosamente

Susana Silva de Souza

Matrícula: 101908499 - PUCRS

Local e data

Concordo em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Local e data

APÊNDICE A1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do Projeto: “ O COMPORTAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS FINAIS: UMA INTERFACE ENTRE AQUISIÇÃO E VARIAÇÃO”

ATENÇÃO: Este termo de consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações que você não entendeu.

Solicito a sua permissão para que seu (a) filho (a) com idade entre 6:0 e 12 _____ (nome da criança) participe de uma pesquisa científica realizada pela aluna Susana Silva de Souza, sob orientação da Professora Dra. Cláudia Regina Brescancini, vinculada à Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e a sob a Co-orientação da Professora Dra. Giovana Ferreira Gonçalves, vinculada à Universidade Federal de Pelotas, como requisito à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Caso permita a participação de seu (a) filho (a), é importante que leia algumas informações sobre o estudo e sobre o papel da criança nesta pesquisa. A participação não é obrigatória e poderá ser interrompida a qualquer momento, caso o responsável pela criança julgue necessário. A saída da criança não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador ou com a instituição.

O objetivo desta pesquisa é analisar a aquisição das vogais na fala infantil e investigar de que forma a fala do adulto obter maior conhecimento e compreensão sobre o processo de aquisição da linguagem, observando-se a percepção e a produção de alguns sons do português brasileiro. Pretende-se analisar especificamente as vogais médias pelas crianças na produção de determinados sons em palavras específicas. Este estudo trará contribuições à compreensão da aquisição sonora do português do Sul do Brasil.

O procedimento deste estudo consistirá na nomeação de figuras, brinquedos, leituras de histórias infantis e na interação espontânea com o pesquisador. Serão realizadas sessões de, no máximo 45 minutos de gravação. A fala da criança será gravada. O responsável pela criança poderá estar presente durante a entrevista.

A participação na pesquisa não acarretará gasto para você, nem para seu filho, sendo totalmente gratuita. A criança não será identificada quando o material de registro for utilizado, para propósitos de publicação científica ou educativa. No entanto, algumas informações obtidas a partir da participação neste estudo não poderão ser mantidas estritamente confidenciais. Além dos

estudiosos que estão realizando a pesquisa, agências governamentais locais e o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul poderão eventualmente consultar os registros. Ao assinar este consentimento, você autoriza o acesso aos registros do seu (sua) filho (a).

O (A) Sr (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o celular/e-mail do pesquisador responsável, e demais pesquisadores, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos!

Doutoranda: Susana Silva de Souza - Telefones: (51) 9942.7713 ou (53) 8136.0837. Endereço: Avenida Circular, 836 apto. 18 - Vila Jardim /Porto Alegre-RS - CEP: 91.320-181. E-mail: sus.work@hotmail.com

Orientadora: Dra. Claudia Regina Brescancini - Telefones: (51) 9236.1851. Trabalho PUCRS: 33203676. Endereço: Avenida Ipiranga, 6881- PUCRS - Porto Alegre - RS. E-mail: bresc@pucrs.br

Co-orientador: Giovana Ferreira Gonçalves - Telefones: (53) 91065832 Trabalho UFPEL: (53) 3225.9544. Endereço: UFPEL- Programa de Pós-Graduação em Letras - Rua Gomes Carneiro - Sala 02, térreo - Pelotas-RS. E-mail: gfgb@terra.com.br

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP - Telefone: (51) 3320.3345. Endereço: Campus Central - Av. Ipiranga, 6690 - 3º andar sala 314 CEP: 90610-000 Email: CEP@pucrs.br
www.pucrs.br/prppg/cep

Atenciosamente

Susana Silva de Souza

Local e data

Matrícula: 101908499 - PUCRS

Concordo em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

ATENÇÃO: Este termo de consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações que você não entendeu.

O (A) Sr (a)está sendo convidado (a) para participar da pesquisa **intitulada:** “O COMPORTAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS FINAIS: UMA INTERFACE ENTRE AQUISIÇÃO E VARIAÇÃO” realizada pela aluna Susana Silva de Souza, sob orientação da Professora Dra. Cláudia Regina Brescancini, vinculada à Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e a sob a Co-orientação da Professora Dra. Giovana Ferreira Gonçalves, vinculada à Universidade Federal de Pelotas, como requisito à obtenção do título de Doutora em Linguística.

O **objetivo** deste estudo é obter maior conhecimento e compreensão sobre o processo de aquisição da linguagem, observando-se a percepção e a produção de alguns sons do português brasileiro. Pretende-se analisar especificamente as vogais médias na produção de determinados sons em palavras específicas. Este estudo trará contribuições à compreensão da aquisição sonora do português do Sul do Brasil.

Sua fala será tratada de forma **anônima e confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória. Os **dados coletados** serão utilizados para propósitos de publicação científica ou educativa.

Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você pode **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador.

O procedimento deste estudo consistirá na nomeação de figuras, brinquedos e leituras de histórias infantil na sua interação espontânea com a criança. Serão realizadas sessões de, no máximo 45 minutos de gravação. Deve-se salientar que as gravações serão feitas pelo Senhor (a). A pesquisadora, sempre que possível, poderá estar presente durante as sessões.

O (A) Sr (a) não terá nenhum **custo ou quaisquer compensações financeiras**. **Não haverá riscos** de qualquer natureza relacionada a sua participação.

O (A) Sr (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o celular/e-mail do pesquisador responsável, e demais pesquisadores, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos!

Doutoranda: Susana Silva de Souza - Telefones: (51) 9942.7713 ou (53) 8424.4955. Endereço: Avenida Circular, Nº 836 apto. 18 - Vila Jardim /Porto Alegre-RS - CEP: 91.320-181. Email: sus.work@hotmail.com

Orientadora: Dra. Claudia Regina Brescancini - Telefones: (51) 92361851. Trabalho PUCRS: 33203676. Endereço: Avenida Ipiranga, 6881- PUCRS - Porto Alegre - RS. E-mail: bresc@pucrs.br

Co-orientador: Giovana Ferreira Gonçalves - Telefones: (53) 9106.5832. Trabalho- UFPEL: (53) 3225.9544. Endereço: UFPEL- Programa de Pós-Graduação em Letras - Rua Gomes Carneiro - Sala 02, térreo - Pelotas-RS. E-mail: gfgb@terra.com.br

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP - Telefone: (51) 3320.3345. Endereço: Campus Central - Av. Ipiranga, 6690 - 3º andar sala 314 CEP: 90610-000 Email: CEP@pucrs.br
www.pucrs.br/prppg/cep

Atenciosamente

Susana Silva de Souza

Local e data

Concordo em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

APÊNDICE C - Ficha social

FICHA SOCIAL

Nome:	
Endereço:	
Idade:	Sexo:
Local de Nascimento:	
Escolaridade:	
Série:	
Segunda Língua:	
Família	
Nome do Pai:	
Local de Nascimento do pai:	
Profissão do pai:	
Grau de escolaridade: Segunda Língua:	
Nome da Mãe:	
Local de nascimento da mãe:	
Profissão da mãe:	
Grau de escolaridade:	Segunda Língua:
Irmãos:	
Sexo:	
Atividades Sociais/Lazer:	

Assuntos de maior interesse:

Entrevistador: _____

Data da entrevista: ___ / ___ / ___ **Duração da entrevista:** _____

Observações gerais: _____

APÊNDICE D - Roteiro de questões para pesquisa de campo

ENTREVISTA PESSOAL**A) Questões descritivas:**

- 1) Como é a vida aqui na comunidade?
- 2) Quais são suas atividades diárias?
- 3) Qual a atividade que você mais gosta de fazer? Por quê?
- 4) Na escola, o que mais lhe agrada? Por quê?
- 5) Você costuma se reunir para estudar com amigo(s)?
- 6) Você pratica alguma atividade esportiva na escola ou como hobby? Que tipo de esporte?
- 7) Você seria capaz de lembrar o dia mais feliz de sua infância? Conte como foi. E o mais chato?

B) Questões estruturais

- 1) Que fato importante marcou a sua vida em relação à escola ou à família?
- 2) Você costuma levar castigo quando faz alguma coisa errada em casa ou na escola? Você é a favor de castigo?

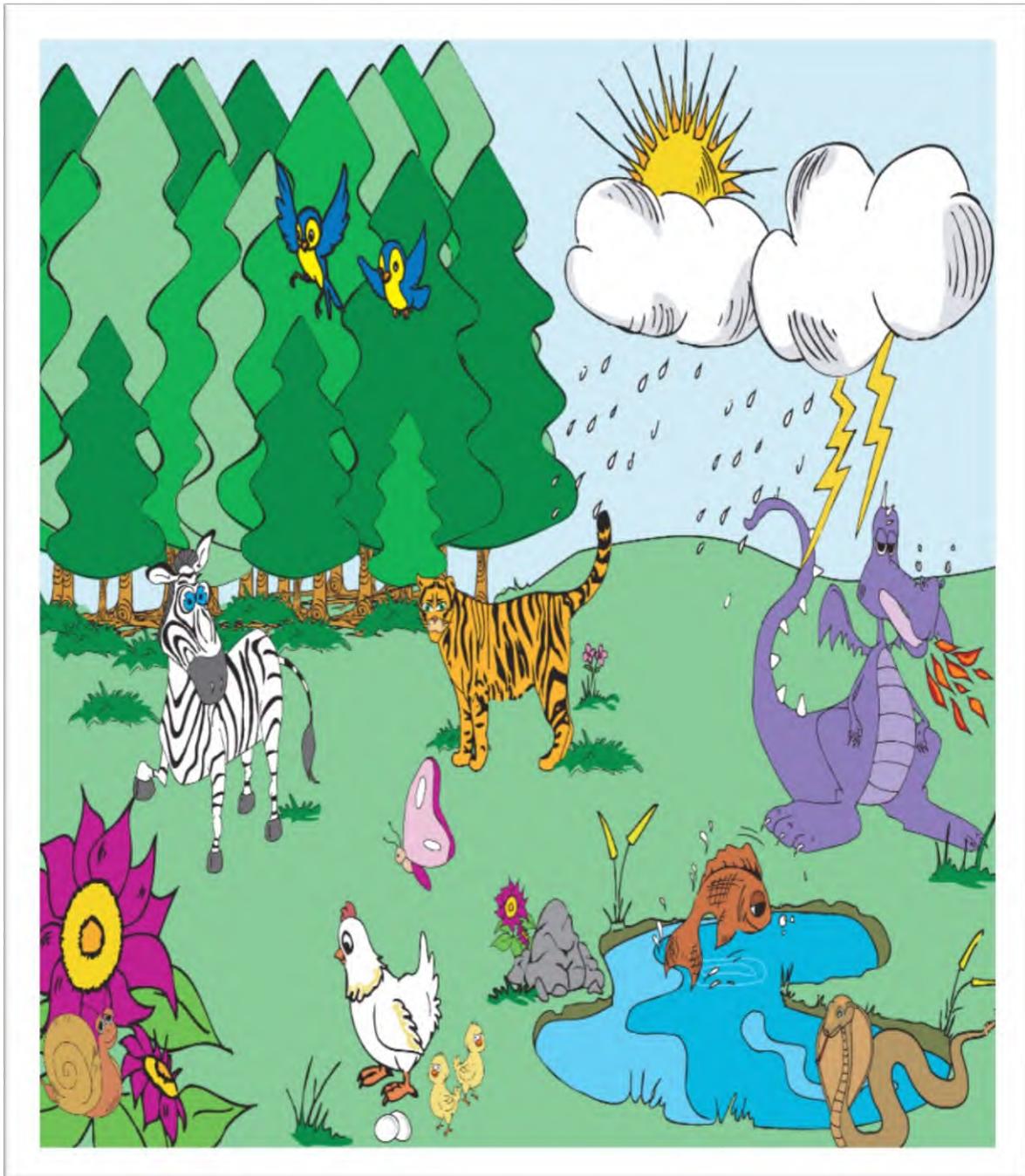
C) Questões de contrastes

- 1) Costuma ver televisão? Que programas você prefere? De que programas você não gosta? Por quê?
- 2) De que tipos de músicas você gosta? Tem algum grupo musical preferido?
- 3) Qual seu time preferido? Você costuma ir aos estádios ou assiste os jogos pela TV?
- 4) O que você faz para se divertir? Tem alguma programação de que você mais gosta?
- 5) Você costuma viajar nas férias da escola? Tem algum lugar especial?
- 6) Você já passou por alguma situação que tenha lhe causado medo ou perigo de vida?

ANEXO A - Instrumento A

INSTRUMENTO A - Este instrumento será aplicado nos sujeitos com idade entre 3:0 e 7:0 anos.

DESENHO I - ZOOLOGÍCO



DESENHO II- SALA DE ESTAR



DESENHO III - COZINHA



DESENHO IV - VEÍCULOS



DESENHO V- BANHEIRO



LISTA DE PALAVRAS

Esta ficha refere-se às palavras do Instrumento A

FICHA DE DADOS

Nome:

Idade:

Data da Coleta:

No.	PALAVRA ALVO	REALIZAÇÃO	OBSERVAÇÃO
1	Árvore		
2	Grande		
3	Peixe		
4	Tigre		
5	Verde (de que cor é a árvore)		
6	Cachorro		
7	Passarinho		
8	Rabo		
9	Zoológico		
10	Quente (a comida está ...)		
11	Sorvete		
12	Leite		
13	Bule		
14	Presente		

15	Bolo		
16	Prato		
17	Ovo		
18	Vidro		
19	Frio		
20	Tapete		
21	Estante		
22	Controle		
23	Cofre		
24	Boliche		
25	Quadro		
26	Prego		
27	Telhado		
28	Martelo		
27	Livro		
28	Dente		
29	Pente		
30	Sabonete		
31	Chave		
32	Cotonete		
33	Quente		

34	Banquinho		
35	Braço		
36	Chinelo		
37	Dedo		
38	Pescoço		
39	Banho		
40	Espelho		
41	Microfone		
42	Ponte		
43	Frente		
44	Telefone		
45	Skate		
46	Tapete mágico		
47	Carro		
48	Motor		
49	Trator		
50	Navio		
51	Sino		
52	Trilho		